

afro latino, américa

*Publicação fac-símile
das 20 edições
originais da seção
Afro-Latino-América
do jornal Versus,
durante o período
de 1977 a 1979.*

VERSUS

SOWETO
Organização Negra



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

afro latino américa

Edição Fac-similar 2015

SOWETO
Organização Negra



F U N D A Ç Ã O
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

Realização

Fundação Perseu Abramo

Instituída pelo Diretório Nacional do Partido dos
Trabalhadores em maio de 1996.

Rua Francisco Cruz, 234
04117-091 – São Paulo – SP – Brasil
Telefone: (11) 5571 4299 – Fax: (11) 5571 0910
Correio eletrônico: editora@fpabramo.org.br

Diretoria

Presidente: Marcio Pochmann
Vice-presidenta: Iole Ilíada
Diretoras: Fátima Cleide e Luciana Mandelli
Diretores: Kjeld Jakobsen e Joaquim Soriano

Editora Fundação Perseu Abramo

Coordenação editorial: Rogério Chaves
Assistente editorial: Raquel Maria da Costa

Soweto Organização Negra

Rua Silveira Martins, 131 sala 22
01019-000 – São Paulo – SP – Brasil
Telefone: (11) 4105 2317
Site: www.soweto.com.br
Correio eletrônico: sowetoorganizacao@hotmail.com

Projeto e Organização

Flavio Jorge Rodrigues da Silva

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação

Marina Jorge

Revisão de texto e checagem

José Genulino Moura Ribeiro

Imagem da capa

Versus 23

Impressão

ColorSide Soluções Gráficas
www.colorsides.com.br

Tiragem

500 exemplares

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

A258 Afro-Latino-América. – São Paulo : Editora Fundação Perseu
Abramo, 2014.
105 p. : il. ; 23 cm.

Edição fac-similar 2014.
ISBN 978-85-7643-245-6

1

2 1. Afrodescendentes - América Latina - Periódicos - História. 2.
Afrodescendentes - Cultura. 3. Afrodescendentes - História.

CDU 39(7/8=6)(=96)
CDD 301.4519608

Sumário

7	<i>Apresentação</i>
9	<i>Um tributo a Zulu Nguxi, o Pantera Negra Hamilton Cardoso</i>
13	<i>1ª. Seção Afro-Latino-América</i>
17	<i>2ª. Seção Afro-Latino-América</i>
21	<i>3ª. Seção Afro-Latino-América</i>
25	<i>4ª. Seção Afro-Latino-América</i>
26	<i>5ª. Seção Afro-Latino-América</i>
30	<i>6ª. Seção Afro-Latino-América</i>
34	<i>7ª. Seção Afro-Latino-América</i>
39	<i>8ª. Seção Afro-Latino-América</i>
43	<i>9ª. Seção Afro-Latino-América</i>
47	<i>10ª. Seção Afro-Latino-América</i>
51	<i>11ª. Seção Afro-Latino-América</i>
56	<i>12ª. Seção Afro-Latino-América</i>
60	<i>13ª. Seção Afro-Latino-América</i>
65	<i>14ª. Seção Afro-Latino-América</i>
70	<i>15ª. Seção Afro-Latino-América</i>
75	<i>16ª. Seção Afro-Latino-América</i>
80	<i>17ª. Seção Afro-Latino-América</i>
87	<i>18ª. Seção Afro-Latino-América</i>
93	<i>19ª. Seção Afro-Latino-América</i>
99	<i>20ª. Seção Afro-Latino-América</i>

Apresentação

Edição fac-similar da seção *Afro-Latino-América* do jornal alternativo *Versus*, dos anos 1970, apresenta ao Brasil do século XXI a memória da imprensa negra e socialista na segunda metade do século passado.

O suplemento *Afro-Latino-América*, publicado entre os anos 1977 e 1979, é lançado agora em versão fac-similar e apresenta as 20 edições encartadas nos números 12 a 31 do jornal *Versus*. Com uma imprensa especial, típica da imprensa negra paulista da época, com seu caráter socialista pouco conhecido e divulgado e muito marginalizado pela grande mídia.

A seção *Afro-Latino-América* foi editada por uma geração de jornalistas, estudantes e ativistas antirracistas que àquela época resistiu à ditadura militar empunhando a bandeira do combate ao racismo para desmistificar a ideologia oficial do mito da democracia racial no Brasil.

Denunciar o racismo disfarçado pelo autoritarismo do regime militar imposto em 1964 era tarefa diária da militância. O *Afro-Latino-América* contou e fotografou muitas histórias e registrou a memória de personalidades negras, ao retratar a realidade do negro censurada. Neste ano de lançamento do fac-símile completa-se meio século do golpe militar de 1964.

A seção inaugural no ano de 1977 foi aberta pelo artigo da jornalista Neusa Maria Pereira, publicado na edição nº 11 de *Versus*, sob o título “Em defesa da dignidade das mulheres negras em uma sociedade racista”. A crítica contundente das suas palavras denunciava:

“A mulher negra pertence a uma das minorias raciais mais cruelmente vitimadas pelos castigos da divisão da sociedade em classe. Esta divisão é a maior responsável pela campanha da difamação sofrida pela mulher negra, considerada pelos representantes desta sociedade de classes como objeto sexual de consumo. Há muito que nós, afro-brasileiros, estamos lutando para apagar esta mancha original e sair do lugar onde nos colocaram”. *Jornal Versus* nº 11, junho de 1977, SP, págs. 22 e 23.

As palavras de Neusa Maria Pereira foram a expressão do pioneirismo da luta da emancipação da mulher, que à época já esboçava uma leitura da corrente de pensamento feminista marcado pela dominação de gênero, raça e classe. Do artigo de Neusa Maria Pereira na edição de *Versus* do ano de 1977 nasceu a seção *Afro-Latino-América*, e a imprensa negra ressurgiu com um colorido político mais acentuado.

O jornal *Versus* aninhou o novo suplemento porque o seu editorial era dedicado à arte, cultura e revolução e estava em seu horizonte dar voz à luta internacional dos oprimidos, dos povos africanos, dos latino-americanos e, especialmente, dos trabalhadores brasileiros.

O jornal *Versus*, fundado em outubro de 1975, editado em São Paulo pelo jornalista Marcos Faerman, foi uma publicação bimestral de circulação nacional famoso por sua linguagem e estilo alternativo de resistência e contestação política.¹ Em sua décima segunda edição, lançou-se a seção *Afro-Latino-América*, com o ativismo crítico dos estudantes e jornalistas negros. Parte desses eram ativistas do Núcleo Negro Socialista, um grupo de orientação de esquerda que reunia lideranças negras de vários estados brasileiros com ação e pensamento crítico capaz de romper o silêncio diante dos casos de preconceito e discriminação no trabalho, na escola, e na sociedade, principalmente os episódios de repressão e todo tipo de violência contra o trabalhador e a trabalhadora negra.

Os artigos e as reportagens das edições deste fac-símile estampavam o protesto negro nas ruas, a exemplo do texto de Hamilton Cardoso.² Ele fez uma grande abordagem por ocasião da manifestação de 7 de julho de 1978 nas escadarias do Teatro Municipal que inaugurou os atos de protesto do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial – MUCDR, depois conhecido por Movimento Negro Unificado.³

1 Marcos Faerman (1944-1999), jornalista e gaúcho, foi diretor e responsável do jornal *Versus*.

2 Hamilton Bernardes Cardoso (1953-1999) nasceu em Catanduva e cresceu na capital de São Paulo. Formou-se em jornalismo nas Faculdades Casper Líbero e Metodista, de Rudge Ramos. Foi fundador do *Afro-Latino-América*, o encarte do jornal *Versus*. É considerado um dos mais importantes líderes do Movimento Negro Contemporâneo Brasileiro.

3 Ver *Versus* nº 23, de julho-agosto de 1978.

Outra entrevista marcante é a de Astrogildo Esteves Filho, correspondente de *Versus* no Rio de Janeiro, que revelou a história da viagem de exílio de Tereza Santos, atriz e educadora, a três países do continente africano – Guiné-Bissau, Angola e Moçambique – e sua dedicação às lutas de libertação, nas áreas de educação e cultura.⁴

Notícias internacionais da luta anticolonização do negro na África e nas Américas estão guardadas nestas páginas com inúmeras lições de protagonismos, liderança, reflexão acerca dos ideais pan-africanistas de coloração socialista, a exemplo do papel do martinicano Frantz Fanon na Argélia, dos panteras negras nos Estados Unidos, de Steve Biko na África do Sul, de Amílcar Cabral em Guiné-Bissau e Cabo Verde, de Agostinho Neto em Angola, de Samora Machel em Moçambique e de Abdias do Nascimento no Congresso de Cultura Negra das Américas realizado na Colômbia, no Panamá e no Brasil.

Por outro lado, as notícias nacionais acerca da realidade do negro e da negra estão estampadas nas páginas do fac-símile e nos apresenta características dos ideais revolucionários da época que aproximaram o jornalismo negro do socialismo e demarcaram a construção de um modelo de ação política chamado de “antirracismo da esquerda brasileira”, que desde então se preocupava com o universo da poesia, música, teatro, literatura, história e sociologia que por si já evidenciava a resistência histórica dos personagens e da cultura negra.

Denunciava sob os olhos da censura o limiar entre o mito e a realidade do homem negro e da mulher negra nesse período. A questão da terra de quilombos, do voto negro e do voto do analfabeto no contexto da reforma do pluripartidarismo, e a escandalosa situação de extermínio das crianças e adolescentes negros.

Todas as notícias são um conjunto dos artigos e reportagens que nos recordam as lutas e os contextos dos principais temas e bandeiras do Movimento Negro Brasileiro e retratam especialmente as novas gerações de ativistas antirracistas que cresceram durante a ditadura, o quão difícil foi lutar contra o regime militar, combater o racismo e desmistificar a democracia racial brasileira.

Vale a pena se debruçar sobre essas páginas do fac-símile *Afro-Latino-América* e descobrir as inúmeras versões e interpretações guardadas nas palavras, entrelinhas, fotografias, poesias, cartazes, reportagens e personagens históricos condensados neste período da história do Brasil.

Saudações a todos que construíram e ou participaram dessa história porque direta ou indiretamente nos ajudaram na publicação inédita do fac-símile *Afro-Latino-América*.

Axé,

Flavio Jorge Rodrigues da Silva e Gevanilda Santos

Diretores da Soweto Organização Negra, uma entidade do Movimento Negro paulista fundada em 1991 e integrante da Coordenação Nacional de Entidades Negras – CONEN.

⁴ Ver *Versus* nº 28, de janeiro de 1979, nº 29, de fevereiro de 1979, e nº 30, de março de 1979.

Um tributo a Zulu Nguxi, o Pantera Negra Hamilton Cardoso

Em um certo dia tumultuado do inverno de 1977, um pantera negra de nome Hamilton Bernardes Cardoso entrou pela primeira vez no velho sobrado que servia como sede do jornal *Versus*, na Rua Capote Valente, no bairro de Pinheiros, em São Paulo. O fato logo deixaria consequências inarredáveis nas trajetórias de cada um de nós, intelectuais brancos, pouco familiarizados com a presença de um jornalista negro na redação. Sigo marcado por ele ainda hoje, quando busco lembrar os momentos que compartilhamos no jornalismo, na militância política ou nas poucas horas em que podíamos simplesmente conversar sobre qualquer assunto que nos levasse para longe de nossas pequenas verdades, que imaginávamos grandes.

Nossa sorte mudou a partir de Hamilton, sempre com uma palavra crítica para cada deslize racista daquela parcela da “elite branca” de esquerda que se reunia em *Versus*, e ali trabalhava e conspirava sem qualquer disciplina e regra. Ele sorria quando lhe pedia para repetir seu nome africano de guerra. Era quase como um cerimonial entre nós dois:

– Hamilton, qual é o seu nome africano?

– Vou dizer mais uma vez para que você não esqueça: Zulu Nguxi...

Com Hamilton, outros chegaram. Os rumos de *Versus* foram lentamente se transformando, alterados, em parte, pela contribuição daquele grupo radical, de fina sensibilidade à flor da pele. Foi o jornalista e poeta Oswaldo de Camargo o responsável pela aproximação que resultou na edição de *Afro-Latino-América*, um suplemento que passou a fazer parte permanente do jornal e de sua história.

Lições de humanidade

Marcos Faerman e eu discutíamos mudanças editoriais no *Versus* (o que fazíamos todos os dias). As cobranças por posicionamentos firmes não paravam. Disse a ele, certa vez:

– Marcão, a situação política exige nossa manifestação sobre os problemas brasileiros. Os leitores querem ler sobre o assunto. O Brasil negro, por exemplo, está ausente de nossas páginas. Estamos girando em torno da revolução africana e nada de Brasil.

Faerman tinha uma rápida solução editorial para tudo:

– Conheço o Oswaldo Camargo, um intelectual. Vou falar com ele e resolver o assunto.

Versus era um mutante que se arrastava em permanente penúria financeira e exigia fervor religioso na sua sustentação. A cada número impresso era preciso buscar os recursos da próxima edição, que raramente cumpria a data para ir às bancas, podia ser em 30, 60 ou até 80 dias. Nosso crédito era limitadíssimo junto às gráficas e fornecedores de papel, que ainda sofriam pressões e ameaças por parte do regime militar para que deixassem de aceitar o *Versus* entre seus clientes.

Além disso, tínhamos que driblar a censura, uma ameaça permanente, e tratar, mesmo sob uma conjuntura difícil, de editar o melhor jornal possível a partir da proposta original. Ríamos muito da frase, que seguidamente era citada na redação: “O melhor repórter de *Versus* é o carteiro”. De todos os lados do Brasil chegavam colaborações pelo correio. Era esse o quadro quando, para sempre, encontramos Hamilton Bernardes Cardoso, o Zulu Nguxi, e as lições de humanidade e jornalismo em *Afro-Latino-América*.



Hamilton Bernardes Cardoso (1953-1999)

Nos pelourinhos da vida

Quem chegou primeiro, um pouco tímida, foi a jornalista Neusa Maria Pereira, que redigiu um texto de poucas laudas editado nas páginas centrais da edição número 11 de *Versus*, datada de junho de 1977. Era um breve e contundente manifesto em defesa da dignidade das mulheres negras em uma sociedade racista, que iniciava assim:

“A mulher negra pertence a uma das minorias raciais mais cruelmente vitimadas pelos castigos da divisão da sociedade em classe. Esta divisão é a maior responsável pela campanha da difamação sofrida pela mulher negra, considerada pelos representantes desta sociedade de classes como objeto sexual de consumo. Há muito que nós, afro-brasileiros, estamos lutando para apagar esta mancha original e sair do lugar onde nos colocaram”.

Lançada a primeira semente, outras vieram a seguir, saudadas com uma chamada de capa na edição seguinte, a de número 12, de julho-agosto do mesmo ano: “Brasil Negro – a imprensa negra renasce”. Oswaldo Camargo, Jamu Minka, Neusa Maria Pereira, Zulu Nguxi, os irmãos Prudentes, Wanderlei José Maria, José Adão de Oliveira, Maria Dulce Pinheiro e muitos outros mais que, juntos, representaram uma revolução em nossa permanente instabilidade.

Um incisivo editorial, que alterou nossa geografia, abriu os trabalhos:

“Afro-Latino-América, e não apenas América Latina, porque define melhor a importância da presença africana nesta parte do mundo. Nossas raízes africanas – prova da vitalidade e resistência do negro às situações criadas pelo colonialismo – vêm sendo avaliadas com maior exatidão e resultam de novas correntes que emergem nas comunidades de origem africana. Uma das fontes de inspiração de *Afro-Latino-América* é a imprensa negra, que por seis décadas viveu na sociedade brasileira. (...) Desde 1961, ano em que circularam os últimos periódicos negros, até recentemente, houve um intervalo em que a criação cultural da expressão negra entrou em recesso. Agora que a questão racial ressurgiu como uma das grandes preocupações da humanidade” (...).

Zulu Nguxi logo mostraria as garras levantando a possibilidade de se repetirem, em São Paulo, os saques ocorridos em Nova York durante um blecaute:

“Se num blecaute em São Paulo, as fotos de Nova York se repetirem, ninguém deve se assustar. Afinal um negro imita o outro, numa louca e frenética (como o soul) procura de seus ancestrais mortos nos pelourinhos da vida e na organização das histórias” (...).

E a repressão?

A radicalização e o encontro da questão racial com a luta pelo socialismo eram quase que uma decorrência natural naquelas circunstâncias. Eu já atuava como militante da clandestina Liga Operária (LO), organização ligada a uma fração da IV Internacional, quando nosso companheirismo se transformou em algo mais do que cumplicidade. Uma parcela dos colaboradores de *Afro-Latino-América* aderiu, então, ao trotskismo proposto pela Liga Operária.

As primeiras reuniões da grande célula de *Versus* foram realizadas em minha casa, na Vila Madalena. Mais tarde, por razões políticas e segurança, o grupo se dividiu. O *Afro-Latino-América* organizou sua própria unidade e passou a receber atendimento do comitê central, de forma a permitir a discussão de um programa de ação próprio para a comunidade negra. A transcender os limites das páginas do jornal, representou outra semente em solo fértil. O surgimento do Movimento Negro Unificado passa, de algum modo, também por aqui.

A entrada em cena do movimento estudantil e, posteriormente, do movimento operário sob a liderança de Lula, à frente dos metalúrgicos do ABC, abalou de uma vez por todas a redação de *Versus*. O governo, em surtos autoritários, deu sua parcela de contribuição com suas provocações, mobilizando o corpo editorial e trazendo o foco dos debates para os temas brasileiros. Até então, relembramos, *Versus* estava imerso em seu sonho de unidade latino-americana, na ideologia da Pátria Grande, e na defesa dos direitos humanos vilipendiados por governos ditatoriais, para dizer o mínimo.

A fórmula editorial tinha funcionado bem até aquele momento. O jornal ganhara espaço público e respeitabilidade, e mantinha-se na épica plataforma histórica, cultural, literária e poética de seu DNA. A aproximação do Brasil com os países e as culturas de origem hispânica seguiria em pauta com outras mediações em nosso trabalho diário.

A necessidade de mudanças colocou em xeque nosso “fazer *Versus*”. Buscávamos atingir regularidade nas bancas, aumentar a tiragem, estabelecer um novo fluxo de produção de matérias e regular as relações políticas internas, quase sempre caóticas nas seguidas reuniões. Na tentativa inviável de racionalizar o caos, optamos por criar um Conselho de Redação, para o qual Hamilton Bernardes Cardoso foi chamado como representante do *Afro-Latino-América*.

Com a colaboração do economista Paulo de Tarso Venceslau, o PT, na administração de *Versus*, conseguimos melhorar nossos resultados. Passamos para uma tiragem de 25 mil exemplares, distribuição nacional mais homogênea, com picos de até 30 mil, quase três vezes mais do que a primeira edição, que fora de 12 mil exemplares, em outubro de 1975. O jornal nascera quase que no mesmo momento em que o país chorava a morte do jornalista Vladimir Herzog, fato que influenciou *Versus* por muito tempo.

Em julho-agosto de 1978, *Versus* 23, um marco de inflexão. *Afro-Latino-América* dá uma manchete antes inimaginável: “Os negros estão nas ruas”! O texto leva a digital de Zulu Nguxi:

“Mais de mil negros nas ruas! Sem dúvida, uma grande vitória para o Movimento Negro. Isto demonstra como já afirmamos o ânimo da Comunidade. Daí a necessidade de uma alternativa” (...).

E mais além, ainda na mesma edição, em “Chegamos às ruas”:

“Havia medo, ironias e preocupações nas entidades, nas redações de jornais brancos. E a repressão? Se a polícia atuasse seria um golpe mortal para a democracia racial.”

Apostas políticas

Zulu Nguxi assinou o texto como Hamilton Bernardes Cardoso, e reportou do local uma histórica mobilização negra, em julho de 1978, em São Paulo. Seleciono fragmentos da edição que guardei:

“Cinco mil cartas abertas foram impressas no dia sete, pela manhã. Ao mesmo tempo chegavam os companheiros cariocas. Um dia de correrias. Ao fim da tarde, chegariam moções de cinco entidades negras da Bahia (...) Às 18 horas do 7 de julho, alguns negros e brancos estavam parados defronte ao Teatro Municipal, a conversar. Mais negros, que esperam o ato público. Vez por outra chegavam outros... Da galeria Nova Barão surgem alguns jovens caminhando na direção do Teatro, com caixas de papelão nos ombros, segurando faixas, colas e um megafone. (...) Os policiais do Deops, à paisana, misturavam-se entre os presentes. Quietos. Havia negros que ao conhecê-los (qual negro não conhece um policial?) diziam para o companheiro: ‘Até que enfim eles, aqui, são obrigados a calar, a ficar quietos, a não agredir...’”

No mesmo jornal, Marcos Faerman também se referiu ao assunto na página 2. Em Histórias, uma espécie de editorial, ele escreveu algumas notas, que valem a pena ser reproduzidas, para que se possa medir o impacto daqueles acontecimentos. Nosso editor-chefe acabava de retornar de uma viagem ao Rio Grande do Sul, onde lançara, publicamente, a proposta da formação da Convergência Socialista de aglutinar as forças políticas interessadas na formação de um partido de trabalhadores sob um programa de esquerda. Palavras de Marcos Faerman:



Imagem da capa do *Versus* nº 23, Julho-agosto de 1978

“Certa vez Sartre escreveu sobre a questão negra. Ali, ele falava uma coisa inesquecível, e que eu vou citar de memória... O que vocês esperavam ouvir quando estas bocas negras se vissem livres das mordanças? Que gritassem frases doces, amenas? Foi o que vimos em São Paulo, numa noite histórica. Bocas negras gritando contra a injustiça e a opressão. Punhos erguidos no lusco-fusco daquele momento em que, numa grande cidade, os homens cansados vão para casa (...) São os novos tempos, em que a palavra resistir se soma aos verbos lutar e avançar.”

A última vez que vi meu amigo Hamilton Bernardes Cardoso, o Zulu Nguxi, foi quase no fim de 1979, quando eu fechava a mala e me preparava para uma longa estada fora do Brasil. Para mim era um ciclo que se encerrava. Comecei a trabalhar para *Versus* em novembro de 1975, quando escrevi, de Porto Alegre, minhas primeiras reportagens para o jornal. Logo depois mudei para São Paulo e me transformei no editor que vivenciou com mais intensidade as múltiplas fases da vida de *Versus*. Em nosso derradeiro encontro, havia pouco mais de um ano que Marcos Faerman tinha deixado a redação. Lembro que a conversa girou sentimentalmente em torno disso e também de um violento ataque que sofremos por iniciativa de uma organização de extrema direita. Se minha memória não estiver me traindo, creio que, na época, Marcão procurava lançar uma nova revista, a *Singular & Plural*, que, no entanto, soube depois, teve curta existência.

Não demorou muito e todas as outras centenas de publicações da imprensa alternativa, independente ou nanica, como eram chamadas, também fecharam, uma a uma. Penso que, ao avançarmos na democracia, perdemos a importância e desaparecemos do cenário, à medida que mais liberdades eram alcançadas e que nossas fragilidades eram expostas. Passo a passo, no pensamento e no coração sensível dos leitores, fomos substituídos pelos grandes jornais e pelas redes de TV, a velocidade cada vez maior da informação. As sucessivas crises econômicas fizeram o resto do serviço, segundo comentou comigo o jornalista Flávio Aguiar, do *Movimento*, em um fortuito encontro em Porto Alegre. Envelhecemos e, por fim, morremos.

Naquele dia, porém, Zulu Nguxi e eu falamos sobre o futuro e apostas políticas. De malas prontas para sair do país, prometi a ele que enviaria material informativo e notícias do movimento negro nas Cartago latino-americanas. Procurei com atenção, mas não vi e não conheci ninguém como ele.

Não cumpri a promessa.

Omar L. de Barros Filho, 62, jornalista gaúcho

Atuou como repórter na *Folha da Manhã*, em Porto Alegre, e no *Jornal da Tarde*, em São Paulo.

Foi editor do jornal *Versus*, organizador e coautor de *Versus – Páginas da Utopia* (2007). A reprodução deste artigo escrito em dezembro de 2007 é uma homenagem do autor a Hamilton Bernardes Cardoso.



AFRO-LATINO-AMÉRICA

A partir deste número, uma seção permanente de Versus

Afro-Latino-América, e não apenas América Latina, porque define melhor a importância da presença africana nesta parte do mundo. Nossas raízes africanas - prova da vitalidade e resistência do negro às situações criadas pelo colonialismo - vêm sendo avaliadas com maior exatidão e resulta da ação de novas correntes que emergem nas comunidades de origem africana. Uma das fontes de inspiração de **Afro-Latino-América** é a imprensa negra, que por seis décadas viveu na sociedade brasileira (imprensa que foi lembrada este ano, com a exposição realizada dentro da Quinzena do Negro, que marcou o ano 89 da Abolição).

Desde 1961, ano em que circularam os últimos periódicos negros, até recentemente, houve um intervalo em que a criação cultural de expressão negra entrou em recesso. Agora que a questão racial ressurge como uma das grandes preocupações da humanidade, e que parcelas significativas da comunidade afro-brasileira querem participar do grande debate internacional, que define novos padrões de convivência racial em todo o mundo.

NEM ALMAS BRANCAS NEM MÁSCARAS NEGRAS

Até quando os brancos continuarão pintando a cara de preto, querendo imitar o Negro nas peças teatrais? Até quando os ocidentais continuarão se apossando da cultura africana? Até quando os Negros continuarão sendo platéias de suas próprias verdades, alegrias e temores tingidas à vontade do branco? Até o momento do basta. Até o momento em que perdesse o medo da sociedade brasileira e começasse a encarar o branco de frente. Até o momento em que criasse coragem, mostrando ao povo deste País que sua cultura é fundamentalmente africana. Até o momento do renascimento de sua dignidade. Ai, subindo num palco, representaria, ele mesmo, sua vida, que é sua maior arte.

As correntes do medo começaram a se partir em 1944, quando um grupo de operários, empregadas domésticas e outras pessoas originárias dos meios sociais mais carentes, comandados por Abdias do Nascimento e Geraldo Campos de Oliveira, criaram, no Rio de Janeiro e em São Paulo, o Teatro Experimental do Negro. Um teatro que não teve apenas preocupações artísticas, mas que pretendia, acima de tudo, organizar socialmente o Negro, a fim de melhorar seu nível cultural e individual. Nesta perspectiva, o TEN realizou cursos de alfabetização frequentados por domésticas, trabalhadores, pequenos funcionários públicos, que se reuniam à noite para aprender a ler e escrever. O palco era o local onde estas pessoas estudavam.

Após seis meses de aula, muitas delas já estavam capacitadas para, pela primeira vez, representar textos de Eugene O'Neill, Langstone Hughes, Augusto Boal, Lucio Cardoso e outros. O TEN abriu uma nova linha da literatura dramática brasileira, aproveitando os orixás da religião africana, sua força e profunda vivência em obra de grande importância dramática. Isto possibilitou ao Negro o abandono do lugar servil que sempre havia ocupado na cena teatral brasileira (personagens de criados, negrinhos levando cascudo na cabeça, burro de carga, pai João Benzeiro), para se tornar herói. Esta foi a mais importante transformação social e artística conseguida pelo Teatro Experimental do Negro.

*Depoimentos de Lumumba, TC e Ogana
por Jamu Minka, Neusa Maria Pereira,
e Zulu Nguxi para Versus.*

P - O que é o **Evolução**?

TC - **Evolução** é um pouco de tudo. Dança, música, teatro...

P - E a fundação do grupo?

TC - A partir de nossas conversas na escola de madureza, eu e o Lumumba sentimos a necessidade de criar um grupo que expressasse a condição do negro. Daí surgiu a idéia do teatro. Isso aconteceu no fim de 1971.

P - Desde essa época o grupo trabalha sem interrupção?

TC - Sim, mas houve revezamento de pessoal. Do grupo inicial ficaram bem poucos.

P - A que se propõe o grupo?

L - É uma tentativa de informar, preservar a cultura, mostrar os valores do negro para o negro. No campo da arte nós nos preocupamos em fugir daquela visão imobilista que os acadêmicos costumam dar às culturas dominadas. E a cultura negra é uma cultura dominada neste País. Nenhum povo existe se não tiver consciência de sua cultura. Um povo sem cultura é um povo morto. É o que tentamos fazer conosco: empanar nossos valores, esconder as manifestações negras que existem dentro desta sociedade. Parece até que a sociedade brasileira tem vergonha da cultura negra. Ela só dá valor, só assume os valores da cultura negra

quando já os tem nas mãos, assim como o carnaval.

P - É comum o grupo ser acusado de racismo?

L - As acusações de racismo surgem quando as pessoas não entendem as propostas do grupo. É chamada de racista toda pessoa que reage contra o preconceito racial. Quando o negro reage, denuncia, é acusado de racista. É negado ao negro todo direito de reagir. É como naquela história da gente apanhar e ainda oferecer o outro lado. E quando dizemos que estão nos batendo, que estão nos anulando culturalmente, que há negros jogados nas favelas, então nos respondem que não há só negros lá. Sim, mas os brancos são minoria lá. Quando dizemos que há negros sub-empregados, então nos respondem que não é condição exclusiva dos negros. Mas nós somos a maioria dos sub-empregados.

P - Vocês têm experiências com platéias brancas e negras. Qual a diferença?

L - O trabalho é distinto. Quando a gente levava «Sinfonia Negra», ou «Historia do Samba», o que o negro via no palco era o seu dia-a-dia. Portanto, a posição comum nos debates era: «Tá bom, a gente sabe. Mas o que é que se vai fazer para acabar com isto?» Essa é a pergunta



FOTO RICARDO ALVES

da comunidade negra. É a posição de quem sabe, de quem vive as situações que estão sendo denunciadas. Quanto à platéia branca, ela sempre fala: «Não é bem isso». Existe maior identificação do negro com o nosso trabalho, enquanto o branco na maioria das vezes, limita-se a dizer que não existe racismo no Brasil, mas apenas setores oprimidos. P - A arte negra é diferente da arte branca?

L - Ahamos que sim. Na maioria das manifestações de cultura branca encontramos a preocupação da arte pela arte. A arte é um fim em si. No trabalho do negro eu vejo a preocupação em tomar a arte como meio de informação. Por exemplo, no caso do Bumba Meu Boi. Ali há toda uma conotação social: o boi é dividido e as melhores partes ficam para o patrão; o rabo, as patas e os chifres ficam para o empregado, isto é, para o preto, o índio e o colono. Essa é uma manifestação do Maranhão onde há um grande contingente negro. Uma sobrevivência muito forte em nós é a da tradição oral. Na África não havia uma cultura letrada. A história então é transmitida através de contos, cantos e danças. Para o negro, o teatro, a música, a arte tem um significado diferente do que para o branco. A palavra para o negro tem o mesmo significado que o livro para a cultura ocidental, como meio de manter a tradição, de contar a luta do seu povo.

O - A arte do negro é algo terra a terra. A arte do branco é coisa mais intelectualizada. O negro viveu, o branco não. Este tem uma série de informações que, às vezes, pode até não ser verdadeira. O negro não, o negro viveu aquela arte.

«O negro tem algo a dizer, uma sensibilidade a exprimir, problemas a propor, uma poesia e uma música que lhe são próprias. Encontrará pouco a pouco a sua forma, basta procurá-la. E isso somente será possível se já existir um teatro negro e um público».

(Revista Anhembi, agosto de 1951)



P - A arte branca seria a arte de quem tenta informar que seu mundo está acabado, enquanto a arte negra tentaria reconstruir seu mundo destruído?

O - Acho que a arte do branco é uma arte negra embraquecida.

P - Qual a condição do negro no palco de hoje?

L - Os poucos que estão atuando são negros que têm de fazer papéis ridículos. É necessário que o negro crie suas formas de arte, que ele escreva coisa para que ele próprio possa interpretar. Que crie suas músicas, seus textos, e que tenha sua casa de espetáculos, porque uma comunidade que representa 60 por cento da população precisa ter um lugar para representar sua arte. Se não tem é porque algo está errado.

P - Quem participa do grupo?

TC - É a negadilha do «fundão». O pessoal que viveu, que nunca teve pai rico, que deu o maior malho para conseguir um diploma do primário. Alguns estão teimando em fazer madureza. Este pessoal é que está segurando a barra até hoje. Outros foram embora, não suportaram.

P - Qual a teoria artística do grupo?

L - Eu não aprendi em escola. Eu aprendi vendo e achando que poderia fazer uma arte bem mais próxima da realidade. Para você falar que em casa está faltando pão, que há milhares de pessoas com a vida dura como a tua, para isso não precisa ir à escola. Para levar coisas do seu dia-a-dia ao palco, para isso não precisa ser doutor.

P - Quantas pessoas já passaram pelo grupo?

L - Cerca de 30. Muita gente procurou o grupo atrás de uma esperança de profissionalização. Com o tempo, enormes dificuldades, apresentações gratuitas em fundo de quintal, tantas vezes tendo que tirar dinheiro do bolso e ficando sem ter o que comer, onde dormir, isso é que muita gente não aguentou.

P - Houve desistência por necessidade de ajudar no sustento da família?

TC - Infelizmente houve.

L - Nessa questão do sustento tem o seguinte: quando você toma consciência da sua condição e diminui a alienação em relação à realidade em que vive, quando você toma consciência de que é um anulado culturalmente, então você já se sente mal. E quando sabe disto, já não cala, sabe de onde vem o tapa. Quando discriminado, reage; quando insultado, devolve o troco. Então você diz o que está pensando e perde o emprego. Vai ficando cada vez mais sensível, passa a reagir a qualquer provocação e começa a passar de emprego a emprego. Não pode mais admitir a proibição de usar barba, a obrigação de deixar o cabelo baixinho, escovadinho, bonitinho do jeito que elas gostam. você começa a achar que pode usar a roupa que gosta, que o colar que seu avô usava não era pura e simplesmente feio e você pode usar. Então eles acham que toda essa imagem de negro é uma agressão. Nesse momento você é despedido do trabalho.

P - Qual a relação do *Evolução* com o TEN?

L - Nós não sofremos influências do TEN. A grande diferença é que o TEN era para as elites, enquanto nós trabalhamos para o pessoal da periferia.

P - Como a imprensa tem visto o trabalho de vocês?

TC - A reação é, geralmente, paternalista. Inclusive é meio chato apresentar o trabalho para o público branco. Ele assiste com «pena» da gente - e não é nada disso.

P - O *Evolução* retrata a condição negra, mostra a marginalização do negro e também é marginalizado?

O - O problema é que o *Evolução* está mostrando a arte negra em si. Hoje ela ficou restrita quase que ao samba e candomblé. É muito difícil

se ver outra coisa em termos de arte negra. O *Evolução* está fazendo exatamente isso: abrindo as portas para outras manifestações artísticas negras.

P - Qual a condição de trabalho em Campinas?

L - Enquanto os outros grupos conseguem se apresentar com facilidade nos melhores teatros da cidade, nós que trabalhamos há cinco anos lá, fizemos um pedido para conseguir o teatro no começo do ano e ainda não conseguimos. Só recebemos desculpas vazias.

PEQUENO MAPA DA POESIA NEGRA

*Eu vivo nos bairros escuros do mundo
Sem Luz, nem vida (A.N.)
Onde está a poesia ?*

Por Oswaldo Camargo



Onde está a Poesia Negra? Onde Lino Guedes? Os poetas da Imprensa Negra e das associações? Onde os continuadores dos anseios de Gervásio de Moraes e de Cumba Júnior? E de Carlos de Assumpção, que iniciou, em 1958, o verdadeiro protesto negro na nossa poesia?

Esquecidos estão Gervásio de Moraes e Cumba Júnior; esquecido está Lino Guedes, limitado, no entanto um precursor da Negritude no Brasil.

Eis que se inicia a fase de nos descobrirmos. Traçar o mapa, marcar o território de nossa herança poética desconhecida e esparsa. Tentar fazer o que jamais se fará oficialmente: a coleta de nossa produção literária, o nosso clamor espalhado em jornais da imprensa negra marginal, nas revistas negras, recolher os inéditos, trazê-los, enfim, a tona. Tarefa prolongada e dura, quanto urgente e necessária. Nossa tarefa.

LIMITES

Aqui apresentamos um território poético bastante desconhecido.

Fácil é, portanto, perder-se em considerações teóricas, a fim de explicá-lo, ou na tentativa de revelá-lo em seu intercâmbio com as grandes correntes da literatura nacional. Queremos escapar a isso e seria vão empenho teorizar ainda mais.

Excelentes estudos sobre a poesia negra brasileira estão aí reeditados, como o imprescindível estudo «A Poesia Afro-brasileira», de Roger Bastide (Editora Perspectiva, 1973). Obra há muito tempo esgotada, reapareceu nos «Novos Estudos Afro-brasileiros», pouco antes da morte do autor.

Também o prefácio de Florestan Fernandes para o livro «15 Poemas Negros», editado pela Associação Cultural do Negro (Série Cultura negra, III, 1961), recebeu nova publicação, inserido que foi no livro «O Negro no Mundo do Branco», de Florestan.



«Quero ostentar minha pele negra, meu nariz chato e arrebitado com meus duros cabelos à mostra, com minha sensibilidade, à mostra. Quero escrever do meu jeito. Falar na minha língua - do meu jeito. Quero ser ator. Quero subir num palco»

(Zulu Nguxi)

Creemos que com o estudo de Luiz Santa Cruz, «Alguns Aspectos da Poesia Negra» (Cadernos Brasileiros, nº 4, 1951), se completa uma boa visão da poesia afro-brasileira e, se nos lembrarmos do trabalho de Cassiano Nunes, «A Poesia Negra após o Modernismo», teremos o que há de básico sobre esse tema.

Portanto o nosso tema tem antes de si as teorias, as divisões, das quais cito, com o fim de clareza, a de Luis Santa Cruz, nos Cadernos Brasileiros. Esta: a) uma poesia negra antes e depois do Abolicionismo; b) imediatamente após, a poesia negra irmã-de-lit da poesia branca, ética e liricamente falando; c) a poesia negra do folclore autêntico, da tradição oral e popular propriamente dita, d) a poesia negra apenas episódica ou de temática circunstancial, social e revolucionária; e) a poesia negra do movimento existencial da Negritude, a que se refere Jean-Paul Sartre e, finalmente, a poesia negra de inspiração folclórica, erudita e científica, artificiosa ou não.

ONDE ESTÁ LINO GUEDES?

Lino Guedes foi dos primeiros poetas negros a se expressar como tal. Sem dúvida um precursor da negritude no Brasil, desde que publicou seus livros a partir de 1927 («O Canto do Cisne Negro», «Negro Preto Cor da Noite»). Nunca, que saibamos, se reeditaram seus livros e a história literária simplesmente o ignora.

Com Lino Guedes inicia-se o problema da representatividade do poeta negro dentro do seu grupo. Creemos que Lino Guedes representou poeticamente, em muitos aspectos, os mesmos ideais da Imprensa Negra e das associações, sobretudo neste aspecto: na solução de ascenso, encontrada exclusivamente por ele na moralidade pessoal, segundo os padrões burgueses; no seu amor à tradição e ao formal.

Lino desconheceu o Movimento de 1922, a revolução literária feita por Mário de Andrade, Oswald de Andrade e outros, cinco anos antes de sua estréia. Também o desconheceu a Imprensa Negra. Por que? Lino Guedes e a imprensa feita por negros foram representativos do meio social em que surgiram e atuaram. O movimento de 1922 veio para quebrar, demolir, zombar dos figurões, refazer a mentalidade gasta, os movimentos negros, seus líderes, seus poetas, sua imprensa, portanto, não tinham nada para quebrar, mas tudo ainda por fazer. E quando Lino Guedes escreve: «Negro preto, negro preto/ sê tu um homem direito/ como um cordeiro posto a prumo/ E só do teu proceder/ que por certo há de nascer/ a estrela do novo rumo», está usando parâmetros poéticos de acordo com a coletividade a que se dirigia. Pobre poesia sem dúvida - mas a única possível e válida.

É necessário que apareça o estudo dessa vida literária feita por negro e para o negro. Marginal, conservadora; tradicional para não causar espanto. O negro passou ao lado do que não lhe interessava; passou ao lado do Movimento de 1922.

A FORTUNA (POÉTICA) DE SOLANO TRINDADE

Neste pequeno mapa, a presença de Jorge de Lima, Raul Bopp, (Domingos Caldas Barbosa), não precisa ser explicada. Têm poemas essenciais à literatura afro-brasileira e sua produção se acha espalhada em livros e antologias.

Mas, uma palavra sobre Solano Trindade se faz necessária. Solano foi o

Solano Trindade

Quem tá gemendo

*Quem tá gemendo
Negro ou carro de Boi?*

*Carro de Boi geme quando quer
Negro não
Negro geme porque apanha
Apanha pra não gemer*

*Gemido de negro é cantiga
Gemido de negro é poema*

*Geme na minh'alma
A alma do Congo
Do Niger da Guiné
De toda a África enfim
A alma da América
A alma Universal*

*Quem tá gemendo
Negro ou carro de Boi?*

Solano Trindade

*Negro bom que sou
Que bom que bom
Como noite sem lua sou,
Negro bom!... que bom!
Alma de poeta.
Em mim se criou
Que bom!... Que bom!
Poeta e negro sou
Que bom!... que bom!*

*Em mim serve qualquer côr
Que bom!... que bom!
Minha alma canta de amor.
Que bom!... que bom!*

*Quando o mundo igual for
Que bom!... que bom!
Se unirá qualquer côr.
Que bom!... que bom!...*

Solano Trindade - nascido em Recife, no começo do século, é autor de «Poemas Negros» (1936) «Poemas duma Vida Simples» (1944), «Seis Tempos de Poesia» (1960) e «Cantares ao meu Povo» (1962). Morreu em 1973, no Rio.

Xango

*A força do mando
É de Xangô
Justiça na terra
É de Xangô
A pedra do raio
É de Xangô
Machado de guerra
É de Xangô
Machado de guerra
É de Xangô*

*Xangô é dono do raio
Da pedra e do trovão
Seu livro é o livro da lei
No seu castelo de fogo
Seu trono todo de pedra
Meu pai Xangô é o rei
Oxum tão faceira
É de Xangô
Obá tão bonita
É de Xangô
Iansã tão mandona
É de Xangô
A pedra do raio
É de Xangô
Justiça na terra
É de Xangô
Justiça na terra
É de Xangô
Leão da pedra
É de Xangô
A cobra coral
É de Xangô
Machado de guerra
É de Xangô
Machado de guerra
É de Xangô*

Ruy Dias

Ruy Dias - E carioca e cultiva uma poesia de cunho eminentemente popular. Publicou em 1976 o livro de poemas «São sete conchas douradas no colar de Yemanjá».



FOTO SANDRA ADAMS

que captou o espírito do Movimento de 1922. Poeta social, lírico, engajado. Anti-Lino Guedes, em muitos aspectos. Foi o poeta negro de várias gerações e é o mais estudado de todos. Aqui, o seu rumo estético: «Não disciplinarei/ as minhas emoções estéticas/ deixá-las-ei à vontade/ como o meu desejo de viver...». Assim Solano Trindade não quis enriquecer a sua maneira de dizer e, de «Poemas duma Vida Simples», sua estréia em 1944, s «cantares do meu povo», nota-se pouco avanço no que diz respeito à forma, pois Solano não é poeta «cercado por um mar de angústias», não tem o narcisismo de Cruz e Souza. Solano é povo, quase nunca está solitário com suas perplexidades. Por isso talvez Solano não achou necessário enriquecer suas palavras. Pra que? Entendiam-no assim e bastava. Não quis transpor esse limite, condição dolorosa do grande poeta.

«LIMITES E EXPECTATIVAS»

Numa amostra pequena como a que apresentamos, não seria possível mos-

trar o território poético inteiro. Há, convenhamos, muito a ser descoberto, a ser apreendido. Entre Lino Guedes e Solano Trindade, existe evidentemente muita distância. Em Solano já se delineiam influências de Langston Hughes e Nicolas Guillen, por exemplo; influências levadas adiante por alguns poetas de geração posterior.

Quando Carlos Assumpção surge em 1958 clamando na Associação Cultural do Negro: «mesmo que voitem as costas / às minhas palavras de fogo / não pararei de gritar, não pararei / não pararei de gritar», já faz poesia de protesto, de maneira inédita e forte. Carlos Assumpção captou o novo momento, anunciou nas Associações o poeta negro revolucionário, inexistente até então.

Quando se escrever a história da poesia nas Associações Negras em São Paulo haverá, sem dúvida, esta divisão: de Lino Guedes a Carlos Assumpção.

Entre esses dois nomes passou-se à história da poesia escrita por negros e de temática negra em São Paulo: Eduardo (Ferreira) de Oliveira, Dalmo Fer-

reira, Bel Silva (Benedicto Lourenço da Silva), Madalena de Souza, Ednardo Pinheiro, e alguns outros, filiados uns ao Teatro Experimental do Negro, outros à Associação Cultural do Negro ou ligados aos jornais da década de 30 em diante, como o extinto Gervásio de Moraes.

E, AGORA?

Agora, um esclarecimento: esta apresentação, e isto deve ser bem entendido, diz respeito tão-só à poesia publicada em livros. Amostragem primária, breve.

Urge uma colheita de originais, de textos, urge debater o destino dessa poesia. Trazer até nós o que se faz nos outros estados, como os poemas de Oliveira Silveira, poeta jovem, formalmente realizado, com uma bagagem poética já respeitável. Trazer o que se faz no Rio, em Salvador.

Procurar originais literários é demorado e ir ao enalço de poetas, nestes tempos secos, assemelha-se à loucura. Mas é importante que seja feito. O que realizaremos para breve, numa outra apresentação.

Os primeiros africanos nascidos na América, só conheciam seu continente de origem por intermédio das histórias, narrativas, enigmas e canções de seus parentes mais velhos e, em geral, as crianças eram separadas de seus parentes mais velhos.

(Le Roi Jones.)



Canto de louvor a Benê Oswaldo Camargo

Porque Benê
riscou a cidade
com um preto giz,
porque Benê,
vendo bem largo
o seu nariz,
achou-se lindo,
belo e, orgulhoso,
cheirou o mundo,
deu uma risada e disse
e disse logo:
«Não serve não»,
jogou demoras
nos brancos gestos
de muita gente
sem prevenção...
Chamou o mendigo
de cidadão,
chamou a madame
de meretriz,
usou a largura
do seu nariz
como o espaço
onde se provam
muitos odores
de um mundo gris
e coisas vis;
não a meretriz
que também usa
o seu nariz
se cheira o bolso
de quem quis...
Canto Benê,
sua mágoa e o susto,

o salto e a queda,
o gesto brusco
e a ventania
de um pensamento...
Eu já o via
caíndo, há tempo...
levava a sério
a linha negra,
estria funda
na nossa mente
Eu já o via
caíndo, fino,
sobre tropeços,
gestos e berros,
deslembamentos,
zero na História,
nem folha, ao menos,
de nascimento!
Canto Benê,
não cantaria
qualquer mestiço,
nem quem seguisse
meu próprio traço.
(Eu... diminuo,
sim, meus tropeços,
embranquecendo
meu negro braço!)
Essa é a verdade...
a mina cara
ainda a faço!,
mas custa tanto
dizer, em versos,
como o caminho
força barrancos

ao vulto escuro
que jornadaia

Canto Benê,
sua cara suja
de aurora e sangue
(ninguém a limpa!)
Sua dentuça
(ei-la trancada)
Sua mão de breu
(vede-a sulcada
de corda e lanhos!),
mas já é quieta
a vida dele
como a paineira
morta no campo
depois do vento
e a chuva grossa,
o enxurro longo
qual uma cobra!

Canto Benê,
um negro errado,
assinalado,
morto fardado
de Pretidão!

Oswaldo de Camargo - Natural de Bragança Paulista, 1936. Autor de 15 "Poemas Negros" e o "Carro do Êxito" (contos), 1973. E jornalista.

Vontade

Zulu Nguxi

Eu quero subir num palco.
Pintado de branco, preto e vermelho,
com a cara pintada e o cabelo trançado.
Quero representar minha vida
falar de meus pais, de meus amigos,
falar de meus irmãos, de meus inimigos,
Quero contar as histórias
falar desta vida:
Eu quero subir num palco.
Ouvir aplausos e cantar cantigas-
pintado de branco, pintado de preto
Quero ostentar minha pele negra,
meu nariz chato e arrebitado
com meus duros cabelos à mostra;
com minha sensibilidade, à mostra
Quero escrever do meu jeito.
Falar na minha língua - do meu jeito.
Quero ser ator
Quero subir num palco.
me ver rodeado de amigos,
De meus pais, meus irmãos
Agradecer a Olorum pela vida concedida
Agradecer ao povo a presença concedida
Quero falar de meu povo, da minha gente
Quero falar de mim
Quero subir num palco
Quero subir porque é bonito
Quero subir porque é bom
Quero porque quero
Simplesmente quero.



Lundum de cantigas vagas

Domingos Caldas Barbosa

Xarapim eu bem estava
Alegre nest'aleluia,
Mas para fazer-me triste
Veio Amor dar-me na cuia

Não sabe meu Xarapim
O que amor me faz passar.
Anda por dentro de mim
De noie, e dia a ralar.

Meu Xarapim já não posso
Aturar mais tanta arenga,
O meu gênio deu à casca
Metido nesta moenga

Amor comigo é tirano
Mostra-me um modo bem crú,
Tem-me mexido as entranhas
Qu'estou todo feito angú.

Se visse o meu coração
Por força havia ter dó,
Porque o Amor o tem posto
Mais mole que quingombó.

Tem nhanhá certo nnonhó,
Não temo que me desbanque,
Porque eu sou calda de açúcar
E eles apenas mel de tanque.

Nhanhá deixa de cholices
Que tantos quindins afeta,
Queima tanto a quem adora
Como queima a malagueta.

FOTO AVANI STEIN

O engano de Pai João

Lino Guedes

Quando um dia se banhava,
nas águas do Kuangô,
grosseira corda amarrava,
e no chão enrodilhava
um fiel filho de Xangô.

Num negreiro foi jogado
o senhor da região;
foi bastante maltratado
e com chiste apelidado,
ora vejam -- de Pai João

Pensava, ao fim do roteiro
ver seu Destino mudado...
Mas não foi, nesse veleiro,
o pobre negro o primeiro
que assim se viu enganado...

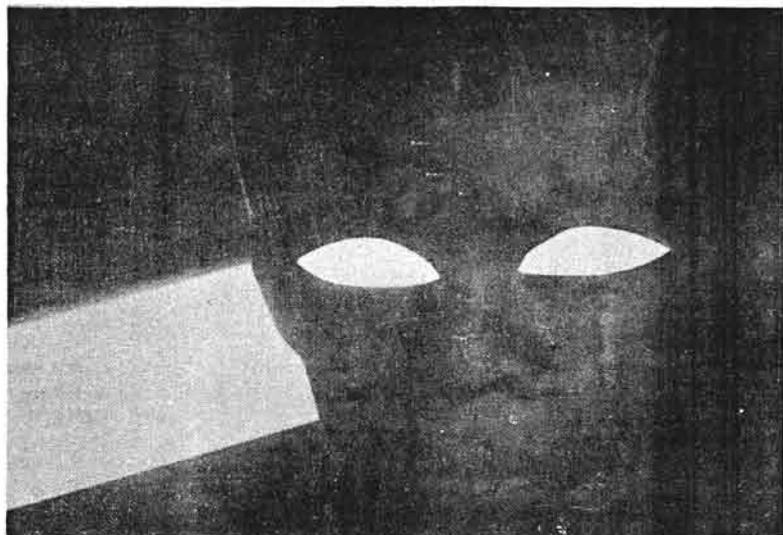
Lino Guedes - Seu primeiro livro de versos é de 1926. Escreveu muito, em 1950 já havia publicado 12 livros e tinha 15 em perspectiva. Considerado um dos precursores da Negritude no Brasil.

Domingos Caldas Barbosa (Rio, 1740 - Lisboa - 1800), foi poeta, tocador de guitarra e viola, com que acompanhava as modinhas e lunduns que compunha e cantava. Autor de "A viola de Lerenó".

De 22 a 24 de julho realizou-se na cidade de Criciúma (SC) o 1º Simpósio Cultural e o 4º Congresso Afrobrasileiro. O encontro não conseguiu pensar a questão fora da visão tradicional que define a posição oficial no país

IMPRESA

PÁGINAS BRANCAS DE UMA NOITE NEGRA



As noites e os dias de Nova York são sempre brancos. As lojas, a terra, as cidades dos E.U.A., também. O país tem donos brancos. Ao negro resta o gueto e sua alma, embora na verdade até as favelas sejam propriedades brancas. Se perguntarem a um negro do Harlem, do Brooklin ou de qualquer outro bairro o que é a propriedade, talvez ele possa responder, «propriedade é sinônimo de coisa de branco», ou «é o que falta, para que nossa gente tenha uma vida digna». Não é preciso ir ao Harlem para saber o que é morar num lugar onde **nossa** casa, emprego, condução, escola, tudo pertence ao branco, enfim, tudo pertence a ele, até nossa vida depende dele. Não é preciso ir ao Harlem para saber o que fazer numa noite real-

mente negra, principalmente quando se sabe que ela acaba. Mergulhar na noite eterna é um sonho negro. Mas quando ela é passageira precisamos resolver na hora, o que fazer.

A noite negra de Nova York. Um raio de consolo interrompendo a branquidão da vida. Um blecaute... O saque. A polícia. O negro da noite na noite do buraco. A noite do negro. Nos sonhos brancos as vítimas são sempre homens de cabelos duros. Nas ruas sujas do Harlem, nos botecos fedidos de Greenwich, nas celas das subdelegacias e grandes cadeias, as vítimas quem são?

É o sonho diante da realidade. A lucidez e a loucura. O Harlem transbordando e as carapinhas dançando, nas ruas como ratos saindo dos esgotos, do meio do lixo, sujando as lojas brancas, com suas patas imundas. As mercadorias saindo das lojas sem preço. O mundo mudando de dono.

Os jornais brancos reagem. Em Nova York ou São Paulo, mas reagem. Se brancos saquearam não interessa. Interessa sim que negros saquearam. É fato. Por quê? Isto não importa, importa sim, negros saqueando. O que foi roubado? Roupas, armas, alimentos? De tudo, mas principalmente armas. Por quê? Ora, não subestime o leitor, ele descobre o óbvio. Uma arma é importante para o negro noivo que geralmente desempregado porque tem a pele e os modos não

continua na pg. 34



CONTO

TIÃO TIÃO

Perto da parede branca estava minha cama. Parece que tinha dormido bem à noite, porque havia amanhecido sem dor de cabeça e, a enfermeira encarregada de cuidar de mim no período noturno, não estava no quarto.

Penso que há três meses estou internada nesta clínica para doentes nervosos. Não falo, recuso a escutar o que não quero, não ouço rádio ou vejo televisão, enfim não tenho nenhuma distração. Recuso-me a levantar da cama a não ser para ir ao banheiro. Não gosto de receber visitas. Não quero ir ao pátio ver outros doentes, angustiados e abastalhados como eu. Fujo do sol, irrita-me o contato alegre da grama macia, o cheiro das flores. Detesto as manhãs, porque elas principiam a vida.

Não há outra verdade absoluta a não ser a que você está morto e eu vazia de qualquer emoção identificada com a vida. Mas eu não acredito na sua morte. Porque você era força e ensinamento demais para se deixar matar Tião. Você era caminho e solução demais para ser destruído. Não acredito e pronto. A decisão estava tomada.

Bem lembro aquela tarde de car-

continua na pg. 32

CONGRESSO

NA CIDADE DO CARVÃO

Os organizadores do 1º Simpósio Cultural e 4º Congresso Afrobrasileiro se negam a enfrentar a realidade racial. Na maioria professores do Grupo Joaquim Ramos, mais conhecido na cidade como **navio negroiro**, não conseguiram lembrar-se das ruas, das minas, dos piores empregos, das praças: o mundo negro de Criciúma.

É nas minas de carvão que trabalha a maior parte dos homens negros da cidade: as mulheres, como sempre, são domésticas nas casas de família. «O trabalho nas minas é difícil para todos - diz um mineiro negro -, mas na verdade é mais duro para nós que ficamos com os piores encargos, com os mais difíceis».

Um ditado resume o estado de espírito da cidade: «mina que não

continua na pg. 31



morte sem preço

Descendentes de africanos, à margem da História, perdidos entre as pobres deste país, agora, perdem o direito à vida

Ninguém pediu para o eu ropeu ir até a África, mas um dia ele chegou. Chamando-nos selvagens, primitivos, índios de vários deuses, quis nos **ajudar**, para tanto ensinou-nos a amar num só Deus de olhos verdes, manso como um cordeiro. Depois, o fogo dos canhões, a explosão da pólvora e o navio negroiro.

Trouxeram-nos para uma nova

terra, onde milhões de homens e mulheres estavam sendo assassinados. No tráfico entre África e América mais de 200 milhões de negros morreram. Na América, milhões de outros: o pelourinho, as minas de ouro e de prata, os cafezais, os algodoads e canaviais. Os bandeirantes abrindo novos caminhos. Ficando as bandeiras entrando nas nossas próprias carnes escuras. Nossas revoltas, as forcas, os canhões novamente, nossas cabeças, nossas vidas.

Depois, a abolição... A miséria, a subnutrição, o desemprego, as doenças, o trabalho pesado, nossas esperanças nos filhos.

Agora querem que nossas mulheres tomem pílulas anticoncepcionais. Dizem que estamos famintos e querem nos alimentar com pílulas.

Pagamos para comer, para nos identificar, para nascer, para morrer, pagam para que nossas mulheres não deixem nascer os filhos de que tanto precisamos. Controlar o nascimento das crianças pobres é evitar o nascimento de crianças negras. Os homens e mulheres negros assassinados através da história vão ser impedidos de renascer.

Teimemos.

Tinhamos que enfrentar os cristãos. Não com os ensinamentos da Bíblia, mas com a espada que arrebenta as correntes dos povos escravizados. Sem a mordança, gritamos. Orgulhosos, viveremos...

começa na pg. 31

TIÃO TIÃO

naval, quando dois homens cruelmente calmos, apareceram lá em casa, dizendo que deveria acompanhá-los ao Instituto Médico Legal. Minha função era reconhecer seu corpo imóvel, estendido numa mesa mais fria que seu cadáver.

Mas como reconhecer morto o homem que havia despertado tantas consciências para a vida? Como reconhecer morto aquele que havia ensinado que a nossa história precisa ser reescrita para que não tivéssemos mais medo e vergonha de nós mesmos, e começássemos a desconfiar desta sociedade, onde todos são iguais pela «graça de Deus»? Como reconhecer morto o homem que havia me dito que o importante não era apenas meu prato estar cheio de comida, mas sim de toda a Comunidade Negra deste país, desonradamente a mais explorada e a que mais tem fome? Como reconhecer morto, o homem que havia injetado em mim o soro vital da libertação? Era duro e cruel saber morto quem havia me dado tanta força... tanta força. Então não acreditei. Foi voto inconsciente. Foi voto de sangue envenenado. Voto de cabeça enlouquecida. Voto de ódio.

Beije sua boca fria tentando redescobrir você, tentando reviver você. Na sua boca me esperava uma saliva baça como naquele momento estava a cor de sua pele. Antes Negra, antes luzidia. Toquei sua cara lisa da barba que o fizera conhecido dos moradores daquele lado virulento da cidade. Sua indiferença alcançou meu cérebro. Tremi, olhando você muda. Sem qualquer outra expressão que me afastasse da loucura. E senti raiva de você Tião. Raiva da sua coragem, da sua ideologia, da sua necessidade de ser inteiro em todos os instantes da vida. Raiva da sua tolerância para com os assassinos. Raiva por você ter me deixado.

De repente todo aquele desespero pareceu haver passado. Saí quase vencida daquela sala ironicamente azul que se permitia o direito de guardar seu corpo. Saí e fui sentar na escada numa das entradas daquele lugar nojento. Sentei. Cotovelos apoiados nas pernas, mãos encobrindo o rosto e comecei a reproduzir imagens do tempo em que vivemos juntos.

Primeiro vieram as imagens de nossa adolescência. Fase cheia de complexos e medos pela obrigação de absorver uma infinidade de falsos valores que nos foram dados por determinados brancos. Complexada ante a possibilidade de acomodação numa cultura que nos havia sido imposta pela força, pela imoralidade daqueles que não possuem nenhuma dignidade moral para se afirmarem superiores. Estas pessoas já tinham praticado inúmeros crimes em nome desta supremacia racial e nós sabíamos disto. Tinhamos



medo disto, e sabíamos que a luta seria dura. Tinhamos que enfrentar os cristãos. Não com os ensinamentos da Bíblia, mas com a espada que arrebenta as correntes dos povos escravizados.

Apesar da barra de fogo a gente casou aos 20 anos. O seu trabalho na fábrica, o curso de maturidade colegial à noite, a discriminação sutil no serviço, a dificuldade de ser Negro, foram apressando a caminhada em direção à dignidade plena. Desta forma você decidiu iniciar um trabalho em nossa vila. Ensinou a ler inúmeras pessoas. Fez ver a gente de nossa comunidade que ela ainda tem um orgulho a defender. Ensinou-lhes a história de Zumbi, contou-lhes a luta em Palmares. Fez ver a nossos irmãos que seus cabelos duros e carapinha eram bonitos, que sua pele Negra é macia e lisa, possuindo um anticorpo mágico que afasta o cancer e aproxima os orixás que nos dá força para resistir a toda forma de dominação. Ensinou pra eles, que apesar de todos os ultrajes, SOMOS ALGUÉM, somos seres humanos e pretendemos lutar para que todos acreditem nisto, para que todos respeitem isto.

Na sucessão de imagens, veio a de nosso filho Martin. Você, Tião aumentou a sua precisão de lutar, pela dignidade e direitos de nossos irmãos por causa dele, pela vida dele. Era muito importante Martin saber



desde os primeiros anos de sua vida, que a qualquer momento, ela poderia ser interrompida pela simples cor de sua pele. Era mais importante ainda, Martin aprender a lutar contra os inimigos ocultos existentes nas consciências vindas da lama.

Nesta parte das imagens você já deixou o trabalho na fábrica. Trabalha como lavrador num sítio distante de nossa casa. Aprendendo a plantar e distribuindo com nossos irmãos pobres como nós, os poucos frutos e verduras colhidos. À noite, a continuação de sua ação, a perpetuação de acordar os que estão forçadamente dormindo do lado de fora da casa do Capitalismo. E você fez alguns irmãos acordarem. E foi real e bonito. Uma noite, Tião, você não voltou pra casa. Nem na outra noite, nem nunca mais. Ai começou minha loucura. Porque todos os dias eu tentava arrancar você da terra. Mas agora sei que esta é uma reação inútil. Que eu preciso viver e você me dará forças para isto e juntamente com nossos irmãos, continuarei a lutar contra aqueles que se julgam com o direito de entrar no «reino dos céus». E enquanto houver uma pessoa sofrendo de olhos secos e coração revoltado porque sua pele é diferente, eu estarei agindo como você, Tião... Tião, como amo você.

Neusa Maria Pereira

Fotos de André Boccato

Disco Preto

Os Tincoãs anunciam com seu canto forte como os candoblés da Bahia, um novo tempo na música negra do Brasil. O canto do pássaro nordestino Tincoãs representa a vinda da seca.

O grupo, preocupado com nossas raízes, canta a música afro-brasileira com alguma adaptação para o dia-a-dia nacional.

Mateus, Dadinho e Badú - Os Tincoãs, trabalhando profissionalmente desde 67, lançam seu terceiro L.P. neste ano. E estão se apresentando nos subúrbios do Rio de Janeiro com o Show Palco sobre rodas, todos os sábados.

Bob Marley, cantor jamaicano, é um dos nomes mais importantes do ritmo reggae. Através dele e utilizando sua voz enrouquecida, Marley canta o sofrimento que as diferenças sociais e de cor traz às pessoas. Bob Marley é um cantor político e sua preocupação com os problemas do mundo já lhe valeu um tiro, que impossibilitou sua apresentação no Festac da Nigéria. Por sua atitude eminentemente político-social, Bob Marley é respeitadíssimo enquanto artista, na Nigéria.

A explosão toma vida no Soul do negro Dafé.

Carlos Dafé canta Soul Brasileiro, Soul Music feito para dançar.

E o canto de trabalho africano, canto de escravos, vindo de encontro a sensibilidade de nós, negros, e da nossa comunidade.

Dafé canta para comunidade negra, a nossa música, usando todos sentidos, no difícil prazer de transmitir Soul.

Série de Música Popular Brasileira nº 21, da Continental, é o seu primeiro disco, que é todo sentimento e entrega de vida

Nossos Dias Nossa História

12/8/1912 - Nasce o sociólogo Edson Carneiro na Bahia, estúdios das Culturas Negras.

24/8/1822 - Morre o grande lutador das causas negras, Luis Gama.

28/8/1798 - Revolta dos Alfaiates - BA. A irrupção estava marcada para esse dia.

29/8/1730 - Nasce o grande escultor Barroco, Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

4/9/1850 - Lei estabelecendo medidas à repressão do tráfico de africanos.

4/9/1969 - Encerra-se em Brasília o seminário das Nações Unidas sobre apartheid, o qual concluiu que a política racista do governo sul-africano «constituiu ameaça à paz e à segurança internacional».

6/9/1969 - O primeiro-ministro da República da África do Sul, Hendrik Verwoerd, é assassinado a punhaladas no plenário do congresso por um funcionário branco da casa.

8/9/1799 - Revolta dos Alfaiates. Condenados à força e esquartejamento no Largo da Piedade dos Revoltosos.

12/9/1969 - Cerca de 200 brancos, armados de machados, canos e correntes de ferro, atacam um grupo de jovens negros que entrava numa escola secundária em Grenada, EUA, no que saem feridas 33 pessoas.

O negro sai do fundo do poço. Um novo tempo se inicia. Ele canta, escreve, discute. Luta pelo direito à vida e à dignidade. O negro do fundo do poço. Acorda, o dia já vai chegar...

começa na pg. 31

NA CIDADE DO CARVÃO

tem negro não vai para frente». Isto, ao invés de garantir-lhes um emprego, demonstra que a eles estão reservados os trabalhos mais pesados. Se a abolição desobrigou o negro de fazer o trabalho escravo, ele continua responsável por este trabalho, na mente das pessoas. «E o pior, segundo o mesmo mineiro, é que se ganha menos por este trabalho».

O mineiro desce mais de 90 metros abaixo da terra. Lá, em galerias que chegam ter 1,40 de altura, é obrigado a trabalhar curvado seis horas por dia, tempo que geralmente é aumentado, já que é preciso fazer horas extras para garantir um salário maior. O ar respirado no fundo da mina é quente e se confunde com o pó do carvão. O salário é de 1.800,00.

De acordo com os mineiros, o salário real é de 6.000,00, mas os trabalhadores das minas são registrados com serventes de produção, forma encontrada pelos empresários para pagar um salário menor. Às vezes o chão da mina é uma subida. Aí o mineiro é obrigado a empurrar o carrinho cheio de carvão, mais de 500 kgs, com a cabeça. O joelho nũ, no chão molhado.

Coisas comuns na sua vida são doença e carvão. O carvão que ele persegue durante toda a sua vida; a doença que o persegue até a morte. Broncopneumonia, doenças de coluna, os ossos das pernas doloridos. Mas o problema maior, segundo eles, não é a doença, mas o medo de acidente que pode ocorrer, o acidente que lhes privou do companheiro.

Nas minas todo mundo sofre, o duro é que quando a gente sai da mina ainda é discriminado em certos lugares, diz o mineiro negro.

Em Criciúma não existem negros. Para seus habitantes são morenos.

Para os morenos da cidade, os bailes são no clube Sul do Estado, para os operários brancos, no clube «próspera».

Dez negros estudam na Faculdade local. A juventude negra divide sua vida entre o curso de primeiro grau e a indústria de cerâmica, onde cedo vão trabalhar. Um negro trabalha na agência local do Banco de Brasil. Ele é contínuo. A cidade tem muitas farmácias. As farmácias têm três negros empregados. Nas lojas comerciais mais três negros e no funcionalismo, seis. A maioria dos funcionários públicos, são descendentes de italianos.

De acordo com os negros, pode-se trabalhar em qualquer lugar, todas as portas estão abertas, mas apenas para limpar, lavar ou carregar as coisas. Mas as esperanças estão vivas.

A juventude negra, que já demonstra sentir os primeiros sintomas do fenômeno *Soul*, à procura de uma personalidade própria. Começa a dançar a música violenta dos jovens negros americanos, tentando falar uma linguagem, nova, vestindo uma roupa **mais do jeito negro**, tentando uma forma para sair do imobilismo comunitário.

«Antigamente, você via dois negros, sempre com um branco; talvez por vergonha ou medo de andar com a raça. Hoje, não, a gente já vê três negros andando juntos». Um jovem negro disse: «Nós estamos vendo renascer nossa dignidade depois das notícias chegadas da África, falando das lutas negras por liberdade. Idi Amim também é digno de admiração porque se rebela, grita e não se comporta diante do branco».

Criciúma é como qualquer cidade brasileira.

N.R. - Participaram do 1º Simpósio Cultural e 4º Congresso Afrobrasileiro, em Criciúma, o Deputado federal pelo Rio Grande do Sul, Carlos Santos, do MDB. Deixaram de participar os embaixadores do Zaire, Nigéria e Costa do Marfim, impedidos pelo Itamarati, segundo Clotilde Lalau, coordenadora do Grupo Afrobrasileiro, organizador do Congresso.



COORDENAÇÃO
Oswaldo Camargo
Jamú Minka
Neusa Maria Pereira
Ndacaray Zulú Nguxi
Tânia Regina Pinto
Envie sua colaboração para a redação de Versus

Imprensa Negra

Já se perguntou muito, nestes últimos anos, a respeito de quais teriam sido os motivos da total extinção da chamada **Imprensa Negra**, tão atuante na década de 30, mas que chegou, a partir de 1.960, a não ter praticamente nenhum representante.

O Mutirão, Niger e o **Ébano**, tiveram vida breve. Se **Niger** chegou ao quinto número, **Ébano** ficou numa edição única. Um jornal praticamente morto no nascedouro.

O **Ébano**, é de 1.960 e representa o estertor desta imprensa que as coleções assinalam, partindo de 1.916 com **O Menelik** e extinguiu-se com este jornal que Oswaldo Borges, seu diretor, sonhou e que se tornou, na época, a maior esperança de um órgão informativo para a coletividade.

Mas, a **Imprensa Negra**, sua fraqueza e ausência, foi, em boa parte, sintoma de uma situação geral. Não só ela se findou, não suportando despesas e sufocada por outros entraves, mas a imprensa da «situação» (a não negra) viu cair pouco a pouco muitas de suas revistas e periódicos. A exaustão da revista **Anhembi, Leitura, revista brasiliense**, e mais tarde **Cadernos Brasileiros**, iniciou-se ao mesmo tempo em que **O Ébano** caía.

Hoje, após um longo silêncio, esta imprensa Negra está renascendo. Pouco tempo antes de **Versus** abrir suas páginas **Afro-Latino-América**, editava-se no Rio o jornal **Sinba**, uma voz que nos parece bastante séria e com propostas bem diversas das que existiram na década de 60. Passou-se o tempo, é outro impeto, outras as necessidades, e é difícil se saber aonde chegaremos.

Contudo, a presença de **Sinba** deve ser pensada como uma voz soando numa sala há muito tempo vazia. **Sinba** tem o mérito de começar, afinal, a falar.



Construção

Os meus olhos estão voltados cheios de ansiedade Para esta construção que se inicia

Não sei se no Nilo ou no Amazonas Porque não há lugar determinado para se começar a viver

Eu sei que se construirá Não sei quando...

Solano Trindade.

Secan

No ano de 1970, Tereza Santos, atriz de teatro, reuniu sob sua orientação um grupo de negros da Casa de Cultura Afrobrasileira para criar um grupo de teatro que falasse de cultura negra. No ano posterior o grupo tornou-se autônomo, recebendo em 21/6/71, data de sua fundação o nome de Centro de Cultura e Arte Negra. Daí em diante sua preocupação era difundir aspectos mais amplos da vida do negro. Montando a peça «AGORA FALAMOS NÓS», de Tereza Santos e Eduardo de Oliveira e Oliveira, que segundo o C.C.A.N. «é um protesto sobre as condições de vida do negro brasileiro e uma afirmação sobre a importância da sua cultura e contribuição para o desenvolvimento humano». A peça foi apresentada no MASP, em Universidades e cursinhos pré-vestibulares.

Depois, veio um período de estagnação. Em 74, outros componentes e uma nova orientação levariam o grupo aos caboclos e clubes da comunidade com a peça «Chico Rei».

Em 1975, o C.C.A.N. reestrutura-se. Aqui o trabalho teatral é necessário, mas não prioritário: «Uma cultura negra criada e desenvolvida pelo homem negro como formas de relacionamento e sobrevivência dos grupos descendentes de africanos é a preocupação fundamental do Centro de Cultura e Arte Negra».

O C.C.A.N. inaugurou sua sede no dia 30 de Julho na cidade de São Paulo.

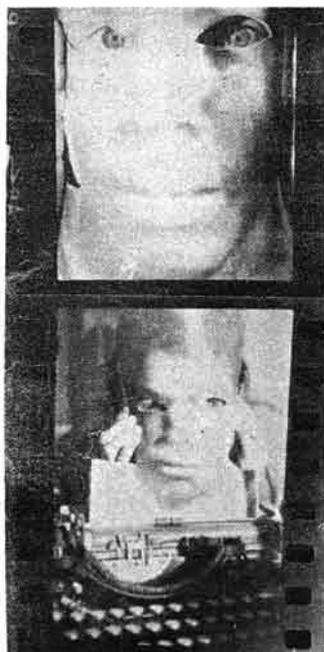
Lombada

A África de hoje passa por profundos processos de transformações: questiona o colonialismo, o mundo e a própria revolução.

As notícias chegadas da África ao Brasil, são, geralmente submetidas ao pensamento crítico europeu, uma realidade bastante diferente da africana e brasileira. Licínio Azevedo e Maria da Paz Rodrigues, brasileiros e nossos repórteres, sentiram de perto as transformações que ocorrem na Guiné Bisau: experiências importantes na construção de um mundo novo.

Com prefácio de Florestan Fernandes, um dos mais importantes pensadores da realidade racial brasileira, O DIÁRIO DA LIBERTAÇÃO chega a nós arrebentando barreiras que nos separam do Continente Africano.

Diário da Libertação - Licínio Azevedo e Maria da Paz Rodrigues. Editora Versus - Cr\$ 50,00.



começa na pg. 31

PÁGINAS BRANCAS DE UMA NOITE NEGRA

brancos? Não interessam abstrações, interessa o fato: o saque. Num jornal diário de São Paulo, nove fotos de negros roubando e saqueando lojas onde aparecem três policiais brancos no cumprimento do dever: prendendo negros ladrões. Duas fotos destacando policiais que organizam um trânsito sem veículos e vigiando lojas roubadas. Uma foto mostrando a cidade sem luz. As fotos dos saqueadores ocupam espaço cinco vezes maior que o reservado à notícia escrita. Num outro jornal paulista, fotos: uma cidade sem luz, outra de negros «em fila». Estes jornais são feitos «numa democracia racial», pelos «maiores defensores» da liberdade de expressão e dos direitos humanos.

A verdade é que o sonho com dinheiro não é apenas negro, mas principalmente branco. As vítimas não são apenas brancas mas principalmente negras. A realidade é branca e as vítimas negras brancas. Um homem negro é espoliado enquanto homem e enquanto raça, reage contra a economia e a cultura, que o domina.

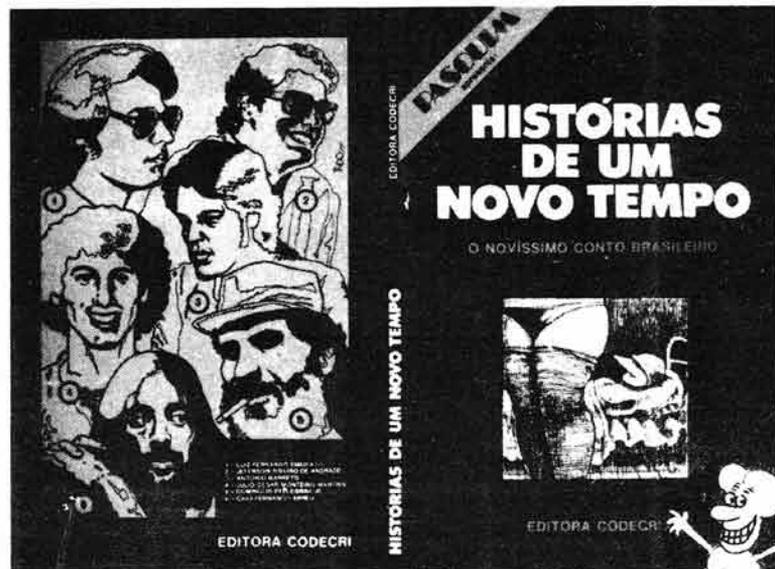
Se um dia, num próximo blecaute, os jornais de Nova York se virem invadidos e depredados pelos habitantes negros da cidade, não será necessário sair daqui para saber porque bastará examinar os jornais paulistas com suas fotos e manchetes para descobrir que brancos, mesmo que pobres não têm necessidade de roubar e saquear. Eles policiam, vigiam e organizam. Se num blecaute em São Paulo, as fotos de Nova York se repetiram ninguém deve se assustar. Afinal um negro imita o outro, numa louca e frenética (como o Soul) procura de seus ancestrais, mortos nos pelourinhos da vida e na organização das histórias. Branca, é claro.

Zulu Nguxi

PASQUIM

APRESENTA:

HISTÓRIAS DE UM NOVO TEMPO



NAS BANCAS E LIVRARIAS!

não deixe de ler!



Estória da pinup. Uma pesquisa que procura desvendar fatos inéditos nos bastidores da nossa imprensa, cinema e teatro de revista.

PEÇA PELO REEMBOLSO POSTAL

- LIBERDADE, LIBERDADE - Millor FernandesCr\$ 55,00
- GAROTAS DE PAPEL - Rudolf Piper Cr\$ 70,00
- DICIONÁRIO DE CINEASTAS - Rubens Ewald F. Cr\$ 180,00
- EO novo sucesso de Augusto B... JANE SPITFIRE .Cr\$ 40,00

A GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.
R. José Antonio Coelho, 814-Cep-04011
Cx. Postal 45.329 - 01000-V. Mariana
Tel. 549-3137 - SÃO PAULO-SP

Desejo receber pelo Reembolso Postal a (s) seguintes (s) obra(s):

 NOME -----
 ENDEREÇO -----
 CEP. ----- CIDADE ----- EST. -----
IMPORTANTE: NÃO ENVIE DINHEIRO AGORA!

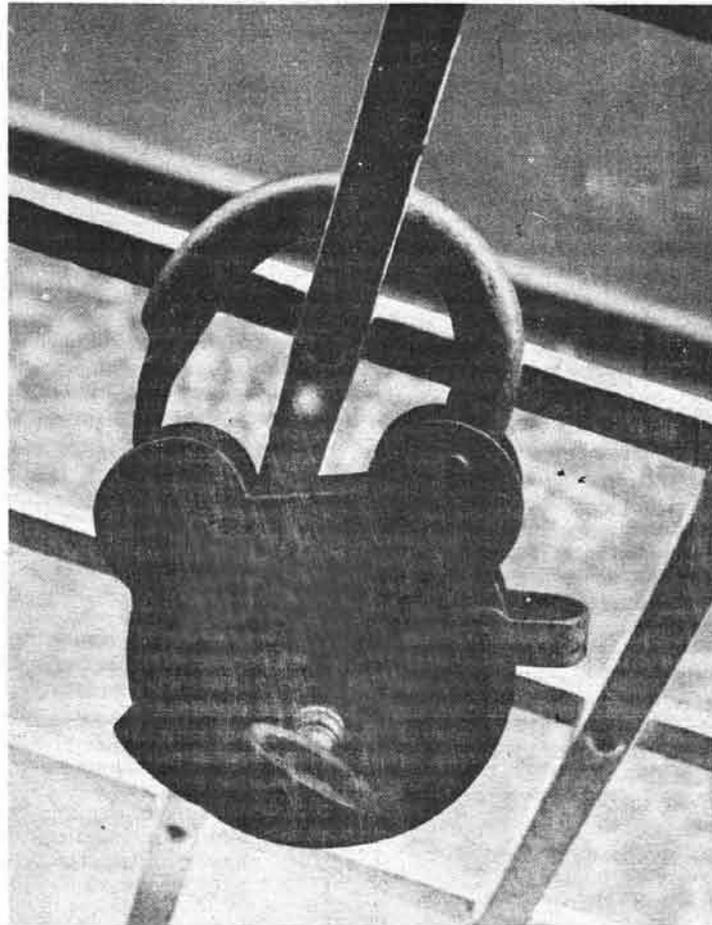
afro latino américa

Este jornal é meu revólver e meu sorriso.

américa negra

Eu vim cá prá esse mundo do jeito que todos vêm mas como vim prá esta terra sei que nem todo mundo vem. Eu vim com elo nos braços no fundo de um porão eu vi toda minha gente ser peça de importação. A fome era constante e o banzo era a salvação da desgraça e da sujeira das chibatadas e do porão O tão falado, curso de pré-escravidão. Perdi minha mãe, meu pai minha casa e meus irmãos, o meu escudo de caça, e o bitá dançação. Perdi tudo que amava Meu batacoto de mão, Perdi toda minha gente nas garras do mundo cão. Liberdade como ave do céu, não tenho mais. Se eu vim, foi de contragosto só quero fazer lembrar: eu já construí américas Já cansei de apanhar Eu não conquistei os mares não fiz bomba, nem avião por isso não vou pagar pelas culpas desta civilização, tão formosa, já em fase de putrefação. Quando eu não queria vir me trouxeram para cá E agora eu não saio todos vão me escutar, feche bem os seus ouvidos Se não quer me ouvir gritar este grito vai vencer terra fogo o céu e o mar.

AMÉRICA NEGRA
LEVANTE
GRITE.



BRASIL NEGRO NÃO VAI A COLÔMBIA

Quando da comemoração do **Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial**, em 21.3.77, o Brasil enviou mensagens se proclamando «o produto da mais ampla experiência de integração racial que conhece o mundo moderno, resultado, ao longo dos séculos, de um processo harmonioso e autônomo, inspirado nas raízes profundas dos povos que aqui somaram esforços na construção do país». Agora, quando se realiza o I Congresso de Cultura Negra das Américas, em Cali, Colômbia, de 24 a 28 de agosto, onde delegações de países africanos e dos países americanos que possuem população negra se encontram, a atitude assumida pelo Brasil vetando a ida da delegação brasileira contradiz a imagem racial que a ideologia oficial brasileira divulga para o mundo.

Conforme esclarecimento do IBEA - Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas através de seu presidente Clóvis Moura, único membro brasileiro do Comitê Preparatório do encontro, a delegação do Brasil - a maior comunidade negra fora da África, foi impedida de comparecer ao encontro porque o Itamarati vetou, sem explicar o motivo, a isenção do depósito para a delegação viajar ao exterior. E essa decisão, só anunciada no dia do início do congresso, foi considerada pelo IBEA como «atitude discriminatória contra a maioria da delegação brasileira» e «não se justifica ao negro e aos africanistas esta oportunidade de ter uma tribuna continental onde seus problemas estão sendo discutidos em clima eminentemente democrático».

Essa decisão do Itamarati, que atingiu onze pessoas da delegação brasileira, ocorreu quase ao mesmo tempo em que era concedida a isenção ao sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira e à historiadora Marina Sena, que participam em caráter particular do I Congresso de Cultura Negra das Américas. Além do IBEA mais duas entidades compunham a nossa delegação: Grupo de Teatro Evolução de Campinas e Instituto de Pesquisas e Cultura Negra do Rio de Janeiro.

Afro Latino America volta em seu terceiro número. Ainda não estamos satisfeitos, afinal as dificuldades sempre existem, isto porém, não diminui a força de nossa vontade. É preciso dizer a mais pessoas das coisas que acontecem ao negro, mesmo porque os nossos problemas afetam todos os brasileiros. Neste número, começamos a esboçar os primeiros passos a caminho do objetivo final: a discussão do negro no mundo e na América. Trazemos em nossas páginas basicamente uma discussão da nossa realidade histórica, o processo de abolição da escravatura, (Lei do Ventre Livre à Abolição), 89 anos de «Democracia Racial» e os esforços feitos no Brasil e no mundo à procura da libertação, na África e Diáspora, e os empecilhos colocados em nossos caminhos.

Nossa história

18.9.1880 - Nasce o compositor popular José Barbosa da Silva, o **Sinhô**.

22.9.1767 - Nasce no Rio de Janeiro José Mauricio Nunes Garcia. O primeiro nome ilustre da música brasileira.

23.9.1898 - Nasce Heitor dos Prazeres, compositor de sambas carnavalescos cariocas e pintor autodidata. Um dos legítimos e importantes artistas ingênuos do Brasil. Seus quadros representam, em sua maioria, cenas da vida do morro carioca.

28.9.1968 - Lei da Gratidão da Mãe Preta

28.9.1971 - Projeto-Lei - Dia da Comunidade Afrobrasileira

29.9.1906 - Morre Joaquim Maria Machado de Assis, o ponto mais alto da Literatura Brasileira, Contemporâneo de fatos decisivos para a formação histórica do Brasil, como: extinção do tráfico negreiro, Ventre Livre, 13 de maio.

7.10.1831 - Surge uma lei para coibir o tráfico, declarando livres todos os escravos que entrassem no território ou portas do Império.

9.10.1853 - Nasce José Carlos do Patrocínio, filho de vigário e escravo. Jornalista e Tribuno Brasileiro. Inicia a campanha abolicionista na Gazeta da Tarde. Terminada a luta pela abolição, perdeu a força por não ir de encontro às necessidades populares.

Trata-se de profundo engano supor que os escravos assumiram pacífica e mansamente o ônus da escravidão. Aliás, a história da escravidão no Brasil deveria denominar-se «a história da luta contra a escravidão»- Prof. Hélio Santos.

O negro comemora uma «libertação» que o marginalizou, ao mesmo tempo em que deixa de comemorar uma data verdadeiramente importante. Então, perguntamos:

13 de MAIO ou 1º de ABRIL?

O 13 de maio é considerado o fim da escravidão negra no Brasil. Tal epílogo originara-se da chamada Lei Áurea, promulgada pela Princesa regente, Isabel, em 1888. Passados 89 anos, que separam aqueles tempos dos dias de hoje, diversas questões têm **assaltado as mentes** das pessoas preocupadas com o problema do negro no Brasil.

Poderia uma Lei, sobretudo àquela época, alterar arraigados conceitos de propriedade? E mais. Concorde a aristocracia rural vigente em perder, sem maiores convulsões, partes de seu patrimônio?

Sabe-se que nos Estados Unidos a guerra de Secessão, mais sangrenta para aquele país que a Segunda Guerra Mundial, foi o preço pago para a libertação dos escravos.

E fechando o rol de indagações: qual o destino dado às 700.000 pessoas libertadas aos 13 de maio, bem como aos escravos alforriados antes da Lei Áurea? Como reagiu o mercado de trabalho diante desta abundante oferta de mão-de-obra?

Para se refletir sobre estas questões torna-se necessário, preliminarmente, fazer algumas colocações sobre os eventos que antecederam a abolição. Segundo o Visconde de Porto Seguro: «Escravos africanos vieram para o Brasil desde a sua primitiva colonização». Isto vale dizer: o elemento africano aportou a estes país praticamente junto com o colonizador português.

A chegada dos primeiros escravos coincide com a invasão lusa à Gui-

né: 1534. Iniciava-se, portanto, o processo de exploração do nativo africano, que iria durar mais de três séculos e meio. É verdade que a massa escrava, a princípio, era também constituída de índios. A mão-de-obra indígena não foi bem aceita e depois os jesuítas trouxeram a si a responsabilidade de proteger «os naturais da terra».

Em 1755, o marquês de Pombal decretava a liberdade imediata dos eventuais índios ainda cativos. Ficava assim, de fato e de direito, o ônus da escravidão como sendo uma prerrogativa exclusiva dos braços vindos «d'África». Todo trabalho - não intelectual - era apto para os negros. Assim sendo, os negros constituíam, praticamente, quase toda força de trabalho; já que o trabalho intelectual não era «o forte» do Brasil colônia...

A mão-de-obra negra esteve em quase todos os lugares: desde o eito das culturas de cana-de-açúcar e café à mineração do ouro; dos mais diversos e pesados serviços de carga aos mais variados serviços domésticos. Estes últimos iam desde preparar o banho da «sinhá» à feitura dos mais deliciosos quitutes preparados com o tempêro da escrava negra.

A história do negro no Brasil se extingue na campanha abolicionista e na Lei Áurea! Como se a função dos historiadores fosse contar histórias... Aliás, a história da escravidão no Brasil deveria denominar-se a história da luta contra a escravidão. Só a história do Brasil não sabe que as insurreições marcaram todo o processo escravizatório: o que invalida a tese do senador Petrônio Portela que, ao proferir, recentemente, discurso na sede do Itamarati, disse ter sido a escravidão negra no Brasil diferente das demais: já que o «relacionamento entre senhor e escravo

Trata-se de um profundo engano supor que os escravos assumiram pacífica e mansamente o ônus da escravidão. O senador da arena repete uma afirmação que romantiza uma lenda que, como tal, adultera a realidade. E depois, os escravos não eram considerados seres humanos. Tanto é assim que a proficiência dos guarda-livros das fazendas registrava como ativo fixo os investimentos humanos.

O tráfico de escravos iria ganhar maior dimensão no início do século XIX. Após a emancipação ao jugo português, em 1822, a Inglaterra estabeleceu como condição para reconhecer nossa independência o término do tráfico africano. Para tanto, foi assinada, em 1826, uma convenção entre os dois países.

Em 1827 tal acordo foi impugnado e após diversos protestos dos britânicos o compromisso foi ratificado em 1831. Nada impediu, entretanto, que o contrabando campeasse solto até 1852. Neste período entrou ilegalmente no país mais de 600.000 escravos. Desta forma a quase totalidade dos cativos em 1880, cerca de um milhão, era ilegal! Isto porque as escravas contrabandeadas eram de ventre-livre. Antes da campanha abolicionista ganhar as ruas houve a chamada «Lei do Ventre Livre».

do nascituro até a idade de 21 anos, ou por uma indenização de 600 mil réis!!!

Como se vê não havia ventre livre. Muitos abolicionistas se iludiram com esta trama que, na realidade, era um engodo aos seus interesses. Nos centros urbanos, o incipiente setor fabril reclamava mão-de-obra especializada. O setor de serviços - basicamente comércio e bancos - se ampliava. O trabalho escravo era suprimido, pois a disputa pelas melhores colocações não cogitava dele. A escravidão urbana defasava-se com o desenvolvimento das cidades.

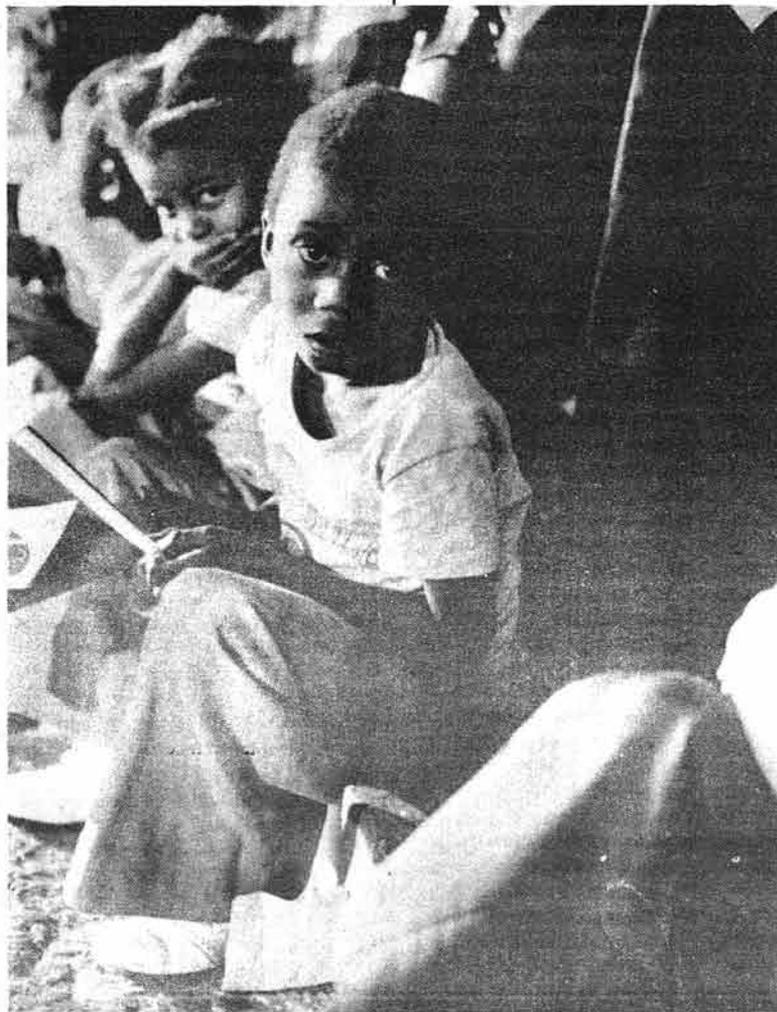
No campo, a escassez de mão-de-obra caracterizou todo o período após o término do tráfico humano. Isto fez com que a agricultura do nordeste - em decadência - substituíse a África, momentaneamente, transferindo para o sul do país seus excedentes de mão-de-obra escrava; já que o preço dos cativos valorizou-se grandemente face à escassez surgida.

Hoje mesmo há quem sugerisse melhor tratamento aos escravos - sobretudo às crianças - e «reprodução» dos «rebanhos» escravos nos moldes utilizados pelos Estados Unidos, a fim de reequilibrar «a oferta» de mão-de-obra. A racionalização da imigração - sobretudo a italiana - viria para atenuar a crise do setor. É que a mão-de-obra importada da Europa era iminentemente agrícola e a expansão do café reclamava. Tinha-se - em paralelo - o trabalho livre e o escravo. O uso continuado por mais de três séculos da mão-de-obra escrava havia prostituído as relações de trabalho. Havia mesmo uma aversão ao trabalho livre. Os baixíssimos salários oferecidos desestimulavam a mão-de-obra livre. Historiadores da época referem-se a milhões de brasileiros que viviam perambulando pelos campos na mais completa miséria. Conseqüentemente, a escassez não refletia falta de braços. O trabalho servil, identificado com o escravismo, não incentivava os antigos párias brasileiros - modernamente chamados bóias-frias: esta a sua origem.

A racionalização da imigração modificaria a estrutura do trabalho. O franco crescimento da lavoura cafeeira fez com que os fazendeiros paulistas incrementassem a vinda de europeus e tal fato estava relacionado com a pretendida emancipação dos negros. A vinda maciça de europeus só acelerou-se após a crise de mão-de-obra chegar a níveis insustentáveis - isto aconteceria na década da abolição, quando o sistema começava a se decompor.

A campanha abolicionista, àquela altura, era bem-vinda, sobretudo para aqueles que consideravam o ônus da senzala como demasiado para a sua produção.

Vê-se assim, que a operacionalidade da mão-de-obra exigida pelos



avanços do capitalismo, de então, impunha a substituição da mão-de-obra - àquela altura pouco rentável - posto que era usada como a força bruta dos animais. A escravidão já não era, pois, tão «bom negócio».

A luta abolicionista não nascera dos partidos, que, segundo Ruy Barbosa, tiveram «no desdobrar dos acontecimentos senão um papel subalterno». Ainda segundo Ruy a abolição foi um conflito do «wntusismo nacional» com as três únicas forças então organizadas no país: «a riqueza territorial, a política conservadora e a coroa».

Sobre a campanha abolicionista diria Osório Duque Estrada «... o que caracteriza a campanha abolicionista no Brasil é exatamente o fato de ter sido ela transportada vitoriosamente das ruas para o parlamento como uma imposição e uma conquista da empresa e da tribuna popular».

Em 1880 foram fundadas a Sociedade Brasileira contra a Escravidão e a Associação Central Emancipacionista. Nos anos seguintes diversas outras entidades foram fundadas, sendo que em 1883 nascia a confederação abolicionista que coordenava trabalhos gerais: a luta estava nas ruas.

Diversos eventos acelerariam a abolição: A necessidade de otimizar o desempenho da lavoura cafeeira com mão-de-obra livre e com pagamento proporcional à produção; a fuga dos escravos era corriqueira e a subversão dos cativos era incômoda para o latifúndio; o resultado do conflito interno nos Estados Unidos arrefeceu o ânimo dos escravagistas radicais; o Brasil era o último país das Américas a manter a escravidão. A reputação do país estava em jogo.

Antes do desfecho da abolição, em 1884, novamente tentou-se iludir os abolicionistas. Desta vez com a apresentação ao parlamento da Lei dos Sexagenários. Era mais **uma lei infame**: no fim da vida, já alquebrado pela escravidão, o cativo podia morrer, à mingua, pelas ruas, em «liberdade».

Aos 13 de maio de 1888 a Princesa Imperial Regente sanciona a extinção da escravidão no Brasil. Todas as reformas que precederam à abolição foram tímidas e cautelosas e sempre exaltaram o ânimo dos escravocratas que protestavam violentamente. Vale ressaltar que o Barão de Cotegipe, o «célebre orador», ganhou tal fama defendendo o ranço escravocrata.

Segundo Osório Duque Estrada «... a abolição imediata não foi senão o mero reconhecimento do fato consumado, traduzido numa capitulação, que teve por principal escopo impedir a **ascensão** dos liberais ao poder». O grito é nosso. Desta forma não é de estranhar que a abolição tenha vindo por mãos que sempre lutaram contra ela: «a riqueza territorial, a política conservadora e a



coroa», no dizer de Ruy Barbosa.

Retornaremos às questões iniciais. Poderia uma «lei escrita» transformar um estado em cidadão? Como saltar obstáculos tão grandes verbalizando textos legais? Como pode alguém absolutamente órfão de direitos, de repente ser detentor dos privilégios da cidadania?

É necessário frisar que **o Brasil foi o último país cristão a abolir o cativo**; da mesma forma que Portugal foi o último a abandonar a África. Sob o aspecto jurídico o trabalho escravo era, antes da lei, algo maquina. Usava-se dele como uma «Ferramenta» de produção. Após a

lei a mão-de-obra do ex-escravo passaria a obedecer a quais códigos de relacionamento de trabalho livre?

Os negros recém-libertos encaminharam-se para o subemprego, mais precisamente para a servidão. A mão-de-obra abundante não podia ser absorvida pelo sistema produtivo viciado por três séculos e meio de escravidão. Depois, o empregado negro prostituiu as relações de trabalho pela sua presença: iniciava-se aí o estigma cor.

A Lei Áurea, neste contexto, deve ser considerada de função dupla: aboliu a escravidão por um lado e instituiu a servidão por outro. So-

festança

Lwalaba, que já foi nome do Rio Zaire, hoje no Brasil identifica um grupo de música e teatro que, trabalhando as raízes africanas da música brasileira, criou **festança**, musical onde a visão de mundo do negro aparece através da música, canto e dança, com alegria, força e sabedoria. Este espetáculo, atualmente em cartaz em São Paulo, no teatro Eugenio Kusnet (ant. Teatro de Arena), tem como diretor artístico João Albano e diretor musical o maestro Estevão Maya-Maya, co-autor, juntamente com Irene Portela, da criação musical.

Propostas e Objetivos.

«A população brasileira, formada por uma maioria de negros e mestiços, está ligada à preservação de nossa africanidade. Festança é um trabalho que não se restringe só a uma raça mas tem a ver com todas que formaram nosso povo. É preciso que as pessoas comecem a sentir a possibilidade de se fazer as coisas simples; despertar em todas a vontade de fazer um trabalho sem preconceitos, apesar das dificuldades que isto representa. Mas, também é necessário chegar à nossa Comunidade para que novos grupos despertem a confiança e a criatividade de cada um, porque nós também somos um povo», conforme os componentes de grupo se definem.

Lwalaba quer divulgar a música brasileira não como folclore em consumo, mas como herança a ser vivida e respeitada.

Festança é uma sessão maldita.

Não é fácil para eles levarem o espetáculo. Lizette, Cleide e Eliana, se conheceram há cinco anos na peça Jesus Cristo Super Star e naquela época nasceu a vontade de trabalhar juntas. Há três anos pesquisam a cultura africana da Diáspora à procura de suas origens e de seus novos caminhos, mas o trabalho comum não se concretizava devido às outras propostas profissionais. Ainda hoje não é fácil levar o espetáculo, porque as três atrizes trabalham durante a semana em outras peças. Lizette está no Teatro Popular do Sesi em «O Poeta da Vila e seus Amores», Eliana em «Morte e Vida Severina» no teatro Markant e Cleide em «Viva Olegário» no teatro Paiol. As sextas-feiras, depois de seus respectivos espetáculos, as três se reúnem no Arena, para a meia-noite fazer **Festança**. Apesar das dificuldades, Lizette define este trabalho como sendo «vida, perspectivas de caminhos novos e realização pessoal. O público precisa acreditar na gente para que isto seja a abertura total do Lwalaba. Toda apresentação é uma estréia. Sempre.

mente após, pelo menos, uma geração, o descendente de escravos vendia sua força de trabalho fora do esquema absolutamente servil. Esta, a alforria esdrúxula concedida pela «Redentora» Princesa Isabel.

Das senzalas partiram as massas negras para as margens: a cadeia, o prostíbulo, a favela e o subemprego passam a constituir seu «habitat»; e daí não saíram até os dias atuais. Os brasileiros descendentes de escravos continuam, assim, perpetuados como os herdeiros da escravidão.

HELIO SANTOS
(Prof. Fac. Oswaldo Cruz).

É preciso saber que nenhuma transformação social pode se dar pela metade. É necessário levar em consideração as necessidades e os interesses de todos os grupos formadores desta sociedade.

28 de SETEMBRO

Adalberto Camargo e Frederico Jr. Duas visões, dois estilos que se diferenciam na interpretação que cada um deles dá à data de 28 de setembro, em que no ano de 1871 foi sancionada a «Lei do Ventre Livre», uma das várias manobras políticas com que se adiou a abolição dos escravos no Brasil - último país da América a eliminar a escravidão.

A partir de 1968, quando foi instituído o «Dia de Gratidão à Mãe Preta», por lei estadual de iniciativa de Penteadó, esta data passou a ser comemorada, porque «hoje, o povo brasileiro, jubilo pelo transcurso de mais um aniversário daquela que no cativo, como nutriz e pagem, criou filhos alheios contribuindo na formação das gerações de brasileiros contemporâneos da escravatura» a homenageia, conforme explica o programa das comemorações do 104º aniversário da «Lei do Ventre Livre» promovidas pelo Clube 220, entidade presidida pelo sr. Frederico Penteadó. A intenção de Penteadó, positiva enquanto preocupada em registrar a participação da mulher negra na sociedade, acabou limitando-se a uma visão afetiva e folclórica. Uma visão presa ao culto das «conquistadas» conseguidas no tempo da escravidão e sem contato com as aspirações do «novo negro», segundo Florestan Fernandes, ou o «bleque pau» alegremente descrito por Gilberto Gil.

Refletindo uma interpretação mais realista e atualizada da situação do negro no Brasil, e nas demais sociedades multirraciais, o empresário e deputado federal pelo MDB paulista, fundador da Câmara de Comércio Afrobrasileira, interpreta o 28 de setembro como símbolo e culto às novas necessidades que vive o brasileiro de origem africana. O «novo negro», o «bleque pau» e todos os que formam as novas correntes de opinião que despontam na comunidade afrobrasileira estão preocupados em ampliar a sua participação na sociedade nacional e Camargo sintoniza com estes no espírito, quando defende para os descendentes de africanos no Brasil o direito de manter vínculos com suas origens da mesma forma que acontece com os outros segmentos raciais da população brasileira. Por isso rejeita o significado tradicionalista de 28 de setembro e propõe esta data como **Dia da Comunidade Afrobrasileira** conforme projeto de sua autoria em tramitação

no congresso nacional. A esse respeito prestou depoimento a Jamú Minka e Neusa Maria Pereira.

1) O que é o Dia da Comunidade Afrobrasileira?

Segundo o projeto de lei é um reconhecimento do papel marcante do africano na formação do povo do Brasil. Sua comemoração deverá ser feita através de trabalho, estudos, festividades e representações nas escolas em geral. Seu espírito é o de reformar os conceitos que definem a posição da comunidade negra no Brasil. Essa revisão implica em reconhecer que não existe negro brasileiro e sim povo brasileiro de várias origens, multiracial e multicolor. Nenhuma etnia aqui chegada perdeu vínculos com sua origem, jamais se desfigurou de suas matrizes. São exemplos as colônias árabes, italiana, japonesa, portuguesa e outras.

2) O «Dia da Comunidade Afrobrasileira» substitui o 13 de maio?

13 de maio representa apenas o diploma do paternalismo branco em relação aos descendentes de africanos e a nós não diz nada, porque hoje ninguém mais necessita de paternalismo. Por isso 13 de maio está em processo de esvaziamento e precisamos de uma data que lembre a contribuição negra numa outra dimensão e não apenas recordando que um dia fomos escravos.

3) Da mesma forma que 13 de maio, 28 de setembro, que lembra a «Lei do Ventre Livre», vem sendo contestada pela nova geração. Esta data não é inconveniente?

Uma lei não institui nem resolve um fato histórico. O que revoga um fato histórico é outro de maior importância. Somente a força de novos fatos podem superar as antigas referências desta data.

4) O Projeto inicial do «Dia da Comunidade Afrobrasileira» é de 1970 e ainda aguarda aprovação. O que significa essa demora? Como está o projeto hoje?

Essa demora não representa qualquer resistência à iniciativa, mesmo porque eu trabalhei no sentido de evitá-la. Como uma proposição ao Con-

gresso exige criar um consenso é isso que vem sendo conseguido no encaminhamento do assunto. O projeto tem recebido pareceres favoráveis, já estando pronto para ser apreciado em plenário, o que deverá acontecer ainda este ano.

5) O que a Comunidade Afrobrasileira representa?

A comunidade representa um mercado em expansão, um poder político considerável e acima destes valores uma grandeza nacional. Mesmo assim, existe no país um consenso que fala da submissão dos negros à escravidão, deturpação que vem sendo transmitida de geração em geração. Este consenso fala também da não existência de preconceito racial no Brasil. Ocorre que a prática não confirma o consenso. Sabemos que aqui não há nenhuma lei impedindo nossa participação no desenvolvimento nacional nem em nossa mobilização, mas enquanto a mobilização é permitida a todos indistintamente, para os afrobrasileiros esta participação é quase impossível na maioria das vezes. Essa constatação porém, não leva a incentivar nessa coletividade ressentimentos contra este racismo disfarçado que sobrevive pelo saudosismo de uns e pela deformação psicológica de outros.

6) Qual o Papel do Negro na aproximação Brasil-Africa?

Cabe a nós, descendentes de africanos, promover nossa identificação com a África sem nos prendermos ao passado escravo repleto de distorções que impedem a afirmação de nossa dignidade. Vencido o colonialismo, os africanos e seus descendentes em qualquer parte do mundo promovem uma realização de sua situação histórica, considerando também o sentimento de afinidade racial e cultural. Na esfera econômica, a aproximação do Brasil com a África é um imperativo. A conquista do mercado africano, 4º membro da OPEP, um mercado potencial de 350 milhões de habitantes, é fundamental para a consolidação do desenvolvimento brasileiro. E nesse sentido está tudo por fazer e isso nos favorece porque os colonialistas nada construíram; só exploravam as riquezas africanas. Outras vantagens do Brasil é sua situação tropical, que é uma similaridade positiva além da afinidade racial, porque somos um país africanizado.

7) Qual a imagem que se tem do Negro?

Hoje, mesmo depois de 89 anos de abolição, o negro carrega todo o peso de seu passado histórico. Passado que legou ao negro duas formas profundas de discriminação: a de ter sido escravo e colonizado. Nós, descendentes de africanos escravizados no Brasil, fomos marginalizados e ficamos órfãos de nossas origens. Em nosso país, formados de alienígenas que não se descaracterizam de suas origens, mesmo após a escravidão persistiu uma visão colonialista da participação do negro. O mesmo sentimento de inferiorização do negro herdado pelos descendentes dos colonizadores em relação ao africano no Brasil existe em toda parte do mundo em que o negro foi espalhado.

8) A Libertação Negra é uma Luta Anticolonial?

Sim, conforme lembrou Salim Salim, delegado da Tanzânia junto a ONU, que observou que os negros da América se identificam com os africanos e vice-versa porque pertencem a um só «estoque» e têm experiências históricas comuns. Então, é preciso reafirmar nossa formação nacional como dependente da contribuição de várias partes do mundo e reconhecer que em nossa sociedade os descendentes de cada «estoque» tornaram-se intérpretes dos interesses brasileiros junto as suas origens. Nós também temos que nos credenciar nesse sentido.

COORDENAÇÃO

Neusa Maria Pereira
Jamú Minka
Ndacaray Zalú Nguxi
Tânia Regina Pinto.

ILUSTRAÇÃO

Mensah Gamba

PASTORES DA NOITE

Até parece que o candomblé é somente uma religião. Esta concepção precisa ser banida, afinal ali é o local onde o negro aprende sua história, sua ciência e a verdade filosófica de sua gente.

E o candomblé é o meio social e o instrumento de maior resistência Africana. Para Marcel Camus, o negro e sua cultura ainda é uma manifestação exótica do «povo brasileiro».

Martin é o personagem central do filme de Marcel Camus baseado no livro Jorge Amado, Pastores da Noite, junto com Otília. Suas relações de amor, à «La Romeu e Julieta», são na verdade a maior prova de desrespeito que o homem negro, embranquecido, submete a mulher negra. Vivendo do jogo e de atos de malandragem, valoriza sempre a mulher branca, casando-se com ela, que, no entender de um personagem negro débil mental e gigante, «é uma moça fina e maravilhosa».

A autoridade, em princípio, emana da mãe de Santo e da cafetina, que tem seus maridos brancos, símbolos de status e capacidades da sociedade ampla, talvez uma forma de esconder suas negrões. A autoridade social emana do branco, marido da mãe de santo, que torna-se ao final do filme herói, morrendo pela preservação da favela.

E decepcionante saber que a personagem central, Otília, é uma negra com todos os tiques de branca, não dançando como negra, desconhecendo, apesar de baiana, o candomblé e com ingenuidade inadmissível para uma prostituta.

Os personagens negros mais autênticos, com forte potencial de liderança, estão a todo momento cercados de situações que os levam a uma opção de embranquecimento. Por ex.: a mãe de santo e a cafetina têm maridos brancos, Martin casa primeiro com uma branca, depois com a negra mais aculturada do meio: Otília.

É ridículo, o elemento símbolo de reprodução da espécie. A criança que nasce, apesar do pai negro, é loira, fato justificado quando um dos personagens afirma que a mãe tem antepassado «loiro de barba vermelha», e o mais ridículo é que o pai, negro retinto, acredita, apesar do filho não apresentar nenhum traço negro. Este, o débil mental.

Quanto à existência de uma maioria de marginais no candomblé, só nos mostra a capacidade de resistência da instituição, que decodifica a ação do homem negro na sociedade organizada por brancos, assumindo e julgando em função das suas atitudes no próprio meio social.

É duro assistir filmes negros escritos e dirigidos por brancos, principalmente quando assumem a postura de libertá-lo para si (o branco). Seria importante que os atores negros, de grande peso como Pitanga, Grande Otelo, comessem a pensar melhor na questão negra e tentassem dirigir em seus trabalhos uma crítica da comunidade negra que revertesse para a emancipação de nossa gente e deixassem de ser dirigidos por pensamentos paternalistas que só atrapalham qualquer tentativa de emancipação comunitária. Grande Otelo foi sempre o ridicularizador das nossas manifestações, o folclorizador de nossos principais elementos de emancipação.

É preciso consciência, é necessário o comprometimento do ator negro com os nossos problemas, necessidade e lutas.





contra o racismo por uma nova história

colômbia



Mirna Grzych foi a única jornalista brasileira presente no primeiro encontro dos descendentes de africanos das Américas em Cáli, Colômbia, em agosto. A exceção dos brasileiros, cuja representação não pôde viajar (por impedimento do Ministério da Educação e Cultura que alegou «não haver nenhuma relevância para a cultura o nosso comparecimento», conforme declaração de Clóvis Moura, presidente do IBEA - Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas), participaram delegações de Angola, EUA, Colômbia, Equador, México, Panamá, Peru e outros.

Nesse depoimento, Mirna Grzych falou também do descaço da imprensa para com o evento: «Sei que havia outros jornalistas interessados mas que não conseguiram ir a Cáli. Eu consegui porque viajei, pela Visão, para outros trabalhos pela América Latina. Tenho certeza de que se fosse só para o Congresso eu também não teria ido, pois, na imprensa brasileira não existe um real interesse para temas dessa natureza».

Versus- Como repercutiu a ausência do Brasil?

Mirna- O incidente foi muito noticiado e a denúncia do IBEA ganhou primeira página no jornal «EL PAIS». No Congresso, a ausência brasileira foi muito negativa, afetando a organização porque a representação brasileira detinha a presidência de um grupo de trabalho e secretariava outro. Isso causou muita indignação e resultou em carta de protesto enviada ao presidente Geisel por Manuel Zapata Olivella, criador do Centro de Estudos Afro-Colombiano e presidente do Congresso.

Versus- Como foi a participação dos brasileiros que compareceram?

Mirna- Todos participavam como delegados com direito a voto. **Eduardo Oliveira e Oliveira**, que viajou através da Ford Foundations, apresentou tese sobre «Etnia e Compromisso Intelectual». **Marina Senna**, historiadora mineira que viajou através do governo de seu Estado, não chegou a apresentar sua tese. **Sebastião Rodrigues Alves**, velho companheiro de **Abdias do Nascimento** - os dois eram amigos de porres, pauleras e quebraram muito bar e barbearias que não atendiam negros - compareceu com a tese «Somos Todos Iguais Perante a Lei», e foi o representante não acadêmico do Brasil, pois é um cara que transa na Lapa, um malandrão. Então levou uma visão muito brasileira e foi uma presença que descontraíu muito. Outro brasileiro presente era o **Abdias**,

que está surgindo como um grande líder da Negritude, respeitado tanto na África como nos EUA. Um cara de muita força, com uma profunda consciência e que está jogando a vida dele nisso. Ele foi através da Nigéria, onde é o chefe do projeto «A Cultura Africana na Diáspora», da universidade de Ifé. **Abdias** apresentou tese questionando a democracia racial no Brasil e «soltou uma bomba» denunciando um tratado que está para ser firmado entre o Brasil, Chile, Argentina e África do Sul, tendo os Estados Unidos por trás, e que, segundo ele, será um apoio aos regimes racistas de Smith, na Rodésia, e de Vorster, na África do Sul. **Abdias** estava bem documentado e conseguiu a abjuração desse tratado e essa decisão foi incluída nas resoluções do Congresso comunicadas à ONU, OEA e Organização da Unidade Africana.

Versus- Como foi a participação africana?

Mirna- Somente a Nigéria demonstrou estar engajada. E o país que recentemente realizou uma conferência contra o **apartheid**, além disso, fornece ajuda militar aos guerrilheiros que combatem o governo racista sul-africano. Seu representante no Congresso, **Wande Abimbola**, professor da universidade de Ifé, justificava que «nós estamos aqui lutando pela nossa vida, pela nossa dignidade» e se colocava como irmão. Dois representantes de Angola, quando solicitados a falar ou a votar, diziam que o problema era uma revolução estrutural, uma revolução social. O Senegal foi o saco de pancada do Congresso. Seu representante foi lá defender a Negritude segundo **Senghor** e o rapaz sofreu muito. Não colocou a questão em termos revolucionários como Angola e sim em termos existenciais e a coisa complicou muito. Ele distribuiu o livrinho do **Senghor**, entrou em discussão quase pessoais e não deu pra sentir uma política senegalesa em relação ao problema. Pelo contrário, foi muito escoregado. Ofereceu bolsa de estudo a quem quiser estudar cultura negra no Senegal. Também da Nigéria houve oferecimento de bolsa.

Versus- O afro-colombiano é mais organizado que o afro-brasileiro?

Mirna- Pode-se dizer que sim. Mas é pela própria condição do país, onde há voto, eleições e habeas corpus. Eles sabem que não têm possibilidade de vitória mas acham que isso vai conscientizar o negro colombiano para as futuras eleições.

Essas são as recomendações aprovadas pelo plenário do I Congresso de Cultura Negra das Américas.

RECOMENDAÇÕES APROVADAS

- 1) - Considerando que, além do aspecto sócio-econômico, existe o elemento **raça** usado para negar participação aos descendentes de africanos, pedir a todas as comunidades negras do continente, a seus escritores, artistas, antropólogos e educadores, assim como aos intelectuais e governos democráticos, que organizem a luta contra o racismo.
- 2) - Reescrever a história do negro para mostrar sua autêntica participação na construção da América e programar sua difusão na educação primária, secundária, universitária e familiar.
- 3) - Visando erradicar todas as formas de colonização, inclusive a lingüística, propor aos órgãos educativos dos países da América o ensino de uma língua africana para servir de educação e comunicação universal entre os negros de todo o mundo.
- 4) - Que se considere a Negritude como uma estratégia alternativa de participação e reclamo de direitos.
- 5) - Comunicar à ONU, à OEA e à OUA nossa repulsa e oposição ao Tratado do Atlântico Sul, que está sendo negociado entre o Brasil, Chile, Argentina e o governo racista Sul-africano e que será efetivamente um pacto contra os nacionalistas negros.

AMÉRICA NEGRA

Em nosso número anterior foi omitido o nome de **Antônio Carlos**, do grupo **Evolução**, autor do poema **América Negra**, que canta a opressão de uma cultura, de um povo trabalhador e criador. **América Negra** é o nome de um espetáculo.



ATO DE SOLIDARIEDADE

Se nasce negro é pecado
Como é que Deus pecou
Minha raça é órfã
De pai e mãe
E eu não tenho ninguém por mim
Onde estão meus irmãos...
onde estão...

Como todos os poetas negros, Belsiva, às portas da velhice, encontra-se incapacitado materialmente além de doente e na iminência de sofrer uma cirurgia.

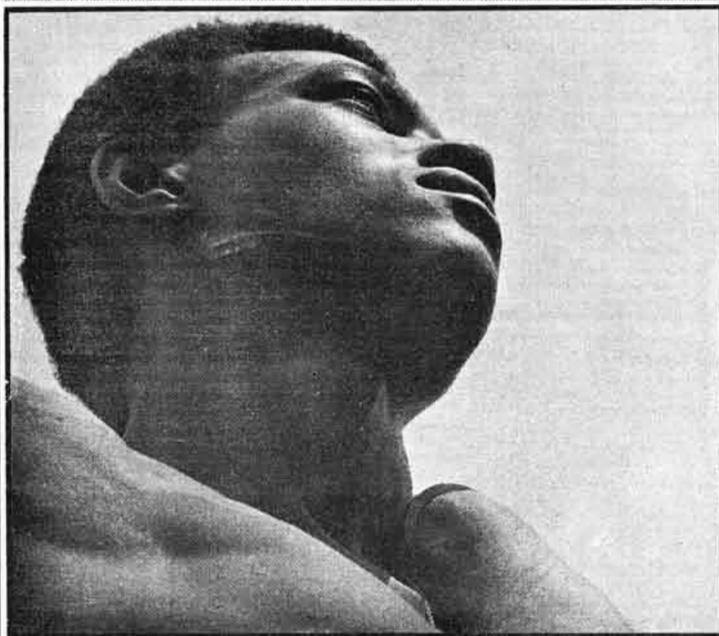
Se no passado nossos poetas foram esquecidos, hoje as coisas começam a mudar.

Dia 22 de outubro, no Cecan - Rua Maria José, 450, ato de solidariedade a Belsiva, às 20 hs.



PALMARES

Fazendo Liberdade



A CHEGADA

Os comerciantes procuravam sua carga. Compravam seus produtos e os vendiam. Nos caminhos das fazendas ou casas para onde eram levados, não podiam conversar. De diferentes Nações, às vezes em guerra na África, nem sempre compreendiam o idioma do companheiro.

A RESISTÊNCIA

O homem ou mulher que admite sua condição de escravo torna-se indigno de si mesmo. A africana ou africano nunca admitiram esta condição, ao menos coletivamente. E antes da organização coletiva pela libertação, as atitudes individuais. O suicídio é melhor que a escravidão: era praticado. Numa terra estranha, onde não se consegue a comunicação com os próprios iguais, difícil localizar a origem do mal, o sistema. A morte do senhor foi algum tempo símbolo da libertação. Eram justicados. Após a morte do senhor, surgiam o capitão do mato, os soldados da colônia. Era o sistema protegendo seus associados, colocando todos os pobres ou ricos em condição de ataque. E o africano se via só, com outros africanos escravizados.

A DESCOBERTA

Estar só, com outros africanos, foi uma grande descoberta. A fuga em grupos, para o mato, deixando, às vezes, o senhor morto para trás. Ou o capitão do mato, ou os dois. Os grupos seguindo para as matas, companhia natural. E seguiam-pés decalços, mente cheia de vontade de ser livre... Para

encontrar outros grupos...

O grupo aumentava e era preciso se estabelecer. Feito isto, o trabalho constante tirou comida da terra, organizou a povoação, construiu casas, armas para defesa e ataque. A vida em Comum. A memória nunca esqueceu os que ficaram. Voltavam para justicar senhores, capitão-do-mato e libertar africanos escravizados e seus descendentes. Assim as povoações cresciam.

Os estudiosos do sistema alertaram-no da ameaça que significavam as nascentes organizações paralelas e as leis chegaram a proibir «que mais de cinco negros andassem juntos...» Começou atacar. Era preciso destruir os QUILOMBOS.

Eram várias as povoações. E todas deveriam saber se defender. E se ajudar. Cada uma tinha seu líder escolhido em assembleias, onde todos deveriam participar. Os chefes em nova assembleia escolheriam o grande chefe. Dividir o serviço. Alguns administravam, cobravam tributos, outros faziam cumprir a lei.

Quando se cria um Estado em luta por liberdade, aprende-se a necessidade da disciplina. Quem entra na luta encontra fechada a porta da saída. É necessário o respeito a si e a outros. E puniam com morte, o roubo, homicídio, adultério e deserção, havia especial preocupação com mentes escravizadas.

As cidades tinham seu sistema de defesa organizados. Soldados que cuidavam principalmente da defesa e do ataque. Ao redor um estacado de paus cravados em

quatro faces, plataformas, enormes buracos contornando e adentrando o mocambo com estes pé de ferro, à espera do invasor. As milícias de defesa, de guerrilha, e de vigilância em postos avançados. Na emergência, todos pegavam em armas. A terra e a sua defesa eram direitos coletivos. Mas também, era necessário manter a vida. Plantavam feijão, milho, cana-de-açúcar, mandioca, além de produzir armas.

A GUERRA PALMARINA

Desde a chegada dos europeus na África, foi, a guerrilha, importante instrumento de Libertação. Angola, Moçambique e outras Nações a utilizaram para sua libertação. No antigo reino de N'gola, na República de Palmares já era utilizada.

Antes da invasão holandesa, apenas três mil africanos ocupavam a região Palmarina. Montanhosa e de mata cerrada, onde, segundo os invasores europeus, «A vida era impossível». Lá os Palmarinos sentiam-se seguros. Conheciam a mata, os animais, habitantes do lugar, estavam submetidos a menor selvageria que a da «civilização». Uma invasão européia encontraria a resistência natural da floresta. Se a transpusessem, «na subida do morro é diferente, o movimento é geral...», os Palmarinos estavam prontos para a luta, certos da vitória:

...«Folga nego/ branco não vem cá/ se vié/ o diabo há de levá/ Folga nego/ branco não vem cá/ Se vié/ Pau há de levá...»

E aí do agente colonialista que os alcançasse. Encontraria ali, a morte, a fome e jamais a fartura Palmarina.

Após 1630, com a invasão holandesa, as coisas haveriam de melhorar. O sistema oferecia alforria a quem lutasse em defesa dos interesses coloniais. Os holandeses ofertavam privilégios aos que colaborassem para sua vitória. Palmares esperava apenas os que quisessem ser livres. Buscava nas senzalas os seres humanos escravizados. O Estado negro rompia com os interesses de dominação. Muitos compreenderam que a liberdade não é dada, mas conseguida a custo de trabalho e perseverança. Não se confundindo com as elocubrações e bebedeiras noturnas. O Estado livre conheceu então um florescimento inesperado. Sua população cresceu como nunca.

Um dia os portugueses fizeram um acordo com os holandeses que antes de partir entregariam todos seus ex-aliados aos ex-inimigos. Estes foram punidos com a morte. Os aliados dos portugueses, como o negro Henrique Dias, tornaram-se agentes profissionais do colonialismo, criando batalhões de traidores como o *terço dos Henriques*. Jamais tiveram os mesmos privilégios que os agentes coloniais brancos. Eram vistos como ex-es-

Foi nos navios negreiros. Em grandes navios de velas brancas (símbolos da paz) lotados de africanos. Da África os navios partiam com 800 ou mais mulheres, homens e até crianças. Ao chegar, menos da metade estavam vivos. Ou sub-vivos. A partir daí apenas a vida de trabalho para o senhor.

Aparentemente vivos. Aparentemente mortos.

cravos, passíveis à reescrivição.

É a luta continuou. Rápidos ataques Palmarinos. Negros libertados. Senhores e capitães do mato justicados. Canaviais queimados. O recuo, com a mesma rapidez do ataque.

O colonialismo europeu em paz, voltaram-se as forças coloniais contra os inimigos internos. Várias expedições contra o Palmares. Em mais de quinze anos de luta, mais perdas que vitórias coloniais.

As expedições ao entrar nas matas ficavam perdidas. Ao achar as povoações não encontrava inimigos. Quando apareciam, era para causar perdas ao colonialismo. O hermetismo das Comunidades negras em 1600, com maior organização.

O Quilombo não se restringia às matas. Nas fazendas de cana, toda uma rede de informação palmarina. Alguns cumprindo sua função na condição de escravo, debaixo da chibata. Verdadeiros *livres* à serviço da coletividade. Estes os maiores heróis de Palmares. A repressão era conhecida antes de chegar. E era atacada de surpresa. Recuo imediato. Desaparecimento. Reparecimento com a maior potência. Desaparecimento. A guerrilha sendo utilizada.

Fernão Carrillo conseguiu a maior vitória contra Palmares. Em 1.677. Foi quando tanto o sistema como certas facções Palmarinas tentavam optar entre guerra e paz. A procura pela estabilidade. Ganga Zumba foi ferido em batalha.

Ganga Muíça mais 200 homens feitos prisioneiros. Outros mortos. O governador sentiu que poderia fazer política.

A derrota inflingida a Palmares entusiasmou senhores e ao governador. Carrillo dera Palmares por destruído, mas o governador não se deixou enganar. E propôs a paz.

Entre os Palmarinos haviam os que se preocupavam com as liberdades individuais. O governador enviou um traidor do *terço dos Henriques* à Ganga Zumba com proposta de paz à sua família e aos nascidos em Palmares. Uma embaixada, com três de seus filhos, aceitou a paz *honrosa*:

- Liberdade aos nascidos em Palmares;
- Concessão de terras para cultivar.
- Garantia de comércio e relação com os moradores.
- (e isto é vergonhoso...!) gozo de foro de vassallos da coroa.

Os adeptos de Ganga Zumba foram levados para Cacaú onde viveriam «em paz». A Bandeira branca deveria ser hasteada em Palmares.

Todo movimento libertador carrega a verdade e junto, seus adeptos. Só a verdade transforma. A Bandeira negra não seria derrubada.

Um homem só, jamais transforma um grupo social. O máximo que pode conseguir é canalizar aspirações coletivas. E Zumbi canalizou a dos africanos escravizados ou dos nascidos no Brasil: a vontade de ser livre. Apareceu pela primeira vez na história em batalha travada contra Jácome Bezerra, em 1672, desbaratando a expedição colonial. Casado, com filhos, e nascido em Palmares, tinha direito à liberdade de Cacaú. Preferiu a luta de todos os escravizados. Com outros soldados da liberdade.

E reorganizou a luta. Os ataques às vilas continuaram.

A repressão aumentou junto com as propostas de paz aos líderes Palmarinos. Os que resistiam na luta eram contra a liberdade de indivíduos ou de grupos. Objetivo: libertar todos os africanos ou descendentes, da retrógrada escravidão.

Os traidores não merecem viver. Ganga Zumba foi morto. Mas a traição tem braços longos, Cacaú tornou-se um forte braço do colonialismo. Ganga Zumba instalou a carnificina, lutando contra os partidários de Zumbi. Mato a dentro. A divisão causada pelo colonialismo surtia efeitos e só a «intervenção» do governo Pernambucano trouxe o final da luta.

Palmares, resistia: força, ideal de liberdade, vontade de ser.

Mas esta não era a única esperança negra. A América estava infestada de revolta, de guerrilhas. De todas suas montanhas irrompiam descendentes de africanos, organizados na luta pela liberdade. O Haiti e Jamaica criariam sérios problemas aos colonialistas europeus. A Europa poderia sofrer várias guerras internas mas estaria unida contra os povos não europeus.

Um padre italiano quis vir a Palmares trazendo Cristo - o pacificador. O Padre Antônio Vieira, com mais visão, propôs a destruição de Palmares, mais produtiva para o desenvolvimento cristão Ocidental do Brasil.

Os Palmarinos negavam a paz, oferecida, por ter perfeita consciência de seu sentido político. Sabiam que a paz dos «senhores» cria famintos que a guerra dos dominados por sua libertação, alimenta. Sacia o corpo e espírito. Traz comida e conhecimento.

O fogo queimava fazendas. Nos olhos negros brilhava a verdade da libertação. Os



ataques, geralmente, se davam à noite.

BANDEIRA BRANCA - PAZ

O sistema colonial é retrógrado. Tem por objetivo o progresso da pátria mãe. O sistema escravista e racista é mas ainda. Objetiva a maior exploração de determinadas classes e dominação de outras raças. Os colonialistas submetiam todos à fome, dominavam descendentes de africanos e os vários povos de origem americana. Em São Paulo, os mamelucos - fruto da sociedade «multiracial», formavam um grupo de meio explorados, meio selvagens. Dominados enquanto filhos da terra, selvagens enquanto parte do sistema colonial: eram os Bandeirantes. Sua principal função era sufocar as revoltas anti coloniais, dirigidas pelos habitantes de origem da terra invadida.

Quando das revoltas dos índios do Piauí, ameaçando o sistema neste local, lá estava Domingos Jorge Velho, o Paulista. Para matar, roubar, explorar e dominar. Para fazer as entradas. Penetrar na carne e na terra dos povos não europeus. E ali hastear a bandeira da colonização.

Ao mesmo tempo Pernambuco passava por terríveis secas. As classes ricas empobreciam, as pobres tornavam-se miseráveis. As condições eram propícias para transformações sociais que trouxeram o progresso social à região.

Palmares, fartura e exemplo de progresso. Os senhores do Nordeste receberam a aliança dos trabalhadores li-

vres. O racismo e o preconceito falaram mais alto. Conseguiram unir mais de onze mil homens para, sob a direção de Jorge Velho, organizar um ataque a Palmares.

Palmares foi destruído - 1694. Zumbi assassinado à 20 de novembro de 1695. Os quilombos continuaram nascendo e crescendo, explodindo em todos os cantos onde houvessem escravos. Zumbi foi apenas mais um quilombola. Nasceu, cresceu lutou e morreu. A tendência de se aglutinar longe do sistema não acabou. Palmares não foi o primeiro, nem o último. Ainda hoje ele se dá. Os descendentes de africanos criam um mundo próprio, solidarizando-se entre si, fugindo de uma sociedade opressiva. Os marginais de outras raças, refugiam-se nessas aglutinações.

No século XX manifesta-se na escola de samba, no candomblé. No início do século, nos grupos de capoeira. E sempre haverá: o *terço dos Henriques*, o acordo de paz, a bandeira branca da democracia racial para tentar se apropriar dessas aglutinações.

Mas a revolta surge. Renasce. Como no *soul*. A busca das armas utilizadas pelos brancos. Os ataques à estabilidade colonial. E sempre há quem reconstrua Cacaú. *Zumbi não morre.*

«Zumbi é cada negrinho que nasce. É cada marginal negro. Cada prostituta negra, cada mãe negra, cada pai negro. Zumbi é cada negro que se assume.

Eu sou Zumbi. Nós somos Zumbi...»

democracia racial: mito ou realidade?

Esta é a tese apresentada por Abdias do Nascimento no II Festival Mundial de Artes e Culturas Negro Africanas - FESTAC.

GENOCÍDIO- emprego deliberado de medidas sistemáticas (tais como matar, infligir danos físicos ou mentais, condições de vida insustentáveis, controle da natalidade) visando atingir a extermínio de uma raça, grupo político ou cultural, ou destruição da língua, religião ou cultura de um grupo.

(Webster Third New International Dictionary of English Language, Mass. 1976.)

O Brasil, como nação, se proclama a única democracia racial do mundo, e grande parte do mundo a vê e respeita como tal.

Mas, um exame de seu desenvolvimento histórico revela a verdadeira natureza de sua estrutura social, cultural e política: é essencialmente racista e vitalmente ameaçadora para os negros.

Através da era escravidão, de 1530 a 1888, o Brasil levou a cabo uma política de liquidação sistemática dos africanos.

Desde a abolição legal da escravidão, em 1888, até agora, esta política tem sido levada adiante por meio de mecanismos bem definidos de opressão, mantendo a supremacia branca isenta de ameaças neste país.

Durante a escravidão, a opressão aos africanos era tão flagrante que mereceu pouca atenção aqui; eram considerados sub-humanos e forçados a viver na imundície, miséria e degradação de seu status social. Isto significa negligência médica e higiênica, desnutrição, sujeição e abuso sexual.

Essa opressão física e econômica resultou na degradação mental e cultural do escravo, como todos estamos familiarizados. Depois da abolição, os senhores, principalmente os possuidores das plantações de café nos estados do Sul, recusaram-se a empregar os negros livres como trabalhadores, dando preferência aos imigrantes europeus brancos.

Assim negavam a seus antigos escravos os elementos mais básicos de subsistência, acusando-os de indolência e de não terem interesse em levar uma vida produtiva.

Eles ignoravam um fator básico: eles próprios haviam transformado o escravo em «pouco mais que uma besta e pouco menos que uma criança», através da exploração infame, transformando os resultados de sua exploração em argumento contrário a qualquer possibilidade do escravo ser um homem livre.

Desde os tempos da escravidão, o instrumento mais valioso de genocídio físico e espiritual da raça Negra tem sido a estrutura do poder político de branqueamento da população brasileira.

Os testemunhos da orientação, predominantemente racista, são muitos e variados.

Atestam a atitude prevalescente de que a população brasileira era feia e geneticamente inferior por causa da presença do sangue negro precisando por esta razão «se fortalecer através da junção com os valores superiores da raça eurocálica».

Essa atitude era endossada pela teoria supostamente científica e sociológica, que fornecia suporte intelectual vital à política da classe dominante.

«O meu argumento é que a futura vitória na luta pela vida entre nós pertencerá aos brancos».

O escritor José Veríssimo anotou:

«Como nos asseguram os etnógrafos, e como pode ser confirmado no primeiro olhar, a mistura de raças está facilitando o prevalecimento da raça superior aqui.



Mais cedo ou mais tarde, irá eliminar a raça negra.

Aqui, isto obviamente já está acontecendo».

Estes conceitos racistas também contam com o apoio religioso: mesmo a igreja católica sustentava que os negros sofriam de «sangue infectado». A natureza gritantemente racista das estruturas políticas do poder não é difícil de discernir: durante a administração de Getúlio Vargas, a 18 de setembro de 1945, através do Decreto-Lei nº 7967, o governo regulamentava a entrada de imigrantes de acordo com «A necessidade de preservar e desenvolver a composição étnica da população - as características mais desejáveis de sua antecedência européia».

O apoio da subestrutura intelectual e religiosa permitiu à estrutura de poder pôr em prática essa política em relação a quase todos os aspectos da sociedade brasileira.

Vários níveis e estratégias de dominação se desenvolveram na composição cultural da sociedade, sendo uma delas a repressão religiosa.

O imperialismo cultural branco, sem máscaras num movimento de aparente trocas de influências, foi rotulado entre os eruditos convencionais de **sincretismo religioso**. Esta expressão ignora o fato desse termo ser apenas legítimo se tal troca ocorrer numa atmosfera de espontaneidade.

De fato, a cultura afrobrasileira esteve submetida a uma imposição flagrantemente violenta de sincretização forçada.

Neste pretencioso conceito de «democracia racial», apenas um dos elementos raciais tem qualquer direito ou poder: o branco.

Ele controla os meios de disseminação da informação, os conceitos educacionais, as definições e valores.

Outro instrumento mortal neste esquema de imobilização e fossilização dos elementos vitais e dinâmicos da cultura africana é encontrado na sua marginalização como simples folclore: uma forma sutil de etnocídio.

Na verdade, tudo isso acontece com uma aura de subterfúgios a fim de diluir o seu significado e fazê-lo extensivamente superficial.

Os conceitos de Europa ocidental e branca dominam a cultura supostamente ecumênica deste país de negros.

Para esta cultura identificada com o branco, o homem folclorizado é o **homem natural**, que não tem história, nem projetos ou problemas: tem só sua alienação, sua privação de identidade; sua única identidade é sua alienação.

Uma vez que matéria-prima é uma não-identidade esperando para tomar forma, pode-se dizer que o folclore negro é a matéria-prima que c

branco manipula e da qual se beneficia.

O papel do escravo negro foi crucial para os começos da história e economia política em um país fundado, como o Brasil, sobre o imperialismo parasitário.

Sem a escravidão, a estrutura econômica não poderia ter existido.

O escravo construiu as funções econômicas da nova sociedade, curvando e quebrando sua espinha; seu trabalho foi a espinha dorsal da economia. Alimentava e reunia a riqueza física do país com seu sangue e suor, apenas para ver os lucros de seu trabalho apropriados pela força da aristocracia branca. Nas plantações de açúcar e café, nas minas, nas cidades, o africano era os pés da classe branca dominante, que não se degradava a si próprio com o trabalho. As ocupações primárias da classe branca dominante eram a indolência, o culto da ignorância e do preconceito, e a mais debochada luxúria.

Há uma crença generalizada, pregada pelos promotores e beneficiários da escravidão no Brasil e no resto da América Latina, que nas colônias espanholas e portuguesas da América Central, do Sul e Caribe a escravidão era menos dura que nas colônias inglesas, principalmente nos Estados Unidos. Muitos autores tentaram sustentar este argumento referindo-se ao fato de que havia mais mestiçagem entre espanhóis e portugueses e suas mulheres escravas, do que havia na sociedade de dominação inglesa. Este fato pretende provar o maior respeito pelos africanos como seres humanos por parte dos senhores brancos latino-americanos. Historicamente, esta concepção é uma total falsificação. A brutalidade e as crueldades, exibidas pelos proprietários e mercadores de escravos na América Latina, foi tão fantástica e desumana como em qualquer outras encontradas no Novo Mundo. O cruzamento do senhor branco com mulher africana foi mero resultado da situação colonial que aqui, era diferente das colônias inglesas nos Estados Unidos. Espanhóis e portugueses vieram para o Novo Mundo para fazer fortuna e voltar à Europa, e por isso deixavam suas famílias em casa, enquanto que os colonizadores ingleses vieram para o Novo Mundo para construir família. O uso sexual da mulher africana, para satisfazer o senhor branco na ausência de sua mulher branca, nada tinha a ver com respeito às vítimas deste estupro enquanto seres humanos.

Uma vez que a importação de escravos visava unicamente o lucro, estes estavam subordinados a uma ideologia que os rotulava de sub-humanos ou infra-humanos e eram relegados a um papel na sociedade que correspondia puramente a sua função na economia de mercado:

uma fonte de trabalho. Não havia nenhuma consideração para o africano como seres humanos com famílias. A proporção de mulheres para homens importados estava próxima de 1:5, e mesmo as poucas mulheres que vinham da África eram impedidas pela força de estabelecer qualquer estrutura familiar estável. Com efeito, a exploração sexual da mulher negra é uma das mais flagrantes ilustrações do caráter libidinoso, indolente, ávaro da classe dominante portuguesa. O costume de manter mulheres negras como prostitutas com finalidade de lucro era comum entre estes senhores: não eram só libidinosos, mas também adeptos da mais vulgar cafetagem.

O Brasil herdou a estrutura de família patriarcal de Portugal; e o preço dessa herança foi pago pela mulher negra, e não só durante a escravidão. Mesmo hoje, as mulheres negras, por causa de sua pobreza e falta de status social, é presa fácil e vulnerável da agressão do homem branco. Fato este que foi corajosamente denunciado no manifesto das mulheres negras brasileiras, unidas em um congresso nacional na Associação Brasileira de Imprensa, Rio de Janeiro, 1975.

Esta realidade social e diametralmente oposta ao mito prevalente que promove o desenvolvimento social do Brasil como um processo fácil de integração. Os homens portugueses, de acordo com este mito, não tinham preconceito de raça; ao contrário, sua falta de preconceito lhe permitiu manter uma interação sexual sadia com a mulher negra. Entretanto, um velho dito deste país, tão popular hoje como a um século atrás, desmente este mito, denunciando-o como uma falsa concepção estabelecida pela classe dominante:

O crime sexual da violência, cometido contra a mulher negra pelo macho branco, foi perpetuado através das gerações pelos seus próprios filhos mulatos, que herdaram o precário prestígio de seus pais e continuaram a explorar a mulher negra. Em uma tentativa de aliviar sua própria culpa nesta exploração sexual, a classe dirigente proclamou o mulato como a chave da solução do problema racial: o começo da liquidação da raça negra e o branqueamento da população brasileira. Mas apesar de qualquer aparente vantagem de status social, a posição do mulato é na realidade equivalente a do negro: o mulato sofre o mesmo desprezo, discriminação e preconceito na sociedade branca.

Este processo de exploração sexual resulta em simples genocídio. Com o aumento da população mulata, a raça negra começou a desaparecer. Este desaparecimento foi combinado com os maltratos e abusos da escravidão, que resultaram em uma taxa de mortalidade infantil extremamente alta. Em 1870, no Rio, cidade em que a população escrava era tratada com mais cuidado que em outra parte do Brasil, a mortalidade infantil era 88 por cento, 1.89 por cento maior do que a taxa de natalidade. As facilidades de importação e aquisição de novos escravos significava que a classe dominante perdia pouco tempo, gastava pouco dinheiro e não prestava atenção à saúde e higiene de seus escravos. Em consequência, como mostra Thales de Azevedo, em seu livro **Democracia Racial - ideologia e realidade**, o tratamento dos africanos no Brasil era tão brutal que

.....chegados da África - como adulto ou ainda moço - o escravo ao cabo de sete ou oito anos estava inútil para o trabalho.



RE-E-DU-CAR

Ao longo de uma reunião que começou em Maputo em março de 1977, Samora Machel, Presidente da República Popular de Moçambique, ao pronunciar discurso sobre os problemas da Educação, dentro do seu país, diante de funcionários, professores das onze diferentes escolas, traçou um quadro surpreendente das dificuldades dos jovens e o que eles precisam para fazer face ao problema. Ao mesmo tempo, aproveitou para fazer uma enérgica acusação contra o colonialismo que é inteiramente responsável pela situação:

«Quando nós tomamos o poder do governo em transição, haviam 4.500 estudantes na universidade, com 40 negros somente».

Os interesses individuais e o interesse das massas

ASSIM FALOU SAMORA:

Nossos inimigos dirão que em Moçambique nós não respeitamos a vocação das pessoas. A vocação das pessoas!... A vocação para ser médico!

Por isso seria bom refletir sobre o significado dessa palavra.

Dentro da sociedade colonial capitalista onde somos nascidos, tivemos alunos que negam vocação como sendo a união de idéias que são inculcadas, depois de certa idade, pelos nossos pais e pelos círculos que frequentamos. Nós podemos ir em direção a uma ativi-

dade que, eles pensam, trará mais vantagens para nós. Muitos colocam assim... Meu filho estuda para ser isso... ele sabe? Não sabe? Pouco importa. Ele estuda.

É o caso do pai, da mãe que inculca em seus filhos a idéia de ser médico, engenheiro, advogado ou economista. É o que eles sonham, muito dinheiro, um grande privilégio social ou muito prestígio social.

Se você pergunta: Qual é a profissão de seu pai? Certamente sofrerá dificuldades em responder que seu pai é pedreiro. É uma vergonha para ele. Ele tem vergonha de dizer a profissão de seu pai.

Eles estudam, se habilitam, comem, graças ao trabalho de seus pais, mas eles tem vergonha de dizer sua profissão.

Por isso, se eles prestam atenção verificarão que as «vocações», ditas vocações, recaem sempre sobre as posições de prestígio social.

Por que não declarar as «vocações» de pedreiro, ferreiro, fundidor, marceneiro? Por que não chamar de vocação ser mestre de obra? Por que não nos declaramos nestas vocações? Há vocação somente para tornar-se economista, advogado ou médico?

Nossa política é de conciliar os interesses da coletividade com as capacidades de cada um. Sem permitirmos que os interesses individuais se superponham aos interesses das massas trabalhadoras, nem dentro da prática, esquecidos que a verdadeira liberdade é fundada sobre a consciência da necessidade social.

Por isso, a vocação de cada um deverá ser sempre subordinada às necessidades objetivas do povo. Por isso a vocação de cada um.

Na época colonial, seus pais tiveram a «liberdade» de decidir se queriam ou não seguir a carreira advogacia, de medicina etc. Tiveram esta liberdade?

No tempo do colonialismo, poderíamos estar todos reunidos aqui? Vocês poderiam se reunir com seus professores? Com seus governantes? Vocês se reuniam para discutir debater a vida do povo, a sua vida? Teriam se reunido um só vez assim? Agora, onde está a liberdade?

As tarefas dos estudantes

Aos alunos nós dissemos: vocês são os continuadores da revolução, em vocês, colocamos todas as nossas esperanças do futuro do nosso povo.

Mas para que possam continuar a revolução, devem assumir o sentido profundo de sua missão de estudante.

Compreender que a escola, onde estudam, é o fruto do sangue e do sacrifício do nosso povo. As pedras, as paredes, o teto são o resultado do sangue, do sangue que se misturou ao suor das paredes, que permitiram a construção do telhado. Suor e sangue de nossos antepassados. Sacrifícios e privações de nossos antepassados que construíram as escolas.

É necessário que nossos alunos tomem consciência, devem compreender que serão o fruto da luta do nosso povo, as escolas existem para servir ao povo. É ele quem

constrói a escola, quem financia sua construção. O povo paga impostos.

É o povo que paga os professores, os livros, os transportes para as escolas e as estradas para uso dos ônibus escolares.

Estudar, a tarefa prioritária. Estudar para melhor servir o povo e não utilizar seus conhecimentos em benefícios próprios e contra os interesses populares. Vocês tem a escola para cumprir uma tarefa, que o povo lhes confiou e não para realizar seus desejos pessoais.

É por isso que ela é ligada ao Partido e ao Estado, que representam a vontade do povo, de decidir seu futuro de estudante. É o partido e o Estado que vão decidir, onde cada um precisa estudar e em seguida trabalhar dentro do interesse do povo e das necessidades do país.

Outros devem produzir para não esquecer sua origem de classe, para aprender a ligar sempre teoria e prática, base do conhecimento científico. Produzir para que a escola seja suficiente.

Nosso país não tem dinheiro. Para servir a todos, a escola não pode ter uma carga financeira que nós não suportamos. Vocês devem lutar por um lugar na vida dentro da escola e dentro da coletividade, onde ela está inserida. Para conhecer a vida do povo devem zelar pela conservação de sua escola. Assim serão dignos dos sacrifícios, contentidos pelo povo, para que pudessem estudar. Vocês defenderão, consolidarão, valorizarão as conquistas da revolução.

25: africa made in africa

Porque existe em vários centros de divulgação cultural uma resistência sistemática a uma imagem mais real e completa das transformações que estão gerando uma nova África, a exibição de 25, - filme que narra o processo de libertação de Moçambique, - apresentado na 1ª Mostra Internacional de Cinema do Museu de Arte de São Paulo, nos dias 25 e 30 do mês de outubro, foi um fato excepcional.

O constante desinteresse dos meios de comunicação de massa do Brasil para com as realizações atuais das civilizações negras, tem resultado numa imagem incompleta que nos impede de compreender a realidade africana que, como a brasileira, é de terceiro mundo. No que deve interessar especificamente aos afro-brasileiros a prioridade oferecida aos acontecimentos europeus e norte americanos por importantes órgãos de comunicação, coopera para o isolamento cultural e espiritual dessa comunidade, distanciando-se das manifestações da cultura negra e africana no mundo. Inclusive essa situação não combina com a políti-

ca do governo brasileiro que, valendo-se de nossa condição de maior comunidade negra fora da África, tenta conquistar clientes e aliados nesse continente que é «um mercado potencial de 350 milhões de habitantes e é fundamental para a consolidação do nosso desenvolvimento», conforme declara o deputado Adalberto Camargo, presidente da Câmara de Comércio Afro-brasileira.

O escasso material apresentado no Brasil sobre o Il Festac - Festival Mundial de Artes e Cultura Negra e Africana realizado na Nigéria, no início deste ano, é exemplo do descaço brasileiro para com as novas experiências que envolvem a parcela da humanidade que é de raça negra. Criticado por não ter dado cobertura ao festival, um tradicional complexo jornalístico paulistano esclareceu que ficou a espera de notícias das agências internacionais e que o material recebido não foi utilizado por não ter conteúdo. Além disso, o único documentário brasileiro sobre essa importante realização da cultura negra, produzido pela equipe da Bliimp Filme negociado com uma grande rede nacional de TV, depois de sucessivos adiamentos, acabou não indo ao ar porque a empresa de comunicação alegou que «o material tinha perdido a atualidade». Como alternativa para seu trabalho

não ficar mofando nas prateleiras, seus realizadores vêm, exibindo-o em entidades culturais do Rio e de São Paulo tendo sido apresentado no Museu da Imagem e do Som e no Ceca - Centro de Cultura e Arte Negra, na capital paulista.

Analisando o material fornecido pelos jornais brasileiros sobre a guerra de libertação de Angola, A. Dines, jornalista preocupado com o desempenho da imprensa nacional, também apontou a ineficiência dos grandes periódicos nacionais ao tratar da realidade africana.

A partir daí e a propósito da estreia de 25, no Museu de Arte de São Paulo, será lógico cobrar para esse filme a mesma facilidade que teve o cínico *Amigos Inseparáveis*, filme que dá uma visão simplista e falsa do *apartheid*, esse monstruoso sistema montado na África do Sul, o país mais racista do mundo. O sentimentalismo pegajoso desse filme que fala da amizade de dois garotos sul-africanos, um dos quais é branco, joga com uma situação de amizade falsa e que dificilmente se daria na prática, pois, a legislação sul-africana proíbe que os operários negros, que vivem nas áreas brancas, residam com suas mulheres ou filhos. O clima do filme mascara a verdade sobre a convivência racial sul-africana, produzindo uma versão tolerante do sis-

tema regulado pelo *apartheid* que é considerado pela ONU como «um crime contra a humanidade». *Amigos Inseparáveis* teve livre trânsito entre nós, sendo exibido recentemente (de 03 a 21/8) nos cinemas Arouche, Rio e Rialto, em São Paulo, cumprindo circuito da Distribuidora Sul Paulista. Até a crítica de um jornal paulistano (JT 03.8.77) caiu na armadilha sentimentalíde desse filmezinho simpático ao *apartheid*, considerando-o «um filme que faz bem ao espírito, que exalta valores humanos esquecidos como a amizade sem preconceitos». Vinde de onde vem essa manipulação cinematográfica, só seria correto considerar a ausência de preconceitos se houvesse posição contra o *apartheid*, coisa que o filme nunca chegou a sugerir.

25 através da colaboração dos cineastas brasileiros Zé Celso Martinez e Celso Lucas, refaz a velha interação África-Brasil, é a liberdade, a dignidade humana renascida na Nova África. É sobretudo a África por ela mesma. Impedir 25 é boicotar a imagem africana *made in Africa* é conservar uma ótica colonialista e se limitar a Idi Amin, Macias, Bokassa e outras crias do neocolonialismo, que são os personagens mais constantes nas notícias africanas, fornecidas por europeus e americanos e reproduzidas aqui.

EVOLUÇÃO

Em julho deste ano, o Grupo de Teatro Evolução, declarava à *Afro Latino América*: «E o que tentam fazer conosco - empanar nossos valores, esconder as manifestações Negras, que existem dentro desta sociedade. Parece até que a sociedade brasileira tem vergonha da Cultura Negra. Só assume os valores quando já os tem nas mãos, assim como o Carnaval». E nesta época planejava participar do 1º Congresso de Culturas Negras das

Américas, no mês de agosto em Cali - Colômbia.

Ironicamente, apenas um mês depois, viu confirmar-se, mais uma vez a realidade de suas palavras, já que a delegação brasileira para o Congresso, da qual fazia parte, viu-se impedida por órgãos oficiais, de participar do Encontro - a taxa de isenção não foi liberada.

Mas o Evolução, nascido na periferia social e racial, sempre teve de caminhar descalço pisando a terra dura. Depois do frustrado projeto de viagem, a reflexão e a busca deu mais forças.

Durante dois meses, seguiu levando o trabalho *Contrastes* para as

Comunidades Negras de São Paulo. «Você diz que faz, mas fala demais... Teorize menos, faça mais, faça mais...». É preciso acabar com a defasagem entre pensar e agir.

«América Negra, levante, Grite!» «Levantar em busca dos caminhos da Nova América, re-des-co-bri-la. Ninguém deve viver isolado num pequeno espaço».

«Não fui eu que matei Atahualpa, não fui eu que matei Zumbi... Não fui eu que queimei Palmares... América. América...». Ela é grande e de todos que trabalharam na sua construção.

O Grupo de Teatro Evolução se

apresenta nos dias 28, 29 e 30 de novembro, no Teatro Paulo Eiró, em Santo Amaro - Rua Adolfo Pinheiro, 765 - As 20,00 horas.

«América, América», é um grito a todos que trabalham na construção do continente. Uma homenagem aos heróis assinados.

coordenação afro latino américa. redação: jamu minka, tânia regina pinto, ndacaray zulu nguxi visual: mensah gamba, ubirajara motta, luiz claudio colaboradores: carlos alberto medeiros, josé ricardo d'almeida, lélia gonzales, tenka.



As fotos de Afro Latino América, editadas no nº anterior, foram feitas por Mário Spinosa. (N.R.)

Coordenação Afro Latino América.
Redação: Jamú Minka, Nhomulo, NdacarayZulú, Nguxi.
Visual: Ubirajara Mota, Luiz Cláudio, Jacques, Márcio Black, Olémen.
Colaboradores: Carlos Alberto Medeiros, José Ricardo D'Almeida, Lélia Gonzales, Tenka.

Organizar. Reorganizar. Mobilizar. Esta a palavra de ordem de diversos setores da sociedade em que vivemos. E como maioria da população, qualquer transformação se reflete diretamente em nossa existência coletiva: somos trabalhadores. A atuação individual sempre foi prejudicial à organização de qualquer grupo humano. Portanto, é necessário rever fatos. É preciso agir. Se por um lado não podemos parar, por outro lado devemos caminhar na direção correta. O Negro vive, no Brasil, a realidade de dois mundos: o de origem, seu, e aquele que o domina, para o qual produz. A transformação de qualquer um deles influi na sua existência, logo, em qualquer atuação é necessária uma análise crítica dos dois. É duro, mas necessário.

RACISMO 77

O PODER NEGRO EM REVOLTA

Revoltar-se, «sair pelas ruas e matar todos os senhores e os brancos da cidade» como planejavam os antigos escravos?

Seria esta a direção da luta dos negros na atualidade?

Ou entre muitas outras coisas, deveríamos estudar e desmistificar os «fatos históricos» que nos fazem crer que o estágio cultural antigo do negro estava ao nível de uma organização social não muito mais distante e elevada que a do animal, tirando-nos qualquer apoio moral de iniciar uma luta baseada em nossa negritude. Mas que hoje, vendo os africanos desempenharem um importante papel nos assuntos da humanidade, sentimos despertar um sentimento de grande orgulho de nossa própria raça e vêm-nos um profundo desejo de indentificarmos-nos com o nosso passado.

Da desmistificação do conhecimento distorcido e da inteiração de nossa presente realidade, a tendência anterior de «fugir» ao pecado de ser negro é substituída pela ênfase de ser negro.

O que fazer movimento Negro? Fica aqui uma sugestão: que se leia o livro «O PODER NEGRO EM REVOLTA» de Claude Lightfoot.



«de janeiro a janeiro o negro destina-se a motivos carnavalescos, procurando não um divertimento, mas uma forma de afirmar-se especialmente, sem conseguir libertar suas mentes das algemas do cativo. Esta página negra da História do Brasil deve ser banida das consciências, não servindo de motivo para subterfúgios e vinganças sutis ou separatismo em forma de protestos folclóricos. Esta desculpa de querer procurar as origens é uma maneira de querer afirmar alguma coisa, que infelizmente não é importante como querem fazer parecer...» (Antonio Mauro de Souza, RJ, Cartas do Leitor, Jornal do Brasil — 8.12.77).

Racismo — BH — «O Minas Tênis Clube nunca teve preconceito de raça. No dia 10 de janeiro deste ano, o porteiro Elcio Neves de Oliveira, dizendo cumprir ordens do superintendente, barrou a entrada do agente da Polícia Federal Agilto Monteiro Filho e familiares, todos negros, que iam almoçar no restaurante do clube». (Jornal da Tarde — 10.1.77).

...«As fanfarrônicas do Sr. Idi Amin e a estréia do filme King Kong em São Paulo... O Jornal mostra Idi Amin, comparando-o com o macaco King Kong. Realçando o nariz de Idi Amin com o nariz de King Kong (...). As mesmas crianças que me chamavam de macaco são as que agora fazem esta comparação». (Carta ao Jornal da Tarde 22.6.77).

Jards Macalé — Contrastes... «o resultado é um disco desigual, algumas vezes de mau gosto, a partir da capa que mostra o escuro Macalé beijando uma branca...» (Jornal do Comércio do Recife — 13.7.77).

«... Macalé não fez ainda nenhuma piada a respeito (...), mas o produtor Hélio Rodrigues está vendo que medidas poderá tomar na Justiça. Afinal, racismo é proibido neste país», diz ele. (Folha de São Paulo 28.7.77)

Guazzelli esclarecerá caso de racismo no Sul.

Caçapava — Negro proibido de entrar no Baile da União Caçapavana, onde seria escolhida a rainha estudantil. Estavam programados dois bailes para este dia, mas o Baile dos Estudantes Negros foi suspenso na última hora por intervenção policial. O estudante negro denuncia a

discriminação racial e o prefeito Cleo C. de Mello (Arena) negou e disse: «isso é pura onda, exploração política, coisa de estudantinho de esquerda», mas reconheceu que alguns diretores «Não deixam os morenos entrarem» (Folha de São Paulo 29.7.77).

Racismo: horror e protesto no Sul. Caçapava do Sul — RS — O Ministério da Justiça pediu ao governador determinar urgente inquérito, (...) Um grito geral. Pau nos racistas! Que o governo aplique a Lei Afonso Arinos (...) Rio Grande é um exemplo de como devem viver pretos e brancos, sempre com seus clubes de portas abertas. É verdade que só o desejo dos brancos não resolve. Falta poder aquisitivo aos negros. (Folha de São Paulo 29.7.77).

Racismo em Rio Preto Um clube recreativo e popular, o Jôquei, discrimina contra pretos nos bailes pagos. Jôquei Clube já discriminou: Paulinho, Jairzão e Iaúca, mesmo quando os dois últimos ainda jogavam no América. (Dia e Noite — São José do Rio Preto — 31.7.77) Mendonça — ex-favelado luta para ser campeão

...«mas também fala de racismo, da discriminação que os homens da sua cor sofrem (...) pior é quando depois do pouco caso do cidadão que vive falando negro ou lato é coisa de preto, fica sabendo que o negro é o João Mendonça e muda o comportamento (...). A discriminação, no Brasil, é mais na parte econômica. O pobre não é respeitado, como homem. E o negro é pobre, nunca teve oportunidade desde a escravidão (...). A discriminação existe sim...» (Folha de São Paulo 5.8.77).

Não há racismo no prédio. A imobiliária garante.

...Recentemente, o compositor João do vale foi obrigado a utilizar o elevador de serviço, do Edifício da Rua Veiga Filho 435, que está sob a responsabilidade da Lloyd Administradora. O porteiro, homem digno, confessou que recebeu ordens para agir assim, e garantiu que sustentaria até na frente do presidente Geisel. (Jornal da Tarde — 11.8.77).

O escultor baiano Geraldo Teles, negro, um dia foi visitar a sobrinha de dona Leonor, viúva do ex-governador Adhemar

de Barros. O porteiro do Edifício não permitiu que ele subisse pelo elevador social «Pegue o do serviço. Este é reservado aos moradores daqui. São ordens que tenho». (Folha de São Paulo — 12.8.77) Negritude

«Entre um operário branco e um negro, o patrão sempre escolhe o primeiro». (Clóvis Moura - Folha de São Paulo — 22.8.77) Revoltas? Incêndio? Greve de Fome? Não, diz o delegado.

Macumba. Esta é a única explicação para o revólver tipo Mauser que o preso Geilson dos Reis tinha nas mãos. Provavelmente feito com cera preta das velas destinadas aos «Santos» e modelado com muita habilidade. (Jornal da Tarde — 17.9.77 — a respeito da «luga do preso»).

Brasileiros não podem discutir questão do negro.

MEC proíbe viagem ao exterior de onze negros e africanistas que iam participar do I Congresso de Cultura Negra das Américas (Folha de São Paulo 26.8.77).

Mestre Gilberto Freyre, que entende como ninguém de Brasil, escolheu Vera Fischer e Sonia Braga como os tipos genuínos de mulher brasileira. Alguma objeção?

(... Apenas a loura e a morena? E as mulheres de ascendência oriental, a índia, a negra ...? Isso sem falar nos autênticos produtos nacionais (...), as folclóricas mulatas.

—«Quero deixar bem claro que me detive só nas características antropossociais. O andar da brasileira, por exemplo, assume aspecto de dança». (Fatos e Fotos 5.8.77) Gente — 28.11.77)

Racismo é denunciado. Belém — A bancada do MDB na Assembleia Legislativa vai pedir explicações à embaixada da África do Sul no Brasil, a respeito da atitude de seu embaixador, John Frederick Pretourius, que durante sua estada nesta capital na semana passada, teria se recusado a visitar, mesmo protocolarmente, o prefeito Ajax de Oliveira, por este ser negro (Folha de São Paulo — 28.9.77)

(E este embaixador ainda está no Brasil? N.R.)

Nicolas Guillén

pequena Ode a um boxeur cubano

Tuas luvas
postas na extremidade do teu corpo de esquilo
e o punch do teu sorriso.
Boxeur, o Norte é feroz e rude
Essa mesma Broadway,
que se derrama com o sangue da veia
p'ra vir assobiar junto dos ringues
em que saltitas como um moderno elástico macaco
sem o apoio das cordas
nem almofadas de clinch;
essa mesma Broadway
que engordura de assombro a boca torpe
perante os teus punhos explosivos
e os teus atuais sapatos de vernis.
É essa mesma Broadway
que estende o seu focinho com língua enorme e úmida
para lambar gulosa
todo sangue de nosso canaviais
Mas é certo que tu
não estás a par de certas coisas nossas,
nem de outras certas coisas deles
porque o training é duro e o músculo traiçoeiro
e é preciso que estejas hecho um toro
como dizes alegremente, para o golpe doer mais.
Teu inglês
um pouco mais precário que teu débil espanhol,
serve-te apenas para ouvir sobre lonas
o que em seu verde slang
mastigam as mandíbulas daqueles que derrubas
jab a jab.
Talvez não necessite em verdade outra coisa,
pois, com certeza pensarás,
já tens o lugar feito.
É bom, ao fim e ao cabo,
achar um punching bag,
eliminar gorduras ao sol,
saltar,
suar,
nadar,
e da ginástica suiça ao shadow boxing
boxing
da ducha ao refeitório,
sair forte, ágil, apurado
como um bastão recém lavrado
com agressividades de Black Jack.
E agora que a Europa se desnuda
para tostar a carne ao sol,
e procura no Harlem e em Havana
o jazz e o balho popular,
há o orgulho de ser negro enquanto o boulevard aplaude
e frente à inveja dos brancos
falar em negro, de verdade.



Steve Biko

AMANDLA

No dia 12 de setembro morreu no cárcere em Pretória, capital da África do Sul, o dirigente nacional do movimento negro Steve Biko, com a idade de 30 anos. Foi preso a 18 de agosto, mas há quatro anos pesava sobre ele a pena de bannishment (proibição): não podia sair de sua cidade de residência, a pequena Kingwilliams-town, nem reunir-se com mais de uma pessoa por vez.

Segundo o ministro da Justiça, James Kruger, Biko morreu devido a uma greve de fome. Mas os médicos que fizeram a autópsia, diante de vários jornalistas, constataram que o peso de Biko era normal; que apresentava queimaduras em diversas partes do corpo; que várias de suas costelas estavam quebradas e tinha um hematoma de aproximadamente oito centímetros na cabeça. Além do mais, havia sofrido um derrame cerebral, provocado por lesões. Conhece-se a brutalidade do governo do apartheid. Seguramente Biko foi torturado até morrer. O próprio regime de Pretória o confirmou a sua maneira. O chefe de polícia, Gert Grinsloo, anunciou a primeiro de outubro a possível aplicação de sanções a policiais e carcereiros que participaram da prisão de Biko. Segundo *The Economist*, de Londres, com isto o regime do apartheid procura um bode expiatório, além de pretender colocar uma pedra sobre o assunto.

Por volta de 68, quando estudava medicina na Universidade de Natal, Steve Biko foi um dos fundadores e primeiro presidente da Organização dos Estudantes Sul Africanos, entidade de estudantes nacionalistas negros. Depois, no bairro negro de Soweto, foi um dos organizadores do movimento pela consciência negra, que reúne atualmente diferentes organizações políticas nacionalistas. Seu objetivo é promover a dignidade do povo negro e o combate contra o racismo e opressão. Em 72 foi um dos fundadores do Congresso do Povo Negro, que atualmente é uma das

organizações políticas negras mais importantes do país.

Após a grande insurreição de Soweto, em junho de 76, foi preso sob a lei antiterrorista que prevê encarceramento por tempo indeterminado, sem direito a julgamento. No cárcere, foi entrevistado pelo jornalista John Burns do *New York Times*. «Ele me esclareceu, diz Burns, que um governo formado pelos grupos de consciência negra aplicaria uma política de socialismo negro, restringindo severamente a empresa privada, e limitando, senão eliminando totalmente, a inversão estrangeira».

Logo depois do assassinato de Steve Biko, uma onda de mobilizações sacudiu a África do Sul. E seu eco foi mundial. Nos EUA, por exemplo, a Coalizão Estudantil Nacional Contra O Racismo, formada em Boston no ano passado, emitiu um comunicado.

Mil e quinhentos estudantes da Universidade Sul Africana de Fort Hare participaram de uma mobilização reprimida por policiais e cães. Nos dias posteriores, em toda a África do Sul ocorreram manifestações. No dia 21 de setembro, a polícia atacou uma manifestação com chicotes de couro cru. Foi assassinado o estudante William Mdladlamba, de 15 anos.

A 15 de setembro, Biko foi sepultado em sua cidade natal. A polícia fechou as vias de acesso a Kingwilliams-town, impedindo que muitos automóveis e ônibus vindos de todo o país, lá chegassem. No atáúde de Biko estavam gravados os símbolos do Movimento pela Consciência Negra; dois braços com correntes e a legenda: «uma Azânia, uma Nação». Azânia é o nome que o movimento nacionalista negro dá a África do Sul. Os manifestantes acompanhavam o caixão e com o punho para o alto gritavam: Amandla: (poder).

Um dos oradores disse: «Biko não morreu em vão. Entre nós nascerão outros 100 Steve Biko».

Achamos que qualquer ação deve buscar o devido apoio da Comunidade, na ação coletiva. Também não se pode abandonar os que foram arrancados da comunidade. Ainda estes são nossos irmãos e precisamos deles em casa, organizada ou por organizar, mas em casa. É preciso voltar. Não devemos, em nenhum momento, nos esquecer que soluções não saem de cartolas mágicas, de grupos inertes e muito menos do gênio de indivíduos que conseguiram determinados privilégios, inclusive o de ter tempo para pensar (sem negar a importância do pensamento). É da ação organizada e dinâmica, da experiência histórica e da consciência coletiva, que nascerá o futuro.

**«Dentro de um século a nação será branca».
E os nossos filhos ?**

O choque de conservações intelectuais na construção dessa política foi crucial para sua aceitação. Na década de 1920, quando o Brasil estava promovendo, por Lei, a imigração de europeus brancos (raças celtas e nórdicas, ibéricos, eslavos, alemães, portugueses, espanhóis, austríacos, forças italianas), a justificação «científica» dessa política e o seu objetivo eram amplamente divulgados. Oliveira Viana, mulato cientista, confirmou que: «O grupo étnico que mais contribui para a «miscigenação» tem o potencial para dominar a composição da população, não só no seu tipo morfológico, mas também seu tipo psicológico e cultural».

O escritor Paulo Prado afirma que: «Na constante mistura de nossa vida desde a era colonial, o negro está aos poucos desaparecendo, sendo transformado numa imagem enganadora do ariano puro».

Arthur Neuva elogia, em 1921, a política de imigração: «Dentro de um século a nação será branca».

João Batista de Lacerda, único delegado latino-americano num congresso universal de raças, em Londres, em 1911, predisse que até 2021, a raça negra terá desaparecido no Brasil:

«Devido a esse processo de redução étnica, é lógico esperar-se que no correr de um outro século o mestiço (meio sangue) terá desaparecido do Brasil. Isso irá coincidir com a eliminação paralela da raça negra do nosso meio».

A estatística de população mostra a mecânica desse linchamento social dos negros. De acordo com os cálculos de 1600, a população consistia de: 35.000 índios, 10.000 brancos e 20.000 africanos e descendentes.

A pesquisa demográfica de 1798, (T. Azevedo — Os grupos negro africanos), resultou nos seguintes dados: 250 mil indivíduos civilizados, 1 milhão e dez mil brancos, 1.582.000 escravos e 405.000 negros livres.

O famoso político Rio Branco mostra que, em 1822, havia uma população de 3.800.000 com: 1.043.000 brancos, 1930.000 negros e 526 mil mulatos.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, a população se desenvolveu de 1872 a 1950 da seguinte maneira:

	1872	1890	1940	1950
Negros	19.68	14.63	14.64	10.96
Pardos	42.18	41.40	21.20	26.54
Branços	38.14	43.97	63.47	61.66

Pardos — de pele marrom, no eufemismo para mulato isto é, negro.

Nesta estatística de percentagem de cada grupo na população, o declínio da

população negra é evidente ao lado de um crescente embranquecimento do país.

Esses dados apresentam uma imagem, retorcida da população, já que as pressões sociais sobre os negros no Brasil produzem uma subcultura que se identifica com os brancos: mulatos claros se consideram brancos, negros como mulatos, mestiços como pardos, ou outro eufemismo qualquer. Essa tendência já vem se mostrando há muitos anos, como observou o visitante francês José Maurício Rugendas, em 1862:

«É verdade que a lei dá aos negros o direito de votar ou ter empregos, mas os oficiais de pele mais ou menos escura não se opõem em reconhecer como brancos a todos que se consideram como tal, providenciam para eles a documentação necessária para estabelecer a pureza das origens».

Em 1889, o ministro das finanças Rui Barbosa ordenou que todos os documentos e estatísticas relativos a escravatura e ao comércio de escravos fossem destruídos. Essa foi uma circunstância que dificultou o entendimento da experiência negra no Brasil.

O mais recente senso demográfico eliminou qualquer referência à origem racial ou de cor, um fato que facilita a manipulação de estatística pela classe governante. Essa situação cria mais um instrumento de controle social. A realidade de nosso relacionamento racial é encoberta e qualquer informação que os negros poderiam usar na sua luta pela libertação do controle social é impossível de obter.

Esse processo ocorre com a justificação de que é baseado num preceito de justiça social: qualquer um é brasileiro, seja ele preto, branco, mulato, índio ou asiático. Na verdade, as classes dirigentes consideram todo movimento negro de conscientização de sua própria situação como uma agressão ou imposição de um negro fictício; o objetivo de melhora a compreensão da sua situação com relação a estrutura de poderes como uma ameaça à unidade nacional.

A justificativa da política das classes governamentais, através dessa ideologia dita igualmente racial ou genética do homem negro, nega-lhe uma identificação racial. Portanto, apesar de na realidade social o homem negro ser discriminado justamente por causa de sua raça e cor, lhe é negado pelos fundamentos legais o direito de autodefesa. A constituição não reconhece entidades raciais; qualquer um é simples brasileiro. Como tal, essa ideologia de «igualdade racial» é simplesmente duplo critério, uma ferramenta usada, convenientemente, no interesse da estrutura de poderes. Não existe, para um grupo discriminado e oprimido, meios legais de protesto contra a injustiça racial, já que a Lei não reconhece entidades raciais.



Café Paris

TODAS SEGUNDAS FEIRAS
NOITE DO CHORINHO

o seu encontro com gente, café e livros

Rua Waldemar Ferreira nº 149 - butantã - S.P

VERSUS

VERSUS

Coleção encadernada Edição limitada

Quem conhece VERSUS sabe que o jornal é uma fonte permanente de consulta. As coleções completas estão se esgotando.

A coleção do nº 1 ao nº 7 contém uma edição especial em quadrinhos. E a coleção do nº 8 ao nº 14 contém uma edição especial sobre o aniversário da morte de Pablo Neruda e do golpe militar chileno. Comprando uma coleção você ganha como brinde o livro sobre Paulo Pontes «A Arte da Resistência» ou um Livro de Quadrinhos.

Comprando as duas coleções você ganha os dois livros e mais um disco de Marcus Pereira, Música Popular do Sul.

Nome.....

Endereço.....

Cidade..... Estado..... CEP.....

Coleção do nº 1 ao nº 7 (Cr\$ 300,00) Cores

Coleção do nº 8 ao nº 14 (Cr\$ 300,00) vermelho

cheque nominal preto

Vale postal verde

O cheque nominal deve vir endereçado para Editora Versus Ltda. Remeta para Editora Versus Ltda, Rua Capote Valente, 376 - São Paulo. SP. CEP 05409



Paraventi
é o que é

RUA GOMES DE CARVALHO 892-SP-FONE 244-07-26

NAS LIVRARIAS

coleção testemunhos **VERSUS**

Nas livrarias ou pelo Reembolso Postal Cr\$ 50,00 Pedidos a Editora Versus Ltda





afro
latino
américa

Dentro do atual contexto político, onde o Partido Socialista apresenta-se como a alternativa mais consequente para a atuação das camadas marginalizadas da sociedade brasileira. Jean Paul Sartre pensa a atuação do negro socialista. Discute a necessidade de não perder de vista as suas condições objetivas, de negro e de trabalhador.

SER NEGRO S' SER NEGRO SER NEGRO

O preto, como o trabalhador branco, é vítima das estrutura capitalista de nossa sociedade; tal situação desvenda-lhe a estreita solidariedade, para além dos matizes de pele com certas classes de europeus oprimidos como ele; incita-o a projetar uma sociedade sem privilégio em que a pigmentação da pele será tomada como simples acidente. Mas, embora a opressão seja uma, ela se circunstancia segundo a história e as condições geográficas: o preto sofre o seu jugo, como preto, a título de nativo colonizado ou de africano deportado. E, posto que o oprimem em sua raça, e por causa dela, é de sua raça, antes de tudo, que lhe cumpre tomar consciência. Aos que, durante séculos, tentaram debalde porque era negro, reduzi-lo ao estado de animal, é preciso que ele os obrigue a reconhecê-lo como homem. Ora, no caso não há escapatória, nem subterfúgios, nem «passagem de Linha» a que possa recorrer; um judeu, branco entre os brancos, pode negar que seja judeu, declarar-se homem entre os homens. O negro não pode negar que seja negro ou reclamar para si esta abstrata humanidade incolor: ele é preto. Está pois encurralado na autenticidade: insultado, avassalado, reergue-se, apanha a palavra «preto» que lhe atiram qual uma pedra; reivindica-se como negro, perante o branco, na altivez. A unidade final, que aproximará todos os oprimidos no mesmo combate, deve ser precedida nas colônias - por isso que eu chamaria momento da separação ou da negatividade: este racismo anti-racista é o único caminho capaz de levar à abolição das diferenças de raça. E como poderia ser de outra maneira? Podem os negros contar com a

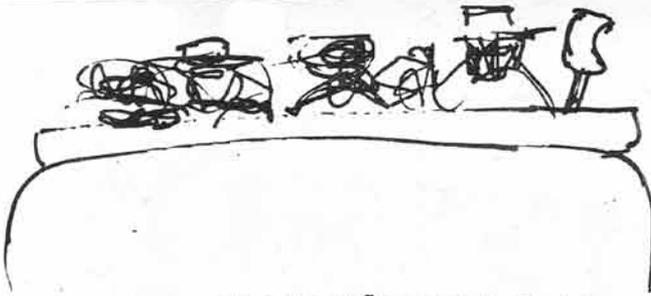
ajuda do proletariado branco, distante, distraído por suas próprias lutas, antes que estejam unidos e organizados em seu solo? Não é necessário, aliás todo um trabalho de análise para perceber a identidade dos interesses profundos sob a diferença manifesta das condições: a despeito dele próprio, o operário branco lucra um pouco com a colonização; por mais baixo que seja seu nível de vida, sem a colonização seria ainda mais. Em todo caso é explorado menos cinicamente que o jornalista de Dacar e de Saint-Louis. E, ademais, o equipamento técnico e a industrialização dos países europeus permitem-lhe conceber que medidas de socialização sejam imediatamente aplicáveis; visto do Senegal ou do Congo, o socialismo surge principalmente como um lindo sonho: para que os camponeses negros descubram que este é o fim necessário de suas reivindicações imediatas e locais, cumpre primeiro que aprendam a formular em comum tais reivindicações e, portanto, que se pensem como negros.

(...) O que acontecerá se o negro despojando sua negritude em proveito da revolução não quiser considerar-se senão como proletário? O que acontecerá se não se deixar mais definir senão por sua condição objetiva? Se ele se obrigar, para lutar contra o capitalismo branco, a assimilar as técnicas brancas? (...)

(...) Saudemos hoje a oportunidade histórica que surge aos negros.

«Com tal vigor gritar o grande grito negro que os alicerces do mundo sejam abalados» (Aimé Césaire: *Les armes miraculeuses*, pg. 56)

(Jean Paul Sartre)



ÀS 5:30 DA MANHÃ O CAMINHÃO PASSA E SAI LEVANDO OS TRABALHADORES CLANDESTINOS PARA O CORTE DA CANA



O CORTADOR DE CANA GANHA 120 CRUZEIROS POR SEMANA. NÃO TEM CARTEIRA ASSINADA. "SOU CLANDESTINO"



"40% DOS CORTADORES DE CANA DE PERNAMBUCO SÃO CRIANÇAS DE 10 A 15 ANOS" (DO RELATÓRIO DA PASTORAL POPULAR RURAL DA ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE)



O CABO DO ENGENHO É QUEM ANOTA OS FEIXES DE CANA CORTADOS. ELE GANHA UM SALÁRIO FIXO DE 120 CRUZEIROS POR SEMANA MAS NÃO TEM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA



UM FEIXO DE CANA TEM 20 CANAS. O DONO DO ENGENHO PAGA 90 CENTAVOS POR CADA FEIXO CORTADO.

IVAN MAURÍCIO

Essa semana, terminou o corte de cana da Zona da mata de Pernambuco. Nessa região, que envolve o Recife como um cinturão fértil, vive 53% da população do Estado e estima-se que cerca de 2 milhões de pessoas dependem do que se cultiva nos 850 mil hectares de cana, em terras de 40 municípios. Há 400 anos que só se planta cana na zona da mata pernambucana. O açúcar representa 80% da economia, contribui com 30% de sua receita tributária de 60% do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM), responde por 83% das exportações do Estado e mais de 2/3 do Nordeste. O corte da cana oferece 70 mil empregos permanentes e 120 mil empregos temporários («clandestinos») que são contratados por empreiteiros («empreiteiros»). Esta cenas ocorreram, na semana passada, nos canaviais do Engenho Independência, Nazaré da Mata, Pernambuco. (Ivan Maurício)

no canavial



O CANGITEIRO RECEBE 3 CRUZEIROS POR CADA CENTO DE FEIXOS DE CANA QUE CARREGA DO CANAVIAL ATÉ O ENGENHO



BIU GROSSO É O "EMPELETEIRO" DO CORTE DA CANA. ELE GANHA 30 CENTAVOS POR CADA CENTO DE FEIXES CORTADOS. BIU GROSSO PERDEDE O CANAVIAL DE BICICLETA

No dia 14 de dezembro de 1977 morreu Júlio Santana. Nos jornais, poucas notícias. A que mais se destacou foi a do Diário de Pernambuco, de 31 de dezembro: em duas colunas na primeira página, o jornal procurava mostrar o perfil do líder camponês morto na miséria, sem assistência médica, no município de Cabo, Pernambuco. Ilustrando a matéria, a foto de um negro de rosto magro e velho, apoiado numa bengala feita de cabo de vassoura.

Júlio Santana tinha 54 anos, mas as marcas da luta pela libertação do homem do campo adoentaram seu corpo. Tinha aparência de 70 anos.

Nasceu em Serinhaém, filho de camponeses. Teve como escola os canaviais, e como caneta a enxada.

Nos primeiros anos da década de 60, quando as Ligas Camponesas começaram a se desenvolver, Santana aparece como líder. Deu forma organizada à luta dos trabalhadores do campo, que desejavam obter dos usineiros as condições mínimas para levar uma vida digna. Os mesmos usineiros e seus aliados que entraram para a história a troca da miséria, prisões, espancamentos e "desaparecimentos" que indicam como foi alcançada a "paz" nos campos nordestinos.

ANTES DE 64

A situação era de revolta na Zona da Mata pernambucana. Para dominar os camponeses, os usineiros contavam com o apoio de capangas, policiais e juizes. Os senhores do açúcar não podiam aceitar que seus empregados começassem a compreender o valor de seu trabalho e que exigissem um salário digno por ele. Por causa disso, cada dia mais homens entravam na luta para conseguir seus direitos.

Muita gente estava resolvida a ajudar. Havia um que falava bonito, usando metáforas que os camponeses gostavam. Era o advogado e deputado Francisco Julião.

A primeira Liga Camponesa foi criada em Vitória de Santo Antão, formada pelos arrendatários das terras de um engenho falido. O proprietário legal foi chamado para ser o presidente de honra do que era apenas uma associação mutualista. As terras se valorizaram, e como as contradições são mais fortes que a vontade, o senhor de engenho e seus filhos quiseram reavê-las. Então, os arrendatários chamaram o advogado Francisco Julião para defendê-los. Ele, surgiu da ala esquerda da União Democrática Nacional (UDN). Desta fração, nasceu o antigo Partido Socialista Brasileiro (PSB).

Com o trabalho desta defesa, Julião aumentou sua projeção política e as Ligas se desenvolveram. A traição dos usineiros de Vitória do Santo Antão fez com que os camponeses aprendessem a lição: proprietário de terra não serve para ser presidente de Liga Camponesa. Ficou claro quem era o inimigo contra o qual era preciso se organizar para vencer. Entre os organizadores das Ligas, Júlio Santana se destacava. Quando não era possível se constituir uma Liga num determinado lugar, ou quando todos os recursos já tinham sido esgotados, lá ia Júlio. E, depois de uma greve, mais uma Liga nascia. Falava simples, mas com vigor. Sua luta política aumentou-lhe o número de inimigos. As perseguições, calúnias, prisões e doenças, só fizeram crescer sua consciência política.

Antonio Callado, no livro Tempo de Arraes, escreveu:

(...) esta usina Trapiche tem dado dinheiro, jipe as Ligas Camponesas, não se sabe com que intuito. O fato é que Santana, antes homem de Julião e da usina, com a eclosão do movimento reivindicatório dos camponeses, começou a acentuar sua liderança pessoal. Falando a linguagem dos camponeses, desligou-se de Julião. Elegu-se presidente do Sindicato Rural de Barreiros e saiu a promover greves e conflitos não só ali, como em Rio Formoso e Serinhaém. A usina ficou com a Liga, que resolveu tirar o Sindicato de Santana na marra. Tomou. Mas Santana armou seus camponeses, retomou o Sindicato, declarou guerra a Francisco Julião e à Usina Trapiche.

LIGAS OU SINDICATOS?

A divergência entre Santana e Julião foi essencialmente política. A dúvida de Júlio era se continuava com as Ligas Camponesas (que tinham em suas fileiras arrendatários, pequenos proprietários e trabalhadores rurais), ou se construía e desenvolvia os sindicatos rurais, onde fariam parte os que só tinham a propriedade de sua força de trabalho. Santana optou pelos sindicatos.

O escritor Gondin da Fonseca anotou que Francisco Julião dizia: "... os pro-

OLIDER NEGRO DOS CANAVIAIS



Santana foi preso em fins de 63. O governador Miguel Arraes mandou libertá-lo, mas Júlio mandou dizer que só sairia da prisão se o governador fosse soltá-lo. Em novembro, quase cinco mil camponeses pararam de trabalhar e marcharam para Recife pedindo a libertação de seu dirigente. Júlio saiu dos portões da prisão e fez um discurso onde disse que sua vontade era a de unir os traba-

algumas roupas. Levei-o imediatamente a um médico, que o examinou, e disse que o estado de saúde dele era precaríssimo e que possivelmente não viveria muito tempo. Levei Júlio até sua casa, e lá o que o aguardava era a MISÉRIA. Passou até mesmo a receber esmolas da vizinhança.

Tomei a decisão de ajudá-lo dentro de minhas possibilidades econômicas. Alguns amigos também colaboraram.

Quando cai doente, em maio de 77, estive internado 90 dias. Nesse tempo, Júlio mandou um filho seu (que tinha nascido quando ele ainda estava preso) me procurar. Não me encontrando, levou a notícia até o pai, e o velho, que tinha adoecido, veio desde a praia onde morava no município de Cabo até Recife. Foi ao hospital onde eu estava, mas não lhe permitiram a entrada por causa do seu estado sujo e maltrapilho. Então ele voltou decepcionado para casa. Contou-me o filho dele, que voltaram para casa pedindo carona. Esse mesmo menino, mais ou menos em julho, voltou a me procurar e não me achou. Ao voltar para a praia de Santo Agostinho, onde Júlio estava, o garoto foi atropelado. Toda essa tragédia acompanhou a vida desse homem...

Em dezembro de 77 fui procurada pela esposa dele, dona Ambrosina, que me contou de sua morte. Disse que teria sido um derrame e lhe faltara tudo: alimentação, médicos e até mesmo lençóis. Júlio recebia 500 e poucos cruzeiros do FUNRURAL, e agora que morreu, a família dele está ai, viúva e nove filhos na miséria, sem a solidariedade de ninguém. Sei de muita gente em Pernambuco que sabia que Júlio estava morrendo de fome, mas somente três pessoas lhe ajudavam. Eu tenho a consciência de que cumpro o meu dever, tanto de advogada como de pessoa humana. A morte de Júlio não me causou uma tristeza profunda, já que senti que era um alívio para ele. Estava mesmo condenado a morrer de fome, e esse suplício poderia durar muito. Abreviado foi melhor.

Seria muito bom que aqueles que conviveram com Júlio e que hoje desfrutam de uma situação econômica boa, se lembrassem da família dele. Não proponho que ninguém vá sustentá-la, mas apenas que lhe dê condições de uma sobrevivência decente.

SOLIDARIEDADE

Atendendo ao apelo da advogada Mércia de Albuquerque, VERSUS propõe aos seus leitores um movimento de solidariedade ativa à família de Júlio Santana, que vive na mais completa miséria. Os cheques podem ser enviados para nossa redação (rua Capote Valente, 376, Pinheiros, São Paulo/São Paulo), em nome de Editora Versus Ltda. No envelope deve ser escrita a palavra SOLIDARIEDADE. Os cheques serão remetidos para Pernambuco, em nome da advogada Mércia.

coordenação Afro latino américa visual: Luiz Cláudio, Clímen, Eduardo Arbex. colaboradores: Carlos Alberto Medeiros, José Ricardo D'Almeida, Vera Mara, Lélia Gonzales, Neusa Maria Pereira.

A morte anônima de Júlio Santana, que liderou muitos movimentos dos trabalhadores dos campos de Pernambuco, tendo como única escola os canaviais e como caneta a enxada.

letários do campo não podem enfrentar os usineiros nem sequer entrando em greve, porque lhes faltam três elementos básicos: dinheiro para as despesas iniciais, lei protetora e assistência econômica. Se ele para uma semana, morre de fome porque o vendedor não lhe fia e ele não tem onde ganhar dinheiro. Legalmente sua luta contra o usineiro há de estribar-se na Consolidação das Leis do Trabalho, que não funciona plenamente, que nunca funcionou plenamente, e onde os magnatas conseguiram as célebres Juntas de Conciliação. Há mais ou menos vinte anos realiza-se entre os assalariados do campo. E o que resultou? Seis sindicatos agrícolas".

PELO SALÁRIO MÍNIMO

O Estado de São Paulo, em 1/9/63, noticiava: "Os trabalhadores rurais de várias usinas estão se recusando a receber seus salários dentro da tabela elaborada no Palácio do Governo com a assistência de representantes interessados. Os agitadores, aproveitando a insatisfação dos lavradores, tentam tomar partido da situação. A situação é mais tensa no município de Barreiros, São Lourenço e Serinhaém".

O salário mínimo era a causa das agitações. Na ansia da organização sindical, as áreas mais tensas estavam sob a liderança de Santana. Os usineiros sabiam quem comandava as ações. Todos o temiam. Antonio Callado escreveu:

(...) Tanto fez Santana, que o Juiz de Direito de Serinhaém expediu contra ele mandado de prisão preventiva, enquadrando-o em vários artigos do Código Penal.

Júlio Santana não concordava com esta visão, e continuou trabalhando pela criação de novos sindicatos. Nem ele, nem seus companheiros, tiveram na vida os três elementos básicos que Julião achava necessários para a luta. Com exata postura, enxergou longe: hoje os sindicatos existem e são as bases em que os trabalhadores voltam a se organizar.

lhadores contra a opressão comum, que os esforços deveriam continuar porque a liberdade não pode ser contida por muros e grades. Dizia não ter cometido nenhum crime, e por isso, todos deveriam continuar porque a liberdade não pode ser contida por muros e grades. Dizia não ter cometido nenhum crime, e por isso, todos deveriam voltar e esperar o julgamento.

Abril de 64 encontrou Júlio Santana na prisão. E lá ele ficou, até junho de 1975, quando saiu em liberdade condicional. Tinha sido condenado a 50 anos de prisão. Seus advogados, Virgílio Campos e Mércia de Albuquerque pediram (e conseguiram) a redução da pena para 18 anos. Até de pertencer a União Nacional dos Estudantes e à União Brasileira de Estudantes Secundários, Júlio foi acusado. Seu último processo, de 1970, acusava-o de pertencer a uma organização trotskista.

Saiu da cadeia quase morto: lá dentro teve três enfartes e ficou hemiplégico. Necessitava do tratamento especializado que lhe foi negado.

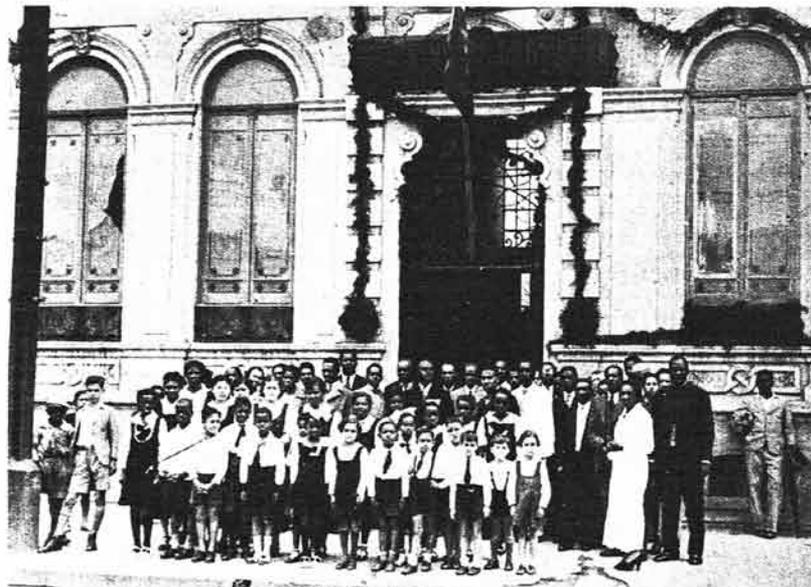
UM PARÊNTESES

(Fala Mércia de Albuquerque, a advogada de Júlio):

— Todos queriam tirar proveito de sua liderança, mas ele sempre foi um matutão desconfiado, leal, que nunca deu nenhum endereço de qualquer de seus liderados. Uma vez, eu fui visitá-lo na Penitenciária Barreto Campelo, e ele me falou: "Olha, doutora, calcule a senhora que eu fui procurado por um pessoal aqui que queria saber da topografia da área em que atuei. Eu mandei que eles estudassem, por que eu sou um camponês ignorante e não entendo desse negócio de topografia e geografia não. Eu entendo o que é fome, o que é miséria, o que é injustiça social, porque eu sofri na pele. Fc apanhando que eu aprendi".

No dia em que ele saiu, logo cedo o pessoal do presídio trouxe Júlio à porta do prédio onde moro. Quando fui atender, lá estava ele, amparado num bastão e carregando um pacote de jornal com

Passado-futuro de nossa gente



Francisco Lucrécio:
«a meu ver, o negro tornou-se parte de uma comunidade muda. E a época não é mais para ficar quieto».

Em 1927 nasceriam importantes associações negras. Correia Leite reservaria, com o jornal «Clarim da Alvorada» um importante lugar na história dos movimentos negros do Brasil. Em 1931 nasceria a Frente Negra Brasileira, no dia 19 de Setembro. E penetraria em todos os cantos onde houvessem negros: nos botequins, nos bairros da periferia, nas cidades do interior com maioria negra.

A luta do negro é uma luta por igualdade, pela criação de uma sociedade mais justa, num momento onde se começa a perceber as crises, as dificuldades, quando falta o emprego, a casa morar.

AFNB significou um passo à frente. Perspectivas burguesas? O reflexo do sistema dominante, determinando preparo de mão-de-obra de reserva? Sim. Mas no mundo do subemprego, a proletarianização é o progresso desejado.

A frente visualizou a sociedade brasileira como um todo, o negro atuando em todos os seus setores. É preciso conhecer as várias experiências de Lutas Negras e a Frente Negra foi uma delas. O movimento negro, hoje necessita conhecer cada experiência para construir uma experiência nova.

Assim no momento em que forças progressistas discutem a formação de um partido socialista das classes trabalhadoras, Afro Latino-América de integra, buscando caminhos nesta nova conjuntura.

Arlindo Veiga dos Santos, Presidente Geral da FNB— fechada por Getúlio Vargas, em 1937, no manifesto à Frente Negra Brasileira:

«A nossa história tem sido exageradamente deturpada pelos interessados em esconder a face interessante do negro, aquilo que se poderia dizer da «Negritude» de nossa Evolução Nacional».

Afro Latino América sai em busca de nossa história, principalmente seus aspectos organizativos. Aqui, entrevistamos Francisco Lucrécio, ex-secretário da FNB:

A FRENTE NEGRA BRASILEIRA

P. O que foi a Frente Negra Brasileira?

R. Uma entidade civil com predominância do elemento negro, mas que tinha sócios brancos e até japoneses. Tínhamos serviços de Assistência Social, cursos de alfabetização cênicos, de contabilidade, música, corte e costura, datilografia. Surgiu numa época em que o negro era muito perseguido, encontrando grandes dificuldades para desenvolver-se em quase todos os empreendimentos onde tentasse se situar. Num tempo em que as casas não eram alugadas para negros e que declaradamente colocavam como quesito para emprego - não ser negro. Foi, portanto, uma entidade preocupada em desenvolver principalmente um trabalho que criasse melhores condições para a participação do negro dentro da sociedade brasileira.

P. Qual o significado da Frente Negra Brasileira para a Comunidade?

R. A Comunidade sentia-nos como sendo uma entidade de apoio, preocupada em melhorar o nível social e educacional do negro, reivindicadora de direitos históricos-prejudicados que foi pela sociedade brasileira - a partir do momento que procurava esconder a sua atuação em todos os setores trabalhistas brasileiros.

P. Como era a organização interna da Frente Negra Brasileira?

R. Obedecia uma hierarquia: presidência, diretoria, grande conselho, departamentos e quadro de associados, que contribuíam com dois mil réis mensais que geralmente não apareciam dada a situação do negro ser de constante desemprego. A Frente promovia festivais, bailes, espetáculos cênicos e venda de rifas para angariar fundos para o desenvolvimento dos trabalhos.

P. Que problemas externos encontrou a Frente?

R. Na época não havia preocupações muito grandes em reprimir as nossas manifestações, mas, com a nossa existência chegamos a abalar a opinião pública, chocar a imprensa e aos políticos em geral. Com a participação da Comunidade Negra na luta, a organização se ampliou por São Paulo com delegação em várias cidades, onde cada uma se custeava, chegando algumas a ter sua própria sede, inclusive a de Tiê, que ainda existe e funcional hoje.

P. Comovê os Movimentos Negros hoje?

R. O Movimento Negro hoje, pelo seu lado cultural é muito bom, mas a ação política é muito fraca. Ao que me parece, se está criando um movimento elitista, onde o negro em geral não está conseguindo se integrar, a não ser o universitário. Em termos de direitos e reivindicações do negro brasileiro, está deixando a desejar. É preciso partir para as soluções práticas dos problemas.

P. O que sugere para que sejam dinamizados os trabalhos dentro das Comunidades Negras?

R. Para que haja uma dinamização do trabalho dentro da Comunidade Negra o grupo interessado em equacionar o problema tem que procurar os locais onde vivem as massas negras: escolas de samba, bares periféricos, bairros como Casa Verde, Bela Funda, Jabaquara, cidades do interior de maioria negra. Levar até eles uma mensagem, um trabalho de conscientização da sua Negritude diante da sociedade brasileira, incentivando o Negro a participar de tudo dentro do Brasil, uma participação política, econômica, social. A meu ver o negro tornou-se parte de uma Comunidade muda e a época não é mais para ficar quieto. A Frente Negra gritou, tomou posição diante dos fatos da época e agora, com melhores razões, deve ir se unir porque as mesmas barreiras continuam, só que dentro de uma outra realidade.

Os negros já estão preparados intelectual e tecnicamente, entretanto estão sendo barrados. Os trabalhos da Frente não foram reprimidos, reivindicávamos através de pressão na imprensa e junto ao governo. Conseguimos uma posição tão compreensível na época que chegamos até a enfrentar a Guarda Civil de São Paulo, que não aceitava negros em suas fileiras.

P. E quanto a atuação da Frente Negra no quadro político Nacional?

R. Fundamos o Partido Político da Frente Negra Brasileira, que como o Partido Comunista e o Integralista era de âmbito nacional. Nosso partido trabalhava pela Democracia, em defesa da brasilidade, tinha cunho nacionalista. Não chegou a desenvolver nenhum trabalho político por falta de tempo material, já que em 1937, Getúlio Vargas fechou os partidos políticos. Nesse momento acabamos politicamente, mudando nosso nome para União Negra e mudando a diretoria também.

P. Dentro do atual quadro político, no caso de uma abertura política, como vê a atuação do negro?

R. Seria conveniente um Partido Negro. O negro deve fazer uma política ostensiva, porque a política e tudo no Brasil, sem ela não se consegue nada, principalmente porque não somos industriais, empresários ou fazendeiros. Temos que fazer política para sermos ouvidos. Defender não só os negros, como toda a população brasileira. Acredito nunca traiu o Brasil foi o negro. Com a abertura política, o Negro deverá participar ou fundar um movimento Democrático em defesa dos direitos Nacionais, aberto a todos que queiram participar.

Com a nossa acomodação os brancos fazem racismo porque o negro tem medo de ser tachado de racista. Todo agrupamento perseguido deve arranjar elementos de defesa. Por que nos acomodarmos negando todos os nossos direitos, não nos posicionando. O negro precisa de uma tribuna para falar, agir. Nós temos muitas coisas a dizer.

O Brasil é uma terra de negros. Para que só os olhos azuis e cabelos loiros aqui?

mulatas

Seguindo uma receita da economia nacional que diz: "exportar é o que importa", a Editora Três lançou uma edição especial de fim de ano da revista Status, com o título "Status Mulata". Uma tarja amarela definiu o objetivo "for export". Editada em inglês, francês, espanhol e português, trazia poemas de Vinícius de Moraes, Chico Buarque, Olavo Bilac, Murilo Mendes, Mário de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira, Mario Chamie e Castro Alves, todos comprometidos com uma temática nacional e reunidos com o objetivo de forjarem uma justificativa (teórica?) à mulatice (e a questão da nacionalidade étnica?) em torno de uma abordagem erótica sexual.

Não se trata de fazer uma abordagem crítica literária, fotográfica ou moralista, para fixar o espírito de despropósito, e até de mau gosto, que envolve esta edição de mulatas "internacionalizadas", mas revelar pontos críticos de uma ideologia estética e política racista e machista que apresenta a mulher negra e mestiça como mercadoria e objeto sexual sob marca registrada de mulata.

A exaltação da mulatice tradicional em alguns intelectuais não conseguiu provar que, e muito menos como, a miscigenação proposta conduzirá os negros e seus descendentes a uma situação de igualdade racial. Será que não percebem que a mulata de que falam existe, não pela boa vontade do branco, mas pela exploração a que foi submetido os africanos e seus descendentes. Como todos os negros, as mulatas não são um caso à parte, e comumente são submetidas às mais pesadas discriminações. Se ao negro não é permitido (veladamente, é claro) acesso aos meios de poder, acaso estes meios estariam sendo concedidos aos chamados mulatos? O que na realidade não ocorre, nem por serem mestiços, nem por serem considerados mais claros, mas porque fazem parte do que é fixado extraoficialmente como o ideal étnico para as massas.

Na base do raciocínio que orienta o espírito desses apologistas, não estaria implícita a velha noção do embranquecimento? Esta ideia racista, desenvolvida em terras tropicais no início do século XX, por eminentes intelectuais da época, e fixada em leis, propunha e pressupunha o desaparecimento gradual do negro através da mestiçagem (este como meio mais barato), e o que restou foi o apolofismo da mulata e da mestiçagem.

Quando a mulatice se tornar um símbolo nacional de unidade e igualdade, a decantada mulata (mãe-preta peitada dos sonhos dos poetas e políticos senhoriais) se tornará um símbolo de resistência. Não será mais a mãe-de-leite do filho do patrão e sim a prostituída que sobreviveu.



DEMOCRACIA RACIAL:

Terceira e última parte de um ensaio que começamos a publicar no número 16.

Abdias Nascimento

“Se a consciência é memória e futuro, onde está a memória africana na consciência brasileira? Onde e quando é ensinada a história africana ou o desenvolvimento da cultura e civilização africana nas escolas brasileiras?”



Mito ou Realidade?

Discriminação: Realidade Brasileira

A. Silva Mello diz que: “Até hoje ele (o negro) tem sido julgado pelo homem branco, um juiz completamente parcial ou ainda mais que isso, mais que parcial e injusto, até declaradamente criminoso”.

A ideologia legal da classe dirigente também apoiava declaradamente a discriminação econômica. Até 1951, a discriminação no terreno do emprego era exagerada e generalizada: anúncios de empregos eram publicados com a nota “negros e pessoas de cor não são aceitas”. Entretanto, a lei de Afonso Arinos de 1951, que ostensivamente proibia a discriminação racial, foi sem efeito algum e não foi posta em prática. Hoje em dia os anúncios simplesmente, “exigem” pessoas de “boa aparência”. Nesse caso, “boa aparência” substitui “branco”. A estratégia de supressão da raça negra tem um efeito tão grande que mesmo os negros sendo maioria na população, existem na realidade econômica, cultural e política como uma minoria. A Bahia é um excelente exemplo. De acordo com o censo oficial de 1950, a população de 4.822.024 é distribuída da seguinte maneira: brancos — 30%, negros e mulatos — 70%, asiáticos 0,03%.

Ocupacionalmente, a distribuição é: empregados brancos — 23,01%; negros e mulatos 76,98%; empregadores brancos — 51,90%; negros e mulatos — 48,11% (menor significação econômica). Educação básica: brancos — 54,46%, negros e mulatos — 45,52%; intermediário: brancos — 82,56%, negros e mulatos, 17,43%; universitários brancos — 88,21%, negros e mulatos — 11,64%.

Mais uma vez é importante lembrar que esses dados expressam esse preconceito ideológico, e que portanto é necessário imaginar a realidade que os dados se propõem a descrever.

Uma outra manifestação do controle econômico e social é a criação e manutenção de favelas e quetos. No nordeste, os negros vivem nos mocambos — estruturas situadas nos fedorentos e poluídos pantanos das favelas do Recife e outras cidades nordestinas. Em São Paulo, a principal residência dos negros é o porão, em bairros miseráveis da cidade. No Rio de Janeiro, é a favela construída nos morros, enterradas na lama e na sujeira. Degradação esta tão famosa através do mundo inteiro. O Jornal Estado de São Paulo, no seu suplemento especial de 13 de abril de 1960, publica os seguintes dados tomados em 1950: População do Rio — brancos 1.660.834, negros e mulatos 708.459; população das favelas — brancos 55.436, negros e mulatos 113.218.

Isso mostra que em cada três habitantes do Rio, um é negro e para cada habitante branco da favela há dois habitantes negros. Os negros constituem um terço da população do Rio de Janeiro, mas a sua proporção nas favelas é cem por cento maior. Como se vê, a população de cor está sujeita a uma chocante segregação racial habitacional.

Manipulação Educacional

Esses mecanismos de controle das classes dirigentes prejudicam a sociedade brasileira do ponto de vista político-

econômico-social. Alvaro Bomilcar escreve em 1915: “Os órgãos e personagens do poder público no Brasil, o governo, legisladores, o sistema de justiça criminal e de aplicação de lei, os intelectuais, a imprensa, etc., para evitar violentar seus valores estéticos fazem uma guerra contra o homem negro, sem pena nem compaixão (grifo nosso). Uma guerra cujo objetivo não é a confrontação, mas uma sutil, indireta, persistente mas lenta perseguição dessas vítimas da fatalidade (negros), pervertendo ou negando-lhe seus direitos à educação, negando-lhe assistência pública ou qualquer tipo de apoio oficial, para os custos de educação e subsistência”.

O controle social exercido sobre a população negra, pela estrutura do poder branco, se estende não só ao status social e a mobilidade, mas também à maneira de pensar do negro e do mulato, como Florestan Fernandes observa no seu livro “O negro no mundo dos brancos”:

“Até que ponto, o negro e o mulato estão socializados não só para tolerar, mas também para aceitar como norma e até apoiar a estrutura existente de desigualdade racial com seus componentes dinâmicos — preconceito racial indireta e disfarçado”.

A repressão cultural é tão perniciosa, que a herança cultural negra vive numa permanente confrontação com o sistema, cujo objetivo preciso é negar os fundamentos culturais africanos, destruir e degradar suas estruturas. Obstáculos teóricos e práticos foram criados pelo branco para evitar que aqueles de ascendência africana se estabelecessem como elementos válidos e integrais da vida cultural brasileira. Silvio Romero no livro de Nina Rodrigues “Os africanos no Brasil” comenta as implicações culturais de um provérbio que expressa a percepção brasileira do negro como uma entidade cultural: “nós temos a África nas nossas cozinhas, a América nas nossas selvas e a Europa nas nossas salas”.

O sistema educacional também se torna um instrumento de controle nessa estrutura de discriminação cultural. A matéria ensinada em todos os níveis acadêmicos — básico, secundário, universitário — é como o citado mostra, simplesmente a pompa e circunstância da Europa Ocidental. Se a consciência é memória e futuro, onde está a memória africana na consciência brasileira? Onde e quando é ensinada a história africana ou o desenvolvimento da cultura e civilização africana nas escolas brasileiras?

A história da raça negra é tratada em livros escolares de uma forma deplorável e alheia. Os fatos e pontos de vista apresentados não passam de testemunhos da alienação da identidade negra e dos serviços que ela prestou consciente ou inconscientemente, a uma causa e uma cultura que não eram suas.

Na universidade, uma outra instituição orientada para a destruição da identidade cultural negra, os únicos conceitos, idéias, formas, ou meios de argumentação (maneiras de pensar) viáveis são as europeias; um desatino para os poucos estudantes afrobrasileiros.

Na universidade da Bahia há um Centro de Estudos AFFO Orientais organizado com os mesmos objetivos que os que advogam o desaparecimento da descendência africana no Brasil, como con-

sequência da miscigenação. No artigo publicado no jornal oficial do Centro e assinado pelo diretor da época, Valdir Freitas Oliveira intitulado “Pensamento sobre o preconceito racial no Brasil”, tem-se uma prova indiscutível de que o Centro quer examinar e combater. As tentativas de afirmação do Afrobrasileiro em qualquer campo seja social, estético, político, etc., seguindo a sinuosidade das idéias de Oliveira, vemos que depois de abordar a história chegou a conclusão de que “o preconceito racial existe, com raízes profundas e difíceis de ser eliminadas”.

Era de se esperar que o Centro ou seu Diretor sugerissem uma solução para este mal. Mas toda esperança é em vão. Na verdade isso seria surpreendente se não fosse um hábito entre “brancos da Bahia” denotar as atitudes de Oliveira de ataque às poucas iniciativas dos negros para combater os preconceitos de que ele próprio aponta, ou promover a sua própria sobrevivência e afirmação com identidade e dignidade. Oliveira chama tais iniciativas de “tendências desintegracionistas que podem caminhar em direção da formação do Brasil de grupos raciais vivendo lado a lado: mas que não chegariam ao ponto de se integrar definitivamente. Isso poderia no futuro longínquo levar-nos a uma situação parecida com a dos Estados Unidos da América ou África do Sul hoje em dia”.

Deve-se observar em primeiro lugar, que é lamentável que o Centro ainda viva na ignorância do fato de que negros e brancos “têm vivido lado a lado” durante 400 anos; ele nunca se integraram a não ser em forma de aculturação, assimilação, miscigenação e sincretismo dos povos negros e suas culturas dentro da cultura e população branca dominante. Processos que de uma maneira inerente envolvem a sua destruição parcial ou completa. Processos que são verticais, isto é, vem de cima à baixo, ditados pelos brancos que tem estrutura social nas mãos, assim como o poder econômico, militar e político a seu lado, enquanto os negros são forçados a aceitar as suas ordens, porque são destituídos de poder. Não é necessário esperar por um futuro longínquo, para diagnosticar no Brasil os mesmos sintomas de relacionamento social que há nos EUA ou África do Sul.

O que diferencia o Brasil dessas sociedades racistas é unicamente a aparência do sintoma e a diferença em grau. Essencialmente, a mesma violência de racismo é verificada no Brasil, liquidando completamente a raça negra através de métodos dissimulados e uma estratégia sofisticada de genocídio. O intelectual de Gana — Anani Dzidziyeno no estudo compreensivo sobre o relacionamento racial no Brasil, que foi publicado pelo Grupo de Direito das Minorias em Londres, chega a tal conclusão:

“A posição do negro brasileiro na sociedade branca brasileira diferencia-se dos negros em outras sociedades semelhantes somente quanto à ideologia brasileira oficial de não discriminação — por não refletir a realidade até mesmo por mascará-la. Ela chega sem tensão aos mesmos resultados que as sociedades racistas”.

No seu zelo para manter a integridade da nossa “Democracia Racial”, Oliveira não economiza munição no seu ataque

ao “Pequeno grupo de intelectuais negros no Brasil” que agitando o estandarte de defesa do negro, ainda ocupando na nossa sociedade os postos mais baixos e constituindo a massa do nosso proletariado, tomam uma posição ostensiva de combate contra o branco, se opondo a miscigenação. A qual na sua opinião é a arma mais eficiente dos brancos para eliminá-los (negros) e manter a sua suposta superioridade. Tal atitude revelando claramente um objetivo racista não pode deixar de constituir um motivo de preocupação para todos que estudam e acompanham a evolução da nossa sociedade”.

A “nossa sociedade”, a qual Valdir Oliveira se dirige não tem nada a ver com a “nossa sociedade” de afrobrasileiros. É completamente marginal à estrutura da sociedade convencional. Eles não têm participação no poder político, nem no poder econômico, nem no militar e nem mesmo no religioso. Já que as religiões afrobrasileiras têm sofrido a perseguição da política e pressões do catolicismo por quatro séculos.

É estranho que o diretor de um Centro de Estudos Africanos afirme que os negros até hoje “ocupem na nossa sociedade os mais baixos postos” e ao mesmo tempo lhe negue o direito de se defender; já que de acordo com ele próprio encontra-se aqui uma situação idêntica com a da África do Sul: uma minoria branca monopolizando todo o poder e dominando uma maioria afrobrasileira cujo trabalho manual construiu o país.

O Centro se define em tal trabalho não como um órgão válido de estudo mas como um instrumento de domesticação. Como tal, ele continua estudos de caráter acadêmico e mobilizante sem nenhum valor para a comunidade afrobrasileira; e leva a distrair a atenção dos problemas no contexto de relacionamento racial. É lamentável ter-se que constatar o fato que esse centro hoje em dia, assume a mesma função de caráter aparentemente paternalista que foi exercida por exemplares católicos como Padre Antonio Vieira e que em essência é a estratégia de dominação, opressão e exploração do povo afrobrasileiro.

CONCLUSÃO

A repressão política, econômica, social e cultural, vivida pelos povos negros no Brasil é sutil e completamente alastrada. Seu objetivo final é a eliminação do negro como uma entidade cultural e física. Florestan Fernandes indica que:

“Uma citação como esta envolve mais que falta de igualdade social e pobreza; os indivíduos afetados por ela não são incluídos na estrutura social existente como se eles não fossem seres humanos, nem mesmo cidadãos normais. Diante da ideologia flagrantemente racista, genocida, da chamada Democracia Racial seria irresponsável e mais do que negligente deixar-se de protestar e denunciar a estrutura racial baseada nela, silenciar seria aprovar a exploração e destruição de uma raça pela outra, dissimulada por uma sistemática de opressão e arrogância social, significaria ser partidário do genocídio. Um ato criminoso que perpetua uma sociedade totalmente injusta em relação aos negros e indígenas do Brasil”.



afro
latino
américa

Clóvis Moura. Sociólogo e autor de vários livros, especialmente de algumas obras sobre o negro no Brasil. (Rebeldões nas senzalas, o Negro de Mal escravo à bom cidadão, e outros). Nesta edição utiliza quatro páginas de Afro-latino-américa, onde discute a conjuntura política, a crise dos poderosos, a participação do negro no processo político. Sua atuação histórica dentro da sociedade civil. Sotokeley Carmichael. Importante líder no movimento negro norte americano, peça das fundamentais do movimento nacionalista negro Panteras Negras também fala em nossas páginas. A partir de frases suas, proferidas num Congresso em Londres de 68, que reunia intelectuais de várias regiões do mundo, encontramos um momento de luta nacional popular do Zimbábue contra o governo racista da Rodésia e seus novos empregados negros. O momento onde acordos com os racistas significa compactuar com a violência do Colonialismo.

ONEGRONA SOCIEDADE CIVIL

Embora o negro venha sendo pesquisado desde 1935/37, quando houve congressos afro-brasileiros, através de estudos formalistas relacionados ao seu comportamento e ao nível de ver os elementos de controle da comunidade. Na medida em que ele começou a se descongelar, adquirindo uma consciência crítica, os cientistas sociais mudaram o seu enfoque em relação ao problema. Deixaram de vê-lo como folclórico, para localizar o negro urbano como integrante da sociedade brasileira, principalmente, em São Paulo e Salvador.

Florestan Fernandes foi um dos cientistas que se reposicionou dentro da problemática, uma vez que hoje o negro está influenciando nos conceitos que estão sendo recriados nas ciências sociais.

A primeira tentativa de se estudar o problema da raça negra, partiu de um sociólogo negro - Guerreiro Ramos, mas depois, só o branco estudava: Gilberto Freyre, Arthur Ramos e Luiz Pernambuco.

Prejudicado pelo poder americano até hoje, o negro é o grande credor da sociedade brasileira, construiu toda riqueza do Brasil e não participou de um centavo da riqueza que construiu.



Rodésia: Não somos nós que decidimos se usamos a violência ou não, quem decide é o Ocidente branco.



Zimbábue: Morreremos como homens. Mas não aceitaremos a opressão da sociedade branca.

O problema do negro não terá concreticidade e com isto não se terá solução, se ficar ao nível de citações teóricas às quais são na maioria das vezes simplistas. A isto operemos uma prática-teórica sistemática com a população negra, no sentido de integrá-la na luta junto aos setores realmente democráticos da população brasileira. Porém para que isto seja possível propomos que a cada passo dado, seja feita uma séria avaliação da correlação de forças na sociedade política, para que a alternativa não seja dada, mas sim, surgida das necessidades reais dos trabalhadores.

A inviabilidade do regime autoritário se faz sentir de forma mais consistente, apesar de se perceber algumas vacilações, no atual momento político brasileiro. Esgotou-se todo o arsenal de fórmulas salvadoras; as quais salvaram somente eles mesmos e as frações de classe que mais diretamente estavam interessadas em sua manutenção.

As classes que prestaram-lhe apoio no seu momento de «redenção» perceberam seu erro, pela crescente proletarização, e com isto retirou seu apoio. Conseqüentemente sua debilidade transforma-se em elemento de força para os trabalhadores e induz a uma nova reavaliação das forças em jogo do quadro atual. Com isto a Frente Ampla dos setores mais conseqüentes da sociedade, na luta comum contra o autoritarismo, torna-se realidade.

Frente a esse quadro colocamos como indispensável a criação de um autêntico - sem atrelamentos exteriores - o partido socialista, onde, ao representar o interesse das parcelas oprimidas, levante não como forma de concessão, mas sim como problemática real da grande maioria da população do país, a bandeira da luta contra o racismo.

Sendo o negro a camada mais baixa da pirâmide social, excluída pela lógica do desenvolvimento capitalista periférico do aparelho produtivo, ao se colocar a problemática da sociedade democrática verdadeira, inevitavelmente estará ele presente na conquista dessa nova sociedade. Ressaltamos ainda que o negro aqui entendido, não deve ser visto apenas ao nível empírico de análise mas sim como a massa nativa em que se insere a população brasileira. Pretende-se com isso desencadear forte crítica à ideologia dominante, que visa a conciliação com os poderes instituídos daqueles que não possuem uma clara consciência racial.

Existe uma ideologia racista neste país. Os grupos negros organizados não têm unidade de comportamento e ação, para combaterem essa ideologia.

Há uma sub-ideologia subjacente, que é o protesto do negro contra o preconceito.

Nos EUA, Jimmy Carter está fazendo uma política de esvaziamento do protesto negro. Vários líderes negros dos EUA explicaram que o eleitorado negro é quem decide as eleições.

Depois que Lindon Johnson acabou com as restrições de pagar imposto para votar, o negro ficou com uma reserva eleitoral para votar. Seus líderes de direita manipulam o eleitorado na base de concessões do candidato; foi a comunidade negra quem elegeu Carter, quem decidiu do processo. Sua elite agora, fica barganhando coisas que não melhoram em nada a situação do negro que está na miséria.

As classes dominantes destruíram, fisicamente, todos os líderes negros da década de 60, Malcom X, Luther King. A partir disso, foi fácil criar a ilusão de integração do negro norte-americano e ao mesmo tempo colocá-lo como reserva eleitoral do sistema. Contudo, começam a surgir tentativas de uma contra-ideologia negra a nível nacional.

Nos EUA os negros nunca foram maioria da população, lá, a escravidão, foi regional, então, o sistema classificatório: negros prá lá e brancos prá cá, cumpriu sua função.

Até o século XIX, a população brasileira era quase negra e havia necessidade de fazer as diferenças. Se usássemos o critério norte-americano, colocaríamos a maioria que se dizia branca como insignificante.

Todos os mecanismos narrados, mais o problema das instituições do governo até uma ideologia subjacente do povo. Fazendo uma análise empírica, concluiremos que o povo de uma forma geral é racista. Tem a verbalização democrática, mas na hora que o problema concreto aparece dentro de um determinado espaço, ele assume um papel racista, inventando as maiores explicações e justificativas por sua atitude.

O sistema classificatório brasileiro -democrático- é um esquema criado para evitar a unidade da população oprimida, praticamente constituído por negros.

Dentro do problema étnico, a cor da pele é muito importante para a sociedade branca, porque é através dela que esta sociedade identifica o indivíduo como negro ou não. Do ponto de vista antropológico mais profundo, não é apenas a cor de pele que caracteriza a raça.

Definir, somente através da cor da pele e do cabelo, é superficial ou também, assimilação do espírito branco e superficial ou também, assimilação do espírito branco na categoria das ciências sociais e da sociologia.

Seria o caso de estudar, para saber até que ponto houve uma ideologia racista que lastreou todo o pensamento social brasileiro até Oliveira Viana, Gilberto Freyre - paternalista que, na realidade, exerce uma função racista.

Certas modificações surgidas dentro da composição desses cientistas não se dão por instrumentos novos de metodologia, mas porque isso influi menos, do que pela transformação da sociedade brasileira e da mentalidade de alguns cientistas sociais.

O problema classificatório brasileiro - "democrático" - é um esquema criado para evitar a unidade da população oprimida, praticamente, constituída por negros.

Se a grande população negra do século XIX, adquirisse consciência, haveria possibilidade de uma mudança quantitativa no sistema, através do processo revolucionário dessa massa.

Se criou primeiro o mulato - termo pejorativo que vem do cruzamento do jumento com a égua. Entrou como elemento mediador no processo da luta de raça e de elemento mediador no processo da luta de raça e de classes, por outro lado, criou-se o modelo branco como meta a se atingir.

Todo o povo brasileiro começou a assimilar a ideologia do branco. Se é mulato, diz ser moreno. O moreno, diz que é moreno claro, o claro... é branco. É toda uma tendência para chegar a ser branco. É um esquema lógico, que criou a desconscientização. Ninguém quer ser mulato, todos querem ser brancos, claros e jambos. Existe toda uma simbologia para fugir do negro.

Esse sistema classificatório serviu para a classe dominante dizer que no Brasil, existe uma Democracia Racial.

As escolas de samba desde o começo têm uma função política.

Frente Negra foi a primeira tentativa de organização política do negro no Brasil, e ela é um exemplo de como os negros foram usados nos diversos partidos políticos, inclusive nos de esquerda. O negro aceitou de forma passiva ser instrumento auxiliar dos partidos tradicionais. Introjeteu o paternalismo branco e começou a ser cabo eleitoral. Hoje, os negros estão começando a reformular o problema e estão se conscientizando que somente eles, a nível de consciência política, cultural e étnica, podem apresentar uma solução.

Existe aquilo que chamamos de política tradicional — a classe dominante que cria mecanismos reguladores do comportamento das diversas camadas da sociedade brasileira.

A política do povo enquanto segmento oprimido que sobreviveu socialmente criado através do comportamento espontâneo, no qual o negro participa até nas organizações menos políticas, mantendo contudo atitudes políticas.

Fazia-se políticas nos candomblés da Bahia em determinada época, essa política foge do quadro da política tradicional.

Fazer um levantamento é descobrir uma série de organizações tradicionais do negro, com conteúdo político, como a escola de samba.

As escolas de samba tinham, praticamente, um teor político na década de 20. Lá no morro. Do ponto de vista organizacional, a escola de samba durante o ano inteiro participava através de uma hierarquia de grupo, com eleições. Elas existiam também dentro daquele papel de lazer à função política. Participando como força auxiliar de estrutura de poder o marginal do morro quando desfilava na escola de samba, ia com toda a independência, porque não havia um esquema que ele tivesse que obedecer.

O negro ia simbolicamente, porque queria ocupar o espaço branco da cidade. Quem dizia que o negro era marginal, via na escola de samba ele organizado. Quem dizia que o negro era analfabeto, via na escola de samba ele trazendo uma contra-cultura, que era o samba-enredo. É, de fato, uma forma de participação política, embora não convencional. Na política tradicional temos o deputado Adalberto Camargo, que faz a política "branca".

A QUEM INTERESSAM AS MULATAS

A grande variedade étnica brasileira, a qual só pode ser entendida a partir da formação histórica do país, serve de arma aos interesses da classe dominante pois permite-lhe espaço de barganha suficientemente elástico para barrar a possibilidade de um confronto racial de grandes proporções. O fenômeno histórico da miscigenação, que dentro dos quadros da sociedade capitalista denuncia uma feroz luta pela existência negra, nem sempre foi algo brando apesar de alguns assim o considerarem. A negra escrava estropada pelo senhor, difere um pouco da negra empregada doméstica prostituída pelo patrão. E é dessa de nomeação e da necessidade de não ser esmagado pelo poder reinante, que surge a ideologia do embranquecimento, na qual o moreno escuro, claro e outras variantes, constituem-se no espaço de manobra necessária à perpetuação racista. O não reconhecimento disso por parte dos envolvidos, implica na falta de uma clara consciência racial, que não é só consciência racial mas sim e também consciência da luta de classe e cor; e sob a ótica do branco, implica em uma posição de perpetuação da ideologia dominante racista.



A luta de classes com a da raça, dará uma solução para os outros segmentos oprimidos e o grupo negro assumirá a liderança dos movimentos de transformações sociais do país.

Há cerca de trinta anos, que o movimento sindical do Brasil começou a tomar uma certa envergadura, foi formado tipo sindicato dos bismarckistas organizados pelo estado, o que já é o paternalismo funcionando.

Se pegarmos a história dos sindicatos brasileiros, veremos que não existiu a luta dos negros dentro dos sindicatos, no entanto, encontramos lutas muito sérias que eles organizaram fora do sindicato como a Revolta de João Cândido — movimento altamente reivindicatório, onde o negro ocupou o centro da liderança. Lutando para desaparecer os castigos corporais na armada, e para que todos os marinheiros e os brancos também deixassem de ser sevidados. Sentimos que, quando o negro tem condições de organizar, assume a liderança. Como o caso da Balaiada e Cabanada, em que o negro assumiu o centro da direção.

Em 1964, veríamos o seguinte: o negro era o segmento oprimido que estava, praticamente, mais à base da pirâmide social, porque além dos problemas específicos do negro —

O grupo negro assumirá a liderança dos movimentos de transformações sociais do país.

preconceito de cor etc. —, também é economicamente prejudicado, desde quando foi trazido para o Brasil.

Prejudicado pelo poder americano até hoje, é o grande credor da sociedade brasileira, construiu toda a riqueza do Brasil e não participou de um centavo da riqueza que construiu.

Num golpe como o de 64, o mais atendido é o segmento mais oprimido. Em contrapartida, há uma série de movimentos organizacionais do negro querendo se reestruturar política e culturalmente, na base de uma afirmação étnica para poder se reencontrar como ser, e ao mesmo tempo sentimos o renascer do racismo em nível oficial quando o presidente Geisel coloca que não há racismo no Brasil. Existe uma comissão que vai à Brasília para participá-lo das comemorações do dia 13 de Maio, ele não vem.

O pode vai tentar de todas as maneiras impedir esta rearticulação, se os trabalhadores conseguirem, começa a crise do poder

Uma crise dentro da estrutura de poder, não é uma crise de poder. O poder continua despótico, ditatorial, alijando o povo, os trabalhadores e

estudantes da participação. Toda vez que se tentam aberturas, não permitidas, os órgãos de repressão entram em ação e o povo continua castrado.

A possível prosperidade do governo surgiu na base da espoliação violentíssima do povo: achatamento salarial, política de exportação, surgindo, então, uma política neocolonialista. Comparando economia brasileira e colonial em direção à economia do governo, que está ligado ao mercado exterior, com opção de artigos de exportação, veremos exatamente o neocolonialismo.

A crise dentro do poder é consequência do endividamento progressivo, ao mesmo tempo a necessidade de se pagar através de exportação, para se criar um mecanismo regulador da balança de pagamento.

Se o povo brasileiro estivesse criando condições de lutar para modificar o poder que existe, feríamos uma crise de poder. Onde uma força social, política e ideológica, friccionasse-os de tal maneira que os obrigasse a se entregar.

Só a classe dominante pode criar o modelo de uma sociedade capitalista.

Devido à ligação classe-cor, em termos de análise comparativa, sendo o Brasil uma nação africana, é impossível o desenvolvimento do Capitalismo Negro, porque o negro não está no poder. Podem surgir capitalistas negros, o que é bem diferente de Capitalismo Negro — domínio por parte dos negros.

Em decorrência do processo histórico, onde o negro acumulou tanto ônus negativo — a herança da escravidão a incapacidade de trabalhar, articular, progredir, culturalmente, igual ao branco; que o modelo capitalista jogou o negro à periferia do sistema, através da injeção maciça de imigrantes, desde 1850, quando começou o desenvolvimento cafeeiro.

Os negros foram trazidos violentamente para São Paulo, na época do ciclo do café. Depois, em 1888, 80 a 90% dos operários negros foram expulsos do sistema de produção, porque em São Paulo, após a abolição o número de operários estrangeiros era maior do que o de brasileiros.

Parece, muito difícil dentro de um sistema altamente competitivo, a partir do momento em que o Capitalismo se desenvolve, o negro chegar ao poder.

Terá que haver uma rearticulação no sistema de produção e no tipo de sociedade que existe, para se criar essa elite que dará igualdade para desaparecer na contradição entre a raça e classe.

No Capitalismo brasileiro, a única abertura econômica reservada ao negro foi o surgimento de uma pequena classe média — 500 famílias.

Isto foi provado num recente levantamento da realidade atual.

Sabe-se que o sistema não tem interesse em deixar aumentar a classe média negra. Pode haver, em determinado momento, um crescimento, se esta classe não adquirir consciência crítica e a passar a ser uma força auxiliar do sistema, que justificará estereótipos levantados pelo regime, como o da Democracia Racial. Por mais que aumente o número de famílias classe média negra no Brasil, a essência do preconceito de cor não mudará e tenderá a aumentar, à medida que a burguesia negra crie uma consciência crítica, exigindo o espaço ocupado pelo branco.

Hoje, em São Paulo, onde o Capitalismo mais se desenvolveu, a diversificação de interesses da classe é mais aguda e o problema da formação do estado de São Paulo em relação ao negro e mais específico, que em outros estados, devido à chegada do negro ter acontecido após a extinção do tráfico.

Dentro do processo de urbanização e especialização na indústria, abrem-se certas válvulas e criam-se certos trenos para o negro metropolitano. Ele se insere dentro dessa estrutura procurando se especializar, qualificar, para poder disputar o trabalho, não como marginal, proletário, biscate, vendedor ambulante, lixeiro; mas ele procura subir e, na medida que evolui, muda sua forma de pensamento.

Neste processo é uma minoria que está subindo e corre o risco de ser abstraída pela ideologia do branco, e ficar dizendo: "Negro que suja a raça, é o que está lá embaixo", e há possibilidade de conseguir uma consciência crítica, partindo para a liderança do Movimento Negro.

O mesmo Presidente, dois meses depois vai ao Rio Grande do Sul, participar do Centenário do Início da Colonização Alemã no Brasil. Para ele, o negro não tem o que reivindicar. Ao mesmo tempo valoriza traços da cultura alemã que estão se manifestando e revigorando-se no RGS.

Mesmo assim vários grupos negros estão surgindo no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, de uma forma ou de outra. Não vamos discutir a ideologia de cada um. Mas eles refletem exatamente essa contradição que está surgindo dentro de um tipo de sociedade e de um tipo de governo, por que a sociedade civil permanece, mas o governo muda. Esse mudou sua ideologia fundamental, de que de um lado não há preconceito, e se não há preconceito, o negro não tem direito a lutar, e ao mesmo tempo valoriza as outras etnias que foram trazidas na base da imigração oficial: imigração branca.

Rodésia: A civilização Ocidental tem sido tudo, menos civilizada. Na verdade, tem sido extremamente bárbara.



Zimbabwe: A única coisa que um liberal branco pode fazer por mim é ajudar-me a civilizar outros brancos, porque eles precisam ser civilizados.

Direito de voto aos analfabetos

O negro, na sua grande maioria, é analfabeto. Analfabeto não vota. Começa o primeiro sistema de peneiramento. A perda de um grande potencial de integração no processo político. Rui Barbosa foi quem criou essa lei. Antigamente, o sistema eleitoral não dependia da alfabetização, porque o senhor de engenho não sabia ler, mas tinha que votar porque tinha poder. Rui Barbosa, após a abolição, viu que grande contingente de negros escravos poderiam votar, então proibiu dizendo que só poderiam votar quem soubesse ler. É centenário alijar o negro de qualquer processo de participação.

Esse problema não atingiu só aos negros, mas também às camadas proletarizadas que não sabem ler. Nesse momento, temos que lutar pela convocação de uma constituinte onde participassem todas as tendências e pensamentos da sociedade brasileira e onde constaria o problema do voto aos analfabetos e negros. Quando o ex-presidente Castelo Branco levantou a idéia do voto aos analfabetos. Comentou-se: "...Para os senhores do governo (refere-se a Castelo Branco) basta que dois ou três indivíduos com certa formação teórica, adquirida em curso universitário, muitas vezes realizado lá fora, se põe ao serviço de uma vontade soberana capaz de dar-lhes as diretrizes gerais para que tudo se concerte e amanhã venha o povo brasileiro

beneficiar-se daquilo que nem o sr. João Goulart, no seu delírio demagógico ousou oferecer às nossas massas ignôrias (...) Concessão do voto à totalidade dos candangos, dos habitantes dos mocambos de Recife e Fortaleza, das favelas do Rio de Janeiro, todos são brasileiros dos melhores — afirmava o sr. João Goulart e por isso mesmo no entender daqueles que têm hoje nas suas mãos os destinos do movimento de 31 de março, assiste-lhes o direito de intervir na discussão dos mais importantes assuntos coletivos (...) Note sua excia, o que é necessário para formar o seu espírito no contato permanente com as disciplinas sociológicas, não é estranhável portanto, a sua dificuldade em perceber que todo o caminho que vem trilhando o Brasil não tardará a ser dominado pela massa amorfa e inconsistente das populações nordestinas, oriundas do choque de três mentalidades mórbidas que as impede de se integrarem no espírito de uma coletividade realmente evoluída (...) Serão esses homens descriptos nos sertões e analisados por toda uma admirável literatura que nos revela aglomerados populacionais brasileiros, no estado de primitivismo, só encontrável nas mais baixas camadas do velho Indústria, serão precisamente eles, que pelo mínimo anularam qualquer esperança de ação que pudesse vir a exercer nos destinos do país os habitantes do Estado da Guanabara, São Paulo, Paraná e Santa Catarina»...



Sul da África: Não pode haver conversa sobre a maneira de sustar a violência.

H Socialismo e Socialismo. O Partido Socialista que está sendo veiculado, é um partido ligado à Social-Democracia. A Social-Democracia é um antro de corrupção, e com uma estrutura incapaz de articular uma política revolucionária no Terceiro Mundo, porque ignora sua realidade. No momento se voltam para ele, em razão da crise na Europa. Tanto a classe operária como o segmento negro no Brasil, serão objetos dessa estrutura corruptora que visa impedir a radicalização de qualquer segmento oprimido do processo político.

A Social-Democracia cria em determinado momento perspectivas altamente tentadoras, abrindo condições para o partido ser fundado, oferecendo dinheiro, financiamento de jornais; mas ao mesmo tempo com um elemento regulador do sistema Capitalista.

Todas as ofertas deste partido exigem um compromisso, para não se radicalizar o processo político no Brasil. Seria um anteparo, um guarda-chuva, onde o sistema capitalista se resguarda do temporal que está caindo.

É muito tentador para o intelectual ir para o PS, se candidatar e ter uma projeção política nacional ou ser deputado federal, isso é melhor que a ditadura. Mas a hora não é para comparação de dois sistemas corruptores, ambos com roupagem fascista.

O PSD alemão é formado de ex-fascistas e ao mesmo tempo usa uma capa para sustar o processo da luta de classes que está se avizinhandando no mundo inteiro, inclusive na

Europa. Para o negro, com toda sua problemática, só haverá solução, na medida em que ao invés dele aceitar a alternativa e entrar a reboque desse partido, ele crie núcleos de dependência de cultura, de discussão política, de armamento ideológico. Crie uma ideologia do negro e teóricos do problema. Se esses núcleos não formarem uma unidade, uma frente de pensamento para formular uma solução para a situação no Brasil e for atrás de UDN, PSD, MDB e ARENA, isto significará que o negro ainda não assumiu uma posição de independência ideológica, capaz de reestudar o seu problema dentro da sociedade brasileira.

Mas, se o negro deve aproveitar essas entidades, mas que o faça com o força autônoma e não a reboque.

Deverá ter autonomia de chegar e dizer: "Nós vamos trabalhar para nós e não para vocês, dentro do partido. E a nossa plataforma é essa e vamos cobrar". Agora, entrar sem saber qual é a posição desse partido em relação ao negro, sem saber até que ponto o negro vai ser usado por racistas, uma vez que, a Social-Democracia é racista. Formada por elementos do ex-nazismo e que querem impedir, exatamente, a decolagem revolucionária do Terceiro Mundo.

A chegada de um PS, com base na Social-Democracia, as cúpulas serão todas de brancos conservadores. Quando tiver pau, os negros apanharão e passaremos a ser a força passiva que eles desejam, através da qual, como no Capitalismo, eles possam manter os privilégios, dentro de uma roupagem democrática, mas aceitável pela massa oprimida. Isso vai retardar e muito a formação de uma consciência negra.

O Socialismo Autêntico é aquele que se apoia numa força social, que são as massas e executá um programa voltado para os seus interesses. Um PS autêntico não faria a redistribuição de renda, e sim a socializaria. A redistribuição de rendas é uma solução burguesa do sistema Capitalista, apenas democratizando a distribuição da mais valia.

Se o negro participa do Movimento Socialista, com consciência racial do processo político, tomará parte da elaboração das Leis, embora não sejam apenas as Leis que resolvam os problemas. Há uma herança negativa do passado que o negro pode estimular ou não.

Ainda não se sabe como desaparecerá aqueles elementos que davam conteúdo ao preconceito e a exploração de uso pelos outros, pois 99% dos negros são explorados por aqueles que elaboram a Lei, a própria Lei Afonso Arinos foi feita mas não é cumprida. O problema não é a Lei e sim um tipo de governo que não a executa, por ser um governo de exploradores brancos que desejam que a etnia negra fique sempre no seu patamar de explorado. Se muda o conteúdo do governo, transforma-se o conteúdo das Leis.

Havendo essa nova interação farão desaparecer o preconceito, não nascido com o homem. Pois, se pensamos que ele não vai desaparecer cairíamos na tese dos racistas: existe um substrato biológico que faz com que as diversas raças não se entendam. Uma estrutura social criou o preconceito e todos esses valores que determinam o negro como inferior e o branco como superior.

Num PS, desaparecendo o conteúdo gerador do preconceito, os homens vão se reeducar, adquirirão uma consciência socialista. Durante esse longo processo, o negro terá que participar com a sua consciência, como elemento mais interessado que os outros, por ter sido o mais lesado no passado — sofreram discriminação histórica.

Poderá haver também um PS que degenera, dependerá da correlação de forças, que levarão esse partido ao poder, sua composição, inclusive a vigilância dos militantes e dos negros em relação ao cumprimento das coisas que levou esse partido ao poder.

O problema da consciência negra é muito importante na formação do Partido, pois ela criará condições para o negro levar sua plataforma a ele e exigir o cumprimento dela na base da atividade política, não esperando e sim, participando da direção do partido, que é uma micro-sociedade. Nessa micro-sociedade, entrará um grupo de negros, brancos, mulatos, burgueses, estudantes, e a partir daí esses grupos começarão a ter a plataforma comum. Os estudantes estarão cobrando

O Partido Socialista defendido por Afro-Latino-América Versus não é ligado à Social-Democracia. Buscamos, com nossa participação no movimento pela Convergência Socialista, levar as lutas específicas do negro, e ao mesmo tempo, a criação de um Partido dos Trabalhadores, que lutam por sua emancipação.

A leitura atenta do noticiário dos jornais indica, ao contrário, que os representantes da Social Democracia na Europa aproximam-se claramente dos setores burgueses, representados por aqueles que, no Brasil, combatem uma alternativa de classe.

(N. da R.)

do partido, em base da militância, a execução de sua plataforma, mas dentro da militância política.

O processo de dinamismo nesse partido terá que ser diferente dessa sociedade capitalista, terá que ser em base de uma angulação fraternal, senão cairemos na mesma relação da sociedade vigente...

O negro terá que tomar a liderança, pois é o setor mais oprimido, mais revolucionário da sociedade brasileira, devido a sua situação econômica, exploração secular e discriminação racial.

O Capitalismo desaparecendo abrem-se as premissas para desaparecer o preconceito de cor e de raça. Porque a herança histórica ainda vai perdurar por algum tempo. Há muitos socialistas, marxistas que só vem o problema de classe, negando o racial.

A situação do negro no Brasil é um logro centenário e uma sociedade socialista tem que criar uma igualdade desigualando, tirando o privilégio dos privilegiados, para criar um stand regulador da sociedade. Um PS tem que ser feito em base de uma pressão da força política interessada em participar do processo de luta dentro do PS.

Numa sociedade socialista como Cuba, se o negro não ocupa um espaço político através da luta, ele é preterido também, porque essa sociedade exige uma dinâmica de baixo para cima, se o segmento oprimido, não reivindica um espaço para si, em primeiro lugar está querendo uma função paternalista. Em segundo lugar, a própria estrutura de governo que tem deformações no próprio passado capitalista, que ela herdou, também começa a preterir o negro.

Em Cuba, os negros estão lutando violentamente, para conseguir espaço, porque se forem esperar apenas que aquele governo abra os leques da sociedade para eles, perderão.

A sociedade cubana tem apenas as premissas para que o preconceito desapareça. Hoje, há de fato uma reivindicação do negro dentro do sistema socialista cubano. Ele tem a possibilidade de se posicionar política e ideologicamente, a partir do momento que tem consciência política.

Partido Socialista Negro?

O conceito de Socialismo já implica numa não discriminação racial, então o PSN é a negação de uma premissa socialista, seria discriminatório e ao mesmo tempo seria ideal para os exploradores, pois dividiria todos os setores e as forças sociais que deveriam estar unidas. Só se faz política quando se tem a força social nas mãos, fragmentando o partido, as condições de mudar a realidade, de fazer uma revolução, são menores.

Temos a China, que conseguiu unir todas as etnias dentro do Programa Socialista, processo revolucionário, que é o mais importante para a tomada do poder. O problema é juntar as forças e não dividi-las.

Equipe Afro-Latino-América



**afro
latino
américa**

nos sapatos das bases

Vivemos um momento em que o regime de “segurança”, salvo pelos anos do “milagre”, volta a se esgotar tanto no plano político-ideológico, como no econômico, perdendo abertamente suas bases de sustentação social. O acirramento da crise econômica, que nestes últimos anos se abateu sobre as sociedades capitalistas, leva, como era de se esperar, as piores conseqüências para os países periféricos. Na América Latina, os setores populares respondem com uma ampla reorganização dos movimentos de oposição. Aqui o movimento tem maior expressão ainda nos setores da classe média. Crescem as oposições sindicais, movimentos de bairros da periferia e da igreja. Há ainda a disposição expressiva do movimento feminino e do movimento negro. Alarga-se cada vez mais a margem dos empresários descontentes e militares que se proclamam a favor da anistia e da volta ao estado de direito.

Como articula-se o regime em seu isolamento?

Bem, estes movimentos de oposição não surgiram no vazio e tão pouco ficarão no nada. Surgiram e cresceram na luta por melhores condições de vida e trabalho, anistia ampla geral e irrestrita, liberdade de organização e expressão, liberdades democráticas e por uma Constituinte, livre, soberana e democrática.

Mas com a desorganização dos setores mais decisivos da sociedade, tais reivindicações estavam aquém de serem levadas a cabo. O que não impediu que estes movimentos dessem passos historicamente importante para o conjunto das oposições da sociedade.

Neste contexto, o regime militar, ao tentar forular um novo pacto político e econômico, vê-se forçado cada vez mais a abrir mãos de suas áreas de poder às oposições.

Ao contrário do que muitos dizem, o regime não está se reformulando por vontade de se sentir mais modernizado ou para testar uma nova forma de contenção. Mas sim, por ser forçado a deixar espaços às oposições no campo das negociações oficiais.

Neste sentido, avançamos decididos na luta por um partido socialista de trabalhadores, que tanta polêmica vem causando no primeiro e no segundo diedro. Ou seja, na esquerda e na direita.

É possível um partido socialista debaixo deste regime?

— Sim, desde que este partido articula-se com a capacidade tática de conduzir, aglutinar e comportar as reivindicações de todos os setores oprimidos da sociedade, sejam eles trabalhadores, mulheres, estudantes, negros ou intelectuais. E ainda, temas hoje esquecidos como a ecologia, o imperialismo, a divisão da terra.

Poderá ter sucesso esse partido?

— Sim, se for conduzido democraticamente e pré-disposto a caminhar nos sapatos de suas bases, e ser levado para onde elas realmente o desejarem levar.

a questão nacional



André Bocalto

Já se tornou público, mas nem por isso devemos deixar de citar, que o modo de produção escravagista foi um dos fatores de maior importância no processo de acumulação primitiva do capitalismo no Brasil. Graças a ele e ao seu agente de produção imediato, o escravo, a edificação da sociedade capitalista se consolidou. Com isso, a longo prazo, o processo de industrialização, ou melhor, a formação do capitalismo industrial, ainda que não tenha tomado o rumo da direção política com a realização da ideologia liberal, conseguiu suplantar, em determinadas áreas e épocas, a produção latifundiária agrícola.

Evidentemente, existem aí mediações que necessitam ser aprofundadas. Diríamos até que as bibliografias existentes em geral, acerca do assunto, são insuficientes para explicá-las. No entanto, para o momento, basta-nos a constatação do enunciado acima proposto. Porém, no seu projeto de realização capitalista no Brasil, a burguesia logo sentiu seu limite, sua debilidade econômica face à secularidade da formação de um capitalismo em atraso que não pôde se realizar plenamente. As condições de formação do capitalismo imperialista tornaram-se para a burguesia brasileira não só num impulso para o seu projeto, mas também um

«empecilho» para seu desenvolvimento, na medida em que os «trustes» imperialistas acumulam em suas mãos uma parcela considerável do mercado brasileiro.

A debilidade da burguesia local se torna mais patente a nível de superestrutura, onde o apelo aos golpes contra-revolucionários, sempre que colocados em xeque pelas classes dominadas, é uma constante no desenvolvimento histórico brasileiro.

Frente à impossibilidade da burguesia de realizar seu projeto econômico-político (classe por demais desmoralizada) evidencia-se a necessidade de se deslocar as questões essenciais do país às mãos dos trabalhadores, única classe que possui condições objetivas de fato para a concretização desse projeto. Projeto este que se materializará sob a ótica dessa classe.

Na perspectiva operária das questões liberais, vinculam-se três pontos básicos: questão democrática, social e nacional. A reformulação da crítica das esquerdas sobre os setores liberais se torna uma tarefa premente à luz da conjuntura, pois o discurso liberal tomará um real dimensionamento, que tenderá a ser o ponto comum não só da superação desse discurso, mas converter-se-á no caminho prático para a esquerda desenvolver sua ligação com as classes

trabalhadoras. Evitaremos, com isto, ligação com um discurso nacional populista, sendo que seu limite já é muito conhecido. A partir disto, faz-se necessário entender a questão negra como uma problemática nacional, a Nação como fruto daquele que a produz e não dos que a exploram. Já houve quem observasse que a ideologia nas mãos das massas se materializa e cumpre sua função, na medida em que esta ideologia racista cumpre papel de seletividade na sociedade brasileira.

Com a maciça campanha de imigração havida no país (após a abolição da escravatura) que continua, embora em pequenas proporções, o deslocamento do negro para o exército industrial de reserva de mão-de-obra, em escala diferente dos países capitalistas avançados, mostra-nos a debilidade da economia brasileira, e a não incorporação dessa massa marginalizada dentro da linha de produção. Após os breves períodos de «paz» social na história brasileira, temos o regime militar, que exclui a participação do povo - camadas médias, operárias e camponeses - do processo político. Isso torna-se dramático para a população negra, que, impedida de se articular em torno de seus objetivos bem definidos, é jogada à marginalidade social e até ao genocídio.

Quando o regime militar tentou desmentir a existência do racismo via democracia racial, mais por ele se enveredou, tendo até, e isso é grave, suprimido a pesquisa quantitativa da população negra no censo do IBGE.

A ideologia racista nos países atrasados do desenvolvimento capitalista cumpre, como já dissemos, o papel de selecionar aqueles que terão acesso aos benefícios do sistema econômico-político. Isto nos leva à questão da democracia do sistema social. Afirmamos que não é somente o fator racial que impede a expansão das relações sociais democráticas, mas não nos iludimos quanto ao peso desempenhado por este fator.

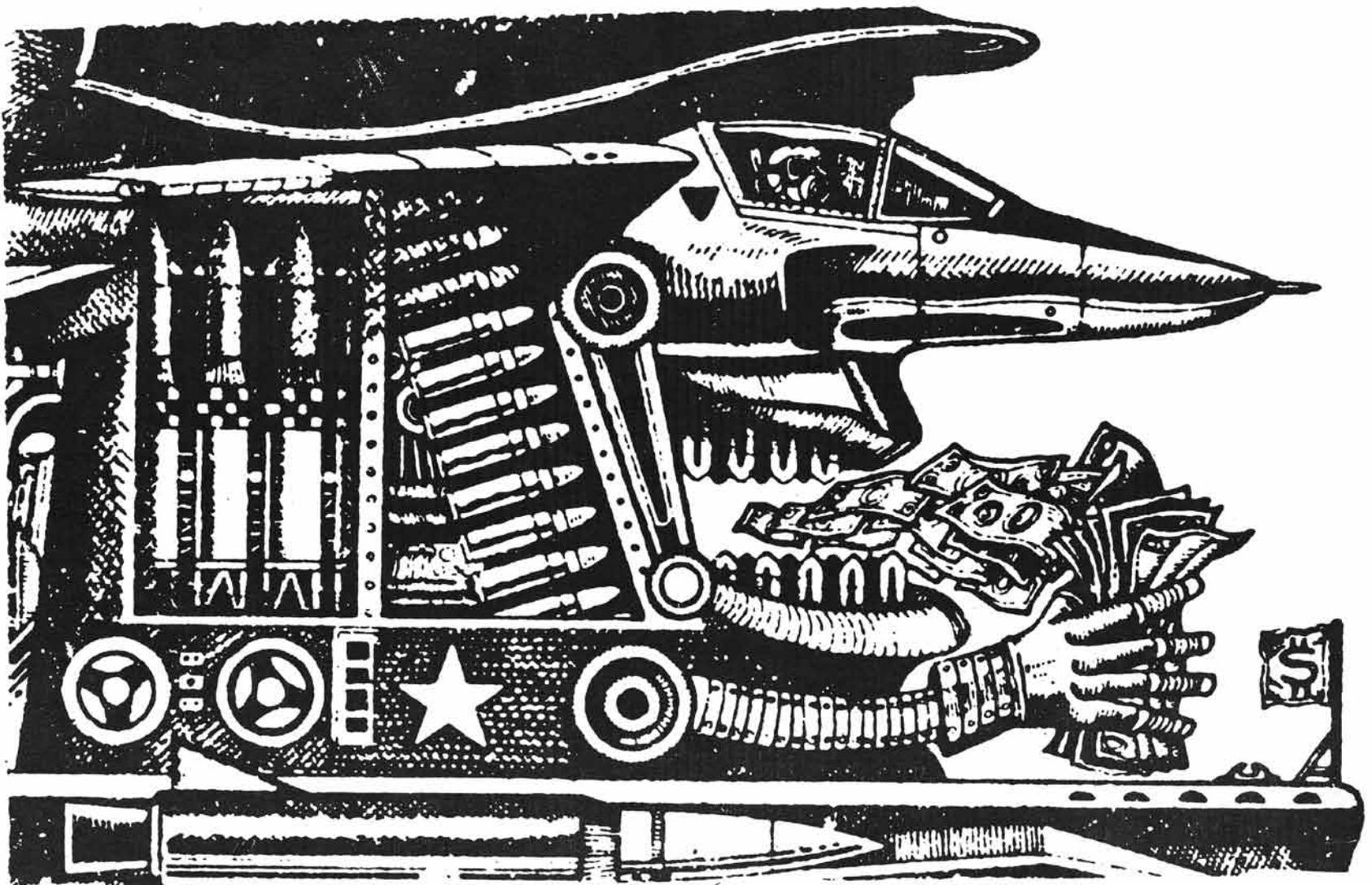
Os principais motivos da divisão das classes dominadas são: a impossibilidade de expansão econômica capitalista, o uso dos estereótipos, atitudes, e as manifestações discriminatórias.

Nesse sentido, a luta pelo fim da ideologia racista é contra a dominação capitalista e pela união dos setores das classes dominadas.

Em outras palavras, a luta contra o racismo implica na superação, através da negação, não só do sistema econômico capitalista, mas da ideologia racista como elemento anti-democrático da estrutura social brasileira.

onde estão os panteras?

Neusa Maria Pereira



Desde que o Partido Revolucionário dos Panteras Negras foi destruído pelos Agentes do F.B.I., os negros americanos ficaram sem uma opção política, na qual realmente confiassem. Se o F.B.I. entrou com força total para acabar com o Poder Negro, este também teve sua parcela de culpa para que isto acontecesse. Isto se deu no momento em que estes ativistas, tornaram-se ultra esquerdistas afastando-se da massa negra, perdendo seu apoio e virando presa fácil da polícia americana.

Mesmo assim, no pouco tempo em que estiveram em ação, os Panteras conseguiram alguns resultados positivos. Ensinaram seus irmãos a ter orgulho de sua raça, a se reconhecerem belos, e principalmente, despertaram na massa a combatividade. Afastaram dela o medo de enfrentar o regime segregacionista que lhe fechava todas as portas de emprego, escola, ônibus, hospitais e moradias.

Foram tempos duros. Inúmeros jovens brutalmente assassinados, - alguns dos mais importantes líderes do Movimento no exílio, para depois, ao voltar, irem para as sórdidas cadeias americanas, desumanas principalmente para negros, e fundamentalmente para negros com idéias revolucionárias. Hoje, após dez anos, o F.B.I. provou que seu trabalho foi bem executado. Não existe um movimento negro, hoje, capaz de incomodar o bem estar da classe dominante. Os ex-deuses de carne negra, mostraram ser vulneráveis e foram destruídos. Os que conseguiram escapar graças a seu carisma, foram absorvidos pelo governo em seus partidos políticos.

Ângela Davis, que atualmente tem um escritório na Califórnia, onde desenvolve um trabalho na área judiciária, visando obter julgamento mais honestos para os negros, entrou, para o partido democrata, cama de racistas sulinos. Também Huey Newton, um dos fundadores dos Panteras Negras, que antes

dizia que a violência nos Estados Unidos era tão comum como torta de maçã, entrou para o partido democrata de Jimmy Carter.

Bobby Scale, um dos teóricos dos Panteras, entrou para o partido democrata também, e candidatou-se prefeito de Oakland, local onde até hoje os Panteras são respeitados, pois foi lá que surgiram. Eldridge Cleaver agora encontrou Deus e virou pastor, anda pregando a Bíblia. Há dez anos atrás, ele falava que somente o Socialismo seria a salvação para os povos oprimidos do terceiro mundo e dos Estados Unidos. A violência não conseguiu destruir Stockley Carmichael. Apesar de perseguido - atualmente está proibido de sair do país - fundou a seção americana do Partido Revolucionário de Todos os Povos Africanos, que levanta bandeiras reivindicatórias específicas. Stockley vive dando conferências nas universidades americanas, denunciando todos os crimes do regime capitalista americano. Até quando?

Os mulcumanos, dos quais os Panteras Negras sofreram grande influência por intermédio de Malcom X (que antes de morrer havia rompido com eles pelo fato de não quererem participar das lutas gerais da sociedade) estão calmos. Fecharam suas bocas para assuntos políticos. Deixaram de pensar num Estado Negro separado, pelo menos por enquanto. Estão apenas rezando e aprimorando seu ódio contra o branco.

Não há mais grandes mobilizações de negros nos Estados Unidos. A ação do F.B.I. contra os Panteras, faz todo mundo pensar duas vezes antes de agir. A falta de uma política consequente fez a comunidade negra cair no conto de Jimmy Carter. Dos 25 milhões de negros existentes nos E.U.A., mais de 40% votou em Carter para presidente, atraídos por promessas de empregos, escolas,

moradias, melhores condições de vida. Mais uma vez foram enganados.

Assim que entrou na Casa Branca, o defensor dos direitos humanos esqueceu tudo. Hoje, 25% da população está desempregada. Está cada vez mais difícil encontrar casa para morar. Ai o sistema capitalista-racista atira cada vez mais pessoas para os porões famintos e fedidos do Harlem, Washington, Detroit, cidades onde é grande o número de negros. A pequena burguesia foge para o subúrbio deixando a sujeira, a miséria e o crime para os moradores dos grandes centros urbanos: negros, chicanos, portorriquenhos e sul americanos.

Existe ainda o problema das escolas, que são poucas, com professores deficientes e mal pagos pelo governo. São inferiores às escolas brancas. Para que o povo não reclame muito, o sistema utiliza seus «festas de ferro», os prefeitos negros que não lutam por melhores condições de vida para sua comunidade. O mais novo boneco do sistema americano é Andrew Young, discípulo de Martin Luther King, pacifista e apenas preocupado em interromper o avanço das lutas do povo negro.

A crise internacional do capitalismo, mesmo no país matriz, faz a corda arrebentar do lado mais fraco. É preciso sobreviver, e só há uma maneira para milhares de negros americanos: roubar, que também é uma forma de contestar o sistema capitalista. Mas na maioria das vezes, isto custa caro. Custa a prisão. Segundo dados da Anistia Internacional as cadeias dos Estados Unidos estão lotadas de pessoas condenadas por suas crenças, origem racial e social. A maioria destes presos são negros. Muitos deles continuam na prisão acusados de praticarem delitos comuns, mesmo depois de provar sua inocência. Apesar de tudo o «paladino dos direitos humanos», exige que outros países cumpram o que ele não faz no seu próprio país, disse Ângela Davis, recentemente em Paris.

DENÚNCIA

Estou há cerca de 3 meses na «peregrinação» à procura de um emprego, para ao menos poder subsistir e para não ser molestado pela polícia, uma vez que não tenho carteira profissional registrada, e já fiquei cinco horas para «averiguação» numa delegacia no Jabaquara.

No dia 20 de março, fui atraído por um anúncio colocado na vitrina da Livraria Siciliano, que pedia um balconista. Não tendo nem passado pelo departamento pessoal, fui chamado à parte por um funcionário que, «educadamente», me disse que a empresa era um pouco «Discriminosa». Após vários pedidos para que me explicasse a discriminação que poderia haver contra minha pessoa, fui informado do principal veto: «A EMPRESA NÃO ADMITE EM SEU QUADRO DE FUNCIONÁRIOS PESSOAS DE COR». Isto desmascara a cúpula diretiva do país, quando esta afirma não existir discriminação racial, e, sim, uma democracia racial.

Ora, está claro, pelo meu depoimento que «pessoas de cor», quando querem ocupar um espaço predominante do «Branco» sofrem discriminação, pois o negro é com raríssimas exceções - destinado a trabalhar na faixa do subemprego, como faxineiro, entregador de café, lixeiro. Não há discriminação desde que o negro «Ponha-se no seu lugar», ou seja, nas favelas, ou quando este tenha o privilégio (mais como uma obrigação) de ser um artista — não remunerado, enquanto as secretarias de Turismo estão faturando dinheiro nos desfiles de escola de samba, para turista ver.

Uma pessoa que luta pela igualdade racial não deve comprar na Livraria Siciliano, que discrimina outros seres humanos fazendo com que eles se sintam envergonhados de sua cor.

São Paulo, 5 de abril de 1978
Carlos Goes, 18 anos, estudante e morador do Centro de São Paulo

nós na convergência

As barreiras sociais, colocadas contra o negro e todos os setores oprimidos, são produto do regime capitalista. Seria, inclusive, por isso, um erro discutirmos a questão negra apenas em entidades ou grupos fechados, sem a participação em outros setores.

O negro, organizadamente, deve levantar todas as suas reivindicações sociais e raciais para o conjunto da sociedade. Hoje, existe um determinado espaço político a ser ocupado. E, deve sê-lo, pela convergência socialista, e nós, do Afro-latino-América, lutamos para que isso aconteça. O negro, duplamente explorado, deve denunciar, pressionar; não ficar imobilizado, mas lutar dentro da Convergência Socialista, impulsionando as lutas políticas para a transformação desta sociedade, da qual é a maior vítima.

As liberdades democráticas, que são o centro da atual frente de lutas imediatas, por isso mesmo, são o centro de união de todos os setores oprimidos, e devem ser as bases de uma ampla frente única de lutas concretas. No entanto, essas lutas não devem ser um fim em si. Devemos ir mais longe e, estrategicamente, buscar a construção de

um novo sistema, o socialista. Sistema que tem como centro a libertação completa do ser humano. E, que por isso, tem na coletivização da produção um dos seus passos importantes. Mas o socialismo não é, e não pode ser, apenas isso. É também o fim de todo tipo de preconceitos e de discriminações raciais.

A transformação libertadora só será possível, no Brasil, com os racialmente oprimidos.

A Convergência Socialista pode ser esse caminho, e dela devemos participar e, assim, lutarmos para que o programa que daí surja, que deva ser o do futuro Partido Socialista, coloque clara e corretamente o problema racial. A mobilização será nossa principal arma nesta luta. A esquerda tradicional é manobrista, e tem um racismo camuflado. A criação do novo partido, passa pela discussão, denúncia e negação dessa esquerda, pela superação da ideologia burguesa e preconceituosa, introjetada na classe trabalhadora. Isso só será conseguido com a participação e respaldo do nosso povo. Os nossos principais aliados na luta de libertação serão, sem dúvida alguma, os trabalhadores.



Rosa Caudiano

90 anos de ilusão

Com a aproximação do dia 13 de Maio, Pai João se prepara para comemorá-lo. Planeja festa, discurso, missa de Ação de Graças, obrigados para a princesa. Começa a convidar as importantes autoridades que representarão a princesa...

Mas esta não é a atitude geral dos grupos negros. Os mais consequentes discutem as formas de negar esta data e a importância que tentam lhe atribuir, mostrando que Pai João vai comemorar 90 anos de ilusão...

Há quem acredite que deva fazer de conta que o dia não existe. Esquecê-lo para que durante todo ano (menos 1 dia) possa negá-lo. Outros acreditam que é necessário desenvolver neste dia e em todos os outros, atividades negando o Treze de Maio e a abolição.

Os primeiros argumentam que a data não lhes pesa mais na cabeça, portanto, não devem nem se incomodar com ela. Sugerem ainda que neste dia ninguém saia de casa. Esquecem que o vazio de suas cabeças leves não tira o peso das cabeças da maioria da

população negra deste País, lembrada, a todo momento, do presente ganho da princesa. E que há ainda os patrões que, carinhosamente, comentam os prejuízos de que foram vítimas, com a abolição. Esquecem-se, principalmente, que a maioria da população Negra trabalha e é explorada, também neste dia, e não pode se dar ao luxo de simplesmente esquecê-lo.

Os segundos argumentam que ficar parado significa deixar espaço aos que iludem a população. Que agir negando a abolição não significa comemorar, pelo contrário, é uma atuação consequente, desmistificadora, que fortalecerá de forma marcante os trabalhos que devam ser posteriormente feitos. Acredito ser esta a alternativa correta. Ficar parado, enquanto agem as marionetes do sistema, é fazer o jogo da classe e da raça dominante. Meu velho avô já dizia: «A cobra deve ser morta quando aparece. Deixá-la desaparecer, para depois correr atrás dela, é se arriscar a ser mordido à traição.»



afro
latino
américa

Há 90 anos, ocorrida a Revolução Industrial, a ampliação do capitalismo a nível internacional levou a classe dominante brasileira a romper com o sistema escravagista colonial, tal como ocorre nas épocas de ruptura política, aquela deu-se de forma gradual, lenta e segura. Evidentemente isto nos leva a perceber o outro lado da questão, a saber: a participação de outras camadas sociais dentro da luta pela abolição e a própria participação dos devidamente interessados nessa luta.

O trabalho escravo tornava-se desinteressante dentro desse novo meio de produção, porém a mudança não poderia ser radical, tornou-se necessário manter as novas forças sociais devidamente entrelaçadas com as forças antigas. A permanência de resquícios coloniais na nossa vida cultural é uma mostra nesse sentido. E a formação de uma sociedade de classes aguçou de forma sistemática todas as contradições, de épocas anteriores, não resolvidas. Mesmo porque as resoluções às inúmeras contradições existentes dentro do nosso sistema só se serão possíveis com a sua supressão.

Passado 90 anos de Abolição, a situação não mudou em seu substancial, a situação do Negro continua degradante. Marginalizado e esmagado socialmente. O censo de 1950, mostrava que 70% dos negros eram analfabetos. Desde então, o item cor foi abolido dos formulários dos órgãos de pesquisas. Quantos de nós estarão desempregados, subempregados ou nas cadeias?

Como vivem nossas crianças? Estão mal alimentadas, sem roupas, escolas e assistência médico-hospitalar. É preciso ensiná-las a acreditar que é possível construirmos uma nova sociedade, onde poderemos acabar com o racismo, a fome, a criminalidade e outros males sociais.

Por estes motivos o 13 de Maio tem que ser para nós, não um dia de festa, mas de denúncia. Denúncia de um sistema social que tirou o negro da senzala e o impediu de participar de uma nova maneira de produção. Será que somente com outra abolição, o negro conseguirá adquirir seus direitos de cidadão?

por Rui Veiga

Fotos de Cláudia Celidônio

diálogo dos explorados



Dois índios e um negro encontram-se. Conversam. A nação, a história, as condições de vida e a emancipação. O racismo, o extermínio físico e cultural — males comuns. O que fazer? No centro de São Paulo.

Negro e índio, duas etnias exploradas, encontram-se nas páginas de Versus e discutem os problemas mais importantes, que os afetam dentro da sociedade em que vivemos. O opressor procura individualizá-los e com isso torná-los presa mais fácil do processo de acumulação de riquezas e do modelo político desenvolvimentista que está em vigor no país. Um modelo que considera o índio como um empecilho para o «desenvolvimento», e o negro mão-

de-obra barata e membro constante do exército de reserva para garantir a continuidade do processo de exploração social.

RAFAEL: Como negro a nossa dificuldade de chegar ao mercado de trabalho, a marginalização nas grandes cidades, que nos obriga a viver em favelas e morros, a destruição da nossa cultura e a perseguição que a nossa religião sofreu. Tudo com um sentido bem claro, o de preservar a dominação do branco sobre os demais povos e acumular as riquezas da sociedade nas mãos de alguns poucos.

Sabemos que existem brancos explorados, mas a expropriação que o índio e o negro sofrem é muito maior, porque além do problema das relações de produção, a divisão da sociedade em classes, nossas etnias sofrem uma segunda exploração, que é a destruição da identidade e da cultura, como forma de manter ainda mais essa exploração que já mencionei antes.

Hoje existe um problema candente para a questão indígena, que é o da emancipação que o governo está

querendo conceder ao índio. Emancipação esta que não respeita o modo de vida deste povo, porque fornece dez alqueires de terra para cada índio individualmente, desrespeitando o caráter estritamente comunitário que possui o modo de vida indígena. A tutela atual, não é naturalmente o regime ideal para o índio, principalmente porque com ela o elemento indígena é considerado pela lei brasileira «relativamente capaz» e não senhor de suas próprias decisões.

Este ano, no dia 13 de maio completam-se 90 anos da abolição. O negro foi emancipado. Mas aí é que vem a pergunta: em que condições? O negro foi emancipado, sem direito à terra e sem acesso ao mercado de trabalho, que havia sido todo entregue ao imigrante europeu, cuja vinda tinha sido incentivada pelos governantes brasileiros no final do século passado. E com isso o negro foi se marginalizando. É importante, que os índios atentem para a emancipação que lhe estão querendo conceder, porque correm o risco de ficar abandonados, sem terra e com seu modo de vida destruído, em favor de alguns projetos de exploração multinacionais, como o Projeto Jari.

A consequência da emancipação do negro foi a marginalização.

MAIRAUÉ: É, eu também acho que tanto faz negro ou índio, tudo é explorado. Os dois destruídos, aos pouquinhos. Hoje tem muito pouco índio e o branco explora mais ainda. E mata. As coisas do índio foram destruídas e as terras da gente roubada pelo homem branco.

O branco é um homem que tem coisas que eu não entendo. Nós da aldeia nos tratamos todos de irmão, mas entre branco tem o que manda e toma a terra, e o que vai lutar contra o índio como mandado. O branco que tem pouca terra não faz estragos, mas o grande fazendeiro invade tudo. Tem dinheiro, tem armas. Felizmente agora voltamos a aumentar a nossa gente e devemos nos juntar todos como irmãos para saber se defender do branco. O branco será sempre mais forte, enquanto a gente for pouco e tiver do jeito que estamos, um para cada lado.

Nós como o negro temos que mostrar para o branco que temos o direito de viver. Temos que ter o nosso deus, o nosso modo de viver. É engraçado, muitas vezes o branco diz: «Vocês têm que viver como nós e acabar com essas festas». Eu gostaria de saber como é que um branco viveria como um índio. Nós queremos dizer para o homem civilizado da cidade, que eles só são civilizados porque acreditam que são, porque para nós eles são iguais.

PUYÚ: Nós antigamente éramos felizes. Nossa gente vivia toda junta. Até que um fazendeiro separou tudo, quando tomou a terra: Nosso povo ia desaparecer se não retirassem a gente do nosso território. Isso quem fez foram os dois: Cláudio e o Orlando (Villas Boas). Não se pode tomar terra índia. Quando vieram os fazendeiros, nós tentamos falar para eles irem embora, mas eles deram tiro na gente. Aí nós fomos

MAIRAUÉ (Sol Azul): Índio kajabi. Residente no Parque Xingú. Chefe de Posto Indígena de Auarun. Tem 28 anos e foi criado por Cláudio Villas Boas.

RAFAEL PINTO: Negro. Estudante de Ciências Sociais na USP. Tem 29 anos e pertence a grupos que trabalham pela defesa do elemento negro.

PUYÚ: Índio sukarramaen. Tem 18 anos. Vive no Parque Xingú. é funcionário do posto de Mehuarin.

para o Parque do Xingú e lá nós estamos procurando resistir. Tem branco que já tentou invadir, mas agora a gente vai matar mesmo.

O TRABALHO E AS RELAÇÕES DO ÍNDIO COM A TERRA

MAIRAUÊ: Minha gente veio do Tapajós. Eu nasci na região do alto Tapajós. Sou kajabi e tenho orgulho de ser indígena e da minha nação. Meus pais já moravam naquelas terras antes dos brancos chegarem. Lá estão nossos campos santos, nossos túmulos, lá o mundo foi criado para minha gente. Maira saiu de lá. Hoje naquela área não existe mais nada, está tudo na mão de fazendeiro branco. Primeiro vieram os seringueiros, depois os garimpeiros e finalmente o gado. Nossa terra foi destruída, nossa água ficou suja, nossa caça e pesca desapareceram. Uma tristeza! Índio não estraga a terra desse jeito.

Nossa gente aos poucos foi ficando sem terra. E os kajabis quase desapareceram. Também foram o Cláudio e o Orlando quem tirou a gente de lá e levou para o Parque Xingú. Eu fui criado desde menino pelo Cláudio. Se a gente tivesse ainda no Tapajós, estaríamos trabalhando para branco, como acontece com alguns de nossa raça mais para o sul. Vamos sim defender o Parque como Puyú falou, porque é a nossa última terra, de lá não temos para onde ir.

RAFAEL: Tão logo aconteceu a Abolição, a maioria dos negros ficaram sem trabalho. O homem negro não tinha onde trabalhar e quem foi obrigado a sustentar a casa foi a mulher, como empregada doméstica ou lavadeira. Hoje mudou um pouco. O homem negro consegue emprego, mas em geral, em trabalhos que o branco não quer fazer, é a que a gente chama de sub-emprego. O Mairauê tem razão, quando diz que nem todo branco é igual, e que um explora o outro. Aqui na cidade a gente sente esse tipo de coisas. Agora, com o negro é pior ele não consegue nunca um bom emprego. Se um branco e um negro competem por um cargo, a preferência recai sempre sobre o branco.

Essa questão do sub-emprego e da repressão é muito importante, porque você vê que na cidade, quando tem uma roda de negro a polícia vem e pede documentos para todo mundo. E o que ela pede? A carteira profissional. Como o negro ou está desempregado ou vive na estrutura do sub-emprego ele não pode mostrar a carteira e vai preso.

MAIRAUÊ: Uma coisa que eu não entendo é por que o branco para sobreviver precisa passar por cima da gente, negro e índio. É difícil entender isso para mim.

RAFAEL: Isso, Mairauê, ocorre porque o branco tem riquezas, mas é uma riqueza que ele foi acumulando ao explorar as outras raças e os próprios brancos que não possuem dinheiro. Se o branco tem terra é porque ele roubou do índio...

MAIRAUÊ: É verdade, porque nós estamos aqui muito antes do português aparecer e toda terra era da nossa gente.

RAFAEL: É um exemplo. Se ele explora o negro é porque ele precisa de gente que faça os piores trabalhos ganhando o menos possível. E no roubo da terra, na exploração do negro, e da mão-de-obra do branco, quem ganha são os poderosos: fazendeiros, banqueiros, industriais...

MAIRAUÊ: Eu acho errado que o branco faça isso. Veja, Rafael, eles exploram, porque querem ganhar mais dinheiro. Então o dinheiro é a vida deles. É uma exploração. O negro e o índio têm o mesmo direito à vida, não a vida do dinheiro. Todos nós nascemos com vida. Por que você vai tirar a vida nossa? Será que o branco não tem vida, não nasceu com vida? Eles não precisam sobreviver com a vida dos outros, ele tem a dele.

TRADIÇÃO E CULTURA

PUYÚ: Antes o nosso povo andava e corria pelo mato. Eu sou sukarramaen. Minha tribo caçava e fazia festa. Eu não era nascido. Eu nasci no Parque. Meus pais e meus avós contavam que eles nunca precisavam se esconder atrás de roupa e que plantávamos milho, abóbora para comer. Lá no Xingú a gente melhorou, dizem os mais velhos, porque pudemos voltar a fazer coisas que antes não fazíamos devido aos fazendeiros. Eles não querem que nós sejamos livres.

MAIRAUÊ: Antes da chegada do branco meu povo, também era livre como os sukarramaen. Depois da chegada do branco toda nossa vida começou a ficar ameaçada. Nossos lugares santos estão profanados. Podíamos fazer nossas festas e nos pintar. Fazer a corrida, cantar e lutar o «huka-huka». Com o branco isso tudo ficou ameaçado. Nós confiamos em Cláudio e Orlando, porque eles nos trouxeram ao Parque. Mas eles me disseram que a gente tem que estar sempre vigiando. E nós ficamos de olho aberto.

RAFAEL: Nós viemos da África. Lá também tinhamos nossa cultura, nossa tradição e nossa religião. Todo o trabalho que a gente produzia era nosso. Na África nossa vida era melhor, porque era nossa. Depois veio a escravidão. Mas a gente não aceitou a escravidão. Fomos para Palmares e outros quilombos, e lá tentamos recuperar um pouco de nossa tradição perdida. E reconstruir nossa vida livre. Perdemos tudo, com a destruição da maioria dos quilombos. Veio a Abolição e nossa cultura continuou sendo esmagada. Sei que essa exploração não será eterna e que cada um de nós negros e índios devemos lutar contra ela. Devem ser preservadas as diferenças, mas devemos lutar junto naquilo que é igual e ajudar-nos um ao outro.

LÍNGUA E IDENTIDADE

MAIRAUÊ: Eu sou kajabi! Não existe índio, mas vários índios, com línguas diferentes. Para mim continuar sendo kajabi, tenho que saber meu idioma. Eu já vi tanto índio, que aprende o português mal e esquece sua língua. Estes deixam de ser índios, porque já não falam com sua gente, e não são brancos. A gente tem que aprender a língua do branco para aprender a lidar com ele, entender suas leis e se defender da burocracia que tanto explora o índio. Eu aprendi o português, mas continuo falando o kajabi junto com a minha gente e não quero deixar de falar meu idioma. É importante que a gente tenha também uma linguagem escrita, para poder saber transmitir as coisas nossas por mais tempo.

PUYÚ: Sukarramaen não perde a sua língua. Se um dia eu perder, não sei o que vou fazer, porque branco eu sei que eu não vou ser. Eles não deixam e eu não quero.

RAFAEL: Nós perdemos nossa língua, o iorubá, o que existe hoje dela são fragmentos. Uma coisa é verdade no que o Puyú e o Mairauê falaram, a língua une uma nação. Para o índio, a língua é uma forma de resistência. Para o negro o mais importante foi o candomblé, nossa religião, porque manteve acessas nossas tradições e costumes sem que perdêssemos nossa identidade.

SAÚDE E CRESCIMENTO

PUYÚ: A nossa população cresceu dentro do parque Xingú. Mas fora do Parque nossa vida era mais

despreocupada. Não tinha doença como sarampo, gripe, maleita e essas doenças que o branco traz para as mulheres de índio. Na época em que a gente vivia mais no norte, fora da reserva, e sem o branco, nosso povo era forte. Índio só morria bem velho. Hoje índio que vive fora do parque está bebendo, que nem garimpeiro. Está morrendo de doença feia e não tem remédio. Antes nós não precisávamos de remédio. Tínhamos alguns remédios feito de mato e erva, mas eram pouco usados. Agora, mesmo dentro do parque Xingú a gente está precisando de remédio da cidade e de médicos. E assim mesmo tem índio morrendo de criança. Tem índio doente e com problemas de saúde grave.

MAIRAUÊ: O Puyú está certo. Só que felizmente para nós a nossa população está crescendo, tanto a kajabi como a sukarramaen. O que não aconteceria se a gente tivesse bebendo a água suja do gado e estando em contato com o branco. Não quero dizer que os mais velhos não prefeririam estar nas velhas terras, sem branco e sem doença. Isso já não é mais possível.

RAFAEL: Dentro da cidade o negro tem problemas, como o lugar onde ele vive, que em muitos casos são as favelas e portanto não existe saneamento básico. Tanto que a população negra sofre de muitas endemias, como a malária, a leishmaniose e outras, como aconteceu com o surto de meningite que matou muitas crianças negras. O processo de mortalidade infantil na população negra é muito intenso e morre muita gente nos asilos em plena miséria e doentes. Sem contar que nós não temos acesso a dentistas e médicos.

ORGANIZAÇÃO DO NEGRO E A LUTA DO INDÍGENA

RAFAEL: Uma coisa que eu quero falar e que acho muito importante: o negro e o índio sempre lutaram juntos contra a exploração do branco. O quilombo dos Palmares é um exemplo. Lá moraram muitos índios em perfeita convivência com os negros e identificando, em comum, quem é o explorador.

Eu acho que nós devemos nos aproximar do índio, através de diálogos, de contatos pessoais ou por entidades para manter um intercâmbio de idéias e da situação da exploração que cada um sofre. E denunciar em conjunto, com os que são contra, toda exploração, toda exploração ou violentação de que somos vítimas por parte dos brancos. Para isso temos que identificar o opressor, o branco que controla a produção: fazendeiro, industrial ou banqueiro.

MAIRAUÊ: O principal para o índio é se defender e garantir sua terra como propriedade da comunidade. Precisamos aprender as coisas do branco como eu disse, mas sem deixar de ser índio. Todos os índios, todas as tribos tem que ficar unidas para manter nossa terra quando o branco tentar roubar a gente. Acho que a gente tem que denunciar, como o Rafael falou, toda a exploração. Todo mundo deve denunciar: negro, índio e branco que não aceita a exploração.





13 de Maio

Um dia de denúncia contra o racismo

13 de Maio de 1978. Faz 90 anos, a princesa Izabel assinou a lei Áurea. Os negros escravizados foram libertados? Hoje, Afro Latino América sai às ruas e pergunta aos trabalhadores negros o que pensam da abolição.

Quatro trabalhadores, de diferentes setores, respondem à Neusa Maria Pereira, nossa repórter:

“O treze de Maio deve ser transformado num dia de denúncia do preconceito racial e da exploração social, comum a negros e brancos.”

Sebastião dos Santos tem 23 anos e manequim, fez o curso de garçon no SENAC- Serviço Nacional do Comércio- sendo ainda atleta num importante clube de São Paulo. Para viver trabalha como barman na revista «Isto É».

Para mim o dia 13 de maio não significa nada. Não foi um fato concreto que aprendi na escola. Mesmo porque, nós negros, não aprendemos na escola a verdadeira razão da abolição, pois se isto acontecesse estaríamos nos valendo dele na vida social.

-Se este dia fosse realmente importante seria comemorado com luta e não com festa. Do jeito que os negros estão vivendo no Brasil, não há motivo para festejar o 13 de maio. Só poderíamos fazer festa se realmente fôssemos livres.

A discriminação está aí e só não a vê quem não quer, ou melhor, quem não a sente. Ela está presente nos clubes, onde apenas brancos podem frequentar as discotecas, nas empresas - onde quando negros são admitidos - nunca obtêm os cargos de confiança, nos bancos é difícil ver um negro gerente. Não há negros nem nos cargos médios do comando do país.

-O negro é mão-de-obra barata por causa desta discriminação. Geralmente ele trabalha para comer e tem que escolher: ou come ou estuda. Daí ficamos sempre para trás por falta de estudo.

-Eu fiz o curso de garçon mas não arrumo emprego nesta profissão. Os restaurantes não querem ver negros na linha de frente, isto é, atendendo os fregueses. Preferem que fiquemos na retaguarda, fazendo os serviços que tradicionalmente nos foram destinados: na cozinha, na limpeza, carregando e descarregando mercadorias.

-Quando procuro emprego de garçon ouço sempre as mesmas desculpas, não tem vaga, vai passando... Outro dia mandei um amigo meu, branco, ir num restaurante onde o gerente havia dito que não tinha vaga. Ele foi empregado.

-Denunciar? Penso que não resolve nada. Não temos leis que nos protejam realmente e as autoridades são as maiores culpadas destes fatos acontecerem. Porque quando se faz queixa de algum caso de racismo elas não investigam com o devido rigor e, muito menos, punem os culpados.

-Não sei que tipo de luta nós negros deveríamos levar para acabar com o preconceito, porque ELES não deixam a gente entender como se dá a discriminação. Vivem alienando o negro com a alegria de futebol, do carnaval. A televisão, o jornal só dão valor para o negro que alcança sucesso através do esporte ou da música, nunca para os que vencem pela cultura. Aí os jovens negros ficam enfeitados querendo ser um esportista famoso para melhorar a vida, não sabendo que tudo é um sonho, um jogo falso da sociedade. Por tudo isto, o 13 de maio é uma data sem importância para mim e ela só teria significado se houvesse outra

abolição e nós participássemos de fato dela, para ensinar o povo a nos respeitar.

João Rodrigues da Silva é casado, tem 49 anos e trabalha como soldador há 13 anos na G.E... Desenvolve um trabalho ativo no Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, onde é suplente de conselheiro fiscal junto às bases.

A única importância do 13 de maio está no fato da princesa Isabel ter libertado da escravidão homens, mulheres e crianças da cor negra. Por que se naquela época isto foi importante, hoje não quer dizer mais nada, pois tanto os negros como os brancos são ainda escravos na sociedade capitalista.

Somos escravos porque trabalhamos de 9 a 10 horas por dia dentro de uma fábrica ganhando um salário que mal chega para comer. Trabalhamos todas estas horas e até mais, muitas vezes doente, porque não podemos nos dar ao luxo de cair no INPS. Somos impossibilitados de faltar para levar o filho ou a mulher ao médico, pois nos descontam no ordenado. Escravos porque sob qualquer condição somos obrigados a dar a produção do dia senão vem advertência, gancho e até desemprego. A lei não nos protege. Ela está sempre do lado do patrão, ele tem dinheiro. Temos que enfrentar a lei do patrão que é sempre a mesma: muita produção e pouco ordenado.

-Precisamos de escola para nós e para nossos filhos. Algumas empresas apenas dão curso de aperfeiçoamento para os que estão em escala superior a nossa. Os que lidam com as máquinas são considerados inferior a elas. Hoje, o mecânico, o soldador, o electricista são considerados escravos. Os que se aperfeiçoam e se transformam em inspetor de qualidade só utilizam seu curso para fazer o jogo do patrão e oprimem ainda mais seus companheiros de trabalho.

-A situação é um pouco pior para os colegas que trabalham na construção civil. A maioria não possui carteira assinada e, conseqüentemente, não tem direito a médico, às leis, a nada. Ganham pouca e ainda apanham da polícia quando são encontrados com a carteira profissional sem registro.

-Há muito que trabalho e sei quanto soffro. Quando comecei na G.E., que é uma firma americana, era difícil eles aceitarem operários negros. Somente após a morte do presidente Kennedy é que eles abriram mais vagas para negros. Existiam apenas seis na empresa. Nós formávamos uma turminha e quando entrávamos juntos no restaurante, muitas vezes ouvimos de colegas: «Agora já estão deixando entrar urubu aqui!». Eu briguei muito para impor respeito. Consegui.

-Para mim apenas os representantes do sistema são culpados pelas péssimas condições de vida que levamos. Eles dão ao patrão o poder para nos explorar. Por isto somente consciente e organizada a classe operária

poderá desprestigiar as leis dos patrões e exigir: melhores condições de vida, maiores salários, direito de greve, sindicato livre, eleições diretas, onde possamos escolher nossos candidatos, pois assim estaremos forçando uma mudança na sociedade. Caso contrário continuaremos todos escravos-negros e brancos.

Crésio Ospácio Oliveira é rebarbador da empresa Z.F., especializada em peças hidráulicas. Tem 38 anos é casado e tem três filhos.

-Creio que o dia 13 de maio é importante porque nos trouxe a liberdade, embora ela tenha sido fruto do esforço conjunto de brancos e negros que lutaram em favor da abolição, mãe racismo ainda existe no Brasil. Aqui mesmo neste encontro de trabalhadores (era dia 1º de Maio quando o entrevistamos) quase não tem negros, e há muitos poucos na mesa representativa. Por que?

-Para mim estas idéias racistas são trazidas para o Brasil pelos estrangeiros. Meu patrão é alemão e não gosta de negros. Nunca disse isto abertamente, mas nós percebemos pela maneira como ele trata os operários negros. Sempre vigiando, exigindo mais atenção dando bronca por qualquer erro. Outro dia cheguei 15 minutos atrasado ele permitiu que fosse até a seção para depois me mandar voltar para casa. Este fato ele tolera nos outros trabalhadores. Tenho que engolir tudo em seco, preciso do trabalho, mas acho que devemos continuar lutando contra do racismo, principalmente, no dia da abolição da escravatura.

Maria José dos Santos é camareira na Rede Globo de televisão há um ano. Tem 50 anos é solteira. Antes trabalhava como costureira. Pertenceu ao Teatro Experimental do Negro e gostaria que ele voltasse a existir pelo importante papel que desenvolveu no meio da comunidade negra.

-O 13 de maio é significativo para nós por que foi através dele que conseguimos nos igualar a nossos irmãos brancos. Ainda existem barreiras contra o avanço da raça negra, mas creio que o estudo pode amenizar a difícil situação econômica em que vivem quase todos os negros.

-No meu modo de entender não é apenas o negro que tem problemas de dinheiro e desemprego e discriminação o branco pobre também tem. Mas nossa dificuldade é maior por causa da cor e, principalmente, porque o preconceito é escondido e não sabemos como enfrentá-lo. Agora precisamos é combater o preconceito do negro que está em melhor situação e discrimina seu irmão. Eles precisam ser tão combatidos quanto os racistas brancos e para isto precisamos brigar. Mas brigar não de uma forma sangrenta e sim, inteligentemente.

O 13 de maio só deveria ser lembrado quando todos estivessem irmanados na luta contra o racismo, desta maneira ele seríamos respeitados pelas outras pessoas e por nós mesmos.

A LUTA PELO P.S.

Apesar das dificuldades, o nosso trabalho está crescendo. Prova disto é o aparecimento em Belém do Pará de um núcleo de apoio ao Afro-Latino-América. Este grupo é formado por estudantes de Direito da Universidade do Pará (UFPA) e atuantes no movimento estudantil.

Em sua carta, entre outras coisas, os companheiros falam da necessidade de um intercâmbio efetivo de idéias, visando uma melhor interligação político-cultural para a formação no futuro, de um movimento de Convergência Socialista naquele Estado.



NOVAS PUBLICAÇÕES NEGRAS

O ressurgimento da sociedade civil brasileira, em seus inúmeros movimentos sociais, têm como característica marcante a riqueza de propostas que se fluem ao longo de seus contornos, os quais primam por aquilo que se convencionou chamar de debate cultural.

É nesse crescente estado de convulsão social, no seu sentido positivo, que surge **CADERNOS CÂNDIDO MENDES 1**, do Centro de Estudos Afro-Asiáticos do Conjunto Universitário Cândido Mendes. cujo objetivo consiste, conforme a apresentação em "... ampliar a divulgação do seus trabalhos através de uma revista aberta a todos os estudiosos das realidades africana e asiática e das relações afro-brasileiras..." e suscitar o debate entre todos aqueles que se preocupam com os problemas comuns aos povos do Terceiro Mundo.

Dentre os vários ensaios destacamos: **AS RAÍZES DO APARTHEID**, de José Maria Nunes Pereira, onde o autor mostra a identificação da «superestrutura que corresponde a economia capitalista sul-africana», porém ressaltando que «as suas

bases ideológicas são anteriores a ela», e estuda a religião enquanto ideologia dos povos brancos apressores da África do Sul.

A ANTROPOLOGIA E A COLONIZAÇÃO DA ÁFRICA, de Kabengle Munanga, onde o autor discute a relação da Antropologia como justificação ideológica do dominador branco frente aos povos «primitivos», e com isso legalizar aos olhos do Mundo o extermínio de todo um povo. O trabalho prima pela colocação precisa, dentro dos seus limites, dos vários problemas em que a Antropologia esbarra para se erigir enquanto ciência «é preciso perguntar sobre o momento no qual ela (a Antropologia) adquire não só sua autonomia completa, mas também a sua denominação, colocando-nos então a questão de sua utilidade e de sua justificação teórica. Nesse momento é a dominação colonial. É esta que vai determinar o objeto da Antropologia, determinação que ela própria: nunca fez».

Dentro desse espírito crítico surgem vários outros ensaios.

saiu tição

Mais uma revista levantando a questão racial, ciente de que a ideologia racista é reflexo de uma estrutura histórica que tende a desaparecer com o final da sociedade competitiva.

«A revista discute a participação do negro no âmbito das reivindicações sociais e sua história». Sua abertura dá-se com uma revisão histórica do negro no Rio Grande do Sul, mostrando-nos a contribuição cultural dessa camada dita marginalizada. Há entrevistas com mulheres negras onde o problema da exploração sexual e racial aparece pela boca dos que o vivem.

Apresenta, ainda, uma matéria sobre Palmareš, onde a organização negra contra o opressor atinge seu ápice.



REDESCOBERTA DA ÁFRICA.

As tempestades econômicas (calmarias) do mundo chamado «desenvolvido», desviou as rotas da caravela brasileira. De repente, o vendaval levou-a rumo às costas Africanas.

Mesmo antes disto, já haviam os visionários que alertavam a classe dominante da opção africana. Mostrando nossa grande população negra, a africanidade (redes cobertas) brasileira, nossa tradição cultural africana e nossa experiência tropical, indicavam as rotas para as Áfricas. E hoje, todos começam a navegar. Um dos navegantes é o Dep. Fed. Adalberto Camargo, negro, oriundo do subemprego (já limpou muitos pára-brisas de carros na sua infância, vendendo outros na juventude), hoje, um dos mais importantes articuladores da nova epopéia Africana.

Entre as primeiras Nações descobertas encontra-se a Nigéria. Depois, vem Costa do Marfim, Gabão, Senegal, Alto Volta e outros. A maioria, da região chamada «Costa do Ouro», rica também em petróleo e de onde vieram grandes carregamentos de escravos para o Brasil.

Assim nasce a fraternidade Afro-brasileira. Até um jantar de confraternização da família Afro-brasileira foi feito no ano passado, onde compareceram ilustres negros, brasileiros e africanos.

Adalberto Camargo é presidente da Câmara do Comércio Afro-Brasileira, que reúne várias empresas para mostrar-lhes os caminhos para a penetração na África. Entre as empresas, encontram-se a Hidro-Service, Construtora Mendes Jr., Bêrgamo Companhia Industrial, Fasano S.A. Com. e Exp. e mais algumas multinacionais. Camargo acha que este processo só traz

lucros, tanto para africanos quanto para brasileiros negros.

Aliás os lucros já começam a aparecer. A construtora Mendes Jr., por exemplo, está levando Know How brasileiro para a África, a TRANSMURITANIANA... É lamentável que o povo africano não conheça o progresso mortal levado aos nativos (indígenas) brasileiro com a Transamazônica.

Para mostrar que caravela é coisa do passado, a Varig inaugurou no ano passado, uma linha Rio-Lagos-Rio que demora apenas sete horas e vinte cinco minutos em seus vôos.

Aviões - caça a jato Xavante - madeira manufaturada, defensivos agrícolas, feitos com herbicidas, fungicidas e inseticidas, são outros produtos a serem vendidos. O nosso eficiente correio também vai levar sua experiência para África.

Mas o produto mais importante vai para a Costa do Marfim. Sem dúvida, um dos produtos mais consumidos, atualmente pela população brasileira: a loteria esportiva. No ano de 1977 quatro dirigentes da loteria federal deste país estiveram no Brasil e se entusiasmaram com o Know How brasileiro, no setor, com o perfurador Detalef e a segurança dada aos apostadores.

E para dinamizar o capital que vai girar neste processo de cooperação, o Banco do Brasil associou-se ao Banco Internacional para a África Ocidental (BIAO), adquirindo junto à União de Bancos Suíços, 49% de suas ações, que pertenciam aos Citybank. Os 51% restantes de ações continuam sob controle da Credit Commercial de France.

Como podemos verificar, estamos realmente voltando às origens.

um grito no soul



embora a lei dos Direitos Humanos nos diga que somos todos iguais, ainda somos vistos como marginais, bêbados e quando "bons", sambistas ou jogadores de futebol.

Embora o parágrafo 8.º do artigo 153 da Constituição, entre outras coisas diz: "é livre a manifestação de pensamento..." não nos é permitida a organização. Durante séculos trabalhamos de graça. Hoje, servimos de mão-de-obra barata para as classes que detêm os meios de produção.

As mulheres negras quando não são usadas como boas domésticas, são usadas como máquinas de fazer "amor", transformando-as, assim, em símbolos sexuais, por as considerarem ardentes, ferozes, etc... Sem esquecer que também são discriminadas como trabalhadoras.

Para acabar com nossa raça e unidade, separam-nos através da miscigenação racial — embranqueceram nossa raça e com ajuda do sistema educativo, embranqueceram nossa mente — fazendo-nos acreditar que não existe racismo no Brasil.

A sociedade não nos aceita e só deixa subir na vida negros embranquecidos, que se esquecem da comunidade e passam a oprimir e explorar a própria raça.

Será que estamos realmente livres? Agora já alertados, não esqueçam: Ainda que mil negros se caleem, mil negros nascerão.

Nossa luta.

IRMÃO ALERTA... Conscientes de nossa exploração durante todos os séculos, vendo a fome, o desemprego, as péssimas condições de vida e moradia, saúde, que nós negros vivemos, nos apresentamos: — Nossa igualdade não é respeitada,



alguns pontinhos...

Noventa anos de abolição. As diversas entidades negras procuraram, desde o início do ano, as formas de atuação durante este período. Algumas comemoraram a abolição, outras comemoraram criticamente, principalmente, aqueles que negaram o abolicionismo, denunciando o racismo coletivo. Centenas de negros mobilizaram-se em torno das atividades. Até a imprensa burguesa atuou. Foi num ciclo de debates em São Paulo que um jovem demonstrou o estado de espírito de grande parte da Comunidade Negra. Levantou-se em meio a um debate e dirigiu-se a um negro velho, na platéia:

— Parece que o senhor conhece bem nossa história... Pode me falar do Quilombo do Jabaquara?

O velho lutador negro, Henrique Cunha, levantou-se e contou-lhe a história, inclusive quem foi Antônio Bento.

Sem dúvida, o Movimento Negro não é algo isolado do conjunto de manifestações de massas. Dele se alimenta, alimentando-o, participa de suas vitórias e de suas derrotas. E sofre com os seus desvios. É preciso, portanto, estar atento a tudo que vem ocorrendo no Brasil e no mundo. As aberturas que se anunciam que concretizam nas lutas travadas nos diversos níveis da sociedade; nas greves operárias do ABC e de Osasco (em São Paulo) e no próprio crescimento que o movimento negro vive nos dias atuais. E não podemos perder de vista ainda as lutas africanas por libertação popular; as reações do Ocidente - via Nato, países Europeus e Africanos ou OTAS - Organização do Tratado do Atlântico Sul (via Brasil). Compreender, também, como o Brasil quer e como poderá se comportar, neste contexto, diante das lutas negras travadas, tanto a nível interno, como a nível internacional. Em outras palavras: precisamos começar escrever - fazendo - a história atual do Brasil. Uma história negra que há muito vem sendo embranquecida.

★

O surgimento de núcleos negros socialistas em São Paulo e Rio, sem dúvida, cria uma série de debates dentro do movimento negro. E isto é bom, na medida em que os diversos grupos voltam-se, momentaneamente, para si procurando respostas para estas novas tomadas de posições.

Isto demonstra que o movimento cresce e com isto novos grupos e posições surgirão. É preciso compreender esta dinâmica, pois ela é quem vai determinar os rumos do movimento. Talvez estas divergências não surjam dentro das entidades, mas inevitavelmente nas atividades desenvolvidas. Para sobreviverem, as entidades, terão que aprender a conviver com as divergências. Receber as transformações e compreendê-las de forma correta, não significa perder o que já foi ganho, ao contrário, significa avançar e perceber o que pode unificar.

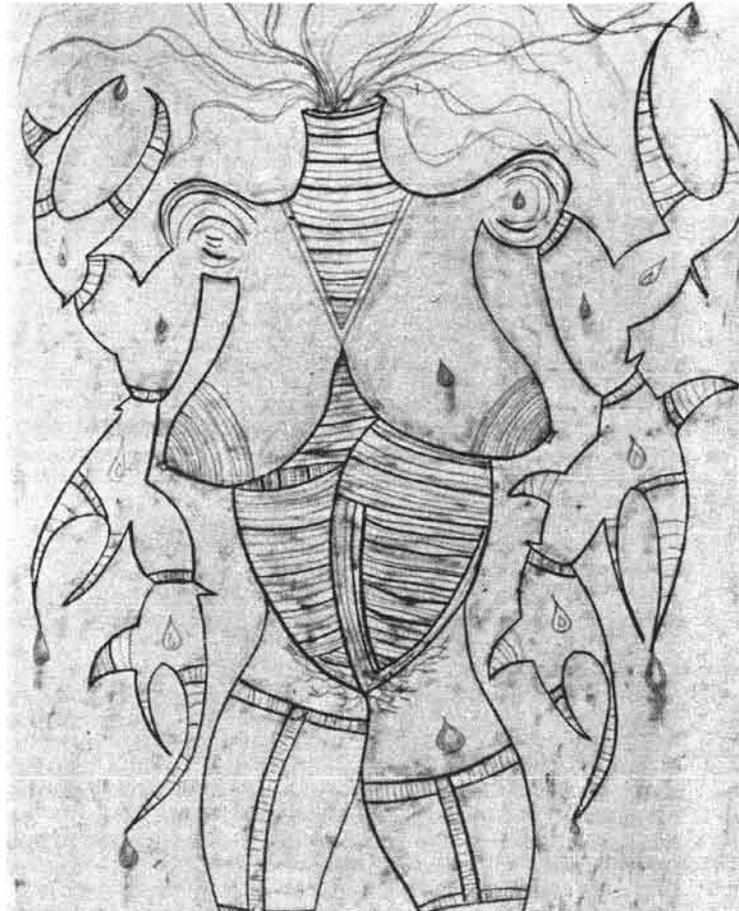
Apesar das divisões que ocorrem nos setores dominantes da sociedade é preciso ter claro que ainda têm um ponto em comum: a necessidade de explorar.

Portanto um Movimento Negro unificado é, hoje, a única forma responsável de trabalhar no sentido de responder aos anseios das populações negras.

Hamilton Bernardes Cardoso.

cerimônias para o assassinato de um negro

Hamilton Bernardes Cardoso



MARCO ANTONIO

Vivi está grávida. É negra, como o marido e o filho que vai nascer. Qual o preço de um negro? Você sabe?

Esta é a história de um, que custou três caixas de frutas. Demorou seis horas para morrer. Não sei se tinha carteira profissional. Alguém perguntou?

Vivi tem 17 anos de idade. O documento diz que tem 21. Há três meses está grávida.

Chegou no Registro Geral do Hospital das Clínicas. Pedeu o cartão de visitas de Robson Silveira da Luz. A escriturária lhe respondeu que não havia cartão. Ai, ela disse a Vivi:

— Sinto muito, Robson morreu.

Vivi, era esposa de Robson, desmaiou.

Dia vinte e oito de abril, Robson morreu numa sala de cirurgia do Hospital das Clínicas. Antes, o corpo ficara marcado, o rosto desfigurado e o escroto fora arrancado na 44.ª delegacia policial, em São Paulo.

O Delegado, enquanto batia em Robson dizia-lhe:

— Negro tem que morrer no pau!

E, mesmo antes de matar o negro magro de 21 anos, que morava na Vila Popular, havia dito a Eron, após a invasão de uma casa, que quando prendesse Robson **haveria de matá-lo no pau.**

Por isto, Mãe Tereza do Terreiro fez uma procissão de preto velho, no dia 13 de maio. Da casa de Robson, na Vila Popular, até a porta da delegacia, ao lado de uma igreja do centro de Guaianazes. Ali, de frente ao 44.º Distrito Policial, para mostrar para a polícia, que negro também tem vez.

Sulei da Luz, a Vivi, e Robson, há mais de três anos frequentam o terreiro de Umbanda. Antigamente, os dois iam juntos no da mãe Tereza. Às terças e sábados. Mas ultimamente ele resolveu frequentar um candomblé do Ipiranga. Talvez para ficar mais tranquilo com seus Orixás. Agora só Vivi ainda vai à Mãe Tereza, com o filho Rogério de três anos. No sábado, 22 de abril, Robson foi sozinho ao baile de noivado de uns amigos, em Guaianazes. O que mais gostava era de baile e de jogar futebol. Era lateral direito.

No baile, ele e seus amigos beberam bastante. Foram às duas festas numa só noite, mas acabaram aí no noivado mesmo.

De lá saíram num grupo de umas dez pessoas (ninguém lembra ao certo) cantando e brincando pelas ruas de Vila Popular. Encontraram o caminhão de frutas do feirante Joaquim de Oliveira Marques. Roubaram três caixas: uma de laranja, uma de abacaxi e uma de mexerica. Enquanto uns comiam, outros carregavam as caixas. Meio bêbados. Alegres. O feirante não esperou amanhecer para dar queixa no 44.º distrito.

Nenhum dos rapazes se preocupou com a brincadeira. De manhã, Robson não deixou de jogar no 1.º de Maio. Na volta, almoçou.

Despediu-se da esposa, seguindo para o bar do pai, que aliás, já contratara um despachante para transferir a sua propriedade para o filho.

Na Vila Popular, Bradelvino Gonçalves, amigo de infância de Robson também estava tranquilo. À tarde, foi à casa da namorada. Quando voltava, seis da tarde, investigadores à paisana o prenderam.

No outro dia, na delegacia foi torturado. E Bradelvino, o Dô, conta:

— Levam a gente para uma sala com escrivaninha e uma mesa com máquina de escrever. Deve ser para o escrivão-não sei para que! — Ai mandam a gente tirar a roupa.

Eu tirei e fiquei como Deus me fez. Isso depois que me esmurram bastante. Ai enfaixaram minhas mãos, os dois punhos, juntos. Depois me mandaram sentar. Enfaixaram meus dois pés juntos. Enfiaram um ferro entre os braços e as pernas. Apoiaram uma ponta de ferro na escrivaninha. Estava pendurado e fiquei à vontade deles... Ai, bateram na minha cabeça, no corpo, na sola dos pés com uma borracha. Além das borrachadas esmurram a gente, chutam e batem como querem. Perguntam se a gente tem sede. Diz que sim, nesta altura, a boca está seca. E eles jogam água na nossa cara, no canto da boca, quase afogando a gente, que não consegue beber nada...

— Eles queriam saber da casa do Robson. Disse que não sabia e que se soubesse não diria.

Esta cena se repetiu diariamente, até sexta-feira. Mas não era só Dô que era torturado; também os outros prisioneiros da delegacia do dr. Luiz Alberto Abdala — delegado de polícia — em Guaianazes.

Valdir era torturado todos os dias, apesar dos quinze anos, pelos policiais do 44.º Distrito.

Durante o dia torturavam os prisioneiros; à noite aterrorizavam os moradores da Vila Popular. Um dia invadiram a casa da sogra de Erinton Pereira de Brito — o Eron que daqui há dois meses vai se formar investigador de Polícia. Além da sogra estava Lúcia, a esposa de Eron com algumas crianças. Os policiais invadiram a casa e ameaçaram todos com as armas nas mãos. Queriam o Mutuca. Ao ver a casa invadida, Eron que chegava do trabalho correu para lá. Abdala ao conhecê-lo abraçou-o: "Preciso pegar o Mutuca e o Robson. Se acho este neguinho mato ele no pau. Ele está me dando muito trabalho". Segundo Eron, Mutuca é um garoto que mora na vila, trabalha e ajuda o pai.

Vivi também teve que conversar com o delegado Abdala, na terça-feira. No carro dele, uma Variant. Foi aí que se negou a dizer onde Robson estava, que encontrou o garoto Valdir algemado e descobriu que os policiais forçavam-no a dizer o endereço de Robson. Ela acha que foi ele quem deu o endereço do seu marido. O garoto nega: "Não falei nada. Fiquei pendurado, tomei choque no peito, em cima do coração, mas não entreguei ninguém, nem meus camaradas..."

A casa de Vivi ficou de pernas pro ar, neste dia, como a casa da sogra de Eron, revistas pela polícia. Mãe Treza viu sua filha de santo ser arrancada do seu terreiro: o templo de Oxalá.

Na sexta-feira, Robson ainda estava tranquilo. Foi em casa pegar roupas limpas e as chuteiras para jogar pelo Império do Samba F.C., do Ipiranga. Foi aí que o guarda Eros, o Boca Torta, chamou Abdala. O delegado e sua equipe cercou o ônibus. Prendeu Robson e levou-o à delegacia. Pela manhã, Ele encontrou-se com Dô, na cela. Conversaram.

Enquanto tudo acontecia, a mãe de Dô arranhou um advogado, o Dr. Darcê. Já fora insultada na delegacia, quando levou marmitta e cobertor para o filho; já chorara de raiva do Abdala. Vivi também.

Ainda na sexta-feira, os investigadores buscaram Robson na cela e levaram-no para a sala de torturas. Pelas descrições de Dô, presume-se seja uma casa entre a delegacia e uma casa de família, quase defronte uma igreja: o templo de Cristo.

Foi levado por volta de onze horas. E não demorou muito para os amigos de cela ouvi-



rem seus gritos de misericórdia...

Doze horas.

Os gritos de Robson continuavam. Ora gritava, ora se calava. Os policiais, às vezes, paravam para descansar.

Treze horas. A cerimônia continuava, ao lado da igreja.

Quatorze horas. Os gritos de Robson, já não eram como de início; escapavam, saíam apertados pela garganta. Já não eram gritos; os sons chegavam baixo no ouvido dos companheiros.

As 17:30 hs., os homens da lei traziam Robson de volta para cela. Ensanguentado, as juntas duras, o corpo desforme:

— Abdala falou que negro tem que morrer no pau. Por isto estão me matando.

Os companheiros de cela ajudaram-no a ajeitar-se. Ajudaram-no depois a urinar. Mi-jou sangue.

Chamados, os policiais levaram-no ao Pronto Socorro de São Miguel. Daí foi levado em estado grave para o Hospital das Clínicas. Sua esposa conseguiria encontrá-lo no domingo, numa maca, no corredor do Pronto Socorro, tomando soró. O investigador de plantão tentou impedi-la de entrar, mas ela invadiu o Pronto Socorro.

Lá estava Robson, semi-acordado e com as marcas das torturas. "Estou feio, né Vi..."

— Não está não, bôbo...

Diariamente sua esposa foi visitá-lo. Na quinta-feira, estava morto.

No enterro, a família, revoltada, pedia justiça, ameaçava vingança. No dia 13 de Maio à noite, a procissão cantando pontos de preto velho. A Associação Martin Luther King, com mais de duzentos negros, em Guaianazes, protestou. O primeiro pavilhão do hospital a ser construído pela Fundação Nacional de Cultura Negra e Miscigenações de Guaianazes, receberá o nome de Robson Silveira da Luz.

A família escreveu carta aberta — com assinatura de amigos e gente solidária — protestando contra a opressão policial. A carta, que vai ser entregue à Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese, foi lida no lançamento do Comitê Brasileiro de Anistia, dia 12 de Maio, pelo grupo Afro-Latino América.

Hoje, Dô, o amigo de infância denuncia tudo que sabe sobre a morte de Robson. Sua irmã, que mora em Itaquera, é obrigada a voltar diariamente de táxi para casa. Dois homens num carro, às vezes, perseguem-na quando chega em casa a pé. Um dia, quando entrou na casa de um protestante para esconder-se do carro, os dois homens saltaram do veículo e deram um tiro pra cima. Dois policiais visitaram, por duas vezes, a mãe de Dô, à procura dele. Disseram que precisavam falar com seu filho.

Vivi nem sabe como anda o processo. Alguém lhe disse e ela acredita, feliz, que o juiz que vai julgar o processo aberto pela família contra a equipe de Abdala, vai ser negro. Ela acha que um juiz negro talvez garanta um julgamento justo.

Está só, com Rogério de três anos e o filho que vai nascer na sua casa, na Vila Popular. Tem a solidariedade dos amigos que comentam que o português pagou seis mil cruzeiros para o Abdala matar seu marido.

Vivi pagaria bem mais para deixarem-no vivo.

O futuro?

Vai ser de luta e trabalho. Preparando os caminhos do Rogério e da criança que vai nascer. Se for mulher, chama-se Alexandrina — nome da tia de Robson. Se for homem, Robson Silveira da Luz Junior.

Se ele está desempregado

Ela sustenta a família.

Se não...

Continua lá. Na casa de sinhá...

mulher 1

Dez minutos sentada frente a um papel em branco, tentando escrever sobre Zezé Mota, a Chica da Silva do filme do Cacá Diegues. Nada além disto me vinha à cabeça: — Maria José Motta você fez a maioria das mulheres negras, que viram seu show, sentirem-se orgulhosas.

Posso afirmar que ninguém melhor do que nós, podemos sentir toda sua alegria e revolta. Elas entraram em nós e nos ajudou a apagar algumas mentiras e reatirmaram o que somos, que nossa força é grande e, somente ela nos permitirá sair vitoriosas desta luta de revalorização humana.

Naquele dia no palco, você foi tudo. Vida, morte, loucura, desespero, sensualidade, inteligência e principalmente, negra. Sua sensualidade ultrapassou o prazer momentâneo e, de uma certa forma solidificou nossa certeza em sermos mulheres e negras e não sentirmos vergonha nem medo por isto.

Você exibiu seu seio, suas pernas grossas e bonitas sem nenhuma culpa. Agrediu os acostumados às atitudes supostamente normais. Sua vitalidade assustou os poucos acostumados às demonstrações de negritude. Seu canto quente é uma revelação. Através dele, pode-se melhor sentir o negro das músicas de Luis Melodia, Gilberto Gil, Milton Nascimento. Destaque para Rita Baiana, feita inteirinha para você. Um modo negro de ser mulher que, só nós entendemos e podemos. Qualquer crítica ou desassombro é apenas inveja e incapacidade de ser.

Mas depois de tudo veio o medo. Medo que consiga vencer a engrenagem propagandística e se transforme num sucesso. Talvez, até valesse pelos seus anos de sacrifício e porque esta deve ser a meta de todo o artista popular. Penso que isto seja difícil num país acostumado ao lugar comum. «Oxum que te entende e a nós também, sabe disso».

Você fez muitas pessoas chorarem naquele domingo depois pôs — 90 anos de Abolição. Eu também chorei porque ainda não consegui calar minha emoção diante do belo.

Neusa Maria Pereira



Hélio Campos Mello

mulher2

por Eunice J. Ndlovu (vice-secretária da Zapu, grupo que integra a Frente Patriótica).

Depois da intensa resistência do povo do Zimbábue contra as intimidações, as prisões, as execuções e os assassinatos, perpetuados pelos Selous Scouts de Ian Douglas Smith, o povo do Zimbábue, unanimemente, pegou em armas para a conquista de sua independência.

Foi essa a única solução encontrada pelos cidadãos do Zimbábue, pois todas as negociações provaram ser inúteis.

O regime de Smith, na intenção de combater essa situação e diminuir a participação das mulheres trabalhadoras na luta, procura dar-lhes emprego. O ministro do Trabalho e Bem-Estar Social, R. Cronge, chegou a declarar demagogicamente que as mulheres são mais eficazes e responsáveis que os homens na indústria.

As mulheres, na verdade, como parte integrante do povo do Zimbábue, lutaram e continuam a combater contra as leis do regime discriminatório de Smith. Tais leis criaram uma situação mediante a qual as mulheres permanecerão como menores durante toda a vida, em relação aos seus direitos como trabalhadoras.

As mulheres africanas, são, deste modo, desalentadas na sua participação do desenvolvimento do país porque trabalham em péssimas condições e somente propiciam uma barata mão-de-obra ao regime ilegal. Os homens do Zimbábue partiram e continuam a sair do país aos milhares para depois regressarem do exterior, enquadrados na guerrilha. E isto deixa as indústrias sem operários.

Ficou provado que o fato de empregar novos operários de nada serve, pois eles seguem o mesmo

caminho já trilhado por seus irmãos. Diante disto, o regime conta unicamente com as mulheres, mas a reação destas foi surpreendente, pois também abandonaram o país para participarem na guerra de libertação. Participaram e continuam a participar plenamente na política e nos sindicatos no interior do país, unem-se cada vez mais aos guerrilheiros. Isso levou muitas ativistas femininas aos cárceres e campos de concentração.

As mulheres do Zimbábue tem mostrado grande determinação desde o momento em que começou a luta armada. Trabalharam com as forças do ZAPU no interior do país dando-lhes abrigo, comidas e roupas. Dão toda a assistência necessária aos combatentes para que estes prossigam na luta armada.

Muitas delas morreram como a maioria dos cidadãos, visando a conquista da independência para todo o povo, lutando pela libertação total, econômica, política e social.

A autora é vice-secretária da ZAPU, grupo integrante da Frente Patriótica.

De Cadernos do Terceiro Mundo

Maio de 78. As forças populares do Congo se levantaram. A imprensa brasileira — instrumento da ideologia dominante é quem escreve: CHACINA DE BRANCOS NO ZAIRE!

E o governo brasileiro fala em amizade com a África! As lutas travadas pelo povo do Congo (que Mobutu insiste chamar de Zaire) fazem parte de uma guerra contra o imperialismo, a exploração econômica e o racismo...



Marco Antonio

Alguns pontos que devem ser fixados em torno da questão do Zaire:

1 — Esta é a segunda vez que em treze meses a França socorre Mobutu, intervindo nas questões internas do país;

2 — Mobutu é um dos dirigentes mais corruptos da África. Boa parte da ajuda (vultuosa) que recebe dos Estados Unidos e da Bélgica está depositada em sua conta pessoal na Suíça;

3 — No ano passado, já o antigo ministro das Relações Exteriores da Bélgica, Renaat Van Elslande tinha acusado a França de se interessar particularmente pelas riquezas do Zaire;

4 — «Deixem a Bélgica numa região que historicamente lhe pertence», disse Van Elslande;

5 — Os interesses belgas no Zaire são enormes. Sobre tudo em Shaba, ex-Katanga, onde a Sociedade Geral da Bélgica montou um verdadeiro império, que explora os minérios do Zaire;

6 — A Bélgica mantém o Zaire em suas mãos diante de tentativas de «infiltração» dos italianos, japoneses e alemães. Para isso conta com uma arma fundamental: controla o sistema financeiro do país;

7 — O montante de investimentos da Bélgica no Zaire é quarenta vezes maior do que o da França;

8 — O Zaire é base para agressões à Angola, protegendo soldados da UNITA, chefiados por Holden Roberto, parente de Mobutu;

9 — Diante da notícia da invasão do Zaire pela França «por razões humanitárias» disse um oficial belga: «eles trabalharam bem, mas como nós necessitam de aviões americanos, fotos tomadas pelos satélites americanos dossiers fornecidos pelos americanos».

10 — A França tem condições de ter uma política de intervenção militar de grande potência? A pergunta é da revista *Nouvel Observateur*, que responde: «Não», em francês que pretende penetrar na África, (mais uma vez) com estes golpes de ousadia, como vanguarda militar, contando com a retaguarda dos Estados Unidos. Mas os Estados Unidos estão interessados em privilegiar estas relações? E o que significa a ideia de uma OTAN disposta a comprar a batalha da África? A OTAN — diante do atual estágio de equilíbrio na Europa — está disposta a intervir diretamente na África, para defender os interesses da «estabilidade»?

É o que veremos nos próximos capítulos.

a legião da morte

Marcos Faerman

«Se você quiser gozar os prazeres da vida/Engaje-se aqui na Artilharia/Artilharia meu velho irmão/À tua saúde esvaziemos nossos copos.»

É cantando hinos assim que a Legião Estrangeira francesa ataca. Há algumas semanas, atacaram no Zaire, para preservar, Mobutu e abrir caminho para um novo poder da França, na região. Em 69, partindo de sua base na Córsega, atacaram no Tchad. Um legionário bêbado fez confissões a Stanley Meisler, do *Los Angeles Times*, nesta campanha, dizendo que seus companheiros eram sádicos brutais, «homens da SS, que enfiam as baionetas pelas janelas e jogam granadas a dentro. «O homem dizia «phttt se eu pegasse meu dinheiro hoje eu me mandava.»

A Legião Estrangeira tem 158 anos de defesa do colonialismo francês. Foi corrida da Argélia em 62, e com esta derrota a França e a Legião caíra, lado a lado.

O colonialismo francês tenta recuperar sua presença na África. Não vacila, para isto, em comprar briga — indiretamente — com a Bélgica, que não quer ver ameaçada sua

presença hegemônica no riquíssimo Zaire. A Legião — hoje munida de tanques leves e médicos, helicópteros, lanchas de desembarque, canhoneira fluvial e aviões de apoio é um dos instrumentos mais versáteis da França liberal de Giscard, para práticas brutais.

E a brutalidade na Legião começa em casa, na Córsega, onde seus dez mil homens são treinados entre violências. O povo da Córsega destesta este bando-homens que não usam o nome de nascimento, e são geralmente fugitivos da polícia de vários países. De vez em quando, acontece um inevitável estupro da filha de um pescador, de um camponês. Mas a Legião parece intocável.

Ela foi criada em 1841, pelo rei Luiz Felipe, para servir ao Império Colonial da França. Logo, seus homens chegavam a um vale inhóspito, cem quilômetros de Orã, e ali erguiam Sidi-bel-Abbès. E ali, por cem anos, homens de todos os povos (fugitivos de alguma coisa...) iriam viver, sob o signo da Legião:

— LEGIO, PATRIA NOSTRA.

Isto é, a Legião é a Nossa Pátria.

Ladrões, falsários, assassinos — os desesperados do mundo — eram acolhidos pela Legião, e ali construíram sua história, nos desertos árabes, nas duas grandes guerras da Indochina — experimentando a tristeza e a morte das derrotas da Ásia e da Argélia.

A mais insensata de suas campanhas talvez tenha sido no México, em 1863. E foi lá que a Legião ganhou seu macabro símbolo: uma mão de madeira. O Scl recém tinha nascido naquele 30 de abril. O capitão Danjou e seus homens — eram 60 — estavam cercados por dois mil mexicanos. O capitão Danjou tinha uma mão de madeira — a outra tinha perdido numa campanha na Criméia — e era com aquela mão que ele comandava a resistência suicida. Os homens iam caindo, e ele se arrastava, de cidadela em cidadela, falando a eles que resistissem, pela glória da Legião. Mas o capitão foi atingido. Demorou ainda cinco minutos para morrer. E nesses cinco minutos, cada um dos sobreviventes ainda capaz de se mover se arrastou até ele, e jurou

sobre a mão de madeira, não se render. No meio da tarde, restavam ainda seis legionários capazes de sustentarem em pé. Quando suas balas terminaram, eles calaram as baionetas e carregaram sobre o inimigo. Os três que escaparam, recolheram a mão negra de Danjou, a sinistra mão que todos os legionários afagam, na hora do combate.

Foi no último dia de abril de 1967 que a Legião deixou, sem nenhuma glória, o velho quartel de Sidi-bel-Abbès. Poucas pessoas assistiram aquela cena: os últimos legionários ainda na Argélia, em posição de sentido vendo a bandeira ser hasteada pela última vez. Nesse tempo, os legionários ainda diziam para os jornais da direita francesa, que silenciavam sobre a tortura e os crimes contra o povo argelino: «nunca admitimos sair daqui com o rabo entre as pernas.»

Estava tudo longe do tempo de *Beau Geste*, romance de Percival Crisosthen Wren, publi-

cado em coleções de aventuras (no Brasil, a fascinante *Terramarear*), filme que passava nas matinês, sob os aplausos dos meninos... No *Beau Geste*, o legionário era o herói: «o soldado era a figura de túmulo, imóvel em silêncio — qual um deus egípcio no meio do tempo, olhando para a minha face viva com aqueles olhos de pedra morta. Por que estavam todos naquela atitude de estátua? Por que estava o forte tão horrivelmente silencioso?»

Era a cena que impressionava os meninos: à medida que os soldados iam caindo, baleados pelos (bandidos) árabes, «ele os colocava de pé, ferido ou morto, armava o fuzil em posição para que o inimigo tivesse a impressão que ao longo da muralha, em cada seteira, havia um soldado vigilante.»

Homens mortos, com fuzis nas mãos. Não será a imagem perfeita do que é, hoje, a Legião Esrangeira?



Foto: Augusto Ramasco

Este é um dos cinco mil guerrilheiros da Frente de Libertação do Tchad, que após 12 anos de luta ameaça o regime ditatorial do general Félix Mallum Contra Frente, a França enviou batalhões de pára-quedistas e a Legião Estrangeira, organização mercenária. A acusação é a mesma de sempre: «ameaças contra os franceses», que vivem no país.

GRUPO VISSUNGO:

ABERTURA: um novo jornal.
(e a imprensa negra está crescendo...)

“Somos brasileiros de Maio.”

Este o título do manifesto do jornal *Abertura*, recentemente lançado em São Paulo. Seu diretor responsável é Osvaldo Camargo, companheiro que conosco iniciou o *Afro-latino-América*.

No manifesto, analisam, além da abolição, o momento político. Propõem uma abertura, “o negro falando uma linguagem que atinja o maior número possível de leitores: negros e brancos”.

“O jornal, que deverá ser mensal, coloca, também, a necessidade do negro juntar-se às lutas gerais: “neste momento em que o Brasil busca uma reconciliação Estado-indivíduos convém, também, ao negro participar para uma elucidação de sua condição de homem brasileiro”.

Cita, ainda, todos os principais jornais da imprensa Negra, do passado, propondo, enfim, uma tomada de posição diante da realidade brasileira, cumprindo as tarefas que o momento exige.

NEGRA MELODIA

Depois de muito tempo sem ouvir nada de novo de Luiz Melodia, ouvi, outro dia, duas das suas novas composições no rádio. Sempre naquele seu estilo de blue brasileiro de letras simples. Das duas a que mais se destaca é *Iran*, dedicada a seu filho.

Gilberto Gil despediu-se do público brasileiro, no último dia 13 de Maio, no Teatro Municipal de São Paulo, com um show muito bom e o teatro lotado. O espetáculo, que fazia parte das atividades relativas aos noventa anos de abolição, foi no saguão do teatro e o cantor comentou:

— “É... a gente sempre fica na senzala...”

Gil, pretende ficar um longo tempo nos Estados Unidos, apresentando-se em seus principais Estados, além de gravar um disco com Bob Marley e Stevie Wonder.

Uma das nossas maiores cantoras popular, Ella Fitzgerald está ficando cega. Por isto seus médicos acharam prudente que ela diminuísse seus shows para que a luz dos refletores não apresse suas cegueira.

**Não levamos Arte para o povo;
Vivemos a cultura popular...**

por Mario Augusto

No princípio, há quatro anos atrás, era o grupo *Sarará Miolo*. Entre vários elementos negros, mulatos, Miguel Arcanjo, Carlinhos e Lula. Todos se originavam das mais baixas camadas da população, mas estavam interessados em desenvolver um trabalho sobre culturas negras, a partir da música e do teatro.

Do livro *O Negro no Garimpo de Minas Gerais*, de Aires da Mata Machado Filho, surgiu um texto para teatro, que deveria ser musicado pelo grupo. Ai surge a necessidade de aprofundar os estudos do conteúdo do livro, discutir e aprofundar tudo do conteúdo do livro, discutir e aprofundar as questões. Mas este trabalho levava a posicionamentos diante da realidade. É um trabalho árduo e na medida que os objetivos se definiam algumas pessoas acabavam saindo.

O grupo já apresentou-se para diversos tipos de públicos: o da Zona Sul — a intelectualidade de classe média — o do subúrbio — de onde alguns deles vieram — e o do interior — de onde veio o resto do grupo. Mas o próprio trabalho definiu-os pelo público do interior e subúrbio. Foi desta definição que o grupo surgiu concretamente e aí o nome mudou: *Vissungo*.

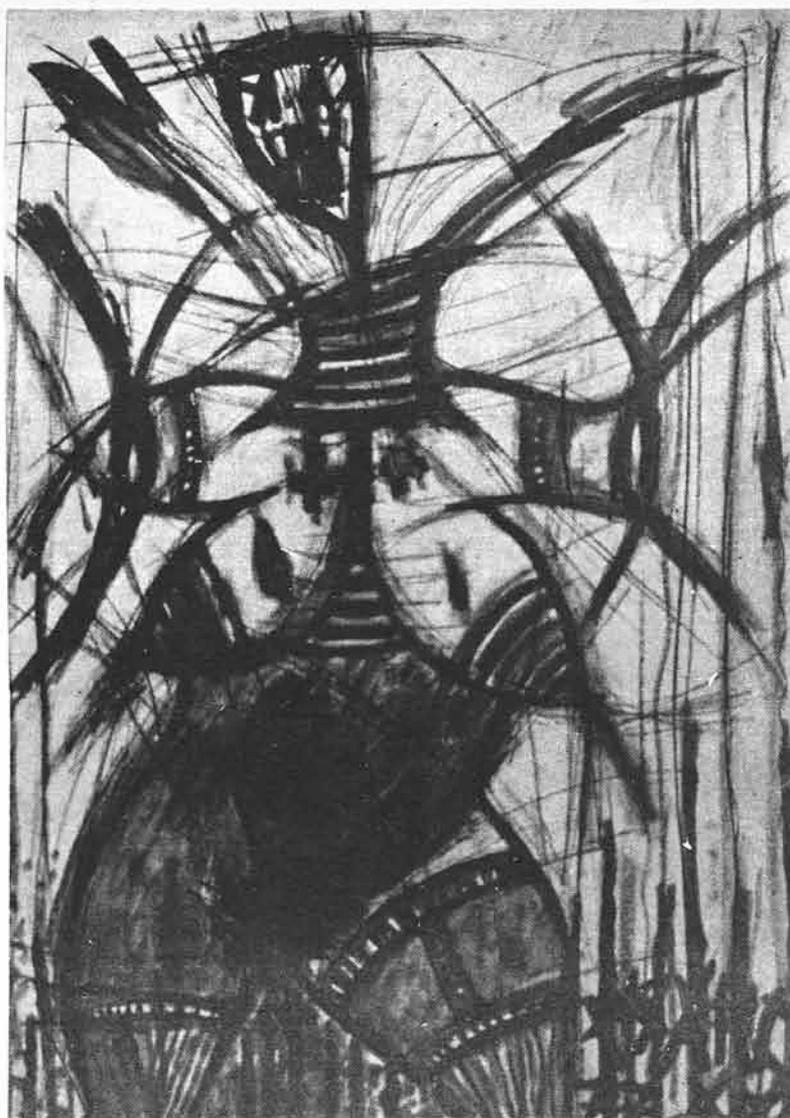
Vissungo, conforme explica Miguel Arcanjo é a canção de trabalho, cantada no século XVII pelos negros escravos que trabalhavam no garimpo, nas minas de diamantes das Minas Gerais. Este povo que a história oficial se nega a falar que existe, com uma cultura que a ideologia dominante se nega a aceitar. No princípio, quando se apresentavam na Zona Sul, ensaiavam na Universidade Fluminense, o grupo observou algumas coisas: “a verdade que as letras do *vissungo* contém, as pessoas da Zona Sul, não vão compreender direito. Se a gente toca como deveria ser tocado elas torcem o nariz. É um certo preconceito estético e na medida que a gente se aprofunda, vai perceber que o estético está muito ligado ao ideológico”.

P — Então vocês começaram a fazer música para as classes populares.

R — Tem uma coisa que precisa ser colocada. A origem das pessoas do grupo é um negócio muito importante. Durante um período estivemos ligados a um tipo de pessoa que não tinha nada... a classe média, a intelectualidade do Rio. Estávamos preocupados em atender estas pessoas. Na medida que entendemos que elas poderiam nos levar a um caminho errado... Compreendemos que só poderíamos produzir uma música verdadeira se fôssemos viver a música que a gente queria produzir, se nos desligássemos da preocupação de atender aquelas pessoas. Então não é exatamente que o grupo decidiu mostrar a cultura popular às camadas populares. O grupo para sobreviver teve, também, que aprender a conviver com essas camadas populares, inclusive para se desenvolver. Continuar a aprender, fazer intercâmbio. Somos reprodutores de uma cultura que eles produzem. Normalmente um sujeito ou um grupo qualquer cria determinada música, sai do ambiente dele e vai para na Zona Sul. Fica ali e ali se perde. Por isto continuamos lá no nosso meio. Inclusive há uma idéia vigente — e foi dito inadvertidamente — vocês levam essa música, cultura popular ao proletariado. Esse é um conceito que está sendo usado por todo mundo que tenta fazer um trabalho de levar alguma coisa. Conheço o pessoal e não é esta a pretensão, na medida que se fizesse isto estariam negando o trabalho. Eles não vão levar cultura; vão se identificar com a cultura existente, vão transar com as pessoas, mantenedoras daquele tipo de cultura e tentar ali, aprendê-la e divulgá-la. A coisa está mitificada pelo seguinte: as pessoas se fecham e dizem: Nós vamos fazer este trabalho. Definindo posições e atitudes para os grupos que detêm a cultura.

P — Você levantou algo importantíssimo. O papo da visão da classe média, setores da classe média. Então nós vamos levar a cultura ao povo... Mas como é que vocês aprendem nesse meio. Como se dá a interação?

R — É você chegar para ver, conhecer, sacar, sem aquela posição folclorista de “o que é que você faz, o que é que você canta?” um contato puro e simples. Tem lá uma roda de *Jongo* em Alegre, não-sei-o-que-lá no interior do Estado do Espírito Santo Chefa, toma cachaça, bate papo, fala mil coisas da vida do cara. Fala! nós somos do Rio... etc... até dá segurança e liberdade ao cara para falar das coisas dele. Mas até esse ponto eu já confio em você, você não é repórter, não é folclorista, não é músico, não é nada. Você é uma pessoa que está interessada em ouvir eu cantar, só. Uma pessoa comum com qualquer outra. Esta postura, para nós é importantíssima, transação de pessoa para pessoa. Acho interessante o seguinte: *O Jongo*. Uma vez eu li um livro do Edson Carneiro e vi a palavra *jongo*. O interesse pela palavra surgiu uma vez que eu fui no Morro da Serrinha. Lá tem uma comunidade de não sei o que lá que fazia ou faz *jongo*. Depois que eu li o livro do Edson Carneiro. E lá que vi o *Jongo*. A Serrinha fica em Madureira, onde nasceu o Império Serrano, berço de célebres artistas. Nos livros, segundo o Edson Carneiro (na época em que o livro foi publicado) era um gênero trazido por escravos africanos que estavam em vias de extinção, então, do interesse pelo *jongo*, a gente conseguiu começar a provar, por esta prática de cachaça, papos, bottequins e tal que isso era uma grandíssima mentira, quando nós descobrimos na Serrinha um núcleo de *jongo* atívisimo. Este contato não é o de gabinete, o do folclorista, é o do dia-a-dia, do viver, do sentir, de tomar cachaça no meio fio; da esquina. Esse que é o lance. O lance de saber que o velho cachaceiro que faz samba no bloco carnavalesco *Caprichosos de Vigários Geral* tem que ser *jongueiro*, porque tem muita idade, veio de Minas e forçosamente ouviu *jongo*.



Marco Antonio

P — Um dia nós vamos escrever nossa história...

R — Seria bom, mas melhos se as pessoas soubessem ler. Num país onde a maioria das pessoas não sabem ler, essa cultura naturalmente tende a ser oral. Então você vai ter que ver com os velhos. Partimos deste princípio. Os velhos sabem das coisas.

P — Dá para vocês separarem Vissungo e Samba? Origens, como se desenvolvem...

R — A música na África tem uma função social muito maior do que tem aqui no Brasil, um país capitalista. Aqui a música tende a atender o mercado social, vender, etc... Na África, embora ela esteja se desenvolvendo, tem uma função social muito mais rica, inclusive esteticamente, por estar muito ligada à vida das pessoas. Então os escravos africanos, no Brasil, transpuseram tudo isto para música popular. Ele é escravo, dominado, ele sofre, e a música tende a satisfazer as necessidades de se afirmar como ser humano. Quando você fala em separar as coisas é um negócio muito difícil... essa relação social, essa vivência pura de música com vida é um negócio que você nota em qualquer país do mundo, onde tenha havido traços de escravidão. América Central, States. Você nota essa ligação entre música e vida. O que acontece com o negro, e basicamente pelas suas origens africanas é que a música faz parte de sua essência de vida, então a capoeira é uma das poucas lutas que se luta cantando, tocando instrumento e batendo. Ai tem o canto, tem a música: Vissungo é música de trabalho. Então há canto, no trabalho, na guerra. O aspecto música e canção está na essência do negro, compreenda? Canta para brincar, namorar...

Se a gente quiser separar estas cantigas, Vissungo é cantiga de mineração do Diamante, uma forma que o escravo encontrou para se expressar enquanto trabalhava, o jongo, no trabalho com a cana-de-açúcar, café, e daí afora. Quanto ao gênero tem que ver as culturas africanas. Que nação Africana era mais influente em Diamantina, na época que existiram os vissungos, por exemplo? A região para onde os escravos iriam era determinada pelas necessidades dos exploradores. Isso trazia aquele tipo de cultura. Os escravos que tinham facilidade de fazer um tipo de coisa ia para tal lugar. As culturas foram se misturando, outras foram fi-

cando esquecidas, outras se prolongando. Até que descobriram o dinheiro.

P — Alguém pode desenvolver mais este tipo de música dentro do contexto de nossa sociedade consumista?

R — O negócio é simples. A gente fala em música de baixo porque existe uma música de cima. Existe uma classe dominante e uma dominada. Falamos em música do negro, nosso trabalho, porque achamos que a maioria da população ou é negra ou é mestiça. A classe dominante é branca, então esta música vai ser naturalmente negra. A música de baixo é da classe dominada.

P — Seria a manifestação cultural da classe oprimida?

R — A forma que ela encontra. Então o tópico, cultura negra, cultura do oprimido. Esta contradição não vai existir. Achamos que a chamada cultura negra é a cultura do oprimido do Brasil. Porque o negro é o oprimido. O negro é mestiço.

P — Vocês colocariam como cultura negra ou cultura do oprimido?

R — Colocarei como cultura negra. A gente não tem culpa do negro ser exatamente a do oprimido. Então, estamos fazendo a cultura do oprimido. O racismo no Brasil é um assunto que não se discute. Existem brancos e negros, mas a classe dominante é a branca, a cultura dela é branca, o negro, então é o oprimido. Isto não quer dizer que este tipo de branco, de preto seja só na cor. Não. É do oprimido e não oprimido mesmo. O Hilton, que é o único branco do grupo, poderia falar por nós do porquê que ele está no grupo. É uma explicação muito importante na medida em que a gente vai sabendo explicar esta transação de negro e oprimido. Oprimido não é necessariamente negro, nem negro é necessariamente um oprimido...

P — Esta questão eu acho importante porque ao se colocar em nossa democracia racial este tipo de problema, o jornal da burguesia... O Globo, coloca que seria... O black Rio é racista. Neste tipo de discurso são acusados de fazer o racismo às avessas...

P — Racismo às avessas, não é? Então vamos dar a palavra a um branco....

R—HILTON — Em primeiro lugar não existe racismo às avessas. Acontece o seguinte, a minha

pele é branca, mas na minha concepção o branco é a classe dominante, a classe que oprime e não pertence a classe dominante, estou automaticamente na raça negra. Esta, a minha concepção. O contrário do Pelé, justamente o contrário. A coisa não é tão simples assim, mas...

P — Certo. Acho modestamente, como não fecho com os opressores, mas com os oprimidos, sou também negro.

R — Agora o Hilton tem uma coisa importante que ele não falou: a origem dele. Ele é branco, mas se tivesse vivido no meio do branco, não estaria falando isto, neste momento. Foi dominado também... favela, trombadinha, roubar cavalo... ele sofreu um processo de negros. Os negros na favela eram oprimidos e ele um branco no meio de negros. Ele assimilou esta tendência de estar no lado destas pessoas. Veja: após muita luta, concluímos alguma coisa. Temos uma proposta muito grande. Até pouco tempo e ainda há, linhas pensando assim, em pensar uma cultura negra à nível de Brasil. Este é um pensamento errado. Isto porque qualquer negro sabe que sua história não começou em 1.500, com o descobrimento, nossa história é muito anterior. Na medida em que assumimos uma história negra para o Brasil estamos assumindo o que o regime coloca, que nos voltamos para o caráter negro da história. É uma tentativa sutil, altamente inteligente de nos relegar sempre ao segundo plano. A gente fica encostado pensando na cultura negra sem participação no esquema vigente. Nós pensamos como negros, temos uma origem, temos uma história negra, uma história do Brasil. Pensamos o negro como um elemento ativo na sociedade. Quando se fala em Grécia antiga, fala-se em história da Humanidade. A história do Brasil com o negro participando, definindo: esta, a história que nos preocupa. O problema é a cultura brasileira com o negro participando, e qualquer um, de bom senso, sabe que fomos nós quem construímos isto daqui. Existe uma cultura de negros, no Brasil e a cultura negra é tão velha quanto a humanidade.

P — E o Black Rio?

R — É... Isto daí assusta muita gente. Ai inventam que é racismo ao contrário e neste discurso ele já virou racista. Se você se preocupar com o racismo é porque é racista também. O sapato do crioulo é escroto, mas o skate da Zona Sul é jóia. Você saca o racismo em cima da jogada. O Roberto Moura que é crítico de m.p.b., branco, de classe média evidentemente, escreveu um artigo infeliz no Pasquim. Dizia que os negros tinham que usar camisas listradas, sapatos e calças brancas. A imagem que ele tem do sambista: tocar cavaquinho e surdo. Achava ridículo, um negro andar de calça Lee, jaqueta jeans e um sapato verde. Ele só sabia que o samba já está na mão do branco, está dominado. Não é da classe dominante mas está dominado e o cara faz o que ele quer. Vai fazer um samba assim, dizer que samba é assado. O Jair Amorim, o Evaldo Gouveia. Esqueceu-se o Moura que o negro que faz Soul, que canta e que dança o soul são metalúrgicos, da construção civil, escriturários, pessoas da classe dominada. Se de repente eles deixam de aceitar a camisa listrada, a calça e os sapatos brancos, o surdo e o cavaquinho, o samba da burguesia é por alguma razão. Acho mais positivo que ele dance soul, quando a juventude branca dança rock, ao menos está se identificando enquanto negro, está se reunindo, discutindo um problema muito sério, que é o racismo, com a sociedade brasileira. Ele está unido. Quando o negro começa fazer soul fica esquisito porque as escolas de samba vão esvaziar. Quem faz samba é o negro e quem vai fazê-lo agora? É claro, temos um compromisso de raiz, racial, de origem. Não somos nós os defensores da Pátria, para isto tem muita gente aí, definindo os caminhos da pátria. Porque temos nós que definir tudo? Depois todo mundo compra. Nós não vamos para a arquibancada porque é caro. O metalúrgico faz samba, mas não usa o samba. O dinheiro pinta na mão do opressor. Nós não somos os defensores da cultura, nós detemos a nossa cultura. Negro não faz mais o samba? O samba está dando dinheiro? É muito fácil o Branco fazer... ele pega a nossa camisa listrada, bota nossa calça branca, pega um tamborim e faz o samba. Se for bom a gente vai também sambar.

O Grupo Vissungo ainda tem muito para falar. No próximo Afro-Latino-América, discute: o crítico de músicas. O descobridor de talentos. Soul escolas de sambas, mulatas. E grupo Vissungo. Mais, um depoimento de um Black de Niterói...



AFRO LATINO AMERICA



E AGORA?

Mais de mil negros nas ruas! Sem dúvida, uma grande vitória para o Movimento Negro. Isto demonstra como já afirmamos, o ânimo da Comunidade. Por outro lado, fica claro que nem só os que circulam nas Entidades estão mobilizados na luta contra o racismo e as más condições de vida. Daí a necessidade de uma alternativa, concreta, dentro e fora das entidades, de modo a absorver este contingente humano que deverá definir os rumos das entidades atuais, ou das que possam surgir daqui para frente.

O Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial deu um grande salto político, ao nível da sociedade como um todo: faz-se respeitar e aumentou seu respaldo junto a Comunidade. É preciso preservar esta vitória, transformando-a num novo avanço para o conjunto do Movimento. Daí a necessidade de garantir-lhe uma organização independente, que não o submeta aos «trmites» de cada entidade existente e nem o permite diluir-se nas lutas gerais. Os centros de luta, propostos no dia do ato público, em carta aberta à população, é que vão garantir tal independência. A sua participação, na direção do movimento é que vai dar-lhe a dinâmica que necessita para responder às questões imediatas. A participação das entidades é que garantirá seu fortalecimento (e o das entidades) junto à população. A criação de comissões por setores, no momento que a dinâmica do movimento exige respostas setoriais, garante sua não burocratização; e a criação de comissões de ampliação do movimento, por estado, impede que ele se regionalize. Sem dúvida, é o momento para exercício da criatividade e da ação.



fotos: Rosa Gaudiano



Hamilton Bernardes Cardoso

Logo após a morte de Robson Silveira da Luz, mãe Tereza foi, com suas filhas de santo, para as ruas. Mãe Tereza, mestiça, foi para as ruas para mostrar aos policiais que negro também tem vez. Vivi ficou sem nada, com seus filhos, sem dinheiro e condições para conseguir emprego. Está grávida e até agora ninguém da polícia falou em indenização (ela preferia o marido com o salário) Mas e agora, o que fazer?

Os quatro meninos atletas negros chegaram à porta do Clube de Regatas Tietê. Há muito esperavam para serem considerados militantes do clube, um dos melhores de São Paulo. Por que negro não pode querer o melhor? Só porque nasceu na miséria?

Muitos garotos praticam esporte no Clube Tietê. Garotos brancos.

Ao chegar, o porteiro explicou que não poderiam entrar. Um deles (ah! estes garotos!) burlou o porteiro e chamou um dos técnicos, que os mandou entrar. O diretor do clube chamou o técnico para lhe explicar que os garotos não poderiam ser aprovados porque eram negros. Os técnicos, os atletas protestaram. Este protesto alcançou as páginas de jornais. Muitos brasileiros leram o noticiário. Os nomes dos técnicos chegaram em muitos lugares, até mesmo no Deops, acusados de subversão...

Um dos diretores do clube explicou: "Se deixo um negro entrar na piscina, cem brancos saem imediatamente"...

Hoje, um dos novos técnicos é negro. Negro?!?

O que fazer?

O atleta de um clube de São Paulo, estava, há muito tempo, revoltado com a forma como é tratado no clube onde treina: não é permitida a entrada na piscina. Revoltado, com sua condição e com o que ocorreu no clube Tietê, procurou as entidades negras para protestar.

O que fazer?

Conversou com um dos integrantes do Afro-Latino-América.

Um jornalista negro de São Paulo, há muito reclamava da falta de instrumentos de mobilização da Comunidade nos momentos em que ocorria qualquer tipo de discriminação aberta. Entre as populações negras existia revolta contida nas gargantas. Em pleno Noventa anos de abolição ninguém responderia, concretamente, à um ato claro de racismo. Faz tempo que ele existe e faz tempo que os negros gritam. Parados?

Em algumas entidades, no mural, estava estampado vários recortes de jornais "Discriminação no Tietê." "Cerimônias para o assassinato de um negro" "Negro tem que morrer no pau!" Os debates sobre o racismo e as formas de combatê-lo continuavam...

No dia 12 de junho, alguns negros chegaram à sede de uma entidade. Dentro, um círculo de pessoas sentadas: o atleta, o repórter, o militante o amigo, o companheiro, o irmão, o black, o intelectual... Na outra sala, os murais, com as manchetes...

A voz forte de um negro insiste: "Temos que fazer um protesto! Devemos fazer um protesto na frente do clube Tietê para mostrar para estes brancos que não podem ficar discriminando a gente não! Surpresas e debates procederam a decisão: criar uma comissão para consultar os vários setores da Comunidade. Conversar em busca do que fazer..."

No domingo, uma grande reunião. Um companheiro do Rio, um filho de Deputado, vários representantes e associados de entidades, jornais e grupos. Estudantes, blacks, representantes de equipes de baile, representantes de ninguém. Artistas, esportistas, a filha de um pintor. Uma longa tarde de debate. Fora, todos assistiam o jogo Brasil e Argentina. Ao final estava decidido a criação de um Movimento Unificado contra a Discriminação racial. Sua primeira atividade já estava marcada: a realização de um ato público no 7 de julho no viaduto do Chá, em São Paulo. O movimento deveria reunir todos os setores da Comunidade Negra, independente da ideologia contra um inimigo comum, a Discriminação Racial.

As reuniões, os avanços e recuos se sucederam até o 7 de julho.

Pela primeira vez, em muito tempo, os negros receberam, nas ruas, um documento discutindo a sua situação, uma carta apontando caminhos, convocando, dizendo (e não perguntando) o que fazer. Um movimento atuante, sem medo e sem esconder-se: forte, lançado publicamente numa manifestação de rua.

Havia medo, ironias e preocupações, nas entidades, nas redações de jornais brancos. E a repressão?

Se a polícia atuasse seria um golpe mortal para o movimento negro, um golpe mortal para a democracia racial. Reprimir uma manifestação antirracista não seria aconselhável para um país mestiço; por outro lado o medo poderia ser instalado na Comunidade Negra. Uma faca de dois gumes.

Estas preocupações, por vezes, emergia nas reuniões do movimento. Aí, surgia a certeza de alguns: o negro, hoje, pode sair para as ruas e ali discutir junto à massa negra desempregada; as lutas negras internacionais, a crise do capitalismo, o futuro que a África representa para o Brasil, aliado ao próprio racismo a necessidade de mostrar aos Africanos que aqui existem negros livres-, o avanço das forças populares, no país, as divisões burguesas, todos estes fatores permitem a saída pelas ruas. E existe a necessidade, os negros estão nas ruas. Aí é que trabalham que se divertem, que são presos pela polícia...

CHEGAMOS ÀS RUAS

Cinco mil cartas abertas foram impressas no dia sete, pela manhã. Ao mesmo tempo, chegavam os companheiros cariocas. Um dia de correrias. Ao fim da tarde, chegariam moções de cinco entidades negras da Bahia. Cinco entidades Cariocas fariam um documento único de apoio, primeiro instrumento para a ampliação do Movimento do Rio de Janeiro. Paulistas e cariocas distribuíram juntos cartas Convocatórias.

As 18:00 horas do sete de julho, alguns negros e brancos estavam parados defronte ao Teatro Municipal, a conversar. Mais negros, que esperavam o ato público. Vez por outra chegavam outros... Da galeria Nova Barão, surgem alguns jovens caminhando na direção do Teatro, com caixas de papelão nos ombros, segurando faixas, colas e um megafone.

A movimentação iniciou-se cartazes sendo colados e amarrados nas portas e paredes do Teatro Municipal, o mesmo que tantas vezes esteve fechado à artistas negros, principalmente os brasileiros; igual à tantos outros espalhados pelo país para satisfazer às elites brancas. Os negros começaram aproximar-se das escadarias do teatro.

As cartas abertas começaram ser distribuídas à população:

"Hoje estamos nas ruas numa campanha de denúncia! Campanha contra a discriminação racial, contra a opressão policial, contra o desemprego, o sub-emprego e a marginalização. Estamos nas ruas para denunciar as péssimas condições de vida da Comunidade Negra. Hoje é um dia histórico. Um novo dia começa surgir para o negro! Estamos saindo das salas de reuniões das salas de conferências e estamos indo para as ruas. Um novo passo foi dado contra o racismo."

A carta foi lida por mais de quinhentas pessoas. Assim iniciou-se o Ato Público. Depois vieram as manifestações. Milton Barbosa, associado do Cegan; Antônio Leite, da Associação Cultural Brasil Jovem, o poeta Eduardo de Oliveira, Neusa Maria Pereira do grupo Afro-Latino-América. Muitos outros falaram para as massas negras depois de muitos anos de desmobilização. E os negros se achemavam, cada vez mais.

Dentre alguns corria o boato que há três semanas Tereza Santos, atriz que fundou há 9 anos o Centro de Cultura e Arte Negra - CECAN, chegara ao Brasil de Angola, e fora presa no apartamento de uma amiga e levada para o Deops. Ninguém sabia confirmar, ninguém dava detalhes.

O 7 de julho prosseguia. E as pessoas chegavam, cada vez em maior quantidade, cada vez mais atentas. Os policiais do Deops, à

Os meninos negros são expulsos do clube grã-fino. o rapaz negro é assassinado por um policial.

Desta vez, não ficamos calados.

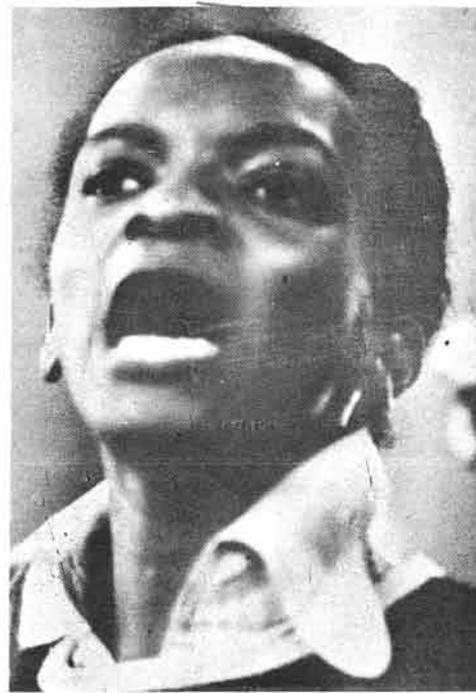
Começa a mobilização geral.

Reuniões, discussões, rumo traçado: protestar na praça pública.

Mas isto nunca havia sido feito...

Uma nova página das lutas negras começa a ser virada.

Como aconteceu tudo isto? É o que vamos contar.



paisana, misturavam-se entre os presentes. Quietos. Havia negros que ao conhecê-los (que negro não conhece um policial?) diziam para o companheiro: "Até que enfim eles, aqui, são obrigados a calar, a ficar quietos e não agredir..."

Uma viatura policial apareceu com um preso. Alguém viu e avisou a comissão Executiva do movimento, que procurou o policial responsável. Este lhe informou, que no carro estava preso um ladrão, e que fora preso em outro lugar.

Mais de mil pessoas estavam presentes por volta de 19:00 horas. Nas ruas, corria de mão em mão, cartas abertas à população, chamando todos os negros a se organizarem numa luta comum, nos bairros, nas vilas, nas prisões, nos terreiros de candomblé e de umbanda, nos locais de trabalho, escolas de samba, igrejas, em todo lugar onde haja negros, para dali, atacarem todo tipo de discriminação, unindo-se à um grande movimento unificado, tornando-o forte, ativo e combatente. Dos setores democráticos, a carta dizia esperar o apoio, criando assim as condições necessárias para criar uma verdadeira democracia racial.

O ato, ao mesmo tempo que um protesto, era uma festa. A rua, a praça, estavam, momentaneamente liberada. Velhos companheiros de luta, ali, se encontravam.

Abdias do Nascimento, fundador do Teatro Experimental do Negro, hoje professor e conferencista, nos E.U.A., também estava ali. Ele não poderia deixar de falar a tão importante manifestação, após longos anos de exílio, após a negativa do governo brasileiro em dar-lhe passaporte, apesar do racismo. Ali, diante de mais de mil negros, concretizando um velho sonho: chamar as massas negras à organização, a atuação e a luta contra o racismo, por uma sociedade não branca, sem discriminações, uma verdadeira democracia racial.

O sete de julho conseguiu unir muitos negros, muitas entidades, criticadas às vezes dentro da Comunidade Negra. Entidades de Belém, de Salvador, de Recife, o IPCN, o Centro de Estudos Brasil África, a escola de samba Quilombos, o Renascença Clube, o Núcleo Negro Socialista, Olorum Baba min, A SIMBA, do Rio de Janeiro.

Prisioneiros da Casa de Detenção enviaram uma carta apoiando e ampliando o Movimento.

A juventude Judaica, a Convergência Socialista, e outros setores estiveram presentes.

A carta aberta foi novamente lida em coro por mais de mil presentes.

O ato acabou, mas a luta continua. As televisões, rádios e jornais foram obrigadas a falar dos negros que protestavam. Algumas como a T.V. Globo, mostrava mais brancos falando, do que negros, mas os poucos que podiam falar, com suas vozes, o que queriam. E as vozes negras entraram pelas casas de negros e brancos, suas palestras foram escritas nos jornais.

Nas ruas, no 7 de Julho, todos os negros gritaram, as palavras de ordem: Contra a discriminação racial! Contra a opressão policial pela ampliação do movimento! Por uma autência democracia Racial!

O SETE DE JULHO

Neusa Maria Pereira

Que data é esta, que já consideramos histórica? E não falamos desta dorminhoca história oficial, feita para acalmar os espíritos. Mas daquela que tem verdade, que tem cheiro de terra e povo.

Sete de julho de 1978 tornou-se um dia histórico para todo o povo negro, porque, pela primeira vez, saímos à rua para protestar e denunciar o racismo existente neste país.

O povo negro aqui chegou como escravo, mas encontrou formas de resistência e criou condições para sair da violência do cativo.

Combativo que é fugiu da exploração de seu senhor, na luta pela libertação (vide Palmares) criou uma sociedade nova, e este fato como tantos outros, não está devidamente esclarecido pela história oficial, numa tentativa de esconder do negro seu passado, para que assim ele não possa exigir seu real papel na sociedade.

Sabemos que os escravos e seus descendentes ajudaram e ainda ajudam a construir a riqueza deste país, dando-lhe ainda toda base de sustentação cultural. Nosso povo deu seu sangue nas diversas lutas de caráter interno e externo para que o Brasil consolidasse sua independência política. Sabemos da participação maciça de negros na guerra do Paraguai, na guerra dos Canudos, na Inconfidência Mineira. Mas o que recebemos como prêmio por tanta dedicação a esta terra?

- Recebemos a miséria, o desrespeito, o desconhecimento, por parte das autoridades da classe e raça dominantes, dos nossos direitos de cidadãos. Recebemos o desemprego, o subemprego, as piores moradias do país, o maior índice de doença e mortalidade.

O fantasma da escravidão ronda constantemente a vida do homem negro no sistema capitalista. Muitas de nossas crianças estão sem estudar porque seus pais não têm condições de mandá-las à escola. A tuberculose e a verminose são as maiores responsáveis pela morte de negros, e estas são doenças típicas de pessoas carentes de alimenta-

ção adequada. Nossa juventude perambula nas ruas sem trabalho e perspectiva de dias melhores. O roubo é solução para muitos jovens arranjar dinheiro. Este desafio ao sistema leva os novos adolescentes aos reformatórios desumanos, onde estão em maior número. Quando eles saem de lá, caem nas cadeias, ou são simplesmente assassinados pela polícia, preocupada em limpar as cidades brancas do demônio social que é o negro.

Muitas de nossas mulheres, que deveriam estar construindo nossas famílias, formam longas fileiras nas zonas pobres da prostituição, fazendo desta escória uma maneira honesta de ganhar a vida.

Somos considerados cidadãos de segunda classe, mas no dia 7 de julho, em São Paulo, mostramos publicamente que não mais aceitamos esta classificação. Enquanto algumas pessoas bem vestidas e perfumadas entravam no teatro Municipal de São Paulo para cumprir seu dever social, um grupo de mais de mil negros abriam seu peito ali em frente, num grito sufocado, denunciando as péssimas condições em que vivemos neste país. Mais de mil negros, em sua maioria jovens, desmistificavam publicamente o racismo covarde que o proíbe de participar do progresso da sociedade, que o atira na sarjeta e o assassina.

Naquela noite, deixamos claro para toda a sociedade que não mais nos calaremos frente aos crimes e à violação dos nossos direitos de cidadãos a que estamos submetidos desde o dia em que pisamos nas terras brasileiras.

Desta vez eram mais de mil. Na próxima, triplicaremos nosso número.

Sabemos que somente unidos teremos força para construir uma sociedade mais justa.



NÓS, NETOS DE ZUMBI, PRESOS NA DETENÇÃO. ASSIM PENSAMOS E ASSIM ESCREVEMOS A VOCÊS, IRMÃOS E TAMBÉM NETOS DE ZUMBI!

Casa de Detenção de São Paulo.

Do fundo do grótão, do exílio, levamos nosso sussuro a agigantar o brado de luta e liberdade dado pelo movimento Unificado Contra a Discriminação Racial...

Nós presidiários brasileiros contamos com nosso grupo unificado contra a Discriminação racial. E aqui estamos no lado do sub-mundo mas dispostos a dar nossos corpos e mentes para a ação da luta, denunciar também a discriminação dentro do sistema judiciário. Aqui, no maior presídio da América do Sul.

Condições de Vida.

Pelo que entendo o negro aqui é tratado como uma fera, mas em se tratando de prisão estadual, com objetivo de recuperar o ser humano para a sociedade, as condições são precárias, promíscuas, mesmo tratando-se de um presídio. Englobando tudo, temos aqui uma prisão para 2.300 homens, comportando 6.354 com um movimento ascendente para cada dia que passa. Estes números compõe a realidade. Daí o Estado se obriga a vestir, nutrir, como cuidar de um potencial inerte, dando-lhe assistência social, hospitalar, jurídica e outros, todavia o Estado só se obriga a isto porque não cumpre com sua obrigação. Desde o calçado, até as próprias palavras do «Estado» em relação ao preso é sempre cheia de mil sentidos (praxis e conceitos), obsoletos e antiquados. Quanto à alimentação, é algo tão promíscuo que é até impossível de ser observada por outros que não vivem por aqui, tão pouca a quantidade servida que há perda de proteínas e outros elementos necessários à manutenção saudável do corpo.

O tratamento médico-odontológico dentro dos pavilhões é algo vergonhoso para qualquer médico, grupo ou junta que se orgulhem de o serem. Só servem mesmo para primeiros socorros, sendo possível (na maioria das vezes), uma vítima, de vários infortúnios, morrer por falta de um pronto socorro adequado. Dizem aqui que o maior infortúnio de um preso é precisar de um médico; maior e último (infortúnio) se for coisa fatal. O serviço odontológico parece que tem, aqui, a obrigação de extrair o máximo de dentes possíveis: «extrair sempre: Obturar, recuperar: nunca: nunca.» Eis o lema odontológico da casa de Detenção, dá-se a impressão que ganham por extrações e não por capacidade.

Todos aqui almejam ter alguém que o represente no mundo exterior. Aos Afro-brasileiros, (70% dos 6.354 homens), é praticamente negada a ajuda estadual em relação às necessidades judiciais. Isto dentro do termo CONDIÇÕES DE VIDA é parte importante no dia a dia do presidiário, pois o que mais o oprime é saber que ninguém o defende diante do poder judiciário; quem ao faz, geralmente está à procura de projeção social ou política.

Por isto, desanimam de lutar, ficando à espera de oportunidades de

mudanças jurisprudenciais e ao mesmo tempo que vai revoltando-se consigo mesmo, pois sentem-se perdidos, em todos seus passos e tentativas de avanços, pelos membros do poder públicos que detém nas mãos nossa vitória e nos impõe a derrota. Ora, que condições de vida humana tem as pessoas que, não agindo tornam-se pesos mortos, e tem consciência potencial que são «isto» e que forçosamente, pelo menos enquanto o poder judiciário não tirar a venda que usa há séculos, de peso morto não passaremos. E sempre haverá enquanto NÓS não abriremos os olhos «um negão disto ou daquilo» para ser bode expiatório de alguém. E sempre haverá se não abriremos os olhos, mais um Robson na mira do cano. Mais um morto!

E quantos na cadeia, sem crime, sem perdão para a cor que não sai da pele?

DIREITOS HUMANOS

Aqui, poucos, entre presos e servidores públicos sabem realmente o que é isto. Quando fala-se em direitos humanos, é necessário ver com quem se fala porque cada qual compreende segundo suas necessidades...

Aqui no presídio não se pode falar muito nisto pois logo somos motivados de chacotas (nós do Grupo Afro-brasileiro, denominados neto de Zumbi, sabemos que há, mas não sabemos onde nem como se fazer ouvir pelo tal.)

Creio, inclusive, que, Direitos Humanos não passa de um tema promocional que tem estado em foco atualmente em todos os setores filantropicos, públicos e particulares. Contudo, nós aqui, não temos senão temas e reuniões que pelo visto, não passam mesmo daí. Os homens que o propagam, são os primeiros a violá-los. E ele vem pelo mundo afora rinchoteando estragando-se dentro dos palácios governamentais. Nós presos, para dizer a verdade não o vimos chegar, não o sentimos passar aqui onde vivemos, e nem sabemos ao certo, se este tal de direitos humanos é o símbolo da mentira, da verdade ou da hipocrisia porque da Liberdade, nós sabemos que não é.

Se existe, é um bicho que sempre nos tem mordido ou é um Deus ao qual ninguém jamais orou.

Agora desperta em nós a curiosidade de homens negros e ignorantes:

— Queremos saber o que são estes tais de direitos humanos.

Também tem o seguinte: Se for algo do qual dependemos da sociedade branca para nos conscientizar, algo que se consiga com docilidade de servos não apresente!...

Já estamos fartos de palavras, demagogias, por isto somos um grupo, por isto gritamos sem cessar.

Somos negros, somos NETOS DE ZUMBI...

(e vovô ficaria triste, se nos entregássemos sem luta...)...

Grupos Afro-brasileiro. Netos de Zumbi.



Marco Antonio



**Poeta, antena da raça.
Poeta, ministro.
Poeta, combatente.
Poeta, e nosso irmão.**

AOS OLHOS DE UM POETA ANGOLANO

Jofre Soares *

O POVO É MAIS FORTE QUE A MORTE

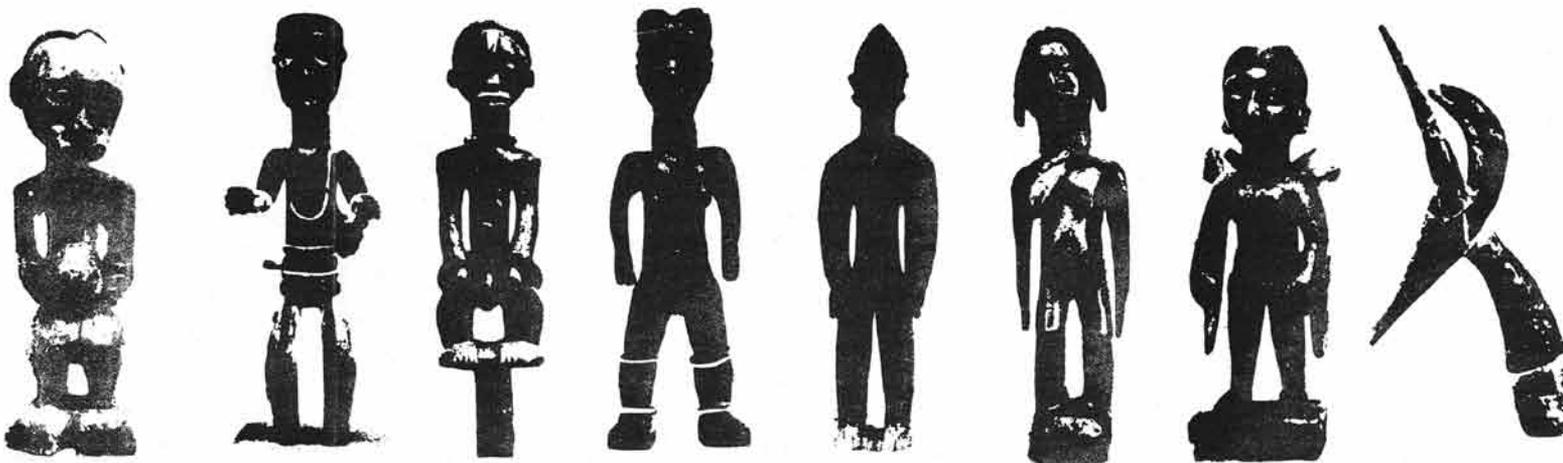
Não cabem miragens na extensão ardente que tua figura vela. E através das rotas nomadas não há duna que se interponha ao sopro de justiça liberto aos ventos do Sara.

El Ouali, cavaleiro do sonho
El Ouali, guerrilheiro da paz
por areias e desertos
hoje em tua memória
o vento só semeia ertesas

El Ouali, gigante ferido
quem nenhum dardo tomba
El Ouali, combatente martir
da pátria sariana em fogo
no teu sangue. El Ouali
brilha um sol que quebra, tiranias
e ressuscita esta verdade:

NUNHUMA MORTE VENCE A FORÇA DO POVO

* Pseudônimo de Roberto Almeida, vice-ministro de relações exteriores da república popular de Angola. Poema inédito no Brasil.





UM ANO DE AFRO LATINO AMÉRICA.

Durante este período vivemos uma longa e intensa experiência. Foi o suficiente para começarmos a sair de nossos guetos, onde introjetamos o isolamento, amendrontados com a força e prepotência do opressor. Mas, naturalmente sofremos dos exageros, que sofre toda criança que começa caminhar e Afro Latino América, no jornal Versus cumpriu apenas uma das funções da Imprensa Negra, que é falar com o conjunto da Sociedade e com seus setores mais organizados entre negros e brancos. Há outra função e que cremos é a principal, na medida que para ali está voltado todo nosso trabalho, que é a de falar, debater e organizarmo-nos com a grande massa da população negra.

E aqui começa um novo debate interno em nossa equipe. No momento que o Movimento Negro sai as ruas, através do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, é fundamental que todos os grupos, entidades e associações negras saiam também, em conjunto, unificadas, mas, sem perder, cada uma sua individualidade. Por isto Afro Latino América vai viver, nas ruas, para trabalhar ali, organizando, debatendo e aprendendo com a grande maioria da população explorada deste país.

Em breve começaremos a publicar o nosso jornal negro, independente e dirigido principalmente à comunidade Negra.

CAFUNDÓ: AS MANIAS DOS REIS E A RESPOSTA DO ESCRAVO



Hamilton Bernardes Cardoso.

A explosão. Um gesto rápido e rude com a cabeça, enquanto ouvia sibilar o projétil em seu ouvido. Os olhos assustados e atentos seguiram o corpo negro, que após girar rápido, num salto magistral liberava-se do jeep vindo em sua direção. O cano do revólver apontado para si, enquanto ouvia os gritos de filho da puta!

Bastou o corpo descer perto para erguer a mão esquerda segurando o braço do oponente, enquanto abaixava e com a outra mão segurava o corpo do agressor. Por segundos mediram forças. Rápidamente a mão direita desceu à cintura, enquanto a cabeça pressionava o peito

contrário, e liberou do meio dos corpos, um brilho que por segundos se manteve no ar até penetrar no corpo do invasor, mais de uma vez. Não bastou, e sua mão esquerda ainda segurava o braço armado que procurava colocar o cano na direção de origem. Enquanto a cabeça pressionava o peito do invasor, a faca foi solta. A mão desceu em busca de uma foice enterrada no chão. Ergueu-a em direção ao rosto negro que, pouco a pouco tingiu-se de vermelho.

Durante todo o período sua cabeça esteve abaixada, como estivera a cabeça de muitos de seus avós. Depois, viu o corpo negro, no chão estatelado. Ergueu a cabeça como muitos irmãos africanos que, hoje, também erguem suas cabeças. Olhou ao redor para os companheiros, para o velho Otávio Caetano, para os companheiros de Dito Souza, negro que trabalhava junto com os capangas de Fouad Elias Marum e agora olhavam surpresos o corpo inerte no chão. Correram para as matas, lembrando os antigos Quilombolas em busca de liberdade.

Ficaram cinco dias escondidos na mata até o dia que chegou Hugo Ferreira da Silva, advogado da Comissão Jurídica do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial e Arnibal Santana, do Clube 28 de Setembro de Sorocaba. Um dia depois se apresentaram ao delegado da cidade de Salto de Pirapora e contaram em depoimento uma história de explorados que resolvem utilizar o último argumento deixado para defender suas vidas e suas terras.

Noel Rosa de Almeida e seus dois irmãos, Marco e Adauto, estão sendo hoje, processados pela morte de Dito Souza em Cafundó, onde moram, ao lado de Salto de Pirapora.

Cafundó é um pequeno vilarejo que abriga 72 pessoas e existe há mais de cem anos, preservando cultura e idioma próprio, desde que foi doado à 2 ex-escravas em 1865. Até agora, os estudos — insuficientes dada a falta de verba necessária do governo para pesquisa — não conseguiram explicar com se deu a sobrevivência da Comunidade Negra de Cafundó, mesmo porque, a comunidade tem sido vítima de sistemáticas agressões e invasões dos fazendeiros vizinhos.

No mês de Maio, quando a opinião pública foi informada da existência da Comunidade, deu-se ênfase ao fato de ser um grupo negro que conseguiu sobreviver com sua cultura africana, ▶

Os depoimentos

Cinco dias após a morte de Dito Souza os moradores do Cafundó, Marcos, Adauto e Noel apresentaram-se à polícia para depor. A notícia foi publicada em dois jornais, um de Sorocaba (o Cruzeiro) e O Estado de São Paulo, da capital. No primeiro, a manchete dizia: «Moradores do Cafundó matam em defesa das suas terras», no segundo a manchete era seca e clara: «Assassinos do Cafundó apresentam-se à polícia».

No depoimento, os «assassinos» explicaram como se deu a tentativa de agressão armada do capanga de Fouad Elias Marum e como se defenderam e a sua Comunidade. O delegado, que também é o escrivão trabalha de uma forma interessante. Logo que o depoente chega manda-o sentar-se. Pede-lhe que conte a história toda. Depois de ouvir começa a perguntar-lhe tudo nova

mente e depois de ouvir, cada trecho, escreve na máquina. Após todo depoimento, lê aos advogados e às testemunhas, que assinam o depoimento, a rogo dos depoentes que no caso, são analfabetos.

É interessante este tipo de depoimento, principalmente no caso dos habitantes de Cafundó, porque eles falam dois idiomas: o kimbundo e o português que só é utilizado quando necessário. Apesar de não ter sotaque, qualquer um percebe a sua dificuldade em se expressar já que existem muitas palavras que não expressam sua realidade diária. O delegado, ao ouvir age como um tradutor porque os termos além de serem reduzidos são aqueles utilizados por um número de brasileiros que não conhecem o idioma de seu país. O delegado processa, então, uma verdadeira interpretação do depoimento.

Os advogados dos moradores do Cafundó, no dia do último depoimento, pediram ao delegado que antes de escrever no papel, ou enquanto escrevesse falasse alto o que estava escrevendo, para que pudessem, assim, comprovar mais uma vez a imparcialidade na redação.

Durante este período, e até hoje, o fazendeiro Elias Marum, corre a cidade com a família de Dito Souza, segundo informações do Dr. Hugo Ferreira da Silva, falando às pessoas da morte de Dito Souza. Aliás, há familiares de Dito Souza que ameaçam invadir e matar os habitantes do Cafundó que mataram seu irmão. Os moradores da cidade foram à delegacia pedir proteção, que o delegado achou desnecessária. Um dos moradores disse ao delegado que poderia morrer, ao que falou por resposta: E daí?.

seu idioma kimbundo e outros costumes trazidos da África. Mas a população do Cafundó tem outras preocupações, pois hoje está colocado em jogo exatamente seu direito à terra, ao trabalho, ao pão e à sobrevivência de sua cultura.

Desde 1865, os velhos vem ensinando aos filhos sua cultura e dos antepassados; contando histórias da escravidão. E estas histórias vão, na medida que o tempo passa, aproximando-se de cada um dos seus habitantes, que vê a cada dia que ela poderá tornar-se novamente a realidade, e que de homens que hoje se sentem livres, tornarem-se novamente a realidade, e que de homens que hoje se sentem livres, tornar-se escravos de fazendeiros como Fouad Elias Marum.

Na verdade não é só em Cafundó que as histórias são contadas. Nas casas grandes das fazendas, ainda maiores, os filhos de ex-senhores de escravos também preservaram sua cultura e o discurso do senhor de escravos. Vão armando-se, no dia-a-dia de novas histórias de escravidão e exploração, para serem contadas pelos filhos do Cafundó. E muitas já estão sendo contadas.

No século passado existiam três povoados de negros na região: Caxambú, Fazenda do Pilar e Cafundó. Caxambú era o maior deles tinha 200 alqueires e segundo o relato do historiador Carlos Vogt...» no Caxambú viviam várias famílias que também falavam a língua africana, organizavam-se num sistema comunitário de produção e estavam exostos às manipulações oficiais da história do regime de propriedade em que vive-



O processo e a campanha de fundos.

O que definirá a posse da terra do Cafundó, é o processo que estava sendo encaminhado pelo Dr. Silvio Campolim, um advogado de Sorocaba. O Dr. Silvio já conseguiu que o certificado de uso capião prove sete alqueires e meio e trabalhava no sentido de definir o restante. Mas o advogado morreu e seu filho, Silvio Campolim, conhecido na cidade como Filhinho, está há muito tempo esquecido do fato, assim como da Comunidade do Cafundó.

Sabe-se que há um documento dando a posse da terra aos moradores em uma cidade do interior de São Paulo, mas eles não tem condições de ir até lá.

O movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, que surgiu em São Paulo e hoje

já está sendo organizado em pelo menos seis estados brasileiros, designou um advogado da sua comissão jurídica para cuidar da defesa dos moradores, acompanhar o litígio de terra e participar do processamento do caso. Mas o movimento, novo como é, sofre o grande mal do movimento negro em seus diversos períodos: a falta de dinheiro. Isso vem causando alguns problemas, já que há necessidade de gastar algum dinheiro para transportes e documentos. Por isso, resolveu iniciar uma campanha de fundos, que lhe permita encaminhar as questões. Fala-se em shows, para o que já existe uma comissão contratando artistas e cantores que dêem participação. A verba conseguida não seria só para o Cafundó, mas serviria para a organização do

movimento e desenvolvimento de outras ações que serão inevitáveis, como o acompanhamento do processo aberto pela família de Robson Silveira da Luz contra o delegado Luiz Alberto Abdala e subordinados, que começa a tropelar nos primeiros degraus, em leis, como aquela feita para proteção do delegado Sérgio Paranhos Fleury, acusado de pertencer ao esquadrão da morte. (veja matéria...), ou o processo do Clube Tietê, que precisa seguir em frente e não parar, só porque o responsável pelo Deops acha aquilo uma democracia racial.

Além do show, pensa-se numa «campanha Cafundó», onde seria explicado à população o significado e o que acontece de fato, na região.

SOLUÇÕES OFICIAIS: com reservas...

Faz mais de um ano que os habitantes do vilarejo não plantam à espera do momento em que a justiça vai se pronunciar. Eles não querem deixar as plantações para o invasor. Correm o risco de, além das terras, serem obrigados a abandonar o fruto de seu trabalho. E isto gera problemas profundos, ou seja, não há o que comer.

Há algum tempo, muitos deles vendem a sua força de trabalho aos fazendeiros da região, para sobreviverem até a decisão da justiça. Mas depois da morte do capanga, o espírito de solidariedade humana dos fazendeiros (com outros fazendeiros, é claro) tem dificultado o acesso destes trabalhadores do Cafundó (bóias frias!) ao trabalho. As casas e taperas, submetidas ao sol e chuva, sem camas que lhe proporcionem o mínimo de conforto e o terreno acidentado deixava tudo mais difícil. A Associação Cristã Brasileira de Beneficência (que acabou de perder sua sede na Av. Consolação, por falta de dinheiro para pagar as mensalidades) conseguiu junto à Fundação de Assistência Social

da Casa Civil, mais de 100 quilos de mantimentos, 50 camas, 200 pares de sapatos, sabão e outros bens que resolvem problemas imediatos. Agora procuram uma forma de reconstruir as casas do Cafundó.

A prefeitura de Salto de Pirapora, agora, resolveu tomar algumas atitudes, com relação ao Cafundó: vai doar sementes para os habitantes, prometeu um trator para aplainar a terra e está, segundo um assessor da prefeitura e reporter do jornal Cruzeiro de Sorocaba, procurando uma solução para as terras do Cafundó. Ao menos para os nove alqueires que ainda restam. A medida mostra claramente, ser um lenitivo que pretende acalmar os ânimos e atirar o problema para o fundo das gavetas: o projeto é mandar ao ministro do Interior, Rangel Reis, um ofício para que transforme o Cafundó numa reserva.

Pois é, a solução aplicada aos indígenas, e que já provou satisfazer apenas os proprietários, as secretarias de turismo e aos turis-

tas brancos e europeus, menos os indígenas, segundo a vontade da prefeitura, seria também aplicada para os negros.

Daqui a um tempo o estrangeiro que vier ao Brasil vai encontrar aqui uma imensa reserva. O ciclo histórico é aquele de sempre, primeiro os índios, que se revoltam, negam-se a ser utilizados e são dizimados. Depois vem os negros que se revoltam também, negam-se a ser utilizados. E então resolvem trazer brancos explorados da Europa, para que estes também sejam utilizados, com a esperança de um dia ver um mundo mais branco, construindo assim uma «clara democracia racial».

Aliás, se o Brasil transformar-se numa imensa reserva não é de se assustar não, pois já somos uma reserva, só que com uma palavra a mais, reserva de mão de obra. E isto significará uma economia de palavras.

A ACBB, entidade beneficiária do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial.

mos. Levados a assinar um documento de arrendamento das terras para um «espanhol» de Sorocaba, assinaram na verdade um documento de venda, que passou, fraudulentamente todas as terras, por um mero papel e abuso de confiança, para as mãos de Francisco Ortiz. Chegou a haver morte no caso. Um dos moradores de Caxambú, coincidentemente um dos mais ativos na disputa pela recuperação das terras, foi assassinado. A questão parece estar até hoje na justiça, mas a Comunidade de Caxambú não existe mais.

Os negros partiram e se dispersaram por cidades vizinhas ou distantes, obrigados a repetir o ritual da diáspora que tem estigmatizado a sua história desde a abolição.»

Como vemos, a cultura e o discurso do opressor sempre continuam vivos. E até hoje estão coesos. Mas este já não se satisfaz, com o Caxambú e a fazenda do Pilar também já não existe. Cafundó que somava mais de 40 alqueires, não tem hoje mais de sete alqueires e meio, apesar do aviso de imposto da prefeitura de Salto do Pirapora constar pagamento para 58 alqueires.

O território vem diminuindo pouco a pouco, graças às pressões dos grandes proprietários das vizinhanças. O último a se manifestar, Fouad Elias Marum que já há algum tempo, caminha em direção do que resta de Cafundó.

Quando Caxambú foi tomado dos negros, foi Dito Souza, o mesmo corpo negro que caiu inerte em Cafundó, que matou Benedito... Naquele período o negro já trabalhava para os latifundiários e até o dia de sua morte andava pelas ruas sem que a justiça o amolestasse pela morte do morador de Caxambú.

Naquele tempo a imprensa das grandes cidades não conheciam os povos e as autoridades da cidade já andavam de mãos dadas com os grandes proprietários, fazendo justiça na cidade. Justiça, que há muito tempo, segundo um prisioneiro da casa de Detenção de São Paulo, está com os olhos vendados.

Mas que justiça poderia ser feita? A prisão de Dito Souza?

Dito Souza é como muitos que nascem como se tivessem destino certo: se não nasce escravo, nasce para cuidar de escravo. Se a justiça conseguisse enxergar, seria pela fresta da venda, no canto dos olhos e veria o prato mais baixo da balança, que pesado, carrega anos de opressão e escravidão, nunca o mais alto onde se esconde Fouad, atrás da venda de seda.

Depois de matar Benedito, Dito Souza ia muitas vezes ao Cafundó, onde a mando de Fouad Elias Marum voltou no dia para fazer uma cerca dentro do vilarejo. O fazendeiro pretende que um pedaço dos alqueires que ainda resta para a Comunidade, seja seu e há mais de um ano vem tentando mostrar à justiça que as terras lhe pertencem. Pretendia fazer ali uma cerca, o que lhe garantiria a caracterização da propriedade. Fouad já trabalhou durante muito tempo na prefeitura cuidando do setor que regulamenta as terras na região.

Neste dia, Dito Souza chegou às sete horas da manhã, quando Otávio Caetano, ao vê-lo descarregando arame farpado para fazer a cerca impediu-o de começar trabalhar. Otávio que tem 63 anos exigiu que Dito trouxesse um documento legal para trabalhar. Apesar de isolados, fazendo um esforço extremo para preservar sua cultura, gerir seu destino em Comunidade, preservando suas leis e costumes ancestrais, o líder da Comunidade se dispôs a ver Dito fazer a cerca passar no meio de sua casa, caso apresentasse o documento legal. Estava disposto a acatar a justiça, mesmo que ela fosse cega.

Dito Souza, retornou à cidade em busca de instruções da justiça e voltou mais de onze horas com a justiça de seu patrão, a cultura e o discurso preservada pelos filhos dos senhores de escravos: a violência, os insultos aos moradores do Cafundó, a ordem expressa para se apoderar das terras (custe o que custar, até sua própria vida).

O uso da arma de fogo, a reação dos moradores, concretizou a repetição de uma história idêntica a muitas do período da escravidão. Após a agressão, a invasão das terras que há mais de um ano os moradores não cultivam para ver a conclusão do litígio, três habitantes da região, — quilombolas do século XX reagiram, defendendo até a morte o seu direito à terra, à liberdade, e à vida. Só que desta vez morreu o emissário do invasor.

MUDEM DE ESTAÇÃO: QUEREMOS UM PROGRAMA!

Wanderlei José Maria.

Há muito tempo que os candidatos negros, cooptados pelo sistema racista vigente, não representam a Comunidade Negra. Amparados pela ditadura, obtiveram tão somente benefícios pessoais. Durante todo este tempo prometeram bolsas de estudo; uma vez ou outra denunciaram casos de discriminação racial e catalizaram simpatias. Assim garantiram mandatos e altos salários. Mas tudo muda...

Mudou a conjuntura e também a situação dos candidatos negros. Se há anos não era possível pensarmos num organismo negro independente, hoje isto está na ordem do dia. O Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial é este organismo. Ao realizar o Ato Público de 7 de Julho, no Viaduto do Chá, repudiando os assassinatos de Robson Silveira da Luz, Nilton Lourenço e o racismo de que foram vítimas os quatro garotos do Clube Regatas Tietê, o movimento, se tornou um instrumento de luta da Comunidade Negra.

Enquanto o regime militar oscila, sem saber para onde ir, enfrentando dissidências como a de Magalhães Pinto, Euler Bentes Monteiro, Hugo de Abreu, os setores populares vão se organizando. As greves de maio são a prova cabal da reorganização da sociedade brasileira, como também as greves nos grandes hospitais públicos, os professores no paraná, etc. As reformas que o Governo enviou para o Congresso, contando com a confiança servil da ARENA, são profundamente questionadas por este mesmo partido. Enfim, o regime militar está com os dias contados.

Do outro lado, os setores populares reivindicam: eleições diretas em todos

os níveis, anistia ampla, geral e irrestrita, Assembléia Constituinte Democrática e Soberana, pela livre organização dos partidos, CGT. Dentro deste quadro é que devem ser vistos os candidatos negros. Com a reorganização dos setores democráticos, aqueles que sempre contaram com o apoio total do regime, terão de se adequar às exigências de toda a Comunidade Negra. Pois, hoje a Comunidade tem como cobrar os seus representantes políticos. Tem como pedir-lhes um programa claro e definido, através do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial.

Após o Ato Público de 7 de Julho, o Movimento Negro Contra a Discriminação Racial tem peso e condições de discutir as eleições e os candidatos negros. Exigir-lhes um programa mínimo, que esteja pautado por liberdades democráticas, liberdade de organização e expressão dos negros, liberdade de organização partidária e luta contra a discriminação racial. Porém estas reivindicações só, não bastam: é preciso que o candidato compreenda que a marginalização, subemprego, péssimas condições de vida, opressão e violência policial, não serão solucionados dentro de um estado capitalista. É preciso apontar corretamente o caminho para a superação do racismo institucionalizado a que a população negra está submetida. E o caminho é o Socialismo.

Somente com um programa claro como este, é que se garantirá a presença constante dos candidatos negros no dia a dia da Comunidade, fazendo-os participar e denunciar o racismo da sociedade. Já passou o tempo em que candidatos eleitos pela Comunidade



Negra negavam as origens de seus votos, dizendo-se eleitos por entidades profissionais. Hoje, pode-se exigir programas coerentes com as necessidades e agruras da Comunidade e com este programa, cobrar, através de um Comitê de Assessoria, as atuações e trabalhos dos futuros parlamentares.

No momento em que todos os setores se colocam na perspectiva do Estado de Direito, não tem sentido, a maioria da população do País ser a grande ausente. A Comunidade Negra deve colocar explicitamente suas reivindicações e lutar por uma autêntica democracia racial.

O negro nas lutas populares.

Celso Prudente e Wilson Prudente.

Não por coincidência, a presença do negro nas organizações de massas (sindicatos, entidades estudantis), não tem sido representativas. Quando ocorre a participação tem sido muito ativa. No momento em que o movimento operário vive sua volta ao cenário político, que o movimento negro vive o ascenso, entrevistamos Ubiraci Dantas, negro, da chapa 3 - oposição dos metalúrgicos de São Paulo:



P— O que você pensa do racismo?

R— O racismo é usado pelo sistema como forma de dividir o movimento operário popular. O negro veio para cá em condições ruins, como escravo do branco. Como toda opressão gera resistência, os negros se organizaram contra o estado de exploração. Eles não eram donos nem de seu corpo. Na sociedade primitiva não havia divisão do trabalho, depois com o excedente do trabalho, começou a haver disputa. Determinadas tribos começaram a guerrear entre si, eram tribos de homens que trabalhavam e produziam. Antes da divisão do trabalho, quando uma tribo ganhava matava os perdedores, depois escravizavam os inimigos porque eram produtivos. Nesta época os escravos apenas comiam para poder produzir. Naquela época a escravidão era diferente... os negros no Brasil resistiram a escravidão, quando começaram a se organi-

zar nos quilombos. Os quilombos eram uma sociedade de negros, as pessoas se destacavam num nível político por sua capacidade de organizar a sociedade, as batalhas, as lideranças eram naturais porque apareciam através da sua capacidade para desmentir a princesa Isabel, que diz ter libertado os negros, quando quem os libertou foi a própria capacidade de resistência do negro à escravidão. Foi um repúdio, a exploração do ser humano, e o negro enquanto ser humano tinha que se revoltar. As revoltas foram um fator da tomada de consciência do negro, e não houve outro jeito se não assinar a lei Áurea. Começa o capitalismo desenvolvido no Brasil, com uma sociedade dividida em classe. Os que estão em cima querem diminuir a capacidade do negro. O racismo existe, eles não admitem que o negro seja um homem, a burguesia acha que o negro tem que ser sempre subjugado.

P— Bira, no seu tempo de estudante, você participou da entidade da sua escola?

R— Tive destaque nos esportes (eles usam muito isso) eu jogava bem futebol, mas também me destaquei no xadrez, eram poucos os negros na minha escola, mas sempre tive facilidade de me integrar com qualquer pessoa, de organizar os times, mas havia o racial, sempre me destacava mas não era escolhido para representar a equipe.

p— Como as lideranças operárias são vistas nas fábricas?

R— Uma liderança não pode ser forjada ela nasce na luta, com a capacidade de organizar e conscientizar os trabalhadores, ela vem a partir da própria linha política que desenvolve. O elemento que atua na fábrica tem uma visão política, sua capacidade de aumentar a atuação depende dela; quando ele percebe o que aglutina os trabalhadores, o que os sensibiliza, e joga todo seu trabalho em torno das reivindicações, ele chega às bases. Enfim ela vem do trabalho natural dentro da fábrica. Depende da sua capacidade de fazer os trabalhadores confiarem na sua atuação. Não há hoje lembranças autênticas no movimento operário, que represente de fato os interesses dos trabalhadores pelo fato do movimento ainda estar na curva do ascenso. No conjunto geral ainda não deu para formar uma liderança. A capacidade de agitar o movimento de massas é importante, e só se dá de acordo com as linhas políticas. Elas só se viabilizam quando as reivindicações alcançam os trabalhadores. Um comitê de luta contra o arrocho, hoje, não tem consistência para avan-

çar porque os vários movimentos que deveriam compô-lo não têm enraizamento conseqüente nos seus locais de atuação, e não têm um grau de representatividade nas suas bases. É justo existir uma CGT hoje? É justo mas não se coloca na ordem do dia pelo mesmo motivo sendo assim, é fundamental fortalecer estes movimentos nas suas categorias. Isto não é etapismo, justamente porque a essência desta visão está no grau de politização que ela oferece, para que tenha o seu respaldo nas bases.

P— Que relação você estabelece entre o movimento operário e o movimento de massas como um todo?

R— O movimento operário é a vanguarda do movimento de massas, ele é quem dá forças, é a linha de frente do movimento de massas.

P— Você vê possibilidades de que as massas caiam novamente no populismo?

R— Nós da oposição sindical, pensamos em organizar os operários do ponto de vista sindical. Eu tenho uma visão política, uma posição. Para evitar que o populismo aconteça me preocupo em organizar a resistência dos trabalhadores de forma verdadeiramente democrática.

P— Que perspectivas você atribui ao movimento operário?

R— Em razão de estar crescendo o movimento operário começa a se colocar no cenário político. Hoje se fala em movimento operário, então objetivamente o movimento de massas começa a forçar uma abertura que não permite que usem de total arbítrio contra os operários, porque a correlação de forças muda, começa haver equilíbrio entre a exploração e a resistência.



MOVIMENTO NEGRO

José Adão de Oliveira.

Apesar de toda a alienação que as classes dominantes impõe a sociedade e a comunidade negra principalmente, tentando calar as vozes e amarrar as mãos, o negro sempre levantou seu punho contra a opressão e fez ecoar o grito pela liberdade.

Com a mesma força com que suportava o trabalho escravo, os chicotes dos senhores, a humilhação da sociedade, deu uma nova dinâmica a sua luta, surpreendeu os opressores, uniu as várias nações e construiu Palmares, quilombo do Jabaquara, e muitos outros.

Nenhuma das transformações que passou a sociedade brasileira deu respostas a questão da liberdade do negro, mesmo com a abolição em 1888. Hoje a luta continua e com a mesma força com que suportamos a discriminação racial, as péssimas condições de vida, a opressão policial, a rejeição nas empresas e o mito da democracia racial, levantamos as nossas vozes e um grito uníssono ecoou nas escadarias do teatro municipal no dia 7/7/78, em SP. Mais de mil negros levantaram o punho ao alto contra a opressão que as classes dominantes nos impõe há 500 anos.

Foi o primeiro passo na luta pela libertação do povo negro. O segundo foi a assembléia realizada no dia 23/7/78, na ACBB em SP, reunindo 25 entidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, e ainda os telegramas mandados pelas entidades negras da Bahia, Pernambuco, Sergipe Alagoas e uma carta dos irmãos presidiários da casa de detenção de SP. É de fundamental importância a Assembléia Nacional porque marca pela primeira vez a unificação da luta da comunidade negra ao nível de todo o Brasil. A comunidade negra organizada ao nível nacional através do MNUCDR agora responde a qualquer ato racista que as classes dominantes e a sociedade alienada por estas fizer ao negro. Ao mesmo tempo em que aponta os caminhos na luta pela conquista da liberdade.

Durante a assembléia aprovou pontos de um programa de luta da comunidade tendo como eixo as reivindicações de melhores condições de vida, contra a discriminação racial, liberdade de organização e expressão aos negros. Aprovou-se a construção de CENTROS DE LUTA, que são grupos de negros organizados em seus locais de trabalho, bairros, favelas, escolas, candomblé, escolas de samba, para levarem a luta contra a discriminação racial. Para unificar estes centros de luta foi aprovada a criação de comissões a nível municipal, estadual e uma comissão inter-estadual que organizará o movimento nos estados tornando-o nacional.

A comissão Inter-estadual incumbiu-se de elaborar uma carta de princípios e um estatuto do MNUCDR aprovados na assembléia.

Nesta assembléia aprovou-se ainda uma nova reunião nacional para o dia 9/9/78, no Rio de Janeiro quando a carta de princípios, o programa e os estudos estarão discutidos por todos os CENTROS DE LUTA e a comunidade negra já contando com a participação de dezenas de irmãos de outros estados dará novos caminhos a luta contra a discriminação racial.

Como se vê a dinâmica adquirida pelo movimento a partir da ato criação do MNUCDR no dia 8/6/78, e o passo decisivo dado pelo público em 7/7/78 desportou e fortaleceu o ânimo à luta. Hoje o movimento é nacional mas a alienação sofrida pelos negros foi muito forte e há muitos irmãos que ainda não entende a luta de seu povo, se deixa levar pelas várias formas de dominação que os brancos poderosos nos impôs.

Dai a necessidade de que cada irmão discutir e assumir o papel que Zumbi apontou ou seja a conquista da liberdade do negro é tarefa do próprio negro.

MOÇAS DAS DOCAS

Noêmia de Souza

(Em 63 não havia publicado nenhum livro, mas já era fartamente publicada em jornais e antologias. É talvez, a primeira poetisa conhecida, de Moçambique.)

Somos fugitivas de todos os bairros de zinco e caniço
Fugitivas das Munhuanas e dos Xipamanines,
vimos do outro lado da cidade
com nossos olhos espantados,
nossas almas trancadas
nossos corpos submissos e escancarados
De mãos ávidas e vazias
de ancas bamboleantes lâmpadas vermelhas se acendendo,
de corações amarrados de repulsa.
descemos atraídas pelas luzes da cidade,
acenando convites aliciantes
como sinais luminosos na noite.
Vimos...
Fugitivas dos telhados de zinco pingando cacimba,
do sem sabor do caril de amendoim quotidiano,
do doer espáduas todo dia vergadas
sobre sedas que outras exibirão,
dos vestidos bordados de chita
da certeza terrível do dia de amanhã
retrato fiel do que passou,
sem uma pincelada verde forte
falando de esperança.
(Excerto)

GARRA NEGRA

Depois do Ato Público de 07.07. do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, nós mulheres compreendemos a importância de um Movimento Feminino de mulheres NEGRAS.

Além de ser um faço inédito, temos a consciência de que precisamos nos organizar e estruturar este movimento; nosso objetivo é nos colocarmos em igualdade de direitos com os homens desta sociedade, sem permitir que nos manipulem e preservem o antigo conceito de que mulher é um ser impensante e que precisa de apoio masculino em todas as circunstâncias.

A Garra da Mulher Negra tem como ponto primordial a conscientização das mulheres, para que não se acomodem na condição de submissas. Não somos contra «os homens», ao contrário, queremos que nos respeitem como seres iguais, que não sejam vistas somente como mães, domésticas e objetos sexuais.

A mulher Negra entre todas é a mais discriminada, quando na verdade é quem sempre enfrenta as piores situações. E ela entre todas que juntamente com o homem enfrenta o dia a dia trabalhando fora, cuidando dos afazeres domésticos, das crianças e do próprio companheiro. O que não acontece com as mulheres brancas (burguesas) que têm empregadas, babás, carro, não trabalha fora.

Prova disto é Sueli Alves da Luz, casada (viúva) com 20 anos, gestante de 5 meses e com um filho (Rogério) de 3 anos.

Seu marido Robson Silveira da Luz foi assassinado no 44º Distrito Policial de Guaiánazes em 05 de maio passado, onde foi torturado até a morte.

— Gestante «vivi» não pode trabalhar e ainda tem outro filho para cuidar. Até que seja caracterizado **assassinato do marido** «Vivi» está vivendo de favores de amigos.

Quantas «Vivis» existem por aí? É contra isto que temos que lutar.

Depois de ter o bebê, o que fará esta mulher com dois filhos para criar, sem uma boa instrução. Trabalhará de doméstica ou o que fará? Infelizmente nossa sociedade não nos dá muitas alternativas. É por isso que a maioria das prostitutas são mulheres negras (como opção de vida), sem poder escolher ou ter um outro caminho a seguir.

Não que «Vivi» faça isto, mas é uma amostra de como todo um mecanismo vêm atuando contra nós mulheres, principalmente Negras.

Dai nasce o preconceito de que tudo que é Negro é ruim e sujo. O que só com brancos. Os próprios negros ao saírem com uma mulher branca fazem questão de pagar todas as contas, taxis, etc. Com uma Negra a sugestão dada é que seja dividida a despesa. Isto, é, quando não sugerem que a conta seja paga na íntegra por nós Negras.

Devemos ter uma posição diante das circunstâncias. É fato que a engrenagem branca nos oprime, mas que um Negro nos conceitue num mesmo prisma é inconcebível!

O que nós Negras não podemos continuar aceitando é tal situação, e várias outras deste «naipe» que nos inferiorizam diante das mulheres brancas.

É PROIBIDO DISCRIMINAR...

Enfim o parecer do Deops sobre o racismo no CLUBE REGATAS TIETÊ. Como se esperava, o resultado dos depoimentos se resume na afirmação simples e cabal de que "não houve racismo" nas dependências do clube. O interessante é que a Justiça recorreu à conhecida Lei Afonso Arinos, promulgada em 1955. Mais interessante ainda é que esta lei, desde que foi promulgada, jamais condenou ninguém por "discriminação racial" ou coisa que o valha. Primeiro, não explica o que é "discriminação", não diz como pode ser autuado o seu infrator e não define como crime sua infração. Em resumo, a Lei existe, nunca foi aplicada e não será agora que iremos vê-la punindo alguém. É uma Lei para americano ver. Que provas tinham os garotos e seus advogados para afirmarem que foram vítimas de "discriminação"? Sem provas não há crime; e não há provas que tipifiquem como contraventor o CRT. Logo, este é inocente. Os seus funcionários depuseram dizendo que não barraram os garotos por serem negros, mas porque não era dia de treinamento. Ora, o CRT é o empregador das testemunhas, e ninguém quer perder emprego, como no caso dos técnicos que fizeram parte do inquérito. Quem paga funcionários tem como provar sua inocência. O que fica de tudo isto? Fica como que a tal Lei do Sr. Afonso Arinos não protege ninguém. Peca por ambiguidade e omissão. É falha em todos os sentidos. Para cumprir os trâmites de praxe, o inquérito segue, com falas dos depoentes, falhas da Lei e etc., para a 3ª Vara Criminal da Capital. O desfecho disso é desnecessário comentar. Pensa-se em atualizar a Lei, pensa-se em dar-lhe um caráter mais jurídico e perfeito,

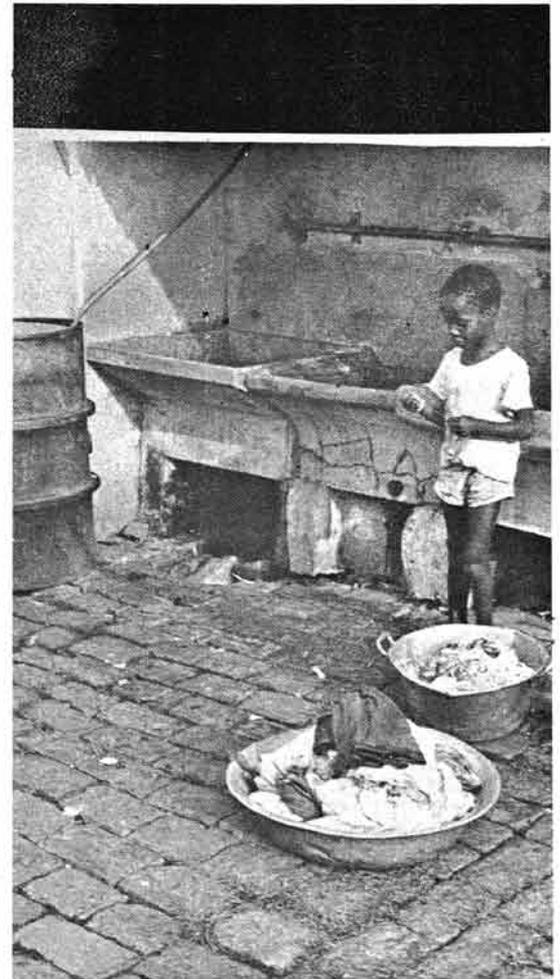


porém essa maneira não é o caminho para se combater o racismo encoberto deste país. A discriminação é algo abstrato demais para ser tipificado e compreendido tão rapidamente. O preconceito avilta, ataca o indivíduo subjetivamente, afronta sua auto-estima e, por conseguinte, o marginaliza. Portanto, como provar a humilhação dos garotos no momento em que era vítimas da discriminação? Como provar o desdém dos belos meninos louros, e das meninas sadias, saltitantes e de grandes olhos azuis?

Como provar o encabulamento de um negro quando anda por um shopping, discoteque ou clube? Como provar os passos incertos na Avenida Paulista, Augusta e adjacências? Como provar o soturno pensar de quem sabe "onde é o seu lugar"? Para os negros - para todos os negros - não existem estrelas. O racismo está em todo lugar e negro sabe disso. Sabe onde e como ficar. Como se comportar perante seu chefe, a secretária, como ficar de pé no elevador e que não deve olhar a lourinha de calça cocota, sentada no banco ao lado, no ônibus.

Se a Lei do Sr. Afonso Arinos é incapaz de resolver o problema, o que fazer?

Na verdade, a Comunidade Negra do Brasil, nunca foi indiferente ao seu próprio problema, sempre soube resistir, de uma forma ou de outra a jugo e despersonalização dos brancos. A mais recente forma de resistência é o Movimento Black Soul. O Soul igualou e aproximou mais os negros. Os irmanou. Esta identificação com a música e outros negros, não é nova, mas tomou uma nova força, pois o Soul é hoje um centro de resistência silenciosa, amorfa e contagiante. É assim que o negro da periferia luta contra o racismo velado de seu cotidiano. O Soul é o ingrediente que dá consciência a "negrada", lhe dá negritude, acima de tudo. O ônus desta atitude é visível: desprezo maior dos brancos, acirramento dos preconceitos, etc. Agora também nasce uma forma de luta que vem concatenar todas as lutas negras do país, dando-lhe novo pulso e direção: Movimento Negro/Unificado Contra a Discriminação Racial".



Já se tornou histórico pelo mérito de organizar um Ato Público no dia 7 de julho no Viaduto do Chã, denunciando abertamente o racismo e as condições de vida da população negra. O problema racial brasileiro, hoje, tem onde ser discutido e onde pode ser enfrentado. É a isso que o Movimento Negro Unificado se propõe. Somente assim vamos denunciar a hipocrisia da "democracia racial" que só não é democracia para os negros pois continuamos com desempregos, subempregos favelas e baixos salários. Enfim, isto a que chamam "democracia racial", nós negros não conhecemos.

Polícia paulista combate possível pequena burguesia negra!

Hamilton Cardoso

o policial examina o documento do carro, prontamente da esposa do companheiro.

Saim todos daí de dentro!

Saimos todos e ficamos em pé sendo revistados. As mãos sendo cheiradas para ver se alguém estava fumando maconha, as bolsas sendo reviradas e coisa do gênero. Enquanto isto o outro policial queria saber porque a esposa do companheiro não havia recebido o seu nome de casamento e ele tentando explicar que casou no exterior e não há necessidade.

Enquanto a novela prosseguia os carros de civis paravam para admirar o espetáculo quatro negros sendo revistados diante de um opala. E todo branco quando vê negro em Opala sózinho, imagina que ou é policial ou é ladrão. No caso...

Até que enfim nos liberara, após muito disse-que-disse. Ai, sugeri ao outro companheiro, entre os dentes: "temos que mandar uma nota para a imprensa..." E ele respondeu um pouco menos entre os dentes: "Você tem caneta aí, eu marco o nº das viaturas..." Foi a conta:

- O que foi Negrão (virando-se para mim), não gostou de alguma coisa? Está descontente?

- Não... não... está tudo bem... (Mas o parcelero dele não resistiu e virou-se para cima do que pedira a caneta):

- Que foi macaco? Para que você quer caneta? Hem?!?!?! Hem?!?!?!;

Nós calados. Inclusive.

- Bem: vamos todos para a delegacia pedir caneta para o delegado.

E ficamos mais de três horas aguardando o

Cala Boca macaco!

Quem poderia acreditar?

Qualquer negro acredita, apesar de todos os participantes do Movimento Negro Unificado rirem do acontecido. Após o término de uma reunião, na sede do CeCAN, na rua Maria José, 450, saímos, nós do Grupo Afro-Latino-América, em direção ao carro de um dos companheiros. Na rua, ainda debatendo sobre as decisões da reunião e aclarando alguns pontos, paramos por alguns segundos à porta do carro, um opala.

Logo aproximou-se um Volks da polícia, que parou atrás de nós. Não nos incomodamos, somos jornalistas, estudantes da USP, trabalhadores e etc... tudo bem!

O carro ficou parado quase um minuto e depois foi-se. Normalmente entramos no carro e fomos embora. O dono do carro dirigia-se ao trabalho, os outros para a cidade para tomar suas conduções para casa.

Na esquina da Brigadeiro Luiz Antonio com a Rua Maria Paula, eis que se aproxima, novamente o fusquinha repressor:

- Documento! (O companheiro entregou os documentos do carro e os outros armaram carteiras profissionais, de estudante (todos somos) e de imprensa).

- Não precisa. Só do dono do carro! (Diante disto, todos guardamos nossos documentos.).

Mais eis que de repente chega uma C 14:

- Algum problema? (descendo todos os policiais do carro). Sabe que não gosto de pedir documentos para ninguém, dentro de carro! (E



afro
latino
américa

A conjuntura vai mudando. Os setores oprimidos vão, a cada dia procurando uma maior organização: basta de desemprego, sub-emprego e baixos salários! Liberdade de expressão e organização!

Os negros não se isolam e nem se calam. Participam e buscam organização. No Rio, a IIª Assembléia Nacional do Movimento Negro Unificado.

Hoje lemos em vários jornais artigos sobre a questão racial e verificamos um interesse fora do comum na discussão da abolição ou pseudo-libertação do negro. Este interesse surgiu a partir da reorganização da Comunidade Negra através do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, que dá um novo salto na luta contra a discriminação racial e pela libertação do povo negro, com a realização da IIª Assembléia Nacional, em 9 de setembro, no Rio de Janeiro.

É importante ver o que explica a reorganização da Comunidade Negra à nível nacional. A crise econômica e seus conflitos ao nível político que no país, levou as classes dominantes a buscarem uma saída que garanta a continuidade da dominação, ao mesmo tempo em que tenta dar uma alternativa dos padrões aos setores que começam reivindicar abertamente melhores condições de vida e trabalho, além de aumentos salariais, liberdade de organização e expressão.

A comunidade negra também não tem nenhuma esperança neste governo e começa colocar suas reivindicações na ordem do dia. Não se pode confiar num regime que simplesmente aprofundou os 400 anos de ditadura racial im-

O MOVIMENTO AVANÇA

VANDERLEI JOSÉ MARIA

postos desde que colocamos os pés nesta terra. Daí a importância que assume a IIª Assembléia Nacional do M.N.U.C.D.R., onde as reivindicações da Comunidade começaram a se concretizar através do Movimento Negro Unificado.

Foram debatidos a carta de princípios, os estatutos, o programa de ação e a posição do movimento diante das eleições. Participaram dos debates centros de luta de cinco estados: São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Através do movimento a Comunidade negra passa a ter um veículo pelo qual coloca suas reivindicações à sociedade. O programa aprovado coloca como eixo a luta contra a discriminação racial, melhores condições de vida e trabalho e liberdade de organização e expressão. Os pontos do programa, pela densidade populacional da comunidade negra, as péssimas condições de vida do negro e pela opressão que vem sofrendo durante estes 400 anos de dominação racial e exploração econômica, assume tal importância pela combinação das reivindicações com os outros setores oprimidos da sociedade.

O outro lado que pesa nas discussões é a incapacidade de fazer concessões por parte da burguesia nacional dependente do imperialismo. É quase impossível para a burguesia nacional construir casas para a população e acabar com as favelas considerando que a maioria dos favelados são negros e têm direito a moradia. Nas empresas, o negro é discriminado constantemente de uma forma sutil, ou é subempregado ou tem empregos com baixos salários. Por outro lado os bancos em sua maioria não aceitam negros, assim como as indústrias químicas e outros setores da economia. Hoje, com o movimento, tal situação começa ser efetivamente contestada e a burguesia tem que dar respostas ao mesmo negro que não admite em suas empresas.

Com relação à educação exige-se uma maior participação do negro nos órgãos educacionais que até hoje tem determinado a alienação do conjunto da sociedade através dos livros escolares. Na escola, a história do negro é totalmente deturpada, colocando sempre o negro em condições de inferioridade em relação ao branco. Por isto, exige-se uma reavaliação da história do negro e a participação da comunidade na elaboração dos currículos escolares.

Um outro aspecto fundamental na luta contra a dominação branca é a solidariedade à luta internacional do negro: um dos pontos aprovados é a posição do movimento contra o pacto Atlântico Sul, que nada mais é do que a tentativa da burguesia imperialista norte-americana de salvar os seus interesses na África especificamente na África do Sul, na Rodésia, na Namíbia; o urânio, o ouro, etc... Os Estados Unidos tentam viabilizar o projeto através da burguesia argentina, brasileira, uruguaia etc...

Na assembléia ficaram claras as divergências dentro do movimento, o que, de certo modo, é progressivo para a Comunidade. Uma das entidades, ao ver que praticamente nenhuma das suas propostas fora aprovadas retirou-se da assembléia antes de seu final. Isto, demonstra a falta de maturidade de certos setores no movimento negro que ainda não conseguem viver com a divergência e a democracia.

A partir da organização aprovada na assembléia o movimento terá como base os Centros de Luta que terão como organismo imediato uma coordenadoria municipal com um representante de cada centro de luta. Para a Coordenadoria estadual serão eleitos três representantes da coordenadoria municipal, de onde sairão mais três representantes para a Comissão Executiva Nacional.

Nesta Assembléia foi eleita ainda a Comissão Executiva Nacional com representantes dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e São Paulo, que já tinham coordenadorias estaduais organizadas ou em fase de organização. O Espírito Santo que ainda não tem um trabalho efetivo em termos de Movimento Negro Unificado não enviou representantes.

Ao final da assembléia, que continuou no dia 10 de Setembro, foi marcada a data da IIIª Assembléia do Movimento Negro Unificado, que se realizará no Estado da Bahia na primeira quinzena de Novembro, onde serão preparadas as atividades nacionais do Movimento, relativas à morte de Zumbi, o herói negro morto em 20 de Novembro de 1.695 em defesa do Quilombo de Palmares.

Com o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, o debate sobre o problema racial no Brasil renasceu. De todos os cantos se pergunta receosamente se aqui existe racismo. Ninguém quer se mostrar indigno por ser racista, embora o peso da discriminação seja sentido apenas por quem a sofre. Mas a preocupação está aí, apesar de desmentida pelo herdeiro do Palácio do Planalto.

Enfrentarmos a cara feia de garçon ou esbarrão de executivo na rua XV de Novembro não significa que o racismo existe. O fato dos negros trabalharem, na maioria em empresas privadas não prova que aqui existe racismo.

O fato de negros trabalharem em maioria em empresas públicas ou em baixos níveis nas empresas privadas não prova que aqui exista racismo. E não é possível explicar porque são várias as recepcionistas negras nos escritórios. Nada disso é racismo, tudo é uma mera coincidência.

Queira-se ou não, a discussão está lançada. Mais do que nunca o movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial deve assumir posições políticas claras em defesa da população negra com

o intuito de assegurar-lhe condições de vida satisfatórias, liberdades de organização independentes e demais franquias sociais e políticas que visem o crescimento político da Comunidade Negra.

Deve ficar claro para a população negra do Brasil que lutar contra o seu genocídio não é sublevando-se contra a ordem presente mas é garantir a presença dos negros para a mudança desta mesma ordem.

Seria redundante falar das péssimas condições em que vivem os negros brasileiros. Seria também redundante falar sobre o racismo coletivo a que estão todos sujeitos. Este racismo que não ousa mostrar a face é na verdade um mal terrível de ser combatido. Ele está presente desde o departamento de seleção de pessoal até a distribuição nacional da renda.

Propor hoje uma atuação concreta no MNUCDR é pedir claramente que ele se proponha a lutar consequentemente contra a marginalização da população negra. Não será com paliativos, como a formação de uma burguesia negra, que resolveremos os dramas da maioria racial do país. Não será alimentando o inimigo do futuro que daremos condições de suprir a sub-vida dos negros brasileiros.

Há no MNUCDR grupos solidários com propostas de frente com empresários políticos que tão somente ajudaram a perpetuar o paraíso de exploração que é este país. O MNUCDR terá sua ala à direita, mas será na luta que ficará provado se estes setores têm ou não condições para lutar e responder as necessidades da comunidade Negra. Porém, nós cremos que como chuvas de verão suas promessas desaparecerão sob a desconfiança de todos os negros. O sistema econômico vigente, mostrou-se incapaz de erradicar a pobreza, o subemprego a marginalização, incapaz de permitir a livre organização dos trabalhadores e demais setores sociais.

Cremos que este sistema está definhando e para soterrá-lo é necessário a união de todos os segmentos da sociedade que apoiem propostas políticas socialistas.

Os males de que padecem a comunidade Negra não serão sanados dentro do sistema de exploração e de acumulação intensiva de Capital. Pelo contrário, tal sistema só irá agravar e aumentar a exploração econômica para cada brasileiro.



UM PRÁ LÁJ ÀRQ MU UM PRÁ CÁJ ÀRQ MU

Divide e domina. Ai está o cerne da questão. Nesta frase, localiza-se a base das explicações das prisões da Convergência Socialista. Foi uma tentativa de desarticular, dividindo os setores de oposição, e intimidar, principalmente, os setores mais atrasados dos movimentos populares.

Na verdade, de clandestino existiram apenas as prisões, que ocorreram pela madrugada, de forma arbitrária, sem mandados de prisão, ficando as vítimas alguns dias incomunicáveis. Este movimento, do qual participamos, tem se colocado claramente para a população e é formado por trabalhadores de todos os setores. Falamos claramente quem somos, o que queremos e de onde viemos.

Durante apenas uma semana, por três vezes o grupo Afro-Latino-América foi acusado de ser porta voz de uma organização clandestina, o que não nos assusta; mesmo porque há uma necessidade especial de nos acusar, e por um motivo muito simples: o movimento negro não é algo desvinculado do conjunto da população. Quem participou das manifestações do Movimento Contra o Custo de Vida, ou das assembleias de bancários, pode perceber: que aumenta, a cada dia, o número de negros que participam das mobilizações não raciais e que vão aumentando mais, na medida em que o conjunto da população avança em suas reivindicações.

Neste momento é muito importante amedrontar e fazer recuar todos os setores populares, mesmo porque não há projetos únicos de dominação. Daí sobrar espaços políticos onde os setores oprimidos possam rearticular-se e forjar organizações independentes, em busca de uma sociedade mais justa, constitui um perigo. E há uma preocupação particular em fazer recuar o Movimento Negro, mesmo porque a experiência histórica nos mostra a incapacidade dos setores de esquerda promoverem avanços significativos sem a participação do negro no processo político. Em suma, a desmobilização da Comunidade Negra é garantida com a manutenção do poder nas mãos de minorias privilegiadas.

RUMOS

Quando voltamos nossos olhos para a história percebemos a Frente Negra Brasileira, um movimento que se colocava pura e simplesmente na direção das entidades e bairros negros sem perceber a clara necessidade de inserir-se nos movimentos populares da sociedade como um todo. E isto se dava, na medida que seu caráter não se aprofundava a ponto de oferecer ao negro a perspectiva de inserir-se no processo social enquanto trabalhador negro que luta, conjuntamente contra o racismo e por uma sociedade nova, onde as decisões saíam das mãos das cúpulas para a participação de todos os setores do trabalho. Sua estruturação era antidemocrática e sofria influência de todas as tendências direitistas do período, não oferecendo ao negro uma proposta organizativa ao nível do poder popular.

Hoje, o Grupo Afro-Latino-América abre esta nova perspectiva: a inserção do negro nas lutas do movimento popular, combinando ali e não nos guetos as suas lutas gerais e específicas. Interferimos nas várias mobilizações colocando para negros de todos os setores a necessidade da organização política no movimento como um todo, sem perder de vista a necessidade de organização independente nas entidades e organismos de luta gerados da Comunidade Negra.

Esta questão é fundamental neste momento, na medida em que um projeto de dominação popular, hoje, no Brasil, para garantir-se precisa contar com a colaboração do negro, da classe média negra que começa surgir timidamente mas, em alguns momentos estimulada pelo governo, a fim de justificar a democracia racial para os países Africanos. É necessário criar esta

nova imagem de negro, no Brasil, na medida que a África é uma das minas que o imperialismo vê alagar de águas socializantes e antiracistas e procura novos parceiros que ali possam instalar-se. Sem dúvida, não é de graça que o Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência de Angola, e um dos mais fortes possíveis participantes da Organização do Tratado do Atlântico Sul - OTAS; Mas nega constantemente a sua participação no projeto de proteção do apartheid e que haja racismo no interior do Brasil, cria novas vagas para negros estudarem no Itamaraty, dá medalhas na Câmara Municipal para Grande Otelo, no momento que este artista que nunca assumiu a luta racial se dispõe a assumi-la. Hoje é o momento de forjar lideranças negras, com perspectivas burguesas e acusar aquelas que se propõem a uma luta mais consequente e socialista.

Neste meio todo, é verdade a Comunidade Negra começa procurar o seu caminho, torna-se uma necessidade que os setores mais consequentes não se deixem iludir e impressionar com as tentativas de freiar o movimento negro; é o momento da unidade destes setores pois o recuo significa deixar espaço para que tais negros que vivem em busca apenas de ascensão social e individual se apropriem daquilo que é fruto das lutas dos trabalhadores negros inseridos ou não nos sindicatos de classe ou nos setores que procuram hoje organizar um movimento negro de massas.

E preciso ter claro que o que a grande massa negra procura não é o acesso aos clubes gráficos da cidade mas acesso aos empregos, melhores salários trabalho mais digno, maior consciência da sua importância no processo histórico, liberdade para se expressar, para se organizar e decidir o próprio destino. E isto só é possível numa sociedade onde participa ativamente em todos os setores da sociedade, com direito a voz, com liberdade de optar, de eleger e ser eleito, construir o seu próprio partido político que o defenda enquanto homem que é e produz: negro e trabalhador.

Desde 1974, o Deputado Federal Adalberto Camargo tenta fazer aprovar pelo Congresso Federal um projeto de Lei que institui, no dia 28 de Setembro, data da Lei do Ventre Livre, o que chama de Dia do Afro-Brasileiro.

Há uma grande possibilidade do mesmo se ver aprovado, o que na verdade deixará descontente a maioria dos setores organizados da

Comunidade Negra, que não vê nesta data a importância que se lhe pretende, mesmo porque, como a abolição, a lei que aboliu o trabalho escravo para os sexagenários e todas as leis feitas pelos senhores de escravos no sentido de freiar o movimento anti-escravista não passam de farsas históricas.

O dia 20 de Novembro começa a despontar como grande data do negro brasileiro e para tanto ninguém melhor que o poeta Oliveira Silveira, um dos fundadores do Grupo Palmares para discutir esta questão.

Ventre livre, corpo escravo



A lei do Ventre Livre, de 28 de setembro de 1871, mesmo tendo sido um avanço no sentido da extinção de escravismo no Brasil, não passou de um paliativo, uma forma de propagar, de adiar a abolição. Se, teoricamente, abria possibilidades, na prática os resultados eram lentos, tardios e quase nulos porque o filho nascia livreto mas de mãe escrava, ficando ainda sujeito ao senhor.

Tanto a lei do ventre Livre como a Lei chamada Áurea, além de terem sido medidas paliativas sem maiores consequências em favor do escravo, sempre abandonado à própria sorte, foram principalmente ditadas por circunstâncias de ordem política e econômica: pressões republicanas, pressão da Inglaterra, caduque do sistema escravista como forma de produção e a pressão dos próprios escravos, sempre rebelados em quilombos e insurreições.

A pessoa humana do escravo interessava tão pouco que nenhuma medida concreta e especial foi jamais tomada em seu favor após essas leis. Nem mesmo a figura da mãe preta com que outros relacionam a data, justifica porque não chega a ser suficientemente edificante ou dignificante para a comunidade Afro-Brasileira. Se de um lado a mãe preta representa a mulher negra mãe, de outro vem a ser um símbolo de submissão representando o negro prestativo, humilde, servil, dominado, imagem negativa estritamente ligada ao passado escravo.

Essa imagem deve ser banida no momento em que o negro precisa valorizar-se, assumindo sua origem étnica, seus valores, sua dignidade, sua condição de homem livre em igualdade com os demais brasileiros.

A mãe preta que amamentou seu filho negro deveria ser homenageada pelos negros e a mãe preta que amamentou o filho do senhor deveria ser homenageada pelos brancos.

Mas nenhuma delas na data de uma lei que libertava apenas o seu ventre.

O dia da comunidade negra (ou Afro-Brasileira) deve ser alusivo a uma liberdade conquistada e não a uma liberdade concedida de forma paternalista. O 28 de Setembro e o 13 de Maio são datas de liberdades doadas e principalmente mentrosas. Representam um blefe passado na comunidade negra, jeitinho de se livrar dela.

O próprio autor do projeto deputado Adalberto Camargo de São Paulo diz: "o que revoga um fato histórico é outro de maior importância. Somente a força de novos fatos pode superar as antigas referências desta data".

Pois bem, esse fato mais importante é **Palmares**,

como poderia ser qualquer outra forma de reação do escravo contra o sistema que o oprimia. Desde uma simples fuga da senzala a uma das insurreições baianas ou aos quilombos do Pará, no nordeste ou no resto do país. Mas principalmente Palmares, que foi um estado negro, liberdade conquistada pelos próprios escravos e mantida durante todo um século, o século XVII. E já se forma um consenso nacional (a começar por Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio) em torno do dia 20 de Novembro, data da morte heróica de Zumbi, último rei de Palmares, ocorrida em 1695.

O dia 20 de Novembro, se não for a mais importante data negra no Brasil, é pelo menos muito mais importante e significativa do que 28 de Setembro ou 13 de Maio.

Não obstante essas considerações penso que:

a) Não existe a necessidade de se oficializar uma data, nem mesmo a de 20 de Novembro. Importante é que a comunidade negra e o povo Brasileiro em geral tenham a consciência de que em matéria de datas negras, 20 de Novembro e outras são importantes, e 28 de Setembro, 13 de Maio e outras não o são. Que a data do nascimento de Luís Gama é mais significativa que a de José do Patrocínio e assim por diante. E principalmente que o importante nem são as datas, mas os fatos. Que se conheça a verdadeira história do negro brasileiro: não apenas a história do escravo, da mãe preta e do pai João, das leis abolicionistas, mas fundamentalmente a dos quilombos, das insurreições, onde ressaltam os valores positivos da dignidade, da coragem e da capacidade criadora do povo negro no Brasil, em busca de um ideal, mais do que negro, humano: a liberdade.

OLIVEIRA SILVEIRA: poeta negro (mulato, se quiserem) autor de *Banzo Saudade Negra*, *Décima do Negro Peão*, *Praça da Palavra e Pelo Escuro*, recentemente publicado. Professor (licenciado em letras).

Um dos integrantes do Grupo Palmares, de Porto Alegre, associação cultural negra que a partir de 1971 iniciou o trabalho de valorização do 20 de Novembro como dia de Palmares, propondo como data máxima da comunidade Afro-Brasileira, já que referente a sua mais alta passagem histórica.

20/11/1971 — ato comemorativo

20/11/1972 — publicação do suplemento de sete páginas do jornal *Zero Hora* sobre Palmares.

20/11/1973 — show musical "Do carnaval do quilombo", exposição "Três Pintores Negros" e conferência.

20/11/1974 — Depoimento publicado ao *Jornal do Brasil* e transcrito, em seus pontos essenciais, pelo *Le Monde* de Paris, segundo informações.

20/11/1975 — Encontro Grupo Palmares e grupo musical Afro-Sul.

20/11/1976 — Encontro e lançamento de "Mini-História do Negro Brasileiro".

Por
Baxter Smith,
militante negro Socialista
norte-americano.

BAF contra o movimento negro

A organização do negro, a explosão racial pode mudar totalmente sociedade.

É preciso conter o Movimento negro. Os métodos são sempre os mesmos: infiltração, desmoralização, prisões, em última análise, o assassinato.

Quando do escândalo de Watergate envolvendo o FBI, também foram descobertas provas de uma grande conspiração com o objetivo de destruir o Movimento Negro física e politicamente. Estas revelações demonstram o ódio e medo dos governantes deste país pela luta de libertação dos negros, bem como a forma implacável com que tentam esmagá-la.

Os novos fatos que agora vêm à luz, incluindo informações ligando o governo aos assassinos de Malcon, Martin Luther King Jr. e Fred Hampton, estão exigindo uma investigação pública, completa sobre as operações da polícia secreta do FBI contra o Movimento Negro.

A primeira vez que ficou clara a extensão dessa vigilância foi em dezembro último, quando o repórter da NBC teve acesso aos documentos da Cointelpro do FBI (Programa de Contra Inteligência).

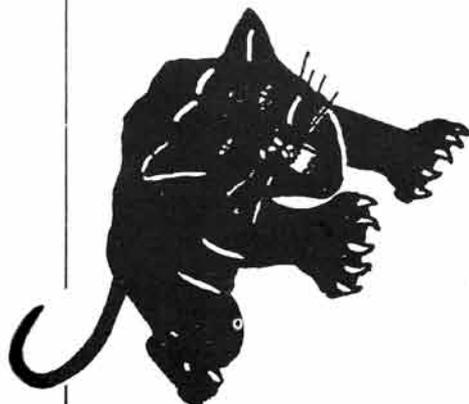
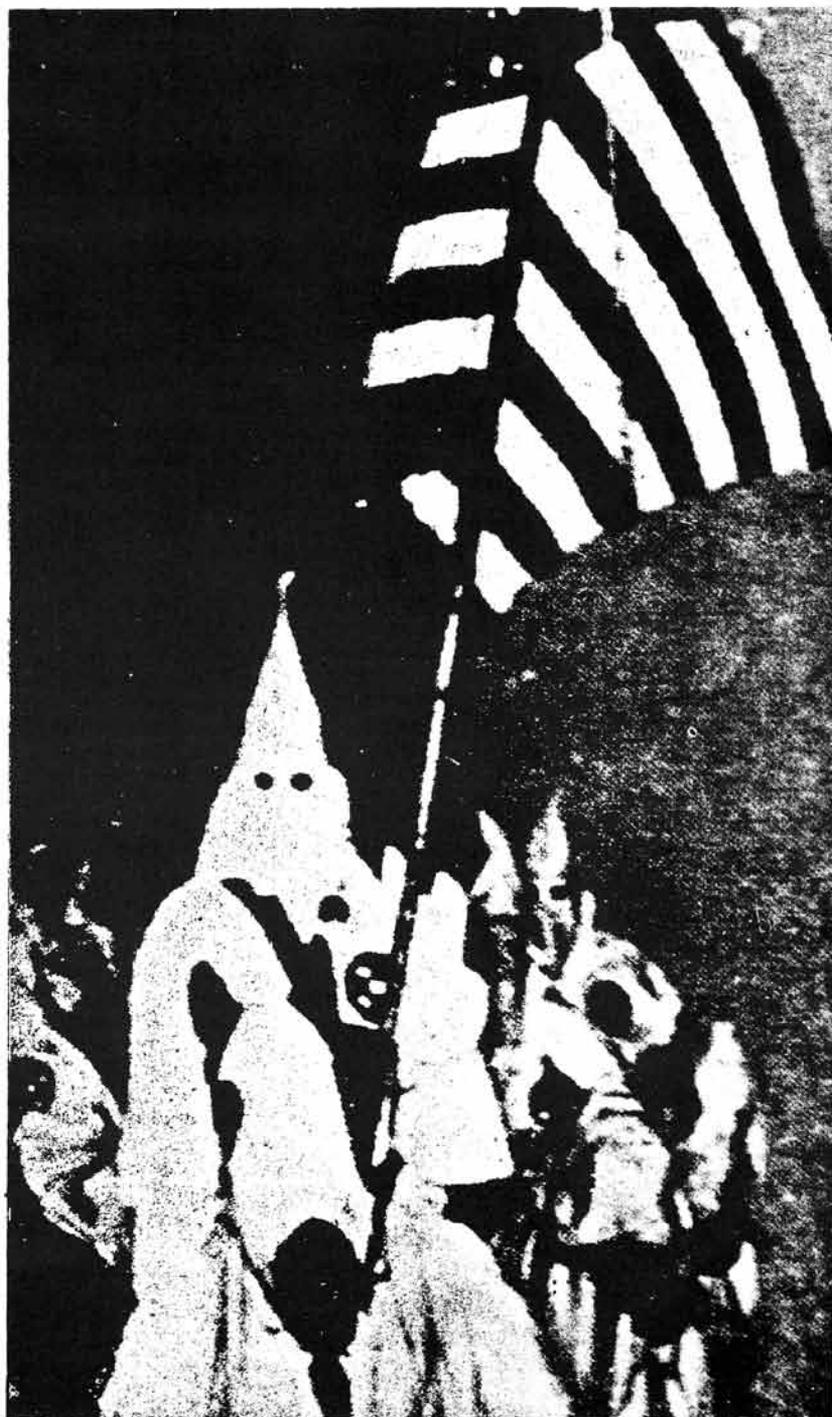
Esses documentos revelam que o FBI acionou a Cointelpro contra os grupos Negros, ativistas contra a guerra, o SWP (Socialist Work Party), o Partido Comunista e outros. O objetivo da Cointelpro, nas palavras de Edgar Hoover, é despedaçar e neutralizar essas organizações.

Os últimos documentos, publicados em 7 de março de 74, mostram um quadro bem claro de como o Cointelpro foi posto em ação contra o Movimento Negro. Escrito por Edgar Hoover, estes memorandos chamam os agentes do FBI de todo país a desmascarar e desbaratar e por outro lado neutralizar os grupos e indivíduos relacionados.

Esses documentos datados de 67 a 70, põem por terra a noção de que a vigilância e aniquilamento ilegal do governo começaram com a administração Nixon.

Os documentos que nunca tiveram a intenção de serem lidos pelo povo americano, revelam um programa Nacional de repressão organizada em resposta às rebeliões negras nos guetos, às mobilizações de estudantes negros e à atração de jovens militantes para o Partido Pantera Negra.

Um documento de 4 de março de 68 avisa: "evitar a coalização de grupos nacionalistas negros; "há unidade, há força..." O mesmo instiga os agentes



Malcolm X



Martin Luther King, Jr.,



para também "evitar que grupos e líderes militantes ganhem respeito, descreditando-os de todos os segmentos da Comunidade".

MALCOLM X

Malcolm X foi o maior líder negro de nosso tempo e muito temido pelos governantes dos Estados Unidos. Muitas perguntas sobre o seu assassinato continuam sem respostas.

Quando ele foi morto numa manifestação em Nova York em 1965, a multidão agarrou dois de seus assassinos antes que pudessem escapar. A polícia prendeu os dois homens e levou-os. Mas só um dos homens foi visto novamente. Todas as menções ao segundo homem desapareceram da imprensa sem explicações e esse ponto nunca foi levado a julgamento pelos advogados de defesa escolhidos pela Corte.

Talmadge Hayer, o homem detido na manifestação e condenado, admitiu sua participação no assassinato mas recusou dar o nome de seus cúmplices. Além disso insistiu que dois homens condenados com ele nada tinham a ver com o crime. Essa declaração ganha credibilidade porque os outros condenados pelo assassinato eram conhecidos maometanos negros e não existe nenhuma explicação de como eles tenham entrado na manifestação e passado pelos guardas de segurança de Malcolm.

Embora a polícia uniformizada sempre estivesse bem visível nas manifestações dirigidas por Malcolm, estiveram pouco visíveis no dia em que foi morto. O próprio Malcolm declarou que achava que os ataques dirigidos contra ele nas últimas semanas de sua vida eram hábeis demais para serem organizados por qualquer grupo negro.

Martin Luther King

Agora se sabe que Martin Luther King Jr. estava baixo vigilância permanente antes de seu assassinato. Na primavera de 73, Arthur Martaugh, antigo agente do FBI em Atlanta, revelou ao New York Times que J. Edgar Hoover ordenou uma campanha para "apanhar King", Interceptação de mensagens e outras violações dos direitos civis do líder eram feitas de tal forma que King não podia se mexer. Estava no papo disse Martaugh. Esta informação é ainda mais reveladora, depois de James Earl Ray, o homem condenado

pelo assassinato de King ter declarado que não agiu sozinho. Ray diz que fazia parte de uma conspiração de sulistas brancos.

O estado de Tennessee tenta transferir Ray para uma prisão onde esteja isolado do público. George Mc Millan, que escreve a biografia de Ray, explicou em março de 74 ao New York Times sob o atual regulamento das prisões: "Se James Earl Ray for transferido para uma prisão federal não será mais capaz de falar pessoalmente com a imprensa, para entrevistadores de televisão ou para autores de artigos de revistas ou livros".

Fred Hampton

Informações surgidas em 74 também vieram à luz mostrando o envolvimento do FBI em 69 na batida ao apartamento do líder dos Panteras Negras, Fred Hampton, em Chicago. Primeiro o FBI pressionou a polícia de Chicago a dar uma batida no apartamento, mas a polícia comum recusou. Então o FBI tentou o procurador do Estado Edward Hanrahan, que concordou levar a cabo a operação.

O FBI falou ao procurador do Estado que o apartamento de Hampton era um esconderijo de armas, baseado num relatório do chefe de segurança dos Panteras, William O'Neal.

O'Neal era um informante pago pelo FBI, trabalhando no programa Cointelpro, sob as ordens do Agente do FBI Foy Mitchell. O papel secreto de O'Neal nos Panteras com suas implicações óbvias no caso Hampton só foi descoberto em 1974 quando ele testemunhou num julgamento pelo assassinato de um ex-policia negro e admitiu ser um espião.

A campanha do governo contra os panteras.

Os assassinatos de Hampton Clark são talvez os ataques mais gritantes contra o Partido Pantera Negra. A cronologia desses ataques indica o desenvolvimento de uma campanha cuidadosamente planejada para destruir o Partido e que começou a ganhar destaque nos fins dos anos 60.

Em janeiro de 69 Buchy Carter e John Huggins líderes dos Panteras de Los Angeles foram baleados nas costas por membros dos "US", organização negra conhecida por cooperar com o

prefeito San Yorty e oficiais de polícia.

Em abril de 69, vinte um Panteras foram acusados em Nova York de conspirar para colocar bombas em lojas e no metrô. Em dezembro do mesmo ano a polícia de Chicago entrou em cena com a "batida" no apartamento de Hampton. Poucos dias mais tarde, a polícia de Los Angeles tentou estourar uma das sedes dos Panteras. Isso levou a um tiroteio que durou horas, onde dois Panteras foram feridos.

Prova de que a onda de ataques era coordenada em escala nacional foi revelada em fevereiro de 70 pelo New York Times, noticiando que o prefeito de Seattle, Wesley Uhlman recusou uma proposta federal para fazer uma operação contra as sedes dos Panteras Negras em Seattle porque ele não queria popularizar a causa dos Panteras.

No momento em que essa campanha governamental foi acionada os Panteras foram apanhados em retórica ultra-esquerdista, usando palavras de ordem como "fora os porcos" e "apanhe a arma". Essa retórica só ajudou o governo a pintar o retrato das Panteras como os responsáveis pela violência e ficou por ser reconhecida a verdadeira responsabilidade pela violência na própria polícia.

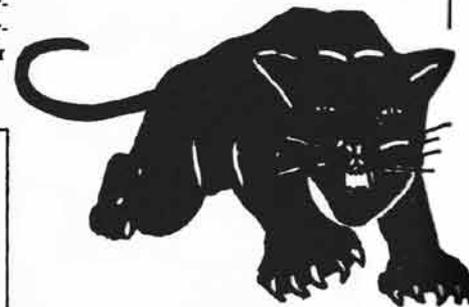
Com a revelação que o chefe de segurança dos Panteras de Chicago era um tira e a descoberta de agentes provocadores em outros grupos radicais como no "Weatherpeople" e nos Veteranos do Vietnã, é razoável presumir que agentes secretos ajudaram a criar um clima dentro dos Panteras, fazendo com que os ataques do governo tivessem um efeito máximo.

A experiência com esses agentes em outros grupos é que eles são os primeiros a defender terroristas nos pequenos grupos. Essa posição proporciona oportunidades para desacreditar a esquerda, colocando-a como violenta e mandar seus líderes para a prisão.

IMPRENSA NEGRA!

Leia e assin
JORNEGRO

Remeter cheque nominal ou
vale postal no valor de 60,00
para FEAEBSP. cx. postal
2686-01000—São Paulo—SP.

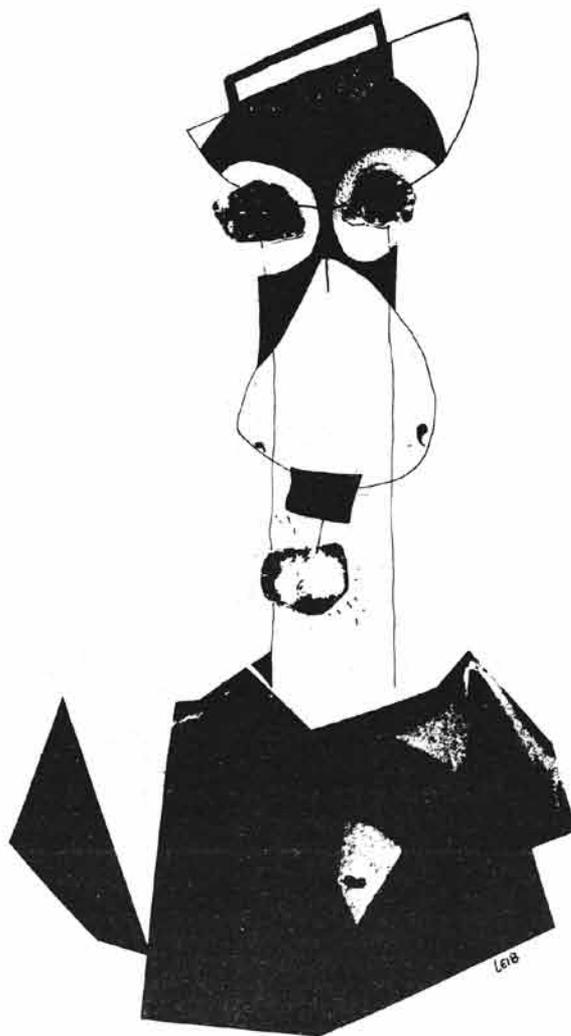




afro
latino
américa

de la patrie !

Allons enfants



A visita de Valery Giscard D'Estaing ao Brasil no último dia 5 poderia ser compreendida como uma "visita de cortesia", caso ele não viesse em um momento tão inoportuno e com interesses tão conhecidos. O passeio de Giscard D'Estaing pelos trópicos foi considerado, por muitos franceses, como inadmissível e indecente. E não podia ser de outra forma. Mesmo depois do festival de besteiras do General Figueiredo, que afirmara não ser a França uma democracia, a visita se efetivou num clima de cortesia e "finesse". Giscard e Geisel lembraram os vínculos perenes que unem Brasil e França, juraram, de pés juntos respeito aos direitos humanos, etc. Debaxo de toda esta etiqueta, estava o interesse dos franceses de nos exportar capital, multinacionais e tecnologia nuclear.

Exportar multinacionais e tecnologia nuclear para um país subdesenvolvido e jurar respeito aos direitos humanos, é no fundo, um contra senso. Sabendo disto, o "staff" de Giscard D'Estaing saca da lapela um lance inesperado: a ministra da Saúde e Família, Simone du Veil, através de conversas sigilosas propõe o interesse do Governo francês de adotar "crianças carentes do Brasil".

Adotando "crianças carentes" o Governo Francês teria como mostrar aos Estados Unidos e, principalmente, aos países do Mercado Comum Europeu que estava contribuindo com a taxa de respeito aos direitos humanos no mundo. De fato, foi um lance bem jogado pelos franceses mas que irritou profundamente nossas autoridades competentes. Nenhum deles aceitou a jogada, preferindo dizer que tudo não passou de uma "gafe", nada intencional de Mme. Simone. Para outros, o que ela quis nos passar foi um atestado de miséria que iria sujar a nossa imagem de "potência emergente". Não que a miséria não exista, mas o que incomodaria o Governo seria um atestado, desmoralizando o regime vigente. De toda forma cabe pensar sobre a situação destas crianças.

O recolhimento de menores no Brasil não prima pela qualidade, mas pelo desamparo e pela organização

semi-carcerária, como é o caso da Febem. Vez ou outra chegam aos jornais denúncias de surras e torturas sofridas pelos menores. As crianças, em sua maioria negras, não têm como se amparar: filhos de pais paupérrimos, pessimamente alojados, estão quase que fadados a um único destino: a marginalidade. Seria uma solução exportá-los para a França?

A França é um belo país. Ao contrário do que diz o gênio Figueiredo, há democracia (burguesa, é claro), partidos políticos, CGT, etc. Mas não é avessa à crises econômicas, pelo contrário, possui seus ciclos clássicos de super produção e inflação.

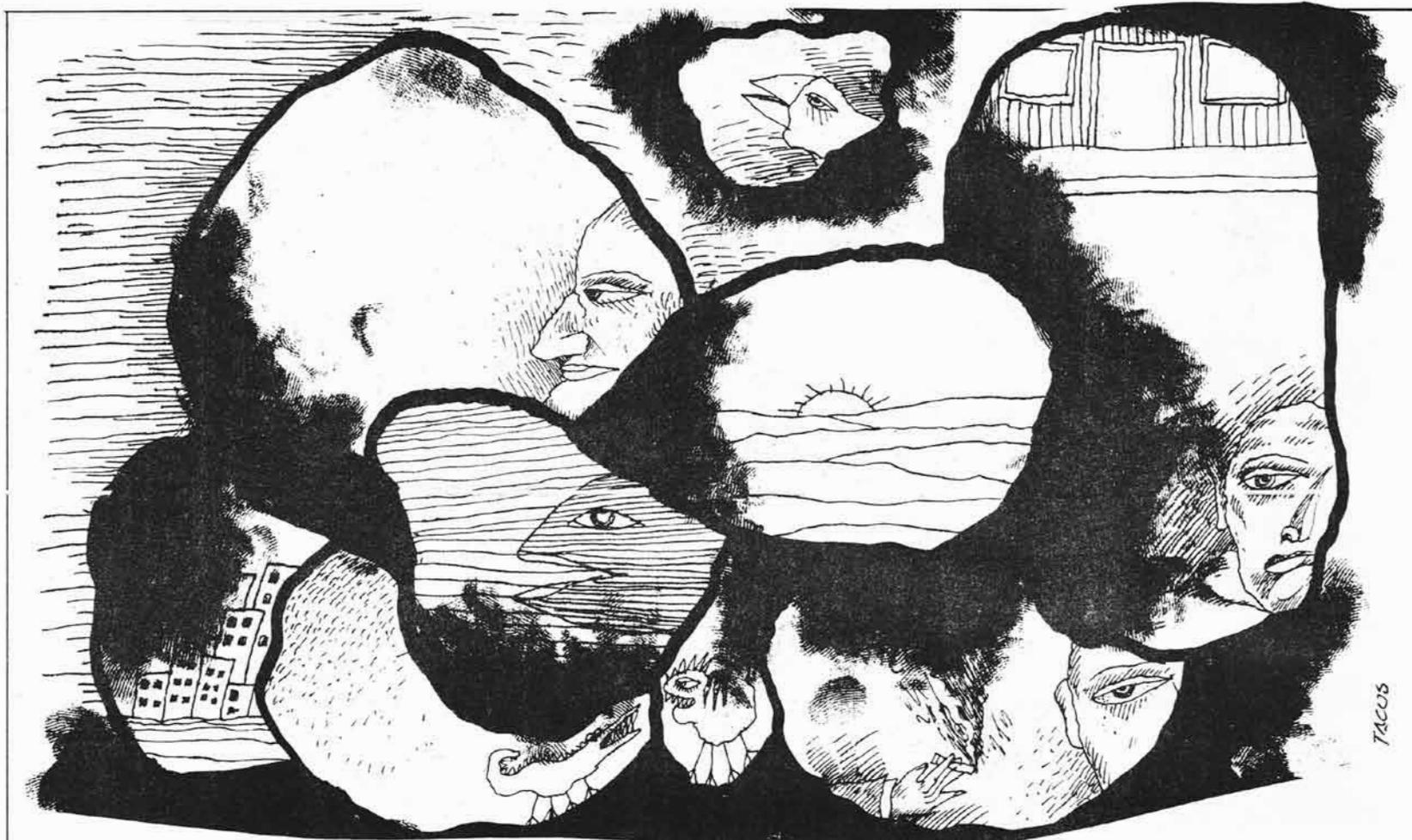
Contudo, é nestas crises que a sociedade francesa revela a sua face, seu racismo aflora violentamente, combinando-se com uma xenofobia aterrorizante. Negros, hindus, latino-americanos, são tidos como os causadores da crise capitalista francesa. Num momento destes, o que fariam estas crianças negras? A quem apelariam? Distantes de seu país, distantes de sua cultura, distantes de outros negros, eles seriam as mais bastardas das bastardas, parodiando Sartre.

Depois das palavras de Mme. Simone Veil, desceu um mal estar nos meios oficiais. No dia seguinte a própria Mme. Veil desmentia a conversa tida com o Ministro da Previdência e Assistência Social, Nascimento e Silva.

O presidente francês espera agora colher os frutos de sua viagem e os generais Geisel e Figueiredo podem se gabar de ter, em Giscard D'Estaing, um simpático cabo eleitoral. Porém Giscard não terá um instrumento para propagandizar a grandeza do espírito francês e nem argumentos para calar a irrequieta esquerda francesa.

Para nós, negros brasileiros, ficou uma leve sensação de que pouca coisa mudou: de um lado usinas nucleares queimando milhões de dólares, e do outro milhões de crianças abandonadas. Este é o quadro constrangedor de nossa Pátria amada, salve! salve!

VANDERLEI JOSÉ MARIA



OS CAMINHOS DO MOVIMENTO NEGRO

Nosso repórter Astrogildo Esteves entrevista um representante da Coordenadoria Executiva Nacional do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), no Estado do Rio.

P - Como a Coordenação Estadual do Rio de Janeiro está vendo as próximas eleições?

R - Todos os Estados estão trabalhando com uma posição comum, tirada na I Assembleia Nacional do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNU), onde aprovamos um programa eleitoral. Apoiaremos candidatos negros progressistas, que concordem com o Programa eleitoral elaborado pela Coordenadoria Estadual ou quaisquer candidatos progressistas, independente do grupo racial, que concordem com os mesmos pontos. Chamamos candidatos progressistas àqueles que se colocam ao lado das forças democráticas, que estão atuando em torno da luta dos trabalhadores, Anistia, Assembleia Constituinte e que levantem a bandeira da luta contra o racismo.

P - Qual o papel que deve cumprir um candidato, negro ou não, para a comunidade afro-brasileira?

R - O candidato deve começar a partir do programa do MNU, ou seja: contra a discriminação racial, contra a marginalização social, econômica e política dos negros, contra a discriminação na admissão dos empregos e perseguição racial no trabalho, pela reavaliação do papel do negro na História do Brasil, contra a comercialização, folclorização da cultura negra. O candidato deve partir destes pontos até chegar nas questões de toda a população brasileira — direito à greve, liberdades sindicais,

voto ao analfabeto, Anistia ampla, geral e irrestrita, pela Assembleia Constituinte, livre e soberana.

P - O que vejo é um dado novo: em 1974 se votava em candidatos a partir da constatação de que eram negros. Agora não, parte-se de um programa para se apoiar um candidato, que pode até não ser negro.

R - Isto é o que chamamos de voto racial. Não pela cor da pele, mas em defesa dos interesses da comunidade negra.

P - A partir destes critérios, está o MNU do Rio de Janeiro apoiando alguém?

R - Há um candidato que é o Modesto da Silveira que concorda com o programa, achando relevantes as questões que estão sendo colocadas. Assim, o Modesto é o nosso candidato. Ele não está só disposto a levantar nossas bandeiras, como também a trabalhar pela comunidade negra. Claro que nós estamos pressionando todo mundo a assumir o trabalho, pois raríssimos são os candidatos que assumem e trabalham pelas questões da comunidade. Ele não é um candidato que saiu do seio da comunidade afro-brasileira, estava com uma candidatura isolada, mas quando chegamos com a proposta, ele assumiu. É o caso do senador Nelson Carneiro. Ele nunca assumiu concretamente a luta contra o racismo mas, eventualmente, na medida em que é pressionado as assume. E é interessante para o MNU que candidatos negros assumam a luta contra a discriminação racial.

P - O Modesto da Silveira está saindo para deputado estadual e Nelson Carneiro para senador e para federal?

R - Bem, temos o Edson Khair e Heloneida Studart. O Edson Khair, durante todo o seu mandato, tem levantado as questões da comunidade negra. É

um dos poucos que tem feito isto sistematicamente, discutindo os problemas dos favelados e o pan-africanismo e dentro da Câmara ele tem atuado em todos os níveis, e em todas as lutas tem estado sozinho, com apoio muito limitado. A Heloneida devido aos problemas da mulher negra. As mulheres negras acham que é importante que uma mulher que está fazendo trabalho em favelas se posicione frente às questões da mulher negra em sua campanha.

P - O Khair está colocando a questão Pão, Liberdade, Socialismo. O fato de ser socialista o difere dos demais candidatos.

R - A nossa preocupação fundamental hoje é com o voto racial que acabei de caracterizar. Embora nós saibamos que a solução do problema do negro não se dará numa sociedade capitalista, que já se mostrou injusta. O negro, sendo o oprimido dos oprimidos, deve colocar-se no lado correto que é o lado socialista. É exatamente por isto que procuramos candidatos progressistas, pois são os candidatos que estão vendo com mais clareza as questões da sociedade. A maioria deles, não todos, já estão vendo a questão do negro e as questões nacionais.

P - O Edson Khair, ao lado das questões democráticas, coloca a liberdade de organização dos trabalhadores; assim como fica a liberdade de organização dos negros?

R - Acho que neste momento o MNU é a nova expressão, o salto qualitativo, no processo político da comunidade negra. A comunidade não tem esta questão específica levantada, pois se você levantar a questão do Partido dos Trabalhadores adiante da questão racial, que está colocada no momento, você vai se esquecer de uma questão

que é fundamental, que é a luta contra a discriminação racial. Então a gente deve começar a partir destas reivindicações mínimas, para poder chegar ao partido.

P - Considerando que a grande massa de brasileiros são de origem africana, você acha necessário um partido negro?

R - Acho necessário o Partido Negro.

P - E o Partido Socialista, o MNU - R.J. já chegou a pensar nisso?

R - O MNU não aprofundou a questão. Uma coisa, porém, está claro: um partido deve nascer da mobilização geral da comunidade, seria dirigido pela própria comunidade negra.

P - Como vocês estão pensando em trabalhar com os candidatos?

R - Primeiro vamos ver de que forma eles estão fazendo campanha. Se estiverem fazendo comícios, nós participaremos, distribuiremos programa como também utilizaremos a campanha para que a discussão do MNU seja levada para toda a comunidade, pois o programa do MNU deixa bem claro que sua base são os Centros de Lutas. Através da Campanha eleitoral, nós temos condições de fazer um trabalho efetivo enquanto MNU dentro da comunidade.

P - O candidato tem condições de resolver sozinho, no parlamento, as questões que estão sendo apresentadas para ele?

R - Resolver sozinho, de maneira nenhuma! A luta de emancipação do povo negro não vai se dar com candidatos dentro do parlamento. O que se coloca é a mobilização constante da comunidade negra, está é que vai garantir a mudança de toda a situação de exploração e esmagamento da comunidade negra e da sociedade em geral.



Entrevista com Dilce Pires, candidata negra a deputada federal pelo MDB de São Paulo

P — Hoje fala-se muito em "aberturas democráticas", ao mesmo tempo em que a sucessão se dá de forma autoritária, como você vê isto?

R — Vou esperar por estas aberturas. Porém, quem deve fazer abertura é o povo, sem a participação do povo não é possível aberturas democráticas. Acho que vamos alcançar a democracia, isto que eu e você queremos. Quando eu vejo esta juventude, percebo que estamos caminhando para um esclarecimento maior. Vamos ter democracia com esta juventude.

P — E as eleições de 15 de Outubro e de 15 de Novembro?

R — Não vejo boas esperanças. Primeiro porque, em relação a 15 de Novembro, conheci muitas candidatas, senti que poderiam ser eleitos. Mas não poderiam sê-lo, pois seriam engolidos pelos gastos com a máquina publicitária. Como já disse, os representantes do povo devem sair do meio do povo. Infelizmente, estes representantes não tem meios para enfrentar a "máquina" e por isso são esquecidos. Sobre o Figueiredo, eu não posso falar muito disso, nem do critério utilizado porque o povo não participou, mesmo ele sendo muito despolitizado.

P — Quais são as causas desta despolitização?

R — Eu acho que é a propaganda e a televisão que fazem retroceder a evolução política de um povo dentro de um país como o nosso.

P — Antigos ministros, e até generais do Governo Médici, estão sendo acusados hoje de corrupção...

R — Como diz o caipira: o governo Médici foi uma peneira na frente do sol. Hoje estão surgindo uma série de coisas, como do ex-Ministro da área econômica. Na verdade, eu estou sentindo que isto está certo, porque neste momento estamos passando por profundas carências e ela deve vir de algum lugar. Então eu acredito que ela venha até da corrupção.

P — Como você está vendo a formação de novos partidos, como a Democracia Cristã de Montoro, o PDR de Maurício Aleixo, PTB de Brizzola e o Partido Socialista?

R — Se eu ganhar nas eleições e surgirem novos partidos, eu só me ligarei àquele que atenda às necessidades de minha comunidade, a Comunidade Negra. Só um partido que me der condições para continuar minha luta poderá contar com a minha colaboração.

P — No Rio, pensa-se na formação de um Partido Negro, como você vê isto?

R — Com minha formação, acho que para existir um Partido Negro será preciso que tenhamos auto-suficiência. Todos estes anos, nós negros estávamos dormindo, muitos negros que poderiam ajudar estão desapontados com os falsos negros. Por isto, a formação de um Partido Negro precisa de uma infra-estrutura social, econômica e política. Posso dar um exemplo: A nossa raça está tão mal representada politicamente que quando penso nisto fico até triste. Para eu ganhar a homologação de minha candidatura, foi preciso ganhá-la através de meia dúzia de amigos brancos, porque os negros não queriam me deixar entrar.

EMBAIXA

por Hamilton Bernardes Cardoso

(histórias da noite de São Paulo
seus personagens: os músicos
negros desta cidade)



Todos os dias ele ia trabalhar. Um dia era operário, no outro era ladrão, no outro sub-empregado, vendia pipocas, fazia campanha para candidato em tempos de eleições, trabalhou de pedreiro, explorou mulheres, foi empregado em depósito de construções, frequentou a Igreja. Aprendeu a tocar um instrumento e sonhou que ia ficar famoso. Tornou-se um músico, como tantos outros negrinhos, como ele...

Junto com Valdo, Milton e Vanderlei, sento-me à mesa. E Valdo, um negro magro, de cabelos baixos, barbas por fazer, começa falar de sua profissão: "Eu poderia dividir em dois tipos. Existem os que são músicos e os que são musicais. Eu pertencço ao segundo grupo. Cheguei num período em que o samba começava virar moda. Era gráfico e se não tinha um bom salário, recebia sempre. Os primeiros tempos eram de sonhos, com o dia que ia ficar famoso. Hoje, os sonhos perderam a cor e são branco e preto..."

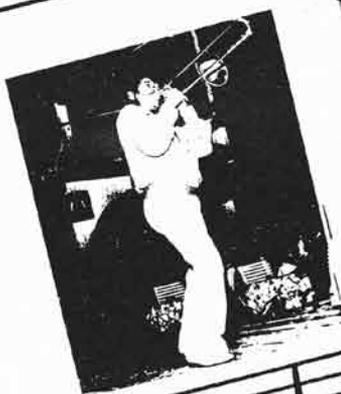


Perguntei para Waldo, Onofre, Willian, Ari, Urgo, Coimbra, quando eles foram ao sindicato dos músicos. Nenhum deles foi. A maioria, quando vai à Ordem dos Músicos para pagar a anuidade. Perguntei, então, por que não vão às reuniões convocadas para debater os problemas da classe. Nenhum deles jamais soubera de uma convocação com tal finalidade...

Wilson Sandoli, presidente da Ordem dos Músicos do Brasil, é amigo da maioria dos músicos. De alguns é íntimo até, chegando a tomar wisks...



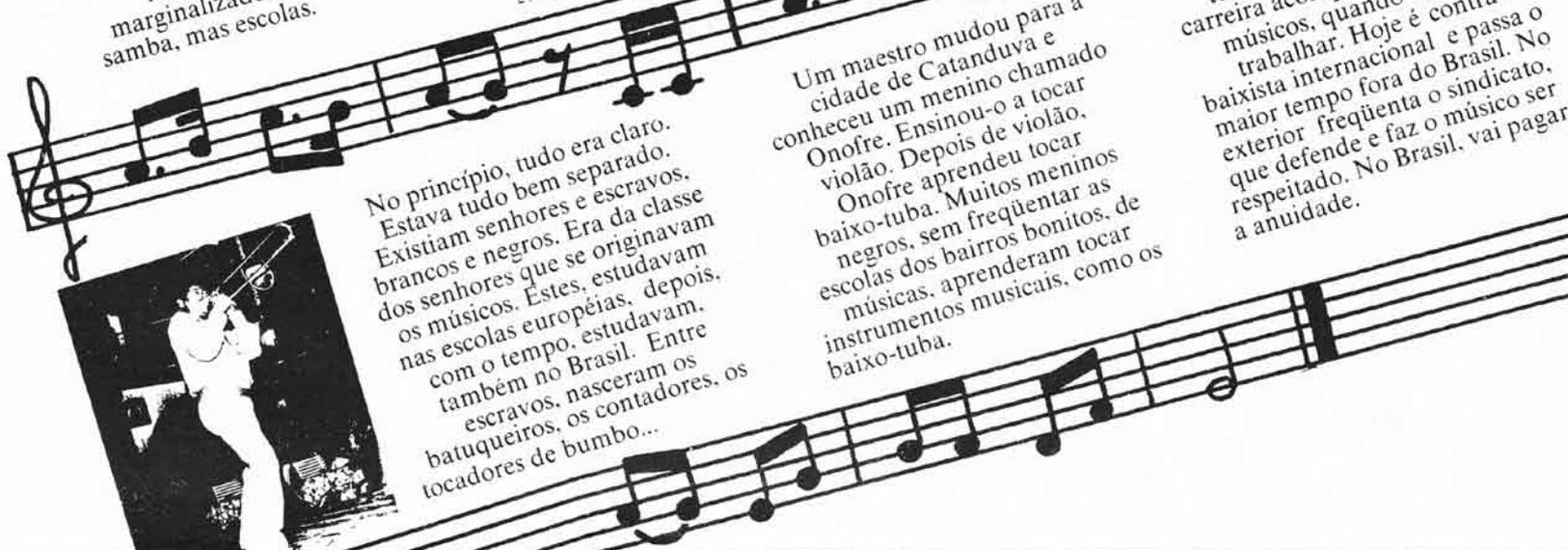
Bastava andar pelas favelas (ainda não acabou) para se ouvir bom samba. Sempre alguém cantando, dançando. Com menos de quatro anos, uma criança já sabe sambar. Na favela, existem várias escolas de música, uma música marginal, de um povo marginalizado: são escolas de samba, mas escolas.



Na década de 50 e princípio da década de 60 existiam muitas orquestras. Tocavam nos bailes durante todo mês. Formaturas, casamentos, grandes festas. Não existiam muitos músicos. Só o necessário para que a gente rica ficasse se divertindo. Era muito bom tocar valsas, boleros e outros tipos de músicas para aquelas moças bonitas...

Numa favela não existem ruas, existem *trios*. Não há água e quando seus moradores fazem música, a polícia fica alerta. O som de um tamborim é tão bonito quanto o de um piano, o de um surdo, é tão bom quanto o de um contra-baixo. Piano e contra-baixo não atraem e nunca atraíram a polícia, como surdo e tamborim.

Urgo não sabe como aprendeu tocar violão. Começou sua carreira acompanhando amigos músicos, quando eles iam trabalhar. Hoje é contra-baixista internacional e passa o maior tempo fora do Brasil. No exterior frequenta o sindicato, que defende e faz o músico ser respeitado. No Brasil, vai pagar a anuidade.



No princípio, tudo era claro. Estava tudo bem separado. Existiam senhores e escravos, brancos e negros. Era da classe dos senhores que se originavam os músicos. Estes, estudavam nas escolas européias, depois, com o tempo, estudavam também no Brasil. Entre escravos, nasceram os batuqueiros, os contadores, os tocadores de bumbo...

Um maestro mudou para a cidade de Catanduva e conheceu um menino chamado Onofre. Ensinou-o a tocar violão. Depois de violão, Onofre aprendeu tocar baixo-tuba. Muitos meninos negros, sem frequentar as escolas dos bairros bonitos, de músicas, aprenderam tocar instrumentos musicais, como os baixo-tuba.



O HOMEM DE SMOKING CONTAVA SEUS DÓLARES



As cocotas classe média balançavam-se ao ritmo do jazz..., cantados por negros importados e negros tipo importação... os blacks alienados (carregando envelopinhos pela cidade, dando trombadinhas na São João; com caixas de engraxate ou "descansando" na Febem) continuaram alienados.

O I Festival de Jazz foi um sucesso pela organização, pela promoção e hospitalidade. Ainda por cima, teve o mérito de revelar as tendências do jazz moderno, desde o contry-blues de Taj Mahal ao requinte de Egberto Gismonti. Claro, que ocorreram altos e baixos, como a apresentação de John Mc Laughlin e Milton Nascimento. Porém criticar ao festival, redundaria necessariamente, a uma crítica do Jazz e suas tendências, o que me levaria a pensar na influência contemporânea da cultura negra diaspórica. O festival de São Paulo segue a linha e o espírito dos festivais europeus: Berlim e Montreux. Não é minha intenção, portanto, pelo contrário, sigo outra direção que considero esquecida pelos críticos.

O Festival foi realizado no Palácio das Convenções do Anhembi, distante da massa negra e em um ambiente suntuoso. Mas o problema fundamental foram os preços: se um indivíduo desejasse assistir os 8 dias de apresentação gastaria Cr\$ 1.600,00, fora a Coca-Cola...

O caráter do Festival começa daí. A população negra jamais poderia ir em coisas deste tipo se sua preocupação maior é o pão do dia seguinte. Isto me faz lembrar aquele controvertido filósofo que disse: *um homem preocupado com sua fome não pode contemplar o pôr do Sol*. Isto cabe a todos os negros. Se não era possível a população negra assistir a um Festival de música negra, quem poderia ir? Ora, toda a cocotada paulista, os "whites", que dançaram ao embalo de George Duke, Etta James e aplaudiram Al Jareau.

Segundo Valter José Filho, negro da Faculdade de Filosofia da USP, Dizzy Gillespie estava assombrado com a falta de negros e eu, soube por fontes fidedignas que o Taj Mahal só queria saber de conhecer negros e principalmente a Jorge Bem.

O produtor do Festival era o Sr. Claude Nobs, o mesmo que realiza os festivais europeus. Este senhor está intimamente relacionado com as multinacionais do disco, a CBS e outras. O Sr. Claude não é e nunca foi interessado em discutir a música negra, seu interesse é explorá-la. Em outras palavras, é um agente do capitalismo que vive da espoliação da cultura negra.

Há um fato que não me passou despercebido, um festival de jazz patrocinado pela Secretaria de Cultura, órgão do Governo, levanta suspeitas. Num momento de eleições nada melhor que promover um Festival para acolher a classe média paulista, conhecida eleitora do MDB assim como mostrar-lhes que no Governo não há racismo, pois recebeu muitos negros e os hospedou num dos melhores hotéis da cidade: Hotel Eldorado.

Isto só não basta. Realizar um Festival de alto custo de produção, num país em que existem quarenta mil músicos desempregados, é revoltante. A música brasileira (como toda a nossa Cultura) é negra. E músicos não são apenas Chico Buarque, Aldir Blanc, Ivan Lins, etc. Músicos são também aqueles que tocam na noite: Terceiro Whisky, São Paulo Chic, Moema Samba, Catedral, Jogral, Beco, etc. Músicos também são os nordestinos que tocam na Praça da Sé, Largo da Concórdia e Parque D. Pedro II.

Lembro-me de meses atrás a TV Globo ter apresentado mais um lamentável "Fantástico" em que ela, com cenas comoventes, atacava o Movimento Black Soul. Juntou um monte de negros velhos, que entre fungos e resmungos maldiziam o movimento dos refavelados. Diziam que estavam disvirtuando o Samba, etc. Para minha surpresa, a própria Globo lança um Concurso de Discothèque à revelia de sua própria reportagem. Conversando com o Valter José Filho, ele me diz ser o discothèque uma "degenerescência do Soul, a partir do som da Filadélfia". Isto significa que por mais que busque disfarçar, a música negra é vasta demais para ser comprimida em etnocentrismos pueris.

Mesmo que se procure escamotear, há um elo indelével que liga todos os negros da diáspora, que, citando Sartre, os irmana, pois não podem deixar de ser negros.

O Festival, portanto não passou, como disse o poeta negro Eduardo de Oliveira de um portentoso espetáculo circense, os negros no palco e os "whites" na platéia, profundamente indiferentes ao problema negro. E nos bastidores, o homem de "smoking", o Sr. Claude Nobs, contava seus dólares.

Vanderlei José Maria



Hoje, a sociedade brasileira vive de incertezas e da necessidade de definições. Para onde ir? Eis a questão colocada a todos os setores. O que se fizer daqui por diante define todos os nossos destinos. Em nosso caso, a necessidade de avançar dando passos largos e seguros.

O poder vigente, entoa cantos às amizades africanas. Estuda a possibilidade de enviar soldados com as tropas da ONU, para garantir a erradicação do Apartheid na Namíbia, cria novos centros de estudos sobre o negro. Reprime o Assembléia do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial na Bahia. É na verdade, a necessidade de conhecer para controlar, melhor os negros do Brasil, penetrar nele, garantindo assim aos setores dominantes, no Brasil, parte do que se poderia chamar de "bolo africano". São as riquezas africanas atraindo o feroz capitalista do Brasil.

Num plano mais geral, o MDB ganha as eleições nos principais Estados do País, Cajá volta à prisão, o jornal Movimento é apreendido, enquanto se fala em aberturas democráticas e formação de novos partidos. Neste contexto, que o Movimento Negro continua, de diversas formas, se articulando, no sentido de encontrar uma maior organização política para a Comunidade Negra. Em busca de forças para intervir, de forma significativa, no processo político.

É necessário fortalecer o Movimento Negro e torná-lo uma grande força, no contexto Nacional. Há quem tema que o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial possa desembocar na formação de um Partido Negro. É o caminho? Felizmente as respostas não saem de coletes e nem de temores mas das necessidades dos trabalhadores. Fundamental, hoje, é fortalecer as oposições ao regime, os trabalhadores; a consolidação do Movimento Negro em todas as frentes de luta e ação dentro da Comunidade Negra.

Como diz Drake Koka, líder sindical Sul-Africano: "Todos os negros deveriam trabalhar em solidariedade, porque, então, deveríamos ser capazes de melhorar nossas condições". Quando lembramos a luta de todos os quilombolas e a morte de Zumbi, em todo o País, é fundamental consolidar todos organismos da Comunidade Negra. Solidarizar-nos. Olhar o passado, atuando em direção ao futuro, aprendendo com todas experiências do negro, no Brasil, nas Américas e no mundo.

É preciso transformar cada um dos nossos passos no reflexo do amplo movimento que são nossas vidas.

Ser reflexo, à todo instante e em todo lugar, de uma profunda "CONSCIÊNCIA NEGRA".



leis internas e a ordem racial

O desrespeito com que o negro é tratado, a agressão psicológica que sofre diariamente, o racismo manipulado e objetivo de todas as instituições sociais para determinar as vantagens de uma raça sobre a outra. A perseguição racial, tanto quando está bem vestido, quanto quando está em farrapos. A miséria que passa por falta de bons empregos, a mão-de-obra barata, a que é obrigado a sujeitar, com a miséria de salário com que é obrigado a sobreviver...

O negro se marginaliza. Então, é posto atrás de grades imundas e fétidas, onde a polícia exerce a função extraordinária de quebrá-lo psicologicamente, organizadamente e fisicamente. Ao sair da prisão estará mais revoltado e mais marginalizado, ainda. Por isto nos posicionamos e apelamos para que tenhamos mais condições de sobrevivência e para que possamos nos organizar e participarmos mais dos problemas que nos assolam. O problema negro tem que ser resolvido com urgência, por isto apresentamos pontos de partida; portanto para os negros brasileiros o berro de "libertem nossos presos" ecoa fundo. Esta é a realidade de todas as famílias negras marginalizadas por um sistema racista, arbitrário e onipotente, instituído neste país...

MEIRE GONZAGA

Atualmente, existem dois papéis básicos para a polícia. O de manter a situação atual, através da força, e de pressionar constantemente o exército de reserva de mão-de-obra barata através da exigência de comprovação de emprego, pois o elemento que não o comprovar estará sujeito às sanções criadas pelo Estado. Sobre os negros a polícia exerce uma função extraordinária, a de quebrá-lo psicologicamente e organizativamente. Para a polícia todo negro é um criminoso em potencial. Ela o persegue em qualquer lugar e a todo momento. Isto faz com que o indivíduo negro sinta vergonha de sua raça e se isole de seu grupo.

É comum em qualquer favela do país, o aparato policial durante a madrugada acordar os moradores para averiguar os documentos, como meio de comprovação de emprego. Caso o indivíduo não tenha a carteira assinada, é levado

a delegacia para triagem. Nos bairros da periferia, como Vila Brasilândia, Santo Amaro, São Miguel Paulista, as batidas policiais são constantes.

No bairro do Brás, por exemplo, pela manhã os policiais montam filas de trabalhadores, na maioria negros, verificando documentos de um a um. A não absorção dos valores impostos pelos mecanismos formadores da sociedade, neste momento se manifestam de forma concreta e indiscutível. É visível a desvantagem de não ser branco. Os próprios policiais negros se sentem superiores ao Negro comum. Eles se vêem como parte integrante dos seus "dominadores". A polícia é o organismo mais temido e mais odiado. Em relação ao sistema penitenciário, podemos dizer que é uma parte importante para a manutenção do tipo de sociedade em que vivemos. Ele funciona como uma espécie de lixo social.

A maioria dos negros presidiários cumprem pena por assalto. Todos que não obedecem às regras do jogo estabelecidas pela classe dominante, e todos que transgridem estas regras, são isolados da sociedade. É nas condições de presidiário que o elemento sofre de forma mais aguda os conflitos por ter negado os valores impostos pelo dominador. É abandonado em cárceres de alta densidade demográfica; onde o convívio com mais de trinta elementos onde só seria possível seis, deixa-o constantemente torturado, ao limite da brutal necessidade de eliminar o próximo pela vital falta de espaço habitável.

Os crimes são distribuídos econômica e hierarquicamente. Aos economicamente favorecidos, a impunidade institucionalizou-se, e suas liberdades continuam garantidas, nos casos de corrupção, estelionato, consumo de drogas, tráfico de entorpecentes, esturpos, sequestros, lenocínio, e até homicídios.

Já os desfavorecidos da farta riqueza nacional, através do roubo, poem em cheque os valores estabelecidos pela classe dominante. Mas dificilmente aquele que roubar, será posto em liberdade sem cumprir uma sanção.

O negro não tem em suas mãos formas de propriedade e garantias de sobrevivência através do trabalho remunerado. O indivíduo quando posiciona contra a ordem vigente é porque não concorda com sua participação desigual nas

relações sociais, de trabalho, de produção, na medida em que ele não usufrui democraticamente dos direitos adquiridos pelos membros da sociedade em que vive.

A forma do indivíduo expressar a sua oposição em relação à situação atual, varia de acordo com o seu nível de consciência. Se o indivíduo tem claro as causas que geram a sua condição de dominado e explorado, ele se organizará em grupo político para ter uma atuação organizada. Quando ele não tem esta consciência, a sua ação se dá ao nível individual, daí o assalto ao patrimônio privado. Nos dois casos, a ação do indivíduo expressam uma posição política, diferenciando-se apenas nas formas: uma individual e outra coletiva. O Estado, porém, reprime em ambos os casos. Quando o indivíduo participa de uma luta política por uma sociedade mais justa e pratica assalto à propriedade privada, e uma destas formas é o assalto à banca, é considerado preso político. No entanto, quando a ação se dá no nível individual, o elemento que a pratica é considerado preso comum, da qual discordamos e caracterizamos também como preso político.

Nós, os negros, compreendemos que a materialização da Anistia ampla, geral, irrestrita, não atingirá os "presos políticos negros". Sabemos que mesmo com a revisão dos processos e penas dos "presos comuns", muitos negros que assaltam em função de sua "fome", continuarão nas prisões; e que existe à nossa frente uma longa luta no sentido de alcançar trabalho; melhores condições de vida, organização e auto-determinação da população negra, como também a supressão do racismo. Compreendemos também, que a repressão policial existe e atua para impedir a organização e independência dos setores explorados e populares. E é por isto que acreditamos que só com a libertação de todos os presos considerados "políticos" hoje, com o fim da perseguição policial e com a possibilidade do surgimento de novas idéias e concepções na sociedade brasileira, poderemos avançar na luta".

MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL
tese para discussão, apresentada no Congresso Nacional Pela Anistia, novembro, São Paulo

QUILOMBOS E A RESISTÊNCIA POPULAR



Zumbí! Este nome é a lembrança viva na luta do negro pela sua libertação. Zumbí é fruto de toda tradição de lutas, desde a África até o interior do sertão brasileiro. Zumbí é a encarnação da liberdade cultivada em todos os quilombos.

Rafael Pinto

A historiografia oficial brasileira, por largo período relegou, apenas, às notas de rodapé, as mais variadas formas de luta e resistência popular que existiram em nosso país. As diversas lutas travadas pelos negros escravizados contra o sistema escravagista não encontraram o seu devido reconhecimento pelos historiadores; por outro lado, uma grande parcela dos trabalhos realizados procuram demonstrar como o negro era submisso, servil, ignorante e que as relações entre senhores e escravos iam às mil maravilhas, visto que os quitutes feitos pelas *labas* (mulheres) eram uma delícia e elas no quarto ...

A exaltação dos contatos entre cama e cozinha tomou grande parte dos inúmeros trabalhos, enfim tudo aquilo que nos ensinam em demasia, a vida que se passava na casa grande. Basta ligar na t.v. globo, para comprovar.

A nossa preocupação, porém, está com o negro do *eito*.

Recentemente, alguns historiadores, não só reconhecem o papel do negro na história, como também reconstroem as pedrinhas no seu devido lugar. Entre as formas de luta contra a escravidão, suicídios, assassinatos, revoltas, insurreições, quilombos, fugas, o quilombo assume especial importância. Foi a forma mais avançada de mobilização e organização independente encontrada pelos negros escravizados.

Os quilombos surgiram em todo o território nacional e, quem for analisá-los, voltando ao passado africano, será remetido às mais diversas formas de organização social, política e econômica. Na região Ocidental da África, em seu período pré-colonial, encontrará os reinos de Songhay, Mali e Ghana. Os africanos que daí vieram, deixaram por toda região onde passaram uma influência significativa. As tradições militares religiosas e culturais de Angolanos, congoleses, Mulçumanos eram difíceis de serem controladas. Em toda América, os muçulmanos foram extremamente combativos e, na primeira parte do século passado, dirigiram e organizaram uma série de revoltas na Bahia. A dos Malês em 1835, tinha como principal objetivo a tomada do poder.

Até meados do século passado persistiu o tráfico de escravos. A chegada dos africanos recém escravizados, transformava-se num importante fator para incidência de rebeliões e surgimento de novos quilombos. Os portugueses, ao penetrar no sertão, dividiam-se em grupos, enfraquecendo-se. O aparato estatal, debilitado com notícias despreparadas e condições geográficas adversas permitiam o surgimento de novos quilombos, que, em grande número apareciam e desapareciam em todo o país. Mas o Quilombo de Palmares tinha características especiais e foi uma República Negra dentro do Brasil. É por isto que importa falar um pouco mais sobre ele.

PALMARES

Algumas dezenas de Angolanos fugidos dos engenhos de cana-de-açúcar, já se encontravam, por volta de 1600, ao pé da serra da Barriga, em Pernambuco. E foi no ano de 1607, que se deu a primeira revolta de escravos islamizados. O conde dos Arcos, que já aí não dormia direito, escreveu uma carta à sua majestade o Rei de Portugal relatando o fato. Nesta carta, o conde argumenta que "os Haussás eram à Nação mais guerreira de toda a Costa Leste".

Neste período as fugas e rebeliões aumentam, levando à um crescimento contínuo da luta. Cada vez, mais e mais escravos se libertam indo para o pé da serra. E é com a

chegada dos holandeses que Palmares vai se tornando mais e mais concreta. As coisas começam ficar mais difíceis para os portugueses. Combater um uma frente já era difícil, em duas...

Os holandeses se apossaram da capitania de Pernambuco e da cana-de-açúcar. Os portugueses ficam economicamente debilitados e enfraquecidos militarmente enquanto Palmares cresce, atingindo uma população de mais de 30.000 habitantes, ocupando uma região que abrangia os Estados de Pernambuco, Alagoas, sob o comando de Ganga Zumbá.

Se durante o domínio dos portugueses, o Brasil só conhecia o desenvolvimento da cana-de-açúcar, com os palmarinos, não só cana-de-açúcar, mas também milho, mandioca e outros produtos mais necessários para a alimentação. Palmares torna-se auto-suficiente. Em períodos de paz, trocava alimentos por armas, fortalecendo-se militarmente. Após a expulsão dos holandeses, os portugueses intensificam a luta contra os inimigos de porta-a-dentro. E é neste período que cresce nas terras palmarinas o filho da princesa Aquatume, com o nome de Zumbí e que será um grande general das armas, chefiando o próprio mocambo.

ZUMBÍ

Zumbí nasceu livre e foi forjado nas lutas contra os portugueses. Na direção de Palmares, lutará até a morte pela liberdade de seu povo. A luta entre palmarinos e portugueses fica mais acirrada, e durante o quase século que durou a experiência Palmarina, mais de 60 expedições serão enviadas sem êxito, para destruí-lo.

Domingos Jorge Velho, famoso nesta época por suas andanças pelo Nordeste e pela longa experiência na caçada à índios, acreditou, quando contratado pelo governador da capitania de Pernambuco, que fora convidado para prender e matar mais nativos. Quando, com seus homens, tentou invadir a cerca Real do Macaco, capital de Palmares, cercada por enormes paliçadas e um grande fosso cheio de estrepes, foi fragorosamente derrotado pelas táticas de guerrilhas e emboscadas utilizadas pelos quilombolas. Voltou à Olinda para solicitar mais reforços e mais armas.

Nem no período das lutas da independência, Portugal utilizou tantos recursos em homens e armas para defender seus domínios. Formou-se uma tropa com mais de 5.000 homens, alimentados pela maior potência colonial da época para invadir e destruir Palmares.

Foram vários dias de violentas lutas que derrotaram o reduto palmarino e mataram mais de 3.000 quilombolas. Mas apenas em 20 de novembro de 1695 Zumbí, com mais de 20 homens, foi encurralado e morto.

A experiência Palmarina espalhou-se pelo Nordeste e os quilombos, como forma de resistência popular marcou profundamente a consciência daqueles que lutam ou lutaram contra a exploração. Foi o quilombo uma conquista. Uma das formas de luta mais consequentes utilizadas pelo negro escravizado na luta por independência e domínio do seu próprio destino. Foi o primeiro grito de Liberdade ecoado nesta terra, um dos marcos mais importantes para a construção de uma sociedade livre e democrática.

o jogo de cão e gato

É o jogo do cão e do gato, do gato e do rato. Nem sempre os setores ditos progressistas vão perceber a necessidade democrática do negro participar enquanto raça. E muito menos sua importância fundamental dentro do processo de transformação social. Ela (a esquerda) nem sempre olha de frente, apesar de ter sempre a polícia atrás. Mesmo assim A LUTA CONTINUA.

— A reunião do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial teve a Lei Afonso Arinos. — Esta a desculpa apresentada pelo presidente da Associação dos Funcionários Públicos da Bahia ao desistir de ceder a sede de "sua" entidade para a realização da IIª Assembléia Nacional do Movimento Negro Unificado, na cidade de Salvador, na Bahia. Durante a manhã, do dia 4 de Novembro, vários telefonemas de Brasília determinavam às entidades de estudo das relações raciais, para que não apoiassem a Assembléia, enquanto a Polícia Federal se encarregava de tentar impedir a reunião. E a proibição da reunião por este organismo, foi o argumento utilizado pela responsável pelo Teatro Vila Velha, o local alternativo, determinado pela Coordenação Nacional, organismo dirigente do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial.

Apesar das várias pressões, intimidações e agressões policiais, a Assembléia realizou-se no Instituto Cultural Brasil-Alemanha. Aí, foram ampliados os pontos programáticos, combinando as lutas específicas dos negros com as gerais do conjunto da sociedade, liberdade sindical, anistia e outras. Foi definida também para os dias 2 e 3 de dezembro, a realização em São Paulo, no Gêmeo Recreativo e Cultural Coimbra, da reunião preparatória ao IIº Congresso de Culturas Negras das Américas, a se realizar no próximo ano, no Panamá. A reunião vai encerrar todas as manifestações relativas à Morte de Zumbí, que se iniciaram dia 20, em todo o País. Participaram representantes de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais e Rio Grande do Sul e redigiram o Manifesto Nacional do Dia da Consciência Negra — 20 de novembro, morte de Zumbí.

"Ao chegarmos ao teatro Vila Velha fomos informados que a polícia federal proibira a assembléia, pois considerava que sua realização feria a Lei Afonso Arinos. Nós negros sempre desconfiamos desta Lei, pois tínhamos certeza que, apesar de ser uma lei que deveria garantir o direito do negro lutar contra o racismo, nunca funcionou contra os racistas. Deveria ser usada contra nós. Foram colocados vários policiais neste teatro e muitas viaturas circulavam ostensivamente nas suas imediações.

Voltamos para o ICBA (Instituto Cultural Brasil Alemanha) e realizamos nossa assembléia, indiferentes às pressões do aparato repressivo, que se fez presente, inclusive, com provocações e agressões às pessoas que orientavam os transeuntes a participarem da Assembléia. Foi um passo importante para o nosso Movimento, pois definimos pontos programáticos, data para a reunião preparatória do Congresso de Culturas Negras das Américas e tiramos um documento Nacional do Dia da Consciência Negra.

Neste dia tivemos debates profundos. O ponto principal de nossas discussões, foi a busca das formas para encaminharmos nossas lutas específicas com os problemas de toda a sociedade. O negro tem problemas específicos. Sofre determinada exploração e opressão, em função de sua raça, mas sofre também as consequências de sua condição de classe, enquanto trabalhador, explorado e dominado. E num momento como este, quando o negro começa se reunir e discutir os seus problemas, se organizar, é preciso lembrar a abolição da escravatura, a proclamação da República, a revolta popular, que ocorreram ao longo da história. E as mobilizações do século XX. Todos estes fatos nos mostraram como o negro ficou fora do processo de conquistas, como foi utilizado no processo de lutas, sem ter benefícios em termos coletivos.

Quando da "abolição" da escravatura, foi utilizado pelos liberais, ligados ao setor industrial em fase de início no Brasil; o que fez com que os centros de decisões políticas se deslocassem do setor agrário, para os grandes centros urbanos, desembocando o movimento abolicionista, na

chamada "Proclamação da República", que todos nós sabemos o resultado. Só beneficiou a classe dominante e setores ligados a ela, como a alta hierarquia militar e intelectuais burgueses.

Os negros e mulatos sempre participaram, das revoltas populares, na medida que sempre fizeram parte do segmento mais explorado da sociedade brasileira. Em muitas revoltas tiveram presença massiva.

Neste século a participação dos negros tem se dado de forma discreta pois todo movimento tenta descaracterizar as situações específicas do negro, fazendo com que, os negros não participem massivamente destas mobilizações, pois elas aparentam — para nós negros — um briga de brancos.

Não queremos e não vamos ser massa de manobra!

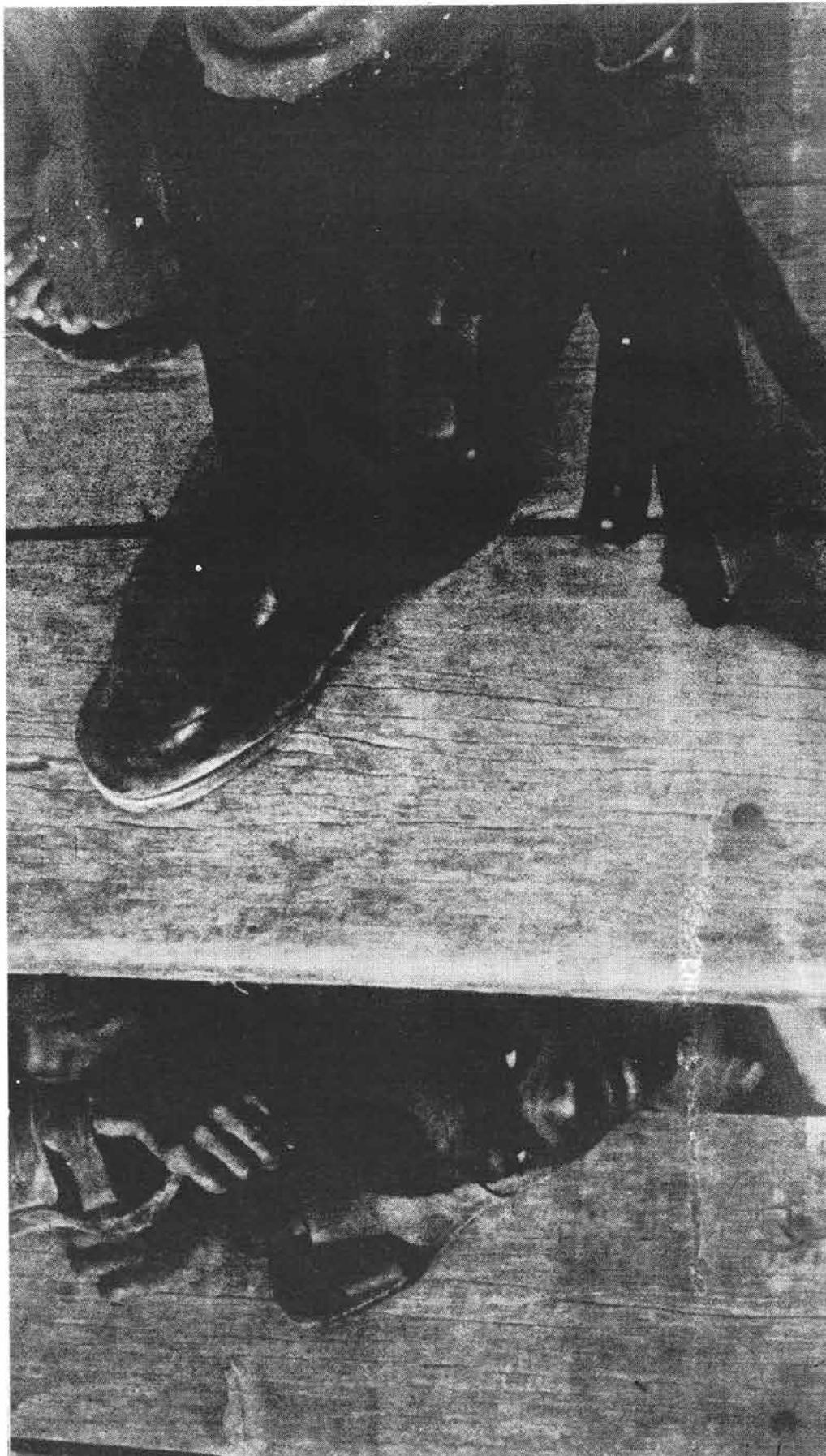
Temos uma experiência de 500 anos de exploração e, nós negros e mulatos somos maiores da população, o que nós dá direitos de participarmos de todo movimento que luta contra a exploração do homem pelo homem, não apenas para engrossar fileiras e sim para participar do processo de transformação desta sociedade capitalista em decomposição.

Era necessário que surgisse um movimento negro para intervir nos movimentos de transformação social com seus pontos, com sua ação, para mudar a mentalidade racista desta sociedade. Este é o papel básico do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial: derrubar as barreiras racistas e orientar uma nova sociedade sem dominados e dominadores.

Os Centros de Luta do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial são formados onde o negro se encontra, nas favelas, cortiços, alagados, prostíbulos, prisões, na mão-de-obra não especializada (garis, trabalhador braçal, peões, bóias fria, empregadas domésticas), nas fábricas, escolas, hospitais e quartéis.

(Depoimento de Milton Barbosa, militante do Centro de Luta Decisão, do MNUCCR, da Coordenação Nacional do Movimento) e participante da Assembléia de Salvador).

negro



Drake Koka é secretário geral dos sindicatos dos trabalhadores pela Aliança Negra da África do Sul. Co-fundador e primeiro secretário da Convenção do Povo Negro, extinta com outras organizações políticas negras de importância em outubro de 77. Em fevereiro de 73, foi condenado, pelas autoridades Sul-Africanas a manter-se, durante cinco anos afastado da militância política pública, na prática uma prisão domiciliar. Por 8 meses, em 74 e 75, ficou detido. No início de 76 participou das rebeliões de Soweto e para evitar nova prisão, fugiu ao final do ano para Botswana. No começo de outubro, iniciou uma viagem de sete meses pelos Estados Unidos, para gritar em defesa dos prisioneiros políticos da África do Sul, em defesa da luta por um governo de maioria negra.

P — Como foi que você se tornou um ativista político?

R — Achamos que a maioria da juventude negra, desde a infância, sofre um processo de politização. Eles nascem em uma situação politicamente determinada, numa situação de opressão, em que a dignidade pessoal de cada um é constantemente ferida. É por isso que desde os tempos de escola eu tendia a tornar-me consciente politicamente.

Mais tarde, comecei a dar aulas, como professor de História, o que na verdade me fez mergulhar nos acontecimentos políticos. Mas não aderi formalmente a nenhum movimento político. Em 1954, organizamos um boicote a ônibus, em Evaton e fui responsável pela edição do jornal em defesa desse boicote.

Quando parei de lecionar, tornei-me ativista político em tempo integral, e no início dos anos 70, fui eleito dirigente da "Black People's Convencion" (Convenção do Povo Negro)

P — Você poderia nos dar alguma idéia sobre os objetivos do Movimento de Conscientização do Negro? Pelo que ele está lutando e como vê a evolução dessa luta?

R — No início, a maioria dos participantes eram da "Organização dos Estudantes Sul Africanos" (SASO). Em 1971, fui escolhido secretário de organização, para chamar outras organizações à unidade, cujo objetivo era a formação da Convenção do Povo Negro. A princípio, achávamos que estávamos criando somente mais uma organização cultural. Mas houve um argumento decisivo na conferência que organizamos em dezembro de 1971, que dizia não ser necessário a formação de nenhum organismo cultural. O essencial era um movimento político.

Tínhamos que olhar a situação sul-africana em seu conjunto, — a situação econômica, social e política, para compreendermos como ela afetava nossas vidas. Com esse movimento tínhamos então, que organizar todo o povo. O que queríamos realmente fazer era criar um certo grau de conscientização; tínhamos que encontrar um tipo de ideologia, uma filosofia na qual o povo negro pudesse se agarrar. Foi então que o Movimento de Conscientização do Negro entrou num processo de introspecção. Olhamos para dentro de nós mesmos para ver nosso potencial de poder, nossas habilidades e inabilidades, e como poderíamos encarar a situação.

P — A perpetuação da subserviência do povo depende das condições de pensamento desse povo. O sucesso do opressor não reside no poder do opressor, mas nas condições da mentalidade do oprimido.

R — Assim, dissemos: "Estamos preparados para libertar nosso povo psicologicamente e fisicamente".

Examinamos também as algemas físicas, as leis que nos protegem e as que restringem nossos direitos. Quando o branco legisla, ao invés de executar, ele próprio as leis, joga-as para nós e nós mesmos as executamos, tendendo a autopolicar-nos. Decidimos que durante um período de três anos, íamos propagandizar o Movimento e sua filosofia. Depois desses três anos, estariam criadas, e nós sabíamos, as condições para um enfrentamento. O povo ditaria os meios que ele utilizaria na luta contra o regime opressor. Se o povo dissesse "nós vamos organizar protestos civis", a escolha seria livre. Se dissesse, "nós vamos preparar a luta armada", a decisão continuaria em suas próprias mãos. Deixamos isso em aberto.

Sintetizando, o Movimento de Conscientização do Negro, propõem-se a organizar todo o povo negro, transformando-o em um bloco de poder para quebrar o poder do bloco apartheid branco.

P — Em outubro último, o então primeiro-ministro Vorster proibiu a maioria das organizações de conscientização negras. O que aconteceu com o movimento, desde então?

R — em 1973, seis meses após a formação da Convenção do Povo Negro, o governo decidiu ordenar o banimento daqueles que chamamos os oito "apóstolos" do movimento. Mas o movimento continuou. Em 74 prenderam 49 dirigentes, e nos mantiveram presos de oito meses a mais de um ano. Alguns foram condenados pelo tribunal, e estão cumprindo pena. Depois do levante

de 76, o governo tornou-se mais e mais repressivo. Prendiam todo mundo. Alguns de nós deixaram o país em 76. Mas o governo descobriu que o movimento ainda continuava ativo. Por isso, concluíram que a melhor decisão era decretar o seu fim. Mas nós tínhamos um plano. Na conferência de 72, decidimos implementar uma política de descentralização das direções. Grande parte das direções ainda se encontram no País, orientando o movimento.

Isto está frustrando os objetivos do governo sul-africano. Ele prendeu muita gente, mas debaixo de seu nariz a verdadeira direção está funcionando. Eles não conseguem apanhá-la, porque estamos vivendo este processo de descentralização de direções. Na realidade, o movimento, está se fortalecendo como nunca.

P — Que tipo de atividades o Movimento de Conscientização do Negro está organizando no exílio, agora que um grande número de pessoas, como você, deixou o país?

R — Na verdade, o MCN não quer se organizar no exílio, como uma entidade separada do resto das forças de libertação da África do Sul. A nossa esperança no exílio é poder juntar nossas mãos com as dos movimentos de libertação e buscar uma estratégia comum. Isto, obteríamos, através de discussões tanto com membros do Congresso Pan-Africano, como com os membros do Congresso Nacional Africano. Agora, buscamos ser representantes do movimento fora do país.

P — O que você pensa sobre a política do governo americano em relação à África do Sul?

R — Neste momento, os EUA, juntamente com a Grã Bretanha, Alemanha e outros países ocidentais, controlam economicamente a África do Sul. Eles não gostariam de perturbar o atual governo, porque ele é a custódia de seu poderio econômico na África. Não estamos impressionados com o governo americano, com Carter, e com as afirmações em defesa dos "direitos humanos". Isto é um choro vazio. Pessoas como Andrew Young são somente vendedores da política do imperialismo, agora numa pele negra, ao invés de uma pele branca.

P — A prática das companhias americanas diferem das companhias sul-africanas?

R — Não, absolutamente. Como diz o representante da General Motors: "Nós estamos aqui para obedecer os costumes e tradições do país". Eles concebem que, por tradição, o negro não pode ganhar o mesmo salário do branco e que, por tradição, um negro não pode supervisionar um branco.

P — Que obstáculos existem para a organização dos sindicatos negros?

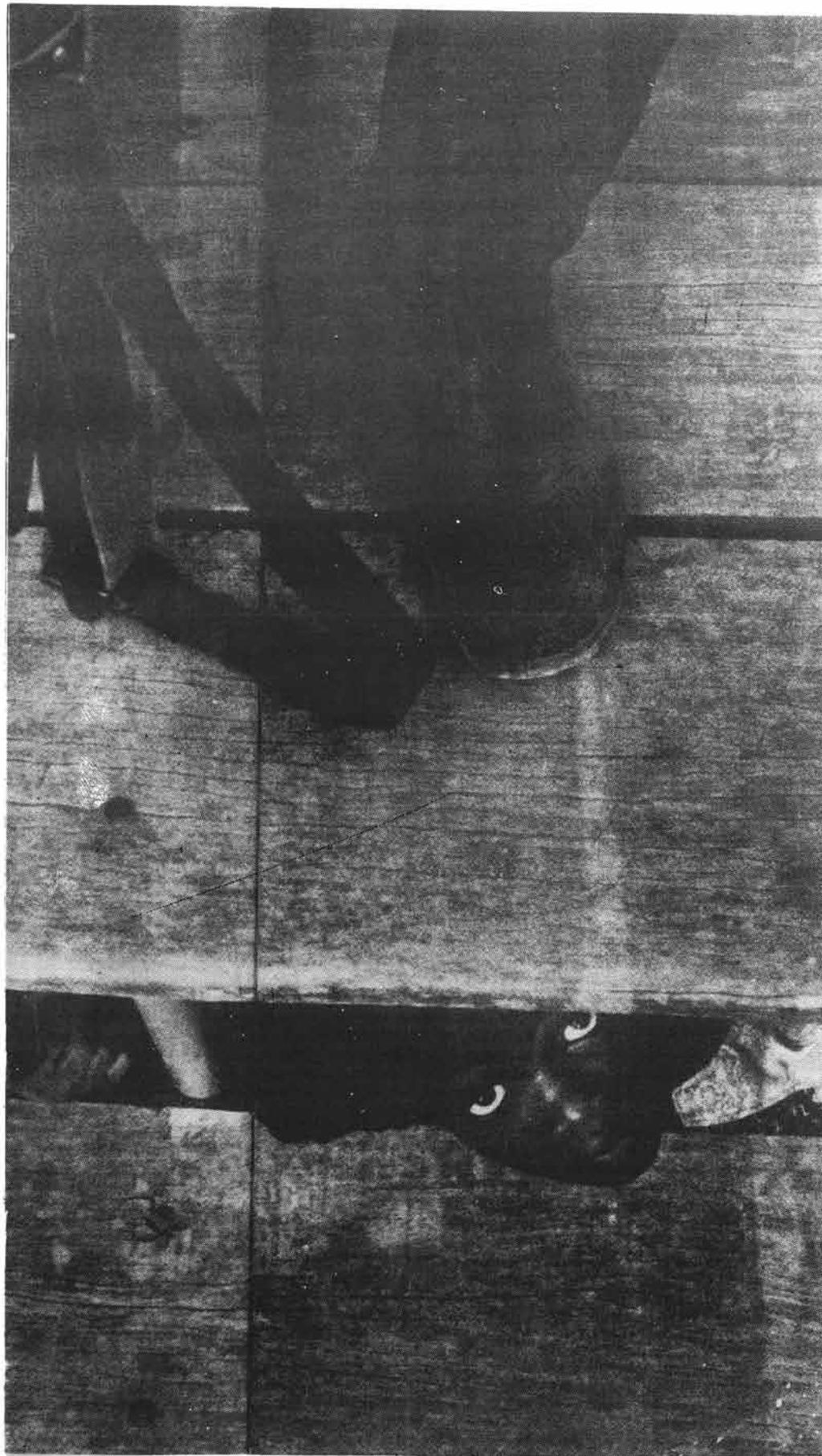
R — Um dos grandes obstáculos é a perseguição política. Os sindicatos negros que foram criados por negros e sustentados por eles, têm sobre si a mão de ferro do governo. A polícia saqueia seus escritórios, levam os arquivos, os nomes dos membros, e depois começam a intimidar os sindicalizados. Algumas vezes, prendem funcionários e os interrogam. Também temos problemas financeiros. Nossos sindicatos precisam ser mantidos. Precisamos ser auto-suficientes. E esta é uma área onde ainda estamos encontrando dificuldades. A lei da África do Sul diz que nenhum branco ou empregador pode descontar taxas para um sindicato negro. Fica então difícil que os trabalhadores paguem suas dívidas do sindicato com o seu salário. Não há nenhum sistema efetivo para a coleta dos contribuintes.

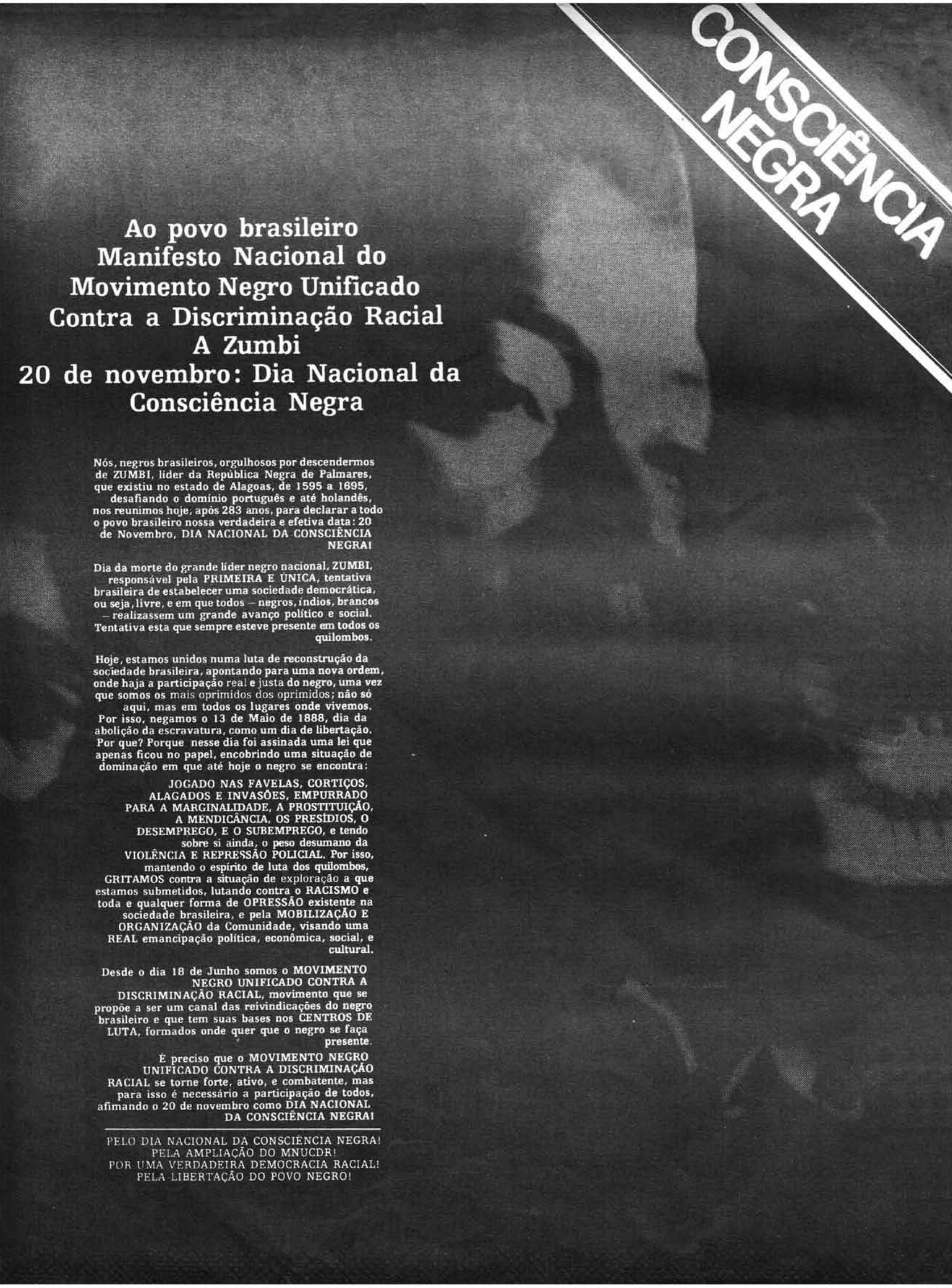
O número total dos trabalhadores negros sindicalizados na África do Sul é aproximadamente de oitocentos mil. É um quadro ainda bastante pequeno em comparação com os sete milhões de trabalhadores negros que temos como força de trabalho.

P — Que papel você pensa que a classe operária negra pode jogar na luta de libertação mais geral? Que relação você vê entre as lutas dos trabalhadores negros e a luta por um governo de maioria negra?

R — Quero ressaltar nesse momento, que seria um equívoco dizer que temos uma classe de trabalhadores negros e um tipo de classe negra que não é trabalhadora. Isto nos dá a impressão que temos classes diferentes na comunidade negra. Veja você o sistema de apartheid tomou os negros juntos, sem qualificar se eram trabalhadores, burocratas ou negociantes. Trouxeram-nos, todos para um mesmo campo, o campo dos negros. Não vemos os trabalhadores negros como uma entidade separada das demais maiorias negras do País. Na luta de libertação eles se fundem num só bloco. Nesse momento, não vejo classes distintas de trabalhadores negros. Mas os trabalhadores são a força maior, na qual confiamos. Isso explica o porquê de estarmos fazendo o melhor que podemos para conseguir organizar os trabalhadores negros.

liberdade





**CONSCIÊNCIA
NEGRA**

**Ao povo brasileiro
Manifesto Nacional do
Movimento Negro Unificado
Contra a Discriminação Racial
A Zumbi
20 de novembro: Dia Nacional da
Consciência Negra**

Nós, negros brasileiros, orgulhosos por descendermos de ZUMBI, líder da República Negra de Palmares, que existiu no estado de Alagoas, de 1595 a 1695, desafiando o domínio português e até holandês, nos reunimos hoje, após 283 anos, para declarar a todo o povo brasileiro nossa verdadeira e efetiva data: 20 de Novembro, DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA!

Dia da morte do grande líder negro nacional, ZUMBI, responsável pela PRIMEIRA E ÚNICA, tentativa brasileira de estabelecer uma sociedade democrática, ou seja, livre, e em que todos – negros, índios, brancos – realizassem um grande avanço político e social. Tentativa esta que sempre esteve presente em todos os quilombos.

Hoje, estamos unidos numa luta de reconstrução da sociedade brasileira, apontando para uma nova ordem, onde haja a participação real e justa do negro, uma vez que somos os mais oprimidos dos oprimidos; não só aqui, mas em todos os lugares onde vivemos. Por isso, negamos o 13 de Maio de 1888, dia da abolição da escravatura, como um dia de libertação. Por que? Porque nesse dia foi assinada uma lei que apenas ficou no papel, encobrendo uma situação de dominação em que até hoje o negro se encontra:

JOGADO NAS FAVELAS, CORTIÇOS, ALAGADOS E INVASÕES, EMPURRADO PARA A MARGINALIDADE, A PROSTITUIÇÃO, A MENDICÂNCIA, OS PRESÍDIOS, O DESEMPREGO, E O SUBEMPREGO, e tendo sobre si ainda, o peso desumano da VIOLÊNCIA E REPRESSÃO POLICIAL. Por isso, mantendo o espírito de luta dos quilombos, GRITAMOS contra a situação de exploração a que estamos submetidos, lutando contra o RACISMO e toda e qualquer forma de OPRESSÃO existente na sociedade brasileira, e pela MOBILIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO da Comunidade, visando uma REAL emancipação política, econômica, social, e cultural.

Desde o dia 18 de Junho somos o MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL, movimento que se propõe a ser um canal das reivindicações do negro brasileiro e que tem suas bases nos CENTROS DE LUTA, formados onde quer que o negro se faça presente.

É preciso que o MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL se torne forte, ativo, e combatente, mas para isso é necessário a participação de todos, afirmando o 20 de novembro como DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA!

PELO DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA!
PELA AMPLIAÇÃO DO MNUCDR!
POR UMA VERDADEIRA DEMOCRACIA RACIAL!
PELA LIBERTAÇÃO DO POVO NEGRO!



carta aos irmãos da diáspora

afro
latino
américa



J. Scott Applewhite

Perguntei sobre o que pensava sobre o negro brasileiro a um cidadão afro-americano, me respondeu que o Brasil era o Paraíso dos negros e que se não fosse assim o negro estava calado, diante das possíveis discriminações que sofresse. Isto há três anos, quando ele fazia uma pesquisa, em São Paulo.

Ao terminar a pesquisa, ele voltou para sua terra achando, que paraíso, só mesmo o bíblico, e que mesmo assim, ali não existe lugar para negros. Constatou com os próprios olhos e pele, o racismo institucionalizado de que o negro é vítima: a discriminação, no trabalho, a discriminação dos meios de Comunicação de massa, a manipulação da ideologia do embranquecimento, a exploração sexual, social e racial da mulher negra. Voltou, acreditando que o paraíso é um inferno e que existe mais um país onde a luta antirracista deve ser implementada de forma cada vez mais forte. Mas deixou uma crítica: foi-se, dizendo que o negro brasileiro é muito acomodado.

O irmão amigo norte-americano não pode, infelizmente, conhecer o Brasil, tão bem quanto nós que aqui vivemos para poder compreender e perceber as limitações impostas aos brasileiros, principalmente os de origem africana. Limitações que começam no bairro em que devemos morar (os mais miseráveis) e vão até o tipo de estudo que devemos desenvolver. Não pode perceber que nossas mentes e nossas vidas estão submetidas ao mais violento controle racial e social. Hoje, porém, algumas coisas começam a mudar. É por isso que resolvi escrever esta carta falando dos velhos e dos novos caminhos do Afro-brasileiro.

por **Hamilton Bernardes Cardoso**

A diplomacia brasileira faz questão de afirmar que somos o maior país negro do mundo depois da Nigéria. Segundo ela **temos**, no Brasil, mais de 36 milhões de negros (33%) "misturados" na população, além de mestiços e mulatos. Na verdade, a população negra brasileira (pretos, mestiços, mulatos, morenos, todos negros com origem africana) ultrapassam os 90 milhões. A mulata e a feijoadada são o símbolo da democracia racial para a classe: símbolo da dominação e exploração das raças oprimidas.

Pouco tempo antes da abolição dos escravos iniciou-se, no Brasil, uma profunda discussão em torno do tipo de relação de trabalho aqui implantado. Era o debate que levaria a supressão da mão-de-obra escrava e a importação da mão-de-obra livre. Pra que esta transformação fosse possível, os proprietários brasileiros promoveram a imigração em massa, para o Brasil. Italianos, espanhóis, portugueses, todos que começavam a viver a grande crise do capitalismo europeu, a miséria das grandes cidades e do campo do velho mundo (?), vieram construir as suas fortunas no Brasil. Neste momento o negro foi afastado do centro da produção. Ficou então, vendendo quinquilharias nas ruas e nas feiras, trabalhando de carregador, camponês sem terras (que foram distribuídas aos imigrantes), empregadas domésticas, sub-operários fora das indústrias, prostituição, pequenos roubos. Enfim, o negro saiu da condição de escravo, trabalhador sem salário, para a condição de pária, trabalhador sem salário e principalmente sem trabalho.

Em todas as "revoluções" ocorridas nos momentos de crise da economia brasileira, o negro não foi levado em consideração. Nenhuma voz levantou-se no parlamento para exigir uma mudança nas relações raciais do Brasil. O próprio Partido Comunista que pregava uma mudança radical na sociedade brasileira foi incapaz de perceber a situação ímpar do negro, obrigado a resolvê-la por suas próprias mãos, dadas as contingências históricas.

O golpe de 64 e a burguesia que tomou o poder pretenderam transformar a economia brasileira: mais empregos, mais indústria, uma maior produção. Mas o binômio segurança e desenvolvimento atingiram o negro de forma mais violenta. O arrocho salarial, o medo, com a atuação descontrolada das forças policiais, a censura, e a falta de liberdade de organização golpearam a incipiente organização que surgia dentro da Comunidade Negra. A Vanguarda que atuava na Associação Cultural do Negro, ou foi dispersada ou cooptada para o sistema, a mesma que abrigara o Teatro Experimental dos Negros de São Paulo, que ouvira de sua própria boca, as poesias de Nicollas Guillén. Na periferia das grandes cidades, onde vivemos, a polícia fez o que quis. Lembro-me, no caminho de um baile, dos caminhões da polícia militar, que invadiam a Casa Verde prendendo, às vezes mais de cem jovens. Um país de população de maioria negra, sem consciência histórica, étnica e social, pode promover com segurança o desenvolvimento da sua classe dominante branca. O desenvolvimento da economia brasileira, a industrialização do Sul do país, deixou as grandes populações negras do norte (onde ela é

majoritária) vivendo a fome e a miséria. Daí, a ignorância, a desorganização e a exploração. O negro sofreu a ditadura militar mais que qualquer setor da sociedade brasileira, e nem teve condições de combatê-la. Tanto que num recente Congresso pela Anistia, os militantes do Movimento Negro Unificado depararam-se com uma irônica constatação: não existem presos negros que sejam qualificados pelo conjunto da sociedade como sendo "presos políticos" para reivindicar sua libertação. Isto não significa que o Movimento negro procure um "herói", que seja necessário prender negros por razões consideradas políticas, ou que não haja repressão política aos negros brasileiros. Significa que a opressão e exploração do negro brasileiro atinge um nível tal que ele se dilui no processo político, inexistente como força política organizada e expressiva, tanto nos setores de esquerda, como nos de direita. Os órgãos de repressão não precisam justificar-se a nenhum órgão internacional quando prendem, torturam e assassinam negros, geralmente acusados de ladrões. É um argumento perigoso nas mãos do Estado: pode a qualquer momento prender um negro. Sob torturas obrigá-lo a confessar um crime ou um assalto, e enfiá-lo em fétidas prisões comuns sem ter que justificar nada para ninguém. Aliás, este método de prisão, torturas, perseguição policial continua, vem sendo utilizado para destruir a mente do negro brasileiro. Torná-lo "um acomodado", como dizia o irmão amigo afro-americano.

Conhecer a história e revigorá-la

No dia 4 de novembro deste ano, o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR) realizou sua IIª Assembleia Nacional. E entre as denúncias das condições de vida do negro brasileiro e a convocação da população negra para que se organize ao seu redor, o Movimento Negro Unificado reivindica o dia 20 de Novembro como o verdadeiro dia da população Negra do Brasil: o DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA. Esta Assembleia foi reprimida pelos órgãos de Segurança do Brasil. Eles alegaram que reuniões de negros atentam contra a Lei Afonso Arinos. Um dos representantes da Coordenação Nacional reagiu, declarando: "esta lei deveria garantir aos negros o direito de se organizarem na luta contra o racismo e não ser usada contra nós, quando tentamos fazer o que a sociedade brasileira nunca fez por nós. Não devemos nos iludir com as leis feitas para proteger a democracia racial brasileira, pois esta democracia e suas leis não passam de ilusão..."

(Isto me faz lembrar duas coisas que John Vosters, ex-primeiro ministro da África do Sul, dizia certa vez: que seu país caminharia para uma democracia racial como no Brasil; e que em 25 de Janeiro de 1832 uma "autoridade" da cidade de Campinas advertia um senhor de escravos a não andar com eles juntos por ser proibido que andassem mais de cinco pretos juntos).

O Movimento Negro Unificado distribuiu mais de 20.000 cartas abertas à população lembrando o dia Nacional da Consciência Negra em cinco esta-

dos do país. Ao mesmo tempo, em 25 de novembro, realizava-se em Araraquara o Festival Comunitário Negro Zumbi, onde a maioria dos grupos culturais negros participaram.

A importância de Zumbi na história do Brasil, de forma especial, do negro brasileiro, iniciou-se há 350 anos, quando um grupo de angolanos refugiou-se na serra da barriga em Pernambuco. Ali, entre mata cerrada, montanhas, os trinta mil negros, que Palmares reuniu durante os 90 anos de sua existência sobreviviam e lutavam. A participação histórica de Zumbi, começaria ser conhecida quando ele se negou, ao contrário de Ganga Zumba o principal dirigente do quilombo, a fazer acordo com os portugueses. Enquanto houvessem escravos, ele não se negaria a lutar. Desta divisão surgiu a guerra civil que enfraqueceu Palmares, que atacado por Domingos Jorge Velho (herói branco nacional do Brasil) e mais sete mil soldados foi destruído. Mas Zumbi só morreria dois anos depois, em 1695, no dia 20 de novembro, junto com vinte companheiros, traídos por um ex-escravo e exquilombola, agora aprisionado pelas forças da repressão. Mas Zumbi ainda mataria soldados imperiais.

Zumbi nasceu livre e talvez esta característica tenha sido a principal responsável por sua consequência na luta. Ele, com todos os quilombolas foram esquecidos, como todas as experiências de luta do negro, da história do Brasil. Hoje, os negros reivindicam o seu direito de conhecer a própria história e esta luta é uma das molas propulsoras de uma nova história que está por ser feita. E a experiência dos antigos, para o surgimento de uma nova sociedade.

Zumbi: Traço de uma luta de 400 anos

É uma longa luta a que o negro brasileiro vem travando. A reivindicação de Zumbi como herói é apenas um traço. Na verdade o negro da década de 30 já criava o primeiro partido político racial do Brasil. Era a Frente Negra Brasileira, que atuou durante seis anos até ser fechada, juntamente com o Partido Comunista e o Partido Integralista, por Getúlio Vargas, no Estado Novo. A Frente Negra não deixou raízes mais profundas na sociedade brasileira, além de um pequeno grupo de pessoas à frente de algumas entidades negras. Isto porque forjou-se ideologicamente à sombra do Nazismo; violento nas reivindicações raciais, mas sem conteúdo social mais abrangente, que atingisse os setores mais oprimidos da população, principalmente negra. A Frente Negra reivindicava para o negro Brasileiro o que fazia Hitler na Alemanha para os Anglo Saxões.

Mas é daí, que vão surgir os quadros para o Movimento Negro de hoje. Depois da Frente, ficou toda uma trajetória de grupos negros culturais e ideológicos, iguais aqueles que participaram do Feconezu. Veio o Teatro Experimental do Negro, Associação Cultural do Negro, a Casa da Cultura Afrobrasileira, o Centro de Cultura e Arte Negra, é daí que os vários grupos culturais existentes hoje se articularam em São Paulo, e em outros estados.

DURA ANGOLA LIVRE



Omar de Barros Filho

Agostinho Neto, Nito Alves, Revolta Ativa, os cubanos de Castro, os burocratas de Brezjnev, os mercenários da Cia, Holden Roberto, Jonas Savimbi: personagens da epopéia angolana, da luta das massas africanas pela sua emancipação. No entanto, alguns destes atores ainda não se explicaram bem, quer dizer, que papel, realmente, exercem no processo angolano? Por exemplo: de onde vem as idéias de Neto? Por que em Angola existe apenas um partido? Como chegou ele a deter a hegemonia política no processo de construção do Estado angolano independente? Onde está a oposição? Quem é a oposição? As revoluções nacionalistas africanas são uma etapa revolucionária em si? Para chegar ao socialismo, os países atrasados têm, obrigatoriamente, que buscar primeiro o

desenvolvimento capitalista?

De qualquer forma, é preciso questionar os rumos da revolução, ser radical (no sentido clássico de "ir às raízes"), e perguntar, perguntar... Hoje, a perspectiva que se abre às massas africanas é de intensa participação política. Hoje, os povos negros da África vencem as fronteiras artificiais criadas pelo colonialismo, e aos outros povos reafirmam seu destino de independência. Foi nesta perspectiva de investigação que entrevistamos Antônio Seabra, sociólogo e político português, que conheceu Angola, e viveu também como protagonista aquele momento culminante da história de todos os movimentos políticos, empenhados na libertação das massas a que representam: a expulsão e derrota do opressor.

P: Os últimos acontecimentos políticos em Angola, os expurgos no MPLA, os acordos com o Zaire, a presença de tropas cubanas no país, tudo isso nos leva a refletir sobre o caráter do Estado angolano e da revolução naquele país. Como você entende esse processo? como você encara o MPLA?

R — Em primeiro lugar, é preciso entender qual a teoria que norteou a própria formação do MPLA. Veja que tanto Agostinho Neto, como Samora Machel, Pedro Pires, têm um idealizador político que é Amílcar Cabral. Neste sentido, a formação destes movimentos, particularmente do MPLA, se dá nos marcos da teoria da revolução por etapas. Isto significa que a situação econômica de um estado atrasado, com características tribais, como ocorre em quase toda a África, leva estes líderes a formularem a sua concepção sobre transformação e independência, tendo como marco a passagem obrigatória por um estágio de desenvolvimento capitalista. Segundo esta teoria, é necessário desenvolver as forças produtivas sob bases de um modo de produção capitalista, e mesmo a própria formação de um proletariado, elemento que inexistia, praticamente, nestes estados africanos.

Devido a essa formação, esses movimentos não incorporam, na sua totalidade, o conceito de que hoje há uma internacionalização da economia, onde os estados atrasados, como os africanos, podem romper o marco do modo de produção capitalista sem, necessariamente, cumprir todo o estágio da revolução democrático-burguesa. A questão da reforma agrária, da independência nacional, e da democracia, só podem ser asseguradas, exatamente, se houver um avanço na execução e no rompimento com a estrutura da economia capitalista. E o aprofundamento da revolução socialista.

Agostinho Neto, líder do MPLA, foi formado também com esta concepção, em Portugal. Justamente, porque as teorias que serviram de subsídio a estes movimentos nacionalistas, têm no seu bojo as concepções em voga nos partidos comunistas europeus. Assim, é possível entender qual o caráter da independência nacional de Angola, e quais as concepções que deram origem à constituição angolana e ao próprio MPLA.

P: Se é assim, o que nos autoriza a pensar que estamos diante de um estado revolucionário? Se é assim por que o imperialismo ameaça constantemente as conquistas do povo angolano, financiando movimentos armados dentro de Angola?

R — O problema é sempre responder a uma pergunta central: a quem favoreceu a independência nacional de Angola? As massas populares de Angola ou ao imperialismo? Não há dúvidas de que a revolução nacionalista angolana representa um golpe violento na política colonialista portuguesa, em dois sentidos. Primeiro, porque rompe a hegemonia da política imperialista em todo o continente africano, e permite o desencadear simultâneo de todos os processos nacionalistas em estados vizinhos, e também no sul da África. Bem como há um dialético rompimento no processo político interno português. A guerra colonial foi um dos detonadores do que conhecemos como a revolução dos cravos, em Portugal.

Em segundo lugar, representou uma melhora nas condições de vida de todo o povo angolano, permitindo inclusive a libertação das forças produtivas, paralisadas pelo colonialismo reacionário português. Além de que há possibilidade da retomada do processo cultural do povo de Angola, de um olhar para dentro. Enfim, abre-se toda uma perspectiva de que sejam as massas populares que determinem e decidam sobre sua própria vida.

P: Mas, em Angola, existe somente o MPLA-PT, liderado por Agostinho Neto. O que se pergunta é como pode ser possível as massas conquistarem seu destino, sob o regime de um partido único?

R — Todo o processo de libertação nacional que tenham como pressuposto alguns equívocos teóricos, vai esbarrar com as contradições que o processo de emancipação coloca. Seria muito simplista, ao verificarmos, toda a importância em termos essenciais do caráter da revolução, não apontarmos os riscos e os perigos para a continuidade e aprofundamento desta revolução nacionalista. Coloquei isso porque a sua pergunta deve ser situada neste contexto.

A constituição de Angola está baseada numa estrutura soviética de poder: os comitês populares de bairros, as milícias populares. Toda esta estrutura orgânica foi construída pelas massas na luta contra o colonialismo português, e ela tem na sua origem uma riqueza que transcende a formulação burocrática da constituição angolana. E, exatamente, porque o aprofundamento ou não da revolução nacionalista passa, necessariamente, pela participação direta das bases. E isto é o que não acontece em Angola, ou acontece apenas em parte.

Explico: a eleição das direções destes comitês populares de bairro é feita diretamente pelo povo. Porém, a eleição das direções dos comitês populares das comarcas é indireta, e não há eleição para a direção dos comitês popula-

res estaduais, que são indicados diretamente pelo partido único. Não sei se me entende, mas ao não acontecer uma participação direta das bases, as decisões políticas de fundo, passam somente pelos quadros de direção. O estado é o partido. O partido é o estado.

E poderia dizer mais: a própria estrutura do partido é altamente centralizada. Assim compreenderemos as diversas lutas fracionais dentro do MPLA, e até mesmo as lutas políticas contra os outros grupos, que dominam outras regiões, como UNITA e FNLA. É claro, sem confundirmos o caráter pró-imperialista destes dois movimentos.

P: Então pelo o que você acaba de dizer a revolução de Angola se debate, internamente, em duas questões extremamente graves: a questão da passagem da etapa democrático-popular para a socialista, e a questão do partido único, de sua organização, de sua ideologia, e de sua relação com o Estado e com as massas. É neste quadro que encontramos as lutas fracionais. Como você explica o movimento Revolta Ativa e Nito Alves, dissidentes em relação à direção atual do MPLA-PT?

R — Devemos verificar que o MPLA iniciou transformações profundas na estrutura econômica de Angola. O que não fez foi avançar ainda mais nesse corte. Houve a nacionalização das empresas portuguesas, dos bancos, e mesmo de parte da Gulf Oil e de outras companhias que exploravam as riquezas angolanas. A reforma agrária é uma vitória significativa porque estatizou e formou cooperativas agrárias, chegando mesmo a descartar a divisão da terra em pequenas propriedades. Isso é um avanço em termos de forças produtivas materiais, e um avanço na própria formação de consciência do povo angolano.

Agora veja que aponte exatamente para a necessidade de aprofundar este processo, isto é, de aumentar o controle sobre parte das empresas estrangeiras que permanecem em Angola. Só assim será possível assegurar a passagem de Angola de um estado nacionalista democrático-popular para um estado operário socialista.

Tudo este processo de grandes transformações foi conduzido pelos quadros médios do MPLA, quadros, estes, formados em Lisboa, e que passaram a ocupar cargos importantes na estrutura produtiva angolana. Você percebe que isto cria a possibilidade de se formar, exatamente a partir destes quadros, uma burguesia nacional africana? E desta maneira, dificultar a própria continuidade da revolução? Não estou afirmando que este processo já está estruturado. Somente disse isto para remeter à pergunta que você me fez sobre as diversas frações dentro do MPLA. Os dissidentes da Revolta Ativa, que foram duramente reprimidos, significaram uma tentativa de apontar novos caminhos, ou uma tática diferenciada de construção do estado angolano independente. Era um movimento sem concepções teóricas claras, movido, fundamentalmente, pelas pressões que seus membros sofriam das massas populares.

Eles propunham a continuidade do processo, a expulsão do imperialismo, uma maior participação das massas, o que ficava evidente na sua proposta política. Propunham também uma nova constituição para Angola, procurando amenizar o centralismo asoberbado pela estrutura do partido único monolítico, dirigido por Neto.

O eixo principal de suas reivindicações eram as liberdades democráticas, sem eliminar, evidentemente, o caráter soviético da participação dos comitês populares. E, justamente por isso, foram acusados de uma fração pequeno burguesa pró-ocidental, e massacrada.

Isto se dá com a unidade de todos os grupos e tendências dentro do MPLA em torno de Neto, inclusive com a fração de Nito Alves. Todos contra a Revolta Ativa. Mais tarde, o próprio Nito Alves, liderança militar do MPLA, acabaria tentando, também, quebrar a hegemonia da fração de Neto. Não teve melhor sorte. Nito Alves, embora ainda hoje tenha expressão, na luta contra a fração de Neto, não baseou a sua tentativa de alterar os caminhos da revolução angolana na força direta do movimento de massas. Ele tentou um golpe super-estrutural, medindo forças em termos militares. Não contou assim com apoio popular, que não o entendeu, e também, porque as forças militares cubanas intervieram ao lado de Neto... para assegurar a continuidade de nos marcos democráticos-populares.

P: Os últimos acontecimentos têm a mesma raiz?

R — Tudo indica que a luta fracional no seio do MPLA não terminou. As últimas mudanças no governo angolano expressam isto. E, embora não tenhamos todas as informações sobre os acontecimentos, parece que, a luz do que já dissemos, que este é mais um golpe para reforçar os poderes presidencialistas de Neto, da constituição centralizada do estado angolano, e a estrutura monolítica do MPLA-PT. E assim permitir a estabilidade dos que hoje estão no poder.

as raízes de Tereza Santos



Pouco antes de iniciar-se o ato público contra o racismo de sete de julho, alguém me falou que Tereza Santos voltara ao Brasil. Assuste-me com a notícia: Ela está por aqui?

Conheci-a, quando em meio a palavras, preleções sobre o racismo, a dominação sexual, ensinava-me a fazer teatro. Falar poesias como "Monangabá", "Sou Negro", ou a cantar músicas africanas. Eu sempre desafiava a peça *E Agora Falamos Nós* foi "como uma descarga elétrica em minha mente, a primeira vez que a questão racial me tocou a fundo", escreve nosso repórter Astrogildo Esteves. Ele a conheceu durante as apresentações no Museu de Arte de São Paulo, quando estudante e as discussões sobre o racismo terminavam em alcançar as Universidades ou aflorar-se dentro delas.

Tereza Santos, faz quatro anos, estava na África. Antes (bem antes) fora uma menina do morro. Que desafiava Exú, a colocar a mão em panelas ferventes, que desfilava na Mangueira, ou passava noites conversando com Candeias (ele era vivo e desconhecido). Foi cantora, atriz, declamou poesias para a Comunidade Negra. Era dançarina, militante política, chefe de ala da escola de samba Mocidade Ale-

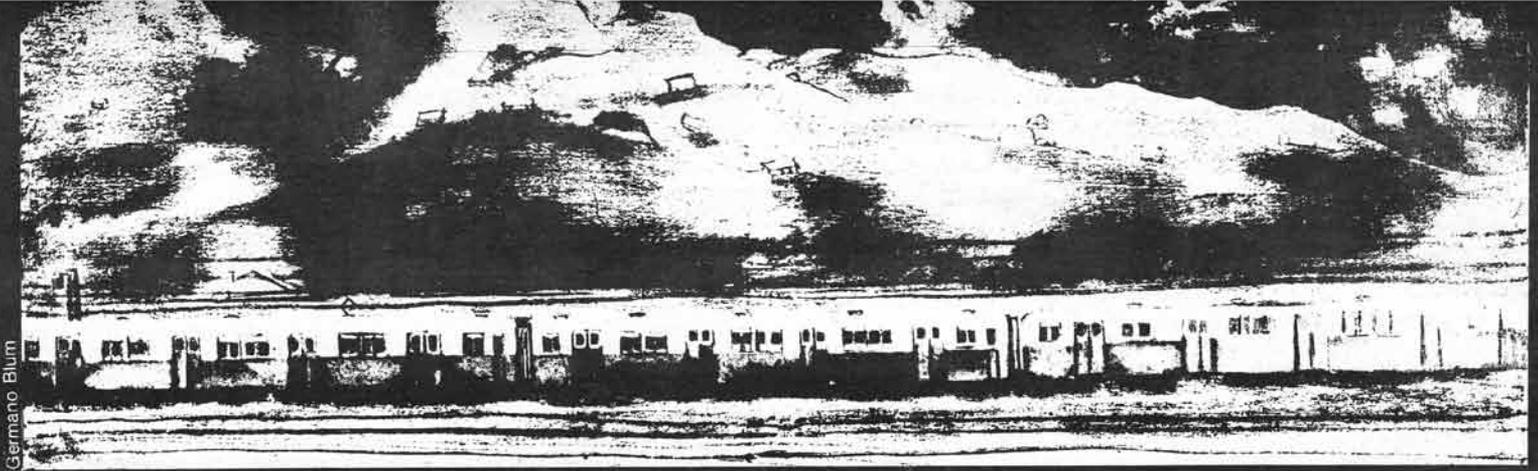
gre. Pouco depois que desapareceu da quadra da escola de samba, meu pai me dizia que deveria ter saído do país. Ouvira comentários que estava sendo perseguida pela polícia.

Quase um ano depois de seu desaparecimento, recebi notícias que andava pela África, na Guiné-Bissau. Ela viveu na Guiné, e Angola durante o seu tempo africano. Voltara às origens e trabalhava na revolução africana, aliás, quando não participou da revolução africana?

Mas quem é Tereza Santos hoje? Quem a conhece?

A África está mudando. Está se libertando, e Tereza participou deste processo de transformações. A maioria dos negros da Diáspora sonham com a mãe África. Prova disto é a quantidade de jovens negros que leram o livro "Raízes" (Roots) e é esta experiência de "volta às raízes", vivida por esta militante do povo negro que precisa ser contada. Nosso repórter Astrogildo Esteves e Tereza Santos conversaram mais de dez horas, na mesa. Publicaremos estas conversas numa série de entrevistas em nossos próximos números. Aguardem.

Hamilton Bernardes Cardoso.



Germano Blum



Germano Blum



Germano Blum

luta, história e festa

Hamilton Bernardes Cardoso

Mais de sessenta negros. Beiços largos, beiços finos. Alegres, cheios de tranças, atabaques, tamborins, pandeiros, violões. Roupas blacks e roupas tradicionais; falando alto, dando gargalhadas dentro do vagão de um trem com destino a cidade de Araraquara. É madrugada de 25 de novembro de 1978 e vão participar do Festival Comunitário Negro

Zumbí: o 1º FECONEZU.

Cachaça e viola fazem fundo às ironias ao "poder branco". Trejeitos de quem dança discoteque: "os cocotas são uns alienados..."

É madrugada.

Algazarra, música, barulho perdem-se no espaço junto com os lamentos do trem que desliza sobre os

trilhos. Estivesse presente o velho poeta, morto na miséria, exigiria momentos de silêncio. Apenas o trem não calaria:

**Tem gente com fome
Tem gente com fome
Tem gente com fome....**

E quando se aproximasse da estação, Solano Trindade exigiria mais alguns minutos:

**Se tem gente com fome, dá de comer
Se tem gente com fome, dá de comer
Se tem gente com fome, dá de comer....**

E o trem calaria.

Gigantão. Assim é conhecido o estádio da Ferroviária, na cidade de Araraquara. Oito horas, seus associados, quase todos brancos começam chegar às piscinas. Os visitantes, na maioria negros, acomodaram-se desde as quatro horas nas arquibancadas do ginásio de esportes. Falta cama para todos, não há perspectivas de almoço. Oito horas, estão todos procurando uma forma de resolver os problemas com a alimentação. **Vaquinhas**, procura de bares populares, e as amizades que são travadas com moradores negros da cidade. Cunha, Cuti, Ismael, Inês, estão fazendo mini-reuniões, percorrendo casas da cidade, movimentando-se por todos os lugares, organizando a grande festa em homenagem a Zumbí.

Ele, Zumbí, é um símbolo de luta, uma longa luta que se iniciou quando o primeiro escravo foi desembarcado no Brasil e segue até os nossos dias.

Chega gente de todos os lugares: São Paulo, Santos, Ribeirão Preto, Orlândia, São Carlos, Barretos. São de alguma entidade ou grupo negro, na maioria filiados à FEABESP — Federação das Entidades Afrobrasileiras do Estado de São Paulo.

Os times que jogaram nas quadras de futebol de salão, dos fundos do estádio, foram formados às pressas. Jogaram vôlei, basquete e futebol. Ninguém anotou os nomes vencedores.

(A história do Brasil é cheia de nomes de vencedores. Os vencidos estão sufocados na história. As crianças, negras e brancas, sempre decoram os nomes dos vencedores e contam para os pais alfabetos, que também escutam nos rádios ou na boca do doutor. Talvez por isso que existe muita gente chamada Isabel, Pedro, João, Maria, Domingos, Jorge. Não conheço ninguém chamado Zumbí)...

O espetáculo inicia às 14 horas. Mais de duzentas pessoas da cidade sentadas na platéia. Alguns negros, vão contar, no palco improvisado, histórias dos vencidos. Trechos delas, aqueles relativos às lutas do negro do Brasil.

Ismael, com Penha, Zenaide e mais dezessete pessoas, formam o Grupo Negro de Dança Experimental. São atores profissionais,

dançarinos, que se propuseram a formar um grupo de dança e teatro. Falam de si, de sua luta enquanto povo. Da fome que sentem enquanto seres humanos. Negros trabalhadores de teatro, que falam de sua realidade. Contam, dançando a história de uma mulher no meio do povo, seu filho e toda a sociedade. Falam de opressão, do cerceamento da liberdade, da vida e da morte. No meio da apresentação há um grito: **Sou negro!**

Não passam despercebidos os três jovens brancos fazendo percussão ao fundo. Sons de passarinhos, de vento, do mar, tocam candomblé, para os dançarinos. Toca-se e dança-se jazz.

(É estranho ver negro dançando balé e branco fazendo percussão).

O Grupo Negro Experimental de Dança transmite uma nova linguagem ao negro. A reflexão, novos símbolos, a técnica, a dignidade racial. É uma nova postura: não só a defesa, mas a recriação do que existe.

Durante toda a tarde os vários grupos se alternam no palco: — Valha-me Deus, ainda hei de encontrar alguma forma de ser.

Ogana e Toninho por mais de uma hora cantam Palmares, a natureza, o homem e a mulher negra, o trabalhador, a cultura, a luta pela sobrevivência... E a música a serviço do homem.

Oswaldo Camargo, Cuti, Cunha, Hugo são poetas. Nenhum povo sobrevive sem cultura e eles sabem disto. Ao lançar o CADERNOS NEGROS — poesia, chamam todos os presentes para falar, ler suas poesias. Eles contam histórias, com ritmo de poesia, protestam sorrindo e sorriem protestando. Abrem o peito para a luta.

**O saci tinha duas pernas
Uma dava passo africano.
Com os anos
a cultura fez a ruptura. Cuti)**

Luiz Cláudio, encanador, com vergonha de falar sua poesia não deixa de produzi-las. Carlinhos falou o seu poema:

**Sou trabalhador
Sou carregador.
Carrego a dor, trabalho a dor...**

Quem quis falou poesia. Quem não sabe falar poesia? Alguém, depois, comentou: fazer poesia é reconstruir o espírito, apesar do corpo acorrentado.

Foi com Eduardo de Oliveira

que Tereza Santos criou o Centro de Cultura e Arte Negra, em 1969. Escreveram a peça "E Agora Falamos Nós". Esta peça significou um reinício. Seu texto, com dois atos estava dividido em duas partes, para cada ato:

1º ato: "... **Durante três séculos mais de duzentos milhões de africanos foram mortos no tráfico de escravos...**"

2º ato: "... **Acender as velas é a profissão, quando não tem samba, tem desilusão...**"

Na primeira parte dos dois atos, falava da opressão, a escravidão, o tráfico de escravos, a vida no morro, as más condições de vida a perseguição policial.

Na segunda parte, a chamada à luta:

1º ato: **Durante três dias os negros lutaram. A pau e pedra, ferro quente e água fervente...**

2º ato: **"Olá negro, um novo dia está nascendo!**

Olá negro, um novo dia está nascendo!

Olá negro, um novo dia está nascendo!

Os grupos negros de teatro que têm surgido vêm seguindo o esquema de Agora Falamos Nós. Primeiro o choro, o lamento, ao falar da opressão, depois a violência, o desespero a revolta, ao tomar posição. Passados cinco anos de "E agora Falamos Nós", os grupos de teatro vêm se multiplicando. Alguns, como o Vissungo da Casa Verde em São Paulo, ou o GHANA de Araraquara, que começam a se estruturar, refletem aquele período. Outros como Carmiranga de Orlândia, Carapuça de São Carlos procuram um novo momento.

Vissungo e Ghana, reconstroem a história e denunciam o racismo. Carmiranga e Carapuça procuram os culpados. — Para quem o carapuça serviu: vial!", assim termina o texto.

Aquí, já não se trata, apenas de reconstruir a história, mas de procurar as bases para o futuro. Carmiranga mostra um cego que tenta explicar para si a sua situação. Fala dos males sociais, dos males raciais, do seu passado e futuro. O Grupo Quilombos fala do negro trabalhador, de sua história do seu trabalho. Fala da necessidade de lutar contra a adversidade, denuncia os traidores e glorifica os que lutam.

Na verdade, estes dois momentos refletem a realidade do movimento negro hoje. É a procura de um posicionamento. Diante da realidade brasileira, refletem a quase descoberta do negro homem, não apenas do negro raça.

Os vários grupos que se sucederam terminaram suas apresentações na hora zero. Coincidência? Não importa, era o momento de iniciar o baile.

O baile

Festival Comunitário Negro Zumbí, o primeiro.

Terminou com um baile. Baile de Soul. Mais de três mil negros que participaram, dançaram pela primeira vez **Homenagem a Martin Luther King**, juntos e com os punhos fechados e erguidos para o ar. "Sim, sou negro de cor".

Ficaram sabendo e conhecendo a história de Zumbí; que este negro não conseguiu conviver com a fome e a opressão. Todos cantaram em coro, a plenos pulmões ou no ouvido de sua conquista: "— Luta negra demais, é lutar pela paz, para sermos iguais..."

Cinco horas da manhã, todos abandonaram o Gigantão. Os casais estavam formados, as passagens de trem compradas, os ônibus de excursão com os motores esquentando. Abraços, beijos, cumprimentos black. — "Força, irmão! A luta..."

No trem, a algazarra. A caminho da estação, lembrei-me de Verinha. Verinha é uma negra com menos de um metro e meio de altura. Com lindos dentes brancos e um largo sorriso que só o negro pode dar com seus beiços avermelhados em contraste com a pele escura. Atriz de "E Agora Falamos Nós", em 1971, levantava-se no palco, ao final da peça e gritava com os pulmões cheios:

— **"Olá negro. Um novo dia está nascendo!**

— **Olá negro. Um novo dia está nascendo!"**

Zumbí fora cantado por quase toda a juventude de uma cidade, que já foi um amontoado de fazendas de café, cheia de escravos. O trem deslizava em direção ao sol:

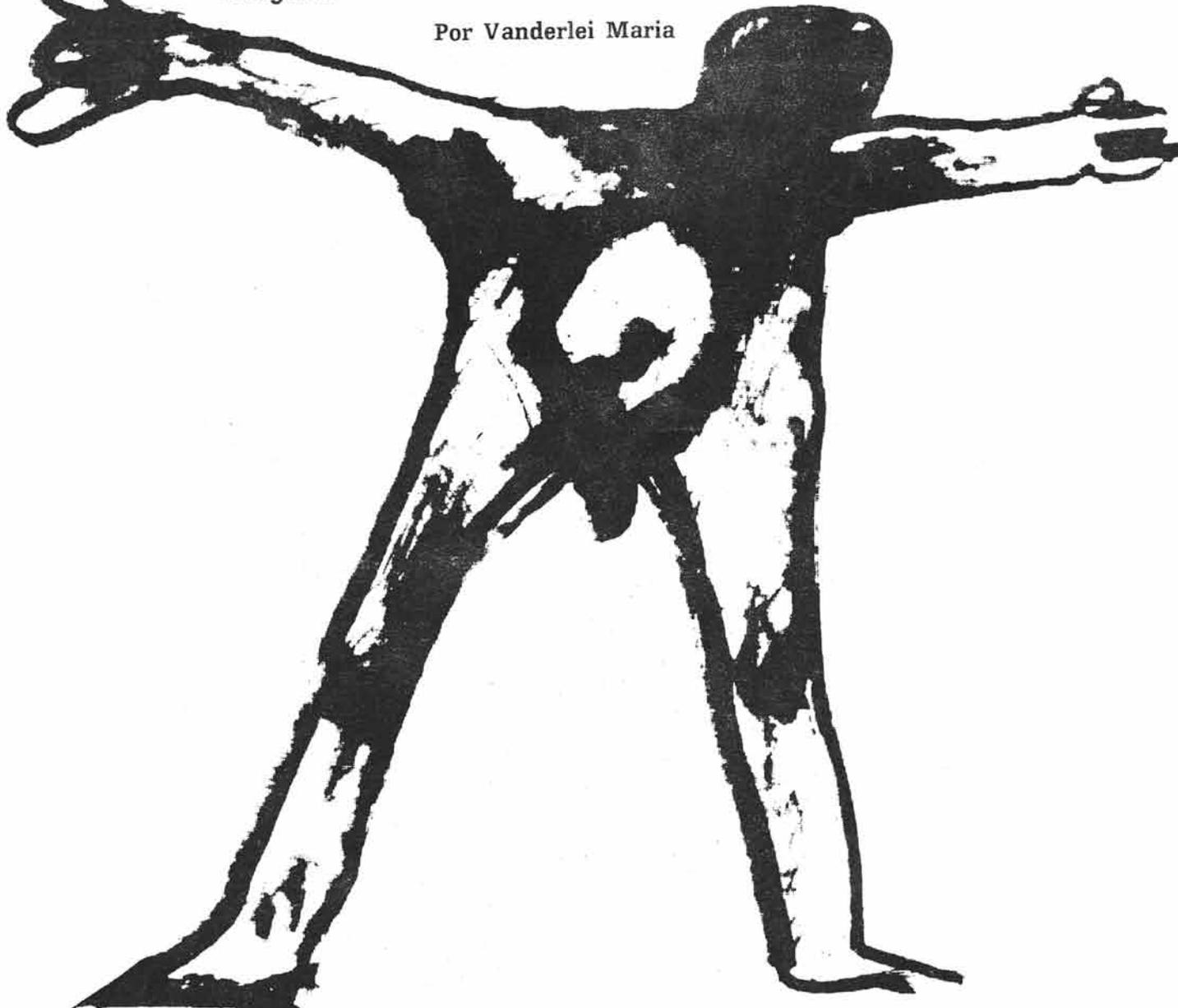
— **"Tem gente, com fome, Tem gente com fome..."**

— **"Se tem gente com fome, dá de comer, Se tem gente com fome, dá de comer..."**

HOLOCAUSTO

A violência é o único discurso conhecido pela ideologia da Segurança Nacional. Ela é uma das protetoras da segurança racial. Em Campinas, um grupo de policiais invade o Campus Universitário. No momento em que ele está ocupado por negros. A desculpa? A desculpa de sempre: procuramos um marginal. E prendem todos os negros. Qual negro não é marginal?

Por Vanderlei Maria



Campinas, dois de Dezembro, sábado, 2:30 hs. O samba comia quente, o papo solto, a cerveja gelada. Noite de verão, lua cheia contra o azul-escuro do céu. De repente, um policial militar quebra o clima do ambiente, dizendo que o barulho não permitia que os vizinhos dormissem.

Tudo bem: o samba pára e o papo continua.

O Bar da Lumumba, na Rua Barão de Itapura, fica nos porões do Centro Acadêmico de Ciências Humanas da Unicamp, ponto conhecido dos negros de Campinas, mesmo se situando num bairro burguês da cidade. Uma cidade orgulhosa de suas riquezas produzidas pela antigas fazendas de café, e seus escravos.

3:30 hs.: A casa é cercada pelas Tático Móveis 206, 207 e 208 e uma "baratinha". Os soldados da Polícia Militar chutam a porta e entram armados com revólveres, machucos, paus, dando tapas e cacetadas em quem vissem pela frente. Um deles apanhou um taco de bilhar numa das saletas do Bar e começou a agredir a torto e a direito.

Vinte e quatro pessoas são espancadas.

O guarda particular, um homem cansado que, de vez em quando, puxa uns cochilos para esquecer a monotonia do serviço, é violentamente ameaçado pelos policiais.

Vinte e quatro pessoas são enfiadas em dois camburões e levadas até a 1ª Delegacia de Campi-

nas, na Avenida Andrade Neves, onde a pancadaria continua.

Os negros são chamados de "marginais", "vagabundos", "raça suja", "prostitutas". Um policial mais exaltado grita: "Preto tem que entrar no pau".

No Bar só ficou Lumumba, talvez por já ser conhecido de um dos policiais, que não queria ver lu criando confusão para seu lado.

Mas Lumumba é um velho conhecedor dos sofrimentos dos negros. Mesmo de madrugada, foi atrás de amigos seus no DCE da Unicamp, Comissão de Justiça e Paz, Associação dos Docentes, Convergência Socialista, e outras entidades. Também procurou os jornais de Campinas, Diário Popular e Correio do Povo...

Na delegacia a revista e os insultos prosseguem. Os homens se despem diante de dois PMs.; as mulheres, uma a uma para o delegado e outro policial.

6:00 horas. Todo o pessoal é dispensado, sob as ameaças de "ficarem caladinhos para que a gente não tenha de armar um flagrante em vocês e trazer todo mundo de volta".

Os jornais de Campinas noticiam tudo e depois de alguns dias, a Polícia Civil abre inquérito para apurar as "responsabilidades da Polícia Militar" na invasão do campus universitário (o Centro Acadêmico e o Bar pertencem à Unicamp).

Terça-feira. 12 de Dezembro: Rosana, Carmem, Marcia e Clair recebem intimação para depor, pois a sindicância estava aberta. Na mesma terça, o delegado titular da Seccional Campinas, Carlos Noel de Mello, recebe os representantes do DCE, Associação dos Pós-Graduandos da Física, Centro Acadêmico da Faculdade Agrícola e Agronomia, Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial e algumas das vítimas.

O Delegado, Noel de Mello, muito hábil e educado recebeu a todos no seu bem decorado gabinete, afirmando, antes de qualquer pergunta, que tudo será "devidamente apurado no inquérito, e se a polícia errou irá pagar pelo erro, doa a quem doer". (Noel de Mello responde a todas as perguntas sem dizer efetivamente nada que assegurasse os direitos das vítimas).

À saída da delegacia estavam a "baratinha" e o Tático Móvel 206, que haviam participado da invasão do bar.

Os músculos dos policiais crispam-se ao verem os negros e as negras que tinham sido surrados e humilhados, lutando pelos seus direitos.

A sindicância está aberta e o processo, já se sabe, será longo.

Muitos músculos ficarão crispados ainda.

As lutas negras estão apenas começando. Apelas começando...



afro
latino
américa

MOVIMENTO NEGRO



por Hamilton Bernardes Cardoso

1

Foi em meio a violenta repressão policial e cultural ao negro, que surgiram as muitas organizações (entidades, associações e jornais negros) do princípio do século desenvolvendo-se, até o início do Estado Novo, quando foi fechada a Frente Negra Brasileira. Era um período de imigração em massa de europeus, onde a ideologia de embranquecimento estava (ainda não morreu) viva junto com o projeto de genocídio do negro e do índio brasileiro.

O processo de organização destas entidades foi lento, porém dinâmico. As escolas de samba, os jornais e entidades ideológicas surgiram ao mesmo tempo em busca de alternativas próprias, para as centenas de problemas que afetavam o negro de forma mais direta. O grupo Barra Funda (atual escola de samba Camisa Verde e Branco) surgiu em 1914, na cidade de São Paulo, junto com alguns jornais. A escola de samba Vai-Vai seria fundada um ano antes da Frente Negra Brasileira, em janeiro de 1930. Era a procura de lazer, de trabalho, de vida: uma perspectiva nova que a sociedade racista não poderia oferecer.

As escolas de samba organizavam muitos subempregados e o mínimo de assalariados; as associações culturais, assalariados e subempregados. E os núcleos políticos e jornais uma maioria de de assalariados. Se a escola de samba tinha profundo caráter social, reunindo também brancos assalariados, as entidades e grupos políticos, procuravam refletir a necessidade de maior solidariedade do negro para poder competir no mercado de trabalho. A ideologia do embranquecimento, gerava a luta pelo enegrecimento, o que não impediu o surgimento de grupos, aliando a luta racial e a social, de uma tendência socialista, na oposição da Frente Negra Brasileira apontando para uma luta social do negro contra a exploração econômica do homem, contra a hegemonia branca, no país. As lutas entre tendências eram violentas, no Partido do negro. Conta uma história, que o presidente patriarquivista, Veiga Filho, certa vez invadiu e destruiu parte da

Redação do Jornal «O Clarim da Alvorada», sob a direção do socialista José Correa Leite.

O ascenso do fascismo, na Europa e Brasil, foi quem fortaleceu a facção racista do partido negro, além da necessidade de «preservar a raça do arianismo», promover o renascimento negro e se opor da forma mais violenta possível ao racismo.

Estas lutas se ampliaram até o interior dos organismos de massas da população negra, não fosse o brusco fechamento dos Partidos Políticos, a repressão política violenta, a censura, a intervenção e controle dos organismos de massas pelo Estado. A Ditadura Vargas fez da Frente Negra uma experiência inacabada...

2

Segundo alguns velhos sambistas o carnaval sofreu um recesso, a partir de 39. Para alguns a ausência de verbas, outros dizem, nas verbas condicionadas à uma legislação alienígena ao samba, são as responsáveis pelo recesso. O certo, é que aí se inicia o processo de controle das escolas de samba pela burocracia estatal (Paulistur, Riotur, Bahia...), hoje totalmente dependentes. O final da Ditadura Vargas e a redemocratização, ao contrário do final da década de 30 que desmantelou o M.N., nada acrescenta a ele. Não tenho notícias de nenhum deputado Constituinte negro em 1946 (é preciso ver se a população negra vai ter representantes na próxima Assembléia Constituinte). A única notícia que nos chega é a do Teatro Experimental do Negro e algumas entidades que surgiram. O Teatro Experimental vai reunir artistas, intelectuais, trabalhadores negros e apresentar-se em teatros, entidades, sindicatos de classe, promovendo debates e criando as bases para o surgimento de uma nova vanguarda que iria estruturar a Associação Cultural do Negro.

3

São poucas as informações que temos sobre a Associação Cultural do

Negro. Não há estudo ou organização de dados para a sua análise. A sociedade brasileira em seu «processo civilizatório» impediu o negro de desenvolver a sua literatura oral e não deu condições para que assimilasse novos métodos para que conhecesse a sua história. Não conheço projeto de escolas ou cursos para negros. Temos alguns Centros de Estudos: Afro-Brasileiros, Asiáticos, Orientais e de estudo sobre o negro, sem a participação e não voltados para a população interessada. Localizados nas Grandes Universidades, frequentadas por brancos da classe média alta, estes centros são laboratórios dos empresários brasileiros, para invasão da África ou controle dos negros do Brasil. Mas há um setor pequeno da Comunidade que os frequenta.

A escassez de informação de nós mesmos, acredito, aumenta a importância da A.C.N.

Em São Paulo, no prédio Martinnelli, mobilizava grande número de negros além de estimular e organizar a publicação de debates e poesias negras, veiculando-as, na Comunidade. Mas também recebeu o duro golpe de outra Ditadura, perdendo-se no vácuo criado pelo regime militar: a de 64.

4

O negro estava sendo dilacerado pelo mundo e começava a receber injeções de ânimo dos irmãos da América e África. A década de 60 é o palco das principais lutas anti-coloniais: os pântanos negros e a campanha dos direitos civis, alimentavam o fogo do incêndio causado pelos Mau-Mau na sua luta pela liberdade do Congo. A África tornou-se fermento para libertação do mundo e mantinha acesa a chama da luta do negro brasileiro. Se 64 cortou pela raiz a imprensa negra que renascia e impediu o desenvolvimento do TEN e ACN, não destruiu os intelectuais e as lutas negras internacionais. O movimento africano e afro-americano fortaleciam as tendências progressistas, anti-racistas e independentes do M.N. brasileiro.

CIVILIZAÇÃO BRANCA : FORÇA BRUTA

Paulo de Tarso

Eu não desisto. A morte é o único caminho da tragédia. Sobreviveremos? A nódoa fabril invade nossas casas, arromba nossas portas, afronta nossas vidas. Um grito seco, petrificado nas gargantas rasgadas, clama para que respeiem a existência. Triste ventura. Mesmo assim insistimos, queremos o respeito que merecem os velhos deuses e seus altares. Somos resquícios firmes contra um polvo que cisma em nos esmagar. A cidade com todas as suas luzes, não nos quer rondando sua paz de arames e concretos. Seus martelos e britadeiras não ouvem o rufar de nossos tambores e pandeiros.

Nossas músicas são ásperas ao seu aroma de carvão e enxofre.

Mas, conserva vivo o seu santuário de mármore e lágrimas, decorando-o com quatorze grandes obras ao longo da praça ornada de chafarizes. Porém, afasta o partido alto, com seu grito franco para longe, espanca filhos negros esquecidos e expulsa filhos vermelhos de sua Terra-Mãe.

A luta é infinda.

Xavantes em pé de guerra contra a Cidade de Aco, contra a idolatria da Ordem a qualquer custo e do Progresso apesar de todo o sangue. Olhos de bronze e canetas de prata demarcam terras roubadas. Erôs homens do futuro condenam raças ancestrais.

Falsas emancipações, puras violências

Aco, Aco. A Cidade come a carne das velhas raças, devora suas heranças mais fecundas.

(Hoje morrem em mim milhões de negros e índios).

Maíra e os Orixás; sugam-lhe o mel da vida e os expõem nos quadros de algum museu de arte e folclore.

A nossa morte é vendida como shampoos e desodorantes. Genocídio. Meu corpo negro, nas suas escamas brilha a cor dos irmãos mortos. Do Pacífico ao Atlântico, uma civilização impiedosa se construiu, sob o cheiro fétido de uma era que invade campos e rios de tantos outros povos. Do meio da neblina bóia nossas essências perdidas: índios e negros peregrinando nesta civilização ocidental & acidental.

Abrimos todos nossos dentes ao vento. Gritamos. Queremos impedir o dilúvio etnocida. Gritamos contra o crime rangeliano. Nascido nas salas fechadas de um distante Planalto.

A idolatria dos anjos barrocos, que trafegam em seus monstros mecânicos, não lhes deixam tempo de, apesar da transparência sofrida de nossos corpos, se aperceberem da amargura que embala nossas noites em todos os nossos dias.

Nossa dor, o sacrifício a que estamos expostos, e para perpetuar-lhes os embalos de tantas noites e muitos sábados.

Negros e índios velejam num mesmo rio, lutando para que haja manhãs para seus filhos e que seus ossos não sejam fragmentados ou sob a lei hipó-

crita, ou sob o cacete que agride um corpo de sal e minérios finos, que se precipitou numa queda inconsciente: Vai-Vai...

Os homens do futuro em suas armaduras douradas não conhecem estrelas, mas pisam nos tapetes macios dos arco-íris. Do alto, no centro do poder, apontam para nós e com um único gesto, nos condenam.

Seria algum complexo de ter estampado em suas bandeiras, cintilando o verde, o ouro, o céu? Prefeririam as cores da civilização que elas criaram, como o cinzento-dor, vermelho-voacidade, o branco esqueleto-desidratado? Se envergonham de nós. Mas somos velhos finoneiros. Atravessamos o Atlântico, o Xingu. Agora estamos juntos. Juntos como em Palmares. Que se envergonhem! Que mandem algum sacerdote soturno, com todos os seus rituais, filho dileto da Cidade de ciclones, tal como foi Domingos Jorge Velho, para nos destruir.

Todos eles são iguais, com seus crânios metamorfoseado pelo tempo.

São como Júpiter, que os gregos cultivam; possuem duas faces, mas são criaturas em sua mórbida presença e na vacuidade de seus olhos.

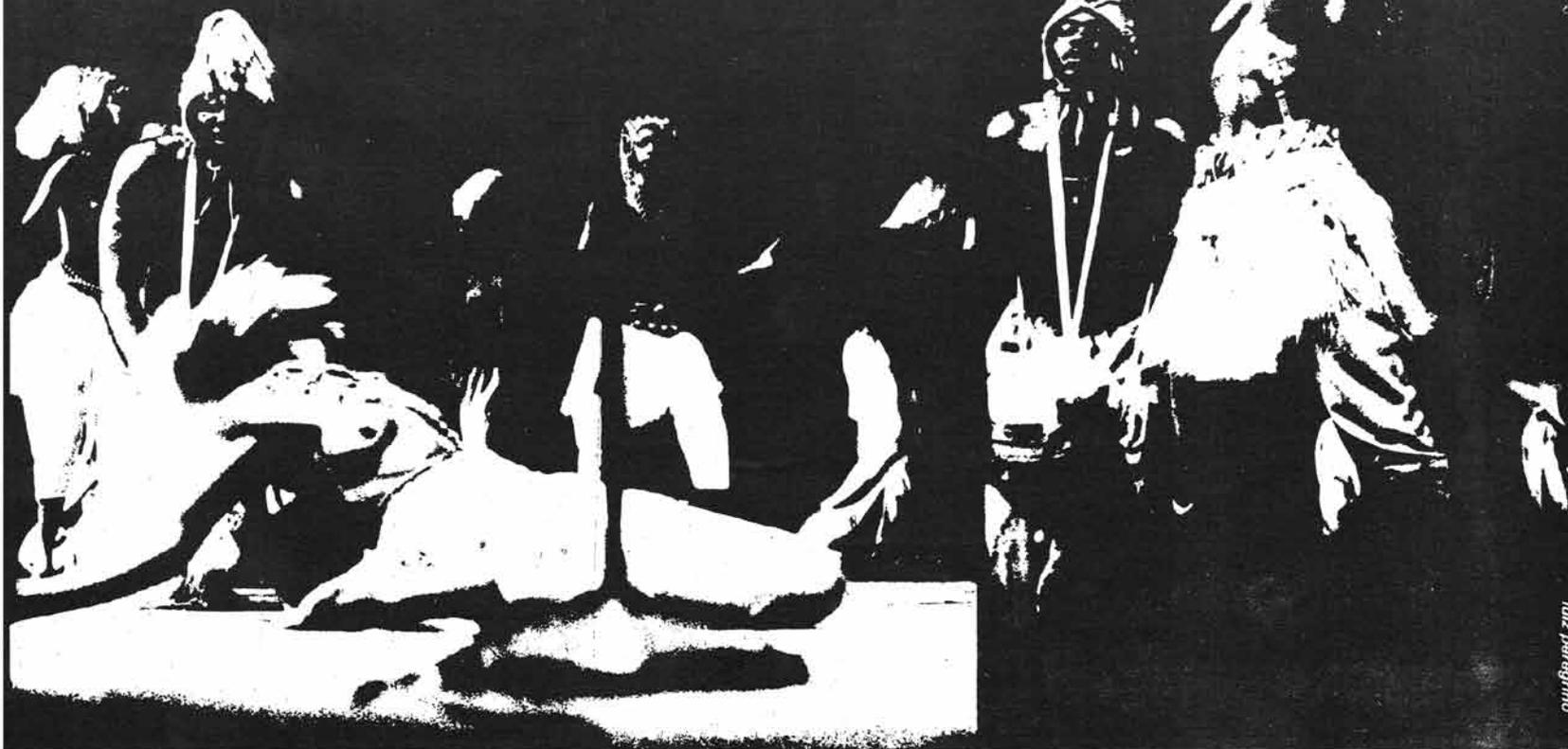
Esta insaciável vontade, esta paixão desenfreada pelo crime coletivo, não ficará impune. O crime de lesa-humanidade será anunciado a todos os quadrantes.

Impediremos o dilúvio que paira sobre nossas cabeças.

O crime etnocida está diante de nossos olhos. Deliberação algida para a lucidez de nossas raças.

Juruna, juntos lutaremos. Juntos para sobrevivermos, amigo, contra os fascinosas e fascistas. Contra o calice erguido neste sombrio cerimonial. Juruna: a força bruta.

O que desejamos é Vida. Liberdade. E é a Liberdade que desafia o nosso peito a própria morte.





Dizia o sambista Geraldo Filme: «Vai-Vai é povo está nas ruas...» Antonio Ferraz o Levino, rei do apito e um dos fundadores da escola de samba, conta ao nosso repórter Hamilton Cardoso, parte da história do Vai-Vai. E fala de si:

O DEUS DO DINHEIRO... CONTRA O SAMBA DO ASFALTO

(Todo homem é produtivo, basta que se dê as condições. Se elas não são dadas, cedo ou tarde ele as conquista).

«... A maioria era serventa de pedreiro ou pedreiro. Eu era o único contínuo. As festas do bairro eram a nossa única diversão, onde a gente levava as pastoras e depois trazia de volta para casa. Eu, José Ribeiro, David, Francisco Penteado, Genésio, Fumaça, Guaíba e outros, nunca precisamos ser convidados para ir num baile. A gente ia. Por isto colocaram na gente o apelido de Vai-Vai. Mas não tinha muito como se divertir, não tinha nem o Cordão da Bela Vista. Por isto resolvemos fazer um conjunto e fizemos. Depois fundamos o time de futebol, depois o cordão, que virou escola de samba...»

(Um trabalhador, apenas, talvez não consiga criar muitas coisas, mas muitos trabalhadores são capazes de transformar a sociedade. Isto, porque a luta popular é, antes de mais nada, um ato de solidariedade humana)

«... Todo mundo trazia um destão e então a gente ajuntava tudo e fazia festa na rua (á rua... o povo sempre foi dono da rua, um prisioneiro quando sonha com a sua liberdade, diz: um dia ainda vou para a rua...) até de madrugada. Começava, às vezes as duas da tarde e ia pela noite afora. Não tinha hora para começar nem para acabar. A gente tinha um livro de ouro, que era passado

pelo bairro e todo mundo colaborava, negros, brancos, italianos... Na escola, entrava quem queria era só fazer a fantasia»

(O trabalhador não é corrupto...)

«No meu tempo não tinha ônibus. A gente ia a pé para a cidade, na hora do desfile (antes do carnaval), primeiro visitava todos os lugares do Bexiga, ia rua por rua, e então desfilava para todo mundo, para o povo saber onde estava o dinheiro que ele tinha dado. O povo tem o direito de saber onde está o dinheiro dele...»

(Mas o trabalhador não tem paz. A sua independência está a todo momento ameaçada pelos «ricos senhores ou proprietários» e seus agentes com as suas «inovações». Os racistas, para destruir a organização dos trabalhadores criam ilusões de raças inferiores e culturas inferiores que devem ser dominadas e civilizadas por raças e culturas superiores. O trabalhador pode ficar calado, mas ele não é enganado. Pode não ter forças mas sabe que sua arte é arte, que seu trabalho é produtivo, que ele, trabalhador, é o principal responsável pelas 24 horas do dia. É alerta seus companheiros...)

«As baterias das escolas de samba de hoje são mais uns atropelos. É preciso cadência. O sujeito apita, mas às vezes nem sabe o que está

apitando. Quando eu era apitador, era chamado o rei do apito (quem disse que o trabalhador não tem orgulho, nem é vaidoso? ele sabe que não é uma máquina) e olhava a cadência, as pastoras, a harmonia. Todo mundo queria saber o meu segredo. E era simples: a harmonia. Hoje, o pessoal quer pular. Pula-pula é uma coisa e ginga é outra... É preciso destacar, diferenciar a cadência do pula-pula, porque antes o pessoal dançava. Este pula-pula de hoje não é samba, porque dançar, sambar é arte! Antigamente o pessoal tinha medo de dançar um clássico de música: para dançar era preciso ter arte, hoje, dançar samba deixou de ser arte...»

(E o trabalhador, produtor da vida: o trabalho e a cultura, sabe de sua condição na sociedade, quem é o dominador e quem é o dominado, quem causa o avanço e quem degenera as forças produtivas: quem cria e quem aliena)

«Na nossa época, a gente dava o parecer do nosso conjunto, em particular. A gente, quando via um cordão melhor que o nosso dizia: aquele é o melhor. Eles dançam mais, têm mais balanço, melhor cadência, se prepararam melhor e dava o prêmio para o vencedor. A gente usava a consciência. Hoje em dia, para opinar eles exigem «cultura». A comissão que senta lá não quer saber do nosso parecer não dão oportunidade para a gente falar e opinar. Entre eles...»

(... desculpe-me interrompê-los novamente, mas «eles», são as bailarinas que julgam os passistas, os decoradores que julgam alegoria, os maestros, que julgam sambarenredo e os outros artistas ocidentais, que julgam a mi-Africa que anualmente desfila nas grandes avenidas...) podem ter cultura, mas não uma cultura que faz parte de samba. Eles não entendem de samba. Se é sambista que está desfilando, então é samba e não um nível elevado (da cultura das classes e raças dominantes) de cultura que tem que ser julgado. Não é roupa, não é fantasia não é nada disto, é a arte que o samba tem...»

(Sua luta é para ser um homem livre. A liberdade e o desenvolvimento de sua capacidade é o seu objetivo. Muda a forma, mas não deixa de produzir a sua cultura. Como dizia Amílcar Cabral: só a pequena burguesia precisa voltar às origens culturais; as massas são as grandes produtoras da cultura...)

«Ação que o sambista devia dar um jeito dele mesmo organizar o samba e o carnaval. Ele entende, ele nasceu no meio. Eu nasci no meio, então eu sei o que vou ver, sei o que vou falar, sei o que vou julgar de acordo com o que aprendi no meio. Eu e diversos colegas da velha guarda observamos juntos as falhas que existem no samba e no carnaval. Faz vinte anos que parei com o

carnaval, porque hoje sou enviado da Umbanda até o dia em que Deus quiser. A nossa tenda é beneficente e ajudamos os pobres, trabalho com o caboclo «Caminho da Felicidade». Genésio, Fumaça, Penteado, que fundou o cordão Geraldino, Guaíba, Dino Carlos, que com outros mais fundaram comigo o Vai-Vai estão mortos. Só eu e o José Ribeiro, que agora é aposentado e mora aqui comigo, estamos vivos, mas respeitamos a gente nova que faz o samba. Só peço aos colegas do samba para que saibam se divertir, para gingar melhor, que estão pulando muito, respeitar o público. Respeitar o jurado que está julgando o samba. Está na mão deles e nada se pode fazer. Se tiver organização de um protesto de todo o sambismo sobre estas falhas aí pode ser melhor para o samba e para o carnaval, ninguém aborrecia ninguém (o trabalhador é um eterno lutador pela paz). Quero dizer, que para julgar o samba tem que ser sambista, quem sabe julgar é porque veio do meio. Nós da velha guarda observamos tudo e ninguém pode (vocês lembram da história dos três macaquinhos? o cego, o mudo e o surdo? o trabalhador pode estar emudecido, mas nunca está surdo e cego) falar nem gritar porque hoje tem verba e são eles quem mandam e o sambista tem que fazer como eles querem. Na época que não tinham verba éramos nós quem mandava, era como a gente queria. Então aí havia justiça...»

breque no samba!



É inacreditável, mas existem homens que constroem casas e não podem habitá-las, que criam cultura e não têm espaço para manifestar-se, que mantêm a vida e sobrevivem! E dizem que a civilização ocidental é civilização.

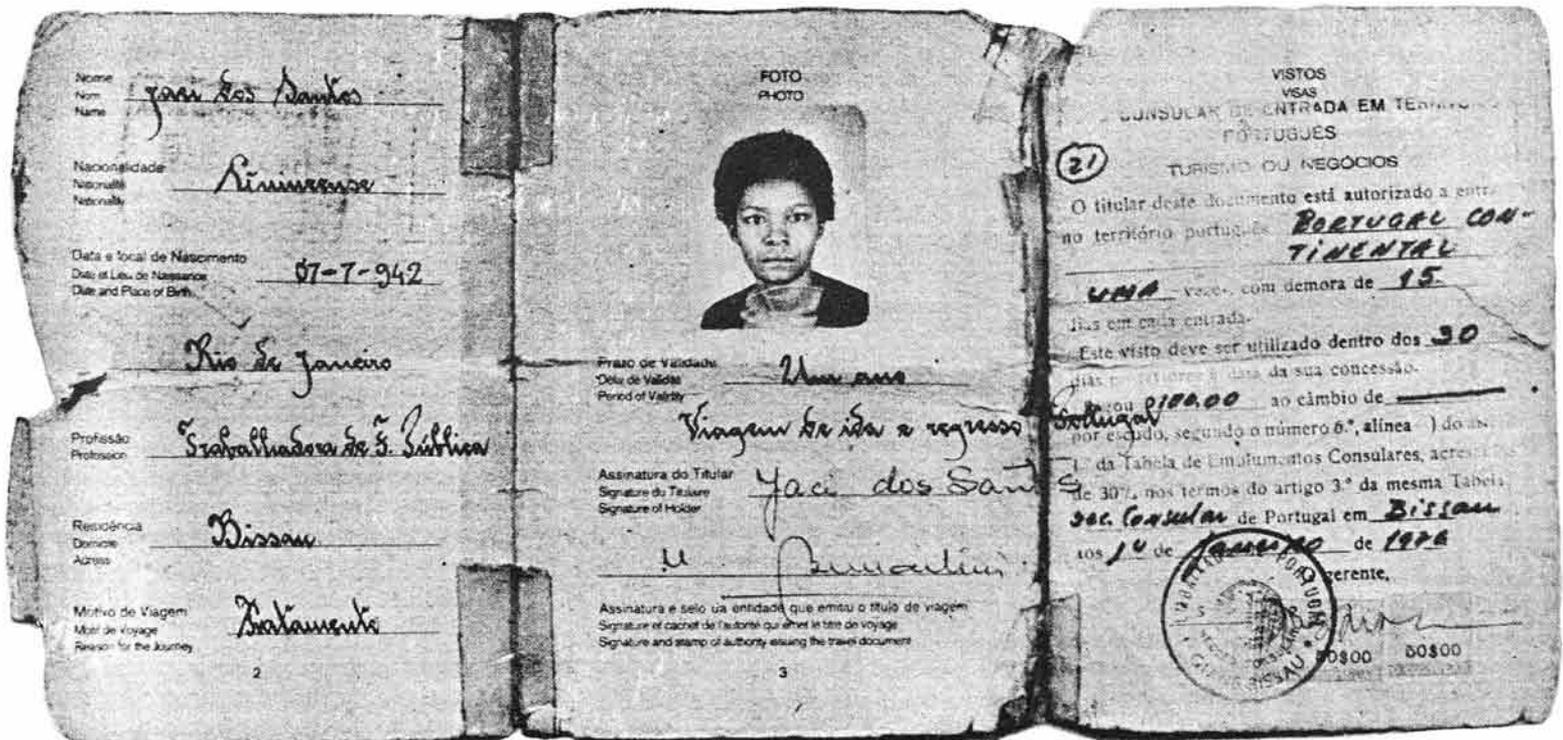
A escola de samba Vai-Vai nasceu da necessidade de uma infinidade de seres humanos trabalhadores (subempregados) se divertirem. Na ausência do interesse dos homens do poder, criaram as suas próprias opedões, que hoje não podem mais controlar... Um abaixo-assinado do veio do alto dos edifícios da Bela Vista expulsou a escola de samba da sua quadra. Sem abaixo-assinado, os negros que construíram o bairro foram expulsos dali, pouco a pouco para a periferia. Hoje, vão ao Bexiga para fazer samba, manter a vida do Vai-Vai.

A escola deveria ser expulsa do bairro, mas foi tamanha a revolta popular que a Administração não pode fazer muito pelos racistas, dos altos edifícios, mas fez o que pode: expulsou a escola para baixo do Viaduto do café dos negros sempre gostaram de viadutos e de café. Desde a escravidão aos nossos dias. Agora, os novos vizinhos da escola, quando se cansarem do barulho, das mulatas e das caras pretas diante dos seus apartamentos, embaixo do viaduto vão fazer outro abaixo-assinado pedindo a expulsão da escola para a Periferia. E os fiéis Administradores da metrópole do maior país cristão do mundo vai «olhar para o alto dos edifícios e rezar o padre nosso:

...Seja feita a vossa vontade, assim na terra, como no céu...»



as raízes de Tereza Santos



O que está acontecendo com a África? Para onde caminham os africanos e seus partidos? Se estivesse vivo, o que diria Amílcar Cabral das revoluções da ex-África portuguesa? Eis questões para serem respondidas, para as quais procuraremos as soluções.

Tereza Santos é militante do Movimento Negro Brasileiro e foi atuante nesta região da África. O que ela aprendeu neste período?

Astrogildo Esteves Filho.

Tereza Santos não nasceu no morro. Ela era apenas uma atriz e militante do movimento negro. Durante o período de 65 a 69 foi secretária Geral do Departamento Feminino e Diretora Cultural da escola de Samba Mangueira. Em 1967 participou do projeto de fundação da Sociedade Afro de Cultura - SAC, uma organização de cultura afro-brasileira filiada a SAC, dos E.U.A. Participaram deste projeto, Abdias do Nascimento, José Maria Nunes Pereira, Sebastiana Arruda e outros. A partir de 69 fez algumas peças, em São Paulo, como "Incelença" e "Tom Payne", sob a direção de Ademar Guerra e trabalhou em várias telenovelas, sendo a última "Mulheres de Areia". É fundadora do Centro de Cultura e Arte Negra, junto com Eduardo de Oliveira e Oliveira sociólogo negro, com quem escreveu a peça "É Agora Falamos Nós", um musical, que segundo ela, "tratava do dia-a-dia dos negros, da exploração econômica e do racismo. Cantando, dançando e gritando, dávamos o nosso recado..."

Foi no início de 74, quando a situação "não estava boa para mim e a polícia tinha muito controle da minha vida", que resolveu concretizar um velho sonho: "O idealismo incunido na cabeça de um bom número de negros, de voltar as origens e visitar a África". Seu nome de batismo é Jaci dos Santos

P - Como você iniciou o seu trabalho, na Guiné Bissau?

R - Chegando a Guiné Bissau fui para a escola de Terenga, onde iria ajudar as crianças a fazer Teatro com mais duas professoras, que dariam aulas para mais de 400 crianças. Só no Jardim de Infância tinha 90 crianças. Foi uma época muito importante para mim, onde aprendi mais que ensinei - Eram 95 crianças, com as quais eu trabalhava - era tão importante, e me trazia tanta satisfação que de março a agosto eu aprendi a falar crioulo, que era única língua comum a todos e permitia que me comunicasse com eles. Eram crianças vindas do interior do país, sem nenhuma

informação, mas com uma experiência de vida forjada na luta contra os portugueses. Crianças com uma formação política incrível, que me ajudaram muito politicamente. Elas, é que dirigiam a escola, desde a aquisição de material para a cozinha, alimentos, tarefas, tudo era gerido pela criança, cabendo aos professores somente a orientação educacional. Na escola se produzia quase tudo, até as roupas eram costuradas no palco que existia no refeitório. Politicamente, o nível delas era superior ao dos professores. A gente brincava o tempo todo e me apeguei muito as crianças. Houve também uma epidemia que atingiu 90% das crianças, que ficaram doentes. Ninguém sabia direito o que era a doença, pois apesar de todos os sintomas, os exames não acusavam ser meningite. E muitos meninos ficaram cegos, outros morreram ou ficaram defeituosos. Até eu fui parar no hospital de Zinguinho. Por tudo isto, ficamos muito amigos. O Carlos Dias, que era diretor geral da escola fez uma proposta de dar um impulso no jardim de infância: e propôs fazer um balanço no trabalho feito até aquele momento. Isso era maravilhoso, se não viesse outra proposta do tipo "ou dá ou desce..."

P - Falando nisto, a situação da mulher, na Guiné Bissau...

R - A mulher na Guiné é encarada como mero objeto de prazer e está numa simples posição de uso. O africano não está acostumado a receber um "não" de uma mulher e, apesar de ter ido em busca de minhas origens africanas, a minha situação ficou muito complicada, quando me recusei a aceitar a proposta do senhor Carlos Dias. Isto, porque apesar de buscar as minhas origens ainda estou muito ocidentalizada e, esta história de "dá ou desce" eu não posso aceitar. Quando surge uma mulher que discorda, a coisa complica, em função do machismo Africano. Com as mulheres, o relacionamento foi maravilhoso. A Fátima Cabral, irmã do presidente, me dava todo apoio, como a Ilka, filha do Amílcar Cabral, uma garota de 22 anos que foi educada na União Soviética, de quem me tornei grande amiga. Mas é preciso que fique claro que tais posições e manifestações não são um problema da Guiné, mas de toda África, faz parte da cultura Africana. Certa vez fui convidada para um almoço com o Luiz Cabral, no Palácio e a Ilka insistiu para que eu contasse sobre as violências. Achei desnecessário, porque já havia comunicado a direção política. Diante da insistência resolvi falar.

— "Não se preocupe, pois se estivesse em Angola ou Moçambique teria sido pior..." foi a resposta. Diante disto, resolvi calar, e o trabalho prosseguiu...

P - Mas o PAIGC, não faz nada..?



Luiz peregrino

— “Bem... eu não posso mandar as mulheres embora, além disto existem mais mulheres do que homens, e as mulheres precisam de homens, portanto não dá.

P - A maioria da população guineense é muçulmana, o que gera uma sociedade hiperpatriarcal. Qual o papel da mulher na revolução?

R - De fato você encontra mulheres guerrilheiras, que participaram da guerra de maneira direta ou indireta. O trabalho de travessia do armamento foi quase todo feito por mulheres. A participação da grande maioria delas se deu pelo que elas aprenderam no programa: liberdade, igualdade e um futuro melhor. Outras, entraram nas lutas após fugirem das tabancas (pequenas aldeias, habitadas somente por uma família com o roçado em volta) onde estavam submetidas aos rigores da família. Há também, as mulheres que estudaram na Europa e pelos seus conhecimentos entraram na guerra. A participação com um maior nível de consciência se deu pela mulher caboverdeana. O outro grupo de mulheres, e este foi o mais numeroso era aquele do “tipo objeto”: recebia ordens e tinha que cumprir. A Organização da Mulher Guineense existe, mas não está muito preocupada em preparar estas mulheres. Todas as organizações do PAIGC, como a juventude, as mulheres, etc. vêm errando pela política do próprio partido, que no conjunto, não tem condições de cumprir o que está no programa. Teoricamente, a participação da mulher se dá a nível de igualdade dentro do partido, mas na prática é como objeto. Este, no entanto, não é um problema do PAIGC, mas de toda a África, repito, é um problema cultural.

P - Então o que existe na Guiné, em termos de independência?

R - O processo de Independência parou, apesar de a partir do momento que um país passa a ter uma direção nacional a gente pode até dizer que é independente, mas a parte política, que é o mais importante, parou a partir de 20 de janeiro de 1.973,

com a morte de Amílcar Cabral. Neste momento parou qualquer processo político, na Guiné Bissau.

P - Por que?

R - Porque quem estava preparado politicamente, quem era a cabeça e dirigia era Amílcar Cabral, a quem considero uma das maiores personalidades africanas do século XX. Ele é e continuará sendo por muito tempo o maior ideólogo e político que a África já teve, apesar do respeito que merecem os outros dirigentes africanos.

P - Não lhe parece contraditório colocar sempre o papel do partido, como direção política, e depois dar tanta ênfase a um líder capaz até de estanciar o processo de libertação da Guiné com sua morte? O que resta da Direção, então, enquanto partido na Guiné?

R - Parece, mas é o partido enquanto organização, enquanto estrutura. Existe o partido negro o PAIGC enquanto organização, a sua linha é muito coerente só que na prática não funciona. Só funcionava com Amílcar Cabral, em sua prática... O problema é que a nível organizativo, existe o PAIGC, a nível político não. Isto é compreensível se verificarmos os componentes da cúpula do Partido. Até a morte do irmão, Luiz Cabral era inexpressivo, politicamente. Aristides Pereira tem alguma base política, mas que é pouca, Fidélis Cabral, era bom politicamente. Para 3 ou 4 homens bons politicamente, você tem, por exemplo, no governo, um ex-comandante chefe das Forças Armadas, que era um sujeito que aprendeu a dar tiros, aprendeu a fazer guerra de guerrilha e como guerrilheiro é maravilhoso, mas que no entanto, agora que a guerra acabou não tem condições de contribuir para a construção da Guiné pós Independência. E como ele existem dezenas. O mínimo que eles querem, são cargos de Ministros, um posto de embaixador da Guiné em algum lugar da Europa, mas tudo em proveito próprio. A que pode levar isto...?!..



afro
latino
américa

ÁFRICA,



Quando da comemoração dos 89 anos da Abolição, o sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira trouxe um documentário em vídeo-tape cassete com uma entrevista com Alex Haley, autor da *Roots*. (Raízes Negras). A certa altura do documentário, Haley lembra a acolhida que recebeu dos negros da África Central, durante sua primeira viagem ao continente. Os negros cultuavam o professor Haley, tomando-o como o «messias», o negro que havia sido levado da terra e obrigado a viver em terras de além-mar: a América.

Sua volta ao continente negro foi compreendida pelos africanos como um sinal dos tempos: o grande deus negro voltava para sua gente, pronto para imortalizar toda a tribo.

A voz pausada e grave de Alex Haley me tocou intimamente. Seu semblante severo, seus olhos calmos atrás das lentes dos finos óculos, revelavam o cansaço de quem, por 15 anos, estava atrás de sua história perdida. Quinze anos foi o tempo que gastou para escrever o livro, hoje um best-seller nos EUA, transformado num produto de marketing, um livro açucarado qualquer. Dos milhões de negros na Diáspora, poucos deles conhecem suas origens; e o professor Haley, que nasceu nos EUA, é um dentre eles. Ele ficou perplexo ao se defrontar com seu próprio rosto (como na cena do filme «25», da Revolução Moçambicana, filmada por Zé Celso, quando o negro, pela primeira vez vê seu rosto refletido num espelho). O professor Haley não vê a África como uma terra distante e anacrônica, mas como o berço da genealogia e biografia de todos os negros.

Este fato contado pelo professor tem alguns aspectos que creio que sejam importantes analisar. Primeiro, o interesse do professor Haley em saber se era ao menos possível localizar a tribo de onde saíram seus ancestrais. Segundo, a tribo ainda se lembrar dos seus negros. Terceiro, como que através de cinco séculos os nativos sabiam que, num certo momento da História, homens brancos aprisionaram negros e, «em grandiosos barcos» os levaram para longe?

Para todos nós, a África é um continente desconhecido. Mas sabemos que há opressão, que há guerra, e morte. Sabemos que há um certo general chamado Amin que possui muitas esposas e que, não faz

muito tempo, matou uma delas deixando a cabeça na geladeira da cozinha... Talvez tenhamos ouvido falar de África do Sul, Rodésia, racismo...

Sobre a África, na verdade, pouco ou nada sabemos.

Porém, é lá que ocorrem hoje as mais decisivas lutas, que a nível internacional podem determinar toda uma nova ordem mundial.

As lutas africanas são muito mais complexas que se pode imaginar, é certo. Mas o fundamental é que significam a resistência dos negros ao domínio colonizador dos brancos. Significam a resolução definitiva de não aceitar as ordens das metrópoles européias e tentar trazer seu destino para as próprias mãos.

O rompimento das relações coloniais na África significa o rompimento total da tutela branca, não aceitando as imposições culturais, a dominação política e a exploração econômica..

No Brasil, o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, que é a organização máxima do movimento negro brasileiro, deve estar atento aos caminhos que seguem a Revolução africana, pois o exemplo de autodeterminação e de desalienação que passam os africanos é uma afirmativa categórica de que nós negros queremos e podemos construir uma nova ordem social, que não esteja sob determinação neo-colonialista da América ou da Europa.

Nós negros, neste momento, somos agentes históricos.

É nesta perspectiva que apresentamos aos nossos leitores dois artigos, analisando a situação africana sob vários ângulos. Um, é uma análise detalhada de toda a situação africana, feita por Ernest Harsch, jornalista e socialista norte-americano. A outra é a entrevista feita pelo nosso repórter Astrogildo Esteves, com Tereza Santos, integrante do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, no Rio de Janeiro. Acreditamos que desta forma contribuiremos para que possamos compreender o continente de nossos ancestrais, pois talvez lá, tal como aconteceu ao professor Alex Haley, possa haver muitos negros à nossa espera.

VANDERLEI JOSÉ MARIA

ATENÇÃO !



Um ano de intensas lutas no continente

Por Ernest Harsch

O novo auge da revolução africana, que se iniciou há quatro anos, não dá provas de diminuir. Ao contrário, de país em país, por todo o continente, as massas africanas têm acelerado sua luta contra a opressão nacional e a opressão de classe.

Greves, manifestações e levantes estão na ordem do dia. Durante 1978, as insurreições sacudiram todo o continente: em Túnis uma greve geral e vários levantamentos urbanos; no Saara Ocidental a decidida luta do povo do Saara pela independência contra a dominação marroquina e mauritana; em Gana manifestações estudantis e ocupações de fábricas; no Chad uma guerra civil cada vez mais aguda, acompanhada pela intervenção militar direta da França; manifestações estudantis em Quênia, Tanzânia e Nigéria; uma contra-ofensiva etíope, vitoriosa contra uma invasão das tropas somalis, apoiadas pelos imperialistas. Na Somália uma tentativa de golpe de Estado. Uma luta contínua das forças de libertação da Eritrécia para tornar-se independente da Etiópia; na província de Shaba, no Zaire, uma insurreição que exigiu a intervenção militar direta da França e da Bélgica, para ser terminada; no Zimbabwe e Namíbia uma escalada de lutas pela independência e o domínio das maiorias negras. A luta nestes países se estende até Moçambique, Zâmbia e Angola, apesar de uma violenta repressão, continuam as lutas das massas negras contra o sistema de apartheid no Sul da África.

É a primeira vez desde o princípio dos anos sessenta que a África foi sacudida por convulsões políticas tão violentas. Os imperialistas e os reacionários locais conseguiram, em grande parte, controlar esta primeira investida da revolução africana, mas a situação atual é muito mais explosiva. As lutas de hoje refletem uma dinâmica mais dirigida, para a revolução socialista, como demonstra a maior frequência das reivindicações e o crescente poder de atração das idéias socialistas. Esta tendência tem sido fortalecida pelo crescimento acelerado do proletariado africano, nos últimos vinte anos e pelo enfraquecimento contínuo do sistema capitalista mundial.

A presença, no continente, de dezenas de milhares de soldados cubanos que lutam contra o imperialismo é outro fator de peso, unido à explosividade da situação africana. Estes levantes não só são uma séria ameaça aos governos capitalistas e às classes dominantes, senão, que põem perigo os interesses fundamentais das principais potências imperialistas. Por exemplo: o controle dos recursos minerais e agrícolas do continente; o acesso livre aos imensos mercados possíveis em muitos países da África; e a manutenção das altíssimas taxas de lucros que resultam da super-exploração da força de trabalho do negro.

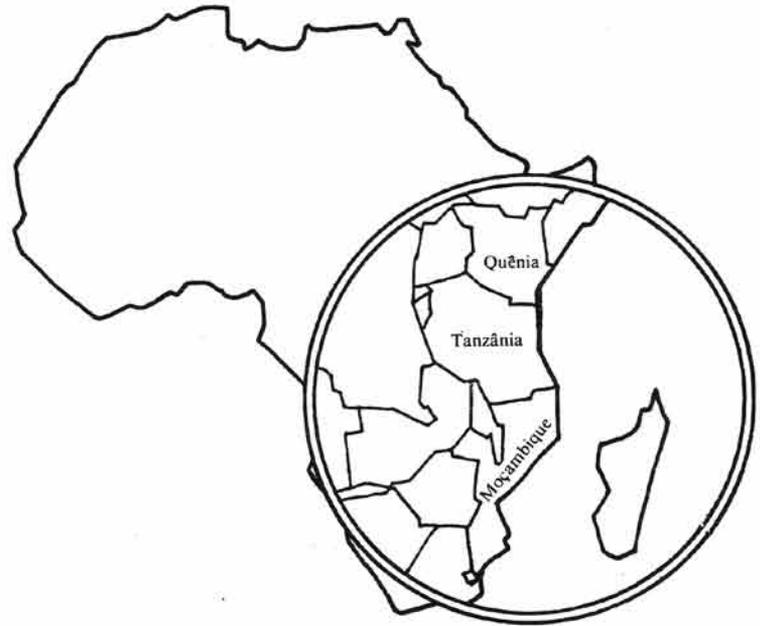
O CONTO DA ÁFRICA: GUERRA E REVOLUÇÃO

Um dos aspectos principais desta ofensiva tem sido uma campanha política e militar contra as conquistas da revolução etíope. Os imperialistas temem que as sublevações nestes países possam avançar até a derrubada do capitalismo, mesmo porque já promoveu a destruição do feudalismo etíope, à promulgação de uma reforma agrária radical e de extensas nacionalizações e ao fortalecimento da luta pela independência da Eritreia.

No princípio deste ano seguia avançando a ofensiva militar do regime militar somali contra o exército etíope. No ano anterior tropas somalis haviam ocupado vastas regiões no oriente do Estado Etíope e para esconder o verdadeiro caráter da invasão, a junta somali do General Mohammed Siad Barre dizia estar ajudando a luta pela libertação nacional da população somali oprimida em território etíope. Na realidade, o exército somali atuou em nome do imperialismo, para golpear a revolução etíope. Inicialmente, Siad Barre foi animado e apoiado por Washington. No transcurso da guerra recebeu ainda que indiretamente, alguma ajuda financeira e militar de Washington, Paris e Bonn e, diretamente, dos regimes árabes pró-americanos, como Arábia Saudita, Egito e Irã.

Apesar de toda a ajuda que receberam, as forças somalis fracassaram em suas tentativas de consolidar a sua posição na Etiópia. A partir do fim de fevereiro, o exército etíope, com a ajuda de vários milhares de soldados cubanos, lançou uma contra-ofensiva, que em poucas semanas forçou a retirada do exército somali. O fracasso somali marcou outra derrota da ofensiva imperialista, contra a revolução etíope. A participação das tropas cubanas foi mais um exemplo do papel que Cuba joga no continente africano.

A junta militar etíope, conhecida como o Dergue, tentou tirar vantagem da derrota somali — não para avançar a revolução, mas para consolidar a sua própria posição. A junta havia tomado o poder em 74, no auge de uma onda de sublevações revolucionárias e, sob as pressões das massas, tomou uma série de medidas radicais.



Ainda que estas medidas mereçam ser apoiadas, o Dergue mesmo representa um obstáculo ao desenvolvimento do ascenso revolucionário e inclusive é um obstáculo à defesa eficaz das conquistas obtidas. Ao tentar barrar e desviar o movimento de massas e manter a revolução dentro dos marcos do capitalismo, o Dergue, agora, joga um papel basicamente contra-revolucionário. Um dos exemplos mais notórios da política reacionária do Dergue tem sido a sua oposição à luta pela independência da Eritreia, que tem conseguido o apoio quase total da população eritréia. Em julho, o Dergue lançou uma ofensiva em grande escala contra a Eritreia. Para fins de novembro, os eritreus haviam sido desalojados de quase todas as principais cidades. As forças eritreias se retiraram, mas declararam que continuariam desenvolvendo uma guerra popular prolongada. Ainda que a posição de Cuba a respeito deste conflito seja contraditória, tem resistido aos esforços do Dergue de envolver as suas tropas diretamente, na guerra contra a Eritreia.

INTERVENÇÃO FRANCESA NO CHAD E SAARA

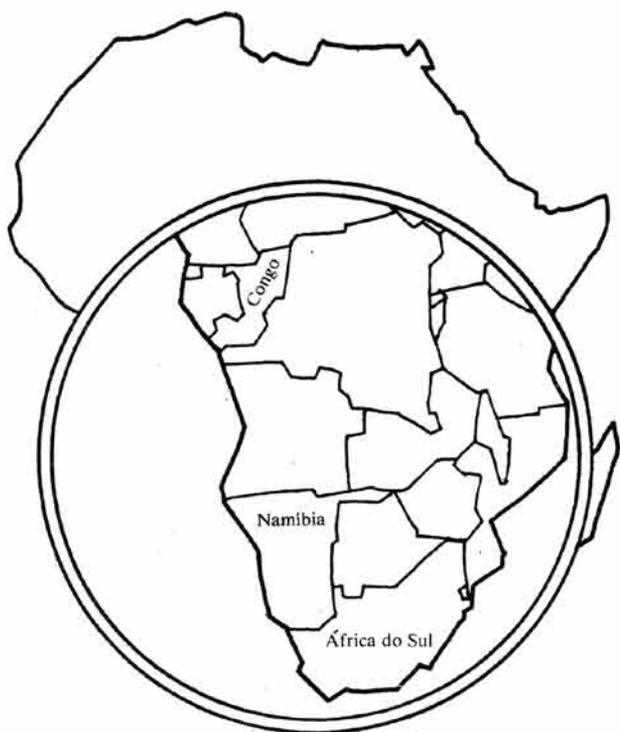
No Saara Ocidental, a uns 6550 quilômetros de distância, os imperialistas franceses intervieram mais abertamente e diretamente. A luta da Frente Polisário pela independência do Saara Ocidental da dominação marroquina e mauritana havia demonstrado ser cada vez mais efetiva, particularmente contra a Mauritânia, o mais fraco desses regimes. Para deter os avanços da Frente Polisário, aviões militares pilotados por franceses bombardearam e metralharam as colunas guerrilheiras. O sentimento popular contra a guerra e o apoio dos combatentes pela libertação do Saara cresceram consideravelmente. Este foi um dos fatores que levou a um golpe de estado em julho deste ano, o que pôs fim ao domínio do Presidente Mouktaï Ould Daddah. Daddah havia governado a Mauritânia desde que o país obteve a sua independência da França, em 1960. A nova Junta Militar, enquanto que tratou de colocar obstáculos às vitórias da Frente Polisário pela independência, se viu forçada a ceder aos sentimentos populares contra a guerra, declarando-se a favor da "paz".

As forças militares francesas intervieram também no Chad, outra ex-colônia francesa que faz fronteira com o deserto de Saara. A intervenção ali foi numa escala muito maior. Além dos bombardeios, mais de mil soldados franceses foram enviados em abril para apoiar a ditadura do General Felix Mallou, que havia sofrido importantes derrotas diante da ofensiva da Frente de Libertação Nacional do Chad (FROLINAT). A agressão francesa golpeou severamente a FROLINAT, parando seu avanço até Ndjamena, a capital do Chad. No entanto, a FROLINAT continua controlando grande parte do norte do país e tem ganhado certo apoio dos habitantes do sul. O grande descontentamento contra o regime neocolonial, também tem se expressado nas manifestações de oposição à presença militar francesa no densamente povoado sul do país.

Consciente de que o apoio francês talvez não seria suficiente para salvar seu governo, Mallou chegou a um acordo com Hissène Habré, dirigente de uma fração da FROLINAT, e o nomeou primeiro-ministro ao fim de agosto. Mas, a maioria das forças da FROLINAT se comprometeram a continuar sua oposição ao regime enquanto continuarem no país as tropas francesas.

Os franceses também intervieram no Zaire, em maio de 1978, junto com paraquedistas belgas e com o apoio político e logístico de Washington e Londres. Foi a segunda vez em pouco mais de um ano que os imperialistas to-





maram a iniciativa de enviar tropas militares para frear rebeliões na província de Shaba, no Zaire.

Em ambas as ocasiões os levantamentos foram iniciados pela Frente Nacional de Libertação do Congo, que busca a derrubada da ditadura militar de Mobutu Sese Seko, um velho aliado do imperialismo. Ainda que os levantamentos fossem locais, puseram em sério perigo o controle sobre a exploração da riqueza mineral do Shaba, e ameaçavam estender-se ao resto do país. **Como pretexto para o massacre e a intervenção em geral, a imprensa ocidental propagou um apavorante e racista assassinato de brancos pelos rebeldes de Kolwezi. O presidente Jimmy Carter também tratou de justificar a operação alegando que os cubanos haviam treinado e armado a F.N.L.C. Havana negou isto com veemência e a acusação de imediato foi desmascarada como uma fabricação total.**

Os levantamentos em Shaba foram controlados, mas o descontentamento contra o regime segue tão grande quanto antes, o que coloca a possibilidade de uma nova explosão massiva.

O CALCANHAR DE AQUILES DO CAPITALISMO

De todas as regiões do continente, foi o Sul da África onde a estabilidade capitalista viveu o maior perigo. As lutas das maioria negras, na Rodésia (Zimbabwe), Namíbia e África do Sul (Azânia), objetivamente ameaçam, não somente a sobrevivência do regime de supremacia branca, como também o sistema econômico, que se nutre do domínio racista.

A crise do racismo branco é mais aguda no Zimbabwe, onde o regime de Ian Smith se defronta com um movimento de massas que a cada dia alcança maior força. As pressões eram tais, no princípio do ano, que Smith se viu forçado a incluir personalidades negras em seu governo, numa tentativa de fazer parar a luta pela libertação. Ainda que o acordo interno entre Smith e Abel Murozewa, Ndabaningi Shitole e o chefe Jeremiah Chirau prometeu dar o poder a um governo de maioria negra em fins 78 (este projeto tem sido adiado indefinidamente), seu verdadeiro objetivo era encobrir os planos de Smith de perpetuar a dominação branca pelo menos por uma década a mais.

Diante da intransigência dos brancos, milhares e milhares de jovens uniram-se às forças guerrilheiras da União dos Povos do Zimbabwe (ZAPU) e da União Nacional Africana (ZANU), que se aliaram para formar a Frente Patriótica. Os guerrilheiros têm impedido o regime de Ian Smith de controlar efetivamente as áreas do campo. Além disto, as massas urbanas começam a se rebelar. Pouco depois de firmado o acordo interno, milhares de pessoas participaram de manifestações contra o governo, em Bolawayo e outros lugares. Atemorizados com o poder potencial destas mobilizações, as potências imperialistas, principalmente a Inglaterra e os Estados Unidos, têm aumentado seus esforços de conseguir um acordo negociado que daria o poder a um regime neocolonial negro, que esperam, poderia controlar as massas, melhor que Smith.

Os dirigentes da Frente Patriótica têm se mostrado suscetíveis às negociações, mas Smith tem dificultado continuamente qualquer proposta de um diálogo ao negar-se a ceder a essência do poder. De fato, tem fomentado dramaticamente a guerra, ao ordenar repetidos ataques aéreos e terrestres ao território de Zâmbia e Moçambique, onde se acham os campos de refugiados e as bases guerrilheiras zimbabweanas. Milhares de pessoas têm sido massacradas nestes ataques.

A situação na Namíbia é algo semelhante. Um país rico em minerais e com uma população dispersa tem sido, de fato, e por décadas, uma colônia da África do Sul. A S.W.A.P.O., Organização dos Povos da África Sudoeste, atualmente o maior grupo nacionalista da Namíbia, vem desenvolvendo uma luta pela independência do país, e tem ganho o apoio da grande parte da população. Para conter a luta pela independência, Pretória tem mobilizado milhares de soldados sul-africanos. Também tem procurado isolar as forças da SWAPO, com o seu próprio acordo interno, no qual alguns pequenos grupos nacionais recebem algum grau de poder político compartilhado com brancos, em uma Namíbia formalmente independente sob o controle da África do Sul.

Na África do Sul, o primeiro ministro Petr W. Botha, como Smith, na Rodésia, tem tratado de dar a impressão de que está disposto a negociar com a SWAPO. Também, como o governo da Rodésia, ao mesmo tempo, Pretória tem mandado tropas e aviões ao outro lado da fronteira da Namíbia, penetrando em Angola e massacrando centenas de refugiados e rebeldes namibios. O maior destes ataques teve lugar em maio.

Para evitar uma explosão revolucionária que poderia pôr em perigo os interesses imperialistas na Namíbia (e mesmo na África do Sul), cinco potências ocidentais — Estados Unidos, França, Alemanha, Inglaterra e Canadá, têm tratado de negociar um acordo. Mas as suas "pressões" sobre Pretória têm sido mais do que compensadas com a colaboração e auxílio que têm dado ao regime do apartheid.

A CHAVE DA REVOLUÇÃO AFRICANA

Esta atitude dos imperialistas ante Pretória reflete a importância central da supremacia branca para a manutenção do capitalismo em todo subcontinente.

Apesar da proibição da maioria das organizações políticas negras, das detenções freqüentes dos ativistas negros, e das táticas terroristas que se usam contra toda a população negra, a luta dos negros não tem sido submetida.

Em primeiro lugar o movimento de Consciência Negra segue vivo e suas idéias retêm uma influência muito forte entre a juventude negra. Ainda que alguns dos seus dirigentes e ativistas tenham sido assassinados, detidos ou exilados, outros continuam agindo na clandestinidade. Além disto, têm se formado novos grupos de Consciência Negra, por exemplo, a Organização Popular da Azânia, e estes têm tratado de funcionar abertamente.

Em Soweto, um dos principais centros da resistência, praticamente toda a população boicotou as eleições realizadas no princípio do ano. Assim, expressaram sua oposição às tentativas de Pretória de instalar um conselho comunal títere para administrar o município. Em outros atos abertos de desafio, milhares de negros saíram à rua para comemorar a morte de Robert Sobukwe, o ex-dirigente do Congresso Pan-Africano que morreu em fevereiro quando se encontrava sob restrição governamental, e para recordar o segundo aniversário dos protestos iniciais de 16 de junho de 1976 em Soweto, que marcaram o início das mobilizações massivas de 1976.

Devido à importância da África do Sul para o capitalismo e o peso social dos mais de 8 milhões de trabalhadores negros do país, as lutas, na África do Sul, continuam sendo a chave central da revolução africana.





as raízes de Tereza Santos

No número anterior, publicamos a história de Tereza Santos, militante do movimento negro brasileiro, na Guiné Bissau. Dali, ela viaja para Angola, onde encontra um país dividido, dilacerado por problema internos, em guerra com o imperialismo. Na entrevista deste mês, ela relata sua experiência, organizando em Angola um grupo de teatro. Aí começam os problemas: racismo, violência, burocracia, corrupção, contradições.

Angola

Versus: Quando você chegou em Angola?

Tereza: Em 24 de janeiro de 1976. Uma semana depois, me encontrei com o ministro da educação, Antônio Jacinto. Pergunto o que fazer. Ele responde: "Olhe, eu não entendo nada de cultura. O presidente me botou aqui, e eu disse a ele que não sabia ser ministro. Ele me retrucou que não sabia ser presidente. Mas ele é presidente, e eu sou ministro, e daí tenho que criar, tenho que fazer. Você tem que criar, vá e faça".

Como não tinha nem por onde começar, fiquei meio perdida, e saí procurando, conversando com várias pessoas. Resolvi montar um plano de trabalho, tirado da minha cabeça, e depois apresentei ao Antônio Jacinto que aprovou aquilo que era ainda um esboço. Nesse plano tinha um ponto, que era o trabalho com os musseques (favelas em Luanda). Fui indicada a falar com Bernardino, um médico. Conversando com ele, acabei descobrindo que existia uma verba dada pelo governo da Holanda para o antigo governo colonialista. Mas, ainda era possível utilizá-la no atendimento aos musseques. Com a independência, o governo angolano assumiu o controle desse dinheiro. Executamos o projeto, com a ajuda de pessoas, que já o estavam estudando. O resultado foi a criação de uma comissão interministerial, onde quase todos os ministérios acabaram tendo que participar. Enfim, acabamos criando um elefante enorme.

Paralelamente, o Lúcio Lara, secretário do MPLA, propôs que um grupo de teatro, existente em Angola, fosse trabalhar conosco. Este foi meu primeiro contato com o teatro. Fundamos a escola de teatro. Havia também em Luanda uma sociedade que congregava os artistas plásticos, e que esteve abandonada, pois todo mundo tinha ido embora. Restava apenas o local de trabalho. Convidamos alguns artistas plásticos, tiramos a poeira, e limpamos o local, e chamei a Teresa Gama, ex-mulher do Antônio Jacinto, que assumiu a direção dessa nova escola de artes plásticas.

Dai fomos descobrindo artistas, músicos, como foi o caso de Jorge Macedo, e iniciamos a formação da escola da música. Eu fiquei com a do teatro, que foi inaugurada dia 25 de junho, já com um bom número de participantes. Conseguimos também iniciar um curso de balé, com uma garota que, durante o governo colonialista, ensinava crianças. E assim foi se estruturando o trabalho cultural, apesar de bastante capenga no início.

Eu desenvolvia as funções no ministério da educação, ao mesmo tempo em que fazia pesquisas no interior do país, visando levantar material para montar o espetáculo de comemoração do aniversário da independência. Quando chegou o dia 11 de novembro, apresentamos a «História de Angola».

Minha posição no Ministério da Educação era de total confiança, com a consequente liberdade de criação dado pelo Antônio Jacinto. A sensibilidade e a visão política dele vêm da experiência que adquiriu na luta. Ficou preso durante onze anos, na ilha de Cabo Verde, saindo de lá para Lisboa, com residência vigiada. Fugiu e foi para Angola. Entrou para o *maquis*, dirigindo um setor do exército, chegando ao comissariado de educação (equivalente a um ministério no Brasil). Ele acompanhou todo o nascimento da História de Angola.

Um dos problemas que enfrentávamos era a falta de transportes coletivos. A maioria andava a pé, com exceção dos ministros, do chefe de Estado, e da cúpula do MPLA. Os portugueses, quando foram expulsos de Luanda, destruíram o que encontraram pela frente, e jogaram no mar o que não puderam levar. Assim, desapareceram ônibus, carros, caminhões...

Versus: Quais as dificuldades que você encontrou para montar a história de um país, que você pouco conhecia?

Tereza: A montagem trouxe alguns problemas, que irão ter desdobramentos mais tarde. A Escolha de Teatro tinha 78 alunos, sendo quatro deles, brancos. A Teresa Gama, que é branca, vinha fazendo uma campanha contra a participação de alunos brancos. Bem, eu não sabia, e ninguém me havia avisado, que os brancos não podiam participar do espetáculo.

Versus: Essas pessoas brancas eram angolanas, filhos de colonizadores?

Tereza: Sim, são a segunda geração nascida em Angola.

Versus: São mestiços ou brancos?

Tereza: São brancos. Mas a Constituição da República de Angola diz que "são angolanas todas as pessoas nascidas na República Popular de Angola". Não fazendo nenhuma restrição quanto à abertura de inscrição na escola de teatro, dizendo que só poderiam entrar pretos. A campanha contra os brancos chega ao auge, e começa a pressão direta. O comandante Onambo, responsável pela segurança de Angola, e pessoa da mais alta confiança do presidente, chegou ao teatro, ignorou-me, e assistiu ao espetáculo para censurá-lo. Ao final da apresentação, veio me cumprimentar, chamando-me de camarada, e demais cordialidades. Tinha gostado. Em seguida, fui chamada para uma conversinha com o ministro da educação, que foi tchativo: "Tenho informações que o espetáculo está cheio de brancos". Respondi no mesmo tom: "Camarada ministro, em meio a 87 alunos, sem contar violonistas e cantores, há quatro brancos. Serão tantos?"

Ele voltou a insistir, dizendo que a reação poderia se aproveitar disso, etc, etc. Mas finalmente libera o espetáculo. A partir desse dia, ganhei a confiança de Agostinho Neto, de Lúcio Lara, e outros membros do partido. A partir da apresentação do espetáculo, que foi um sucesso, pois nós transformamos uma fortaleza com mais de 300 anos num teatro de arena, e ficou fantástico, ficou decidida a ida de Angola ao Festival da Nigéria. Levávamos aquele espetáculo ao nível de participação oficial, apesar das restrições aos quatro brancos, que na verdade eram quatro dançarinas muito boas.

Ao mesmo tempo, a campanha contra elas continuava, agora com a adesão de Rute Lara, filha de alemães, e mulher do secretário do partido. Assim mesmo, o espetáculo vai completo para a Nigéria. O Ministro do Comércio exterior vai como chefe da delegação e emissário político, e eu como responsável cultural. O governo fretou um Boeing para a viagem até a Nigéria.

Versus: No Brasil, as informações sobre o desenvolvimento do Festival foram nota de rodapé na chamada grande imprensa, e só publicaram alguma coisa a mais, através da entrevista com Gilberto Gil, que participou dela. Como foi a apresentação do seu grupo?

Tereza: A nossa apresentação enfrentou vários problemas. Tanto de ordem organizativa dos próprios nigerianos, pela própria envergadura do Festival, como pela falta de preparativos dos responsáveis angolanos, que foram dois meses antes só para preparar nossa chegada. Nossa delegação era composta de mais de cem pessoas. Levamos quatro passarelas, o que virou uma loucura.

Os problemas começaram logo. No dia 26 de janeiro, fui informada pelo chefe da nossa delegação, Mendes de Carvalho que, no dia seguinte, iria-

Chegaram os soldados. As pessoas aguardavam na fila de inscrição. Desobedeciam a determinação do toque de recolher. As armas dispararam. Muitos caíram mortos na escada. Outros gemiam, feridos. Na África, todos choram gritando. No outro dia...

As aventuras de Tereza Santos continuam no próximo número. Ele resolve deixar o país. O governo angolano começa a criar dificuldades para sua saída. Ela acaba presa, faz greve de fome. Afinal...



mos apresentar nosso trabalho, num local tipo estádio, que fora construído para os desfiles militares. Ali, era impossível apresentar uma peça. Mendes de Carvalho argumentou que era uma posição política apresentar naquele lugar, e não se discutia mais.

A apresentação foi uma merda, só para simplificar. Além de deixar de cabelo em pé os responsáveis pela organização do Festival. Muitos rapazes de nosso elenco acabaram entrando em estado de choque pelo ridículo da apresentação. Afinal, o nome de Angola estava em jogo. Diante desse resultado, graças à interferência dos que estavam na delegação mais com o objetivo de promover do que contribuir, o diretor artístico do Festival nos ofereceu, para fevereiro, uma nova apresentação num ginásio não muito grande. Apesar de estar fora da programação oficial, as pessoas descobriram, não sei como, e lotaram o ginásio, sendo que a delegação da República do Congo foi em peso assistir. Bem, foi inacreditável, pusemos abaixo o ginásio. Tudo saiu certo, como tínhamos pensado e criado. Mas para isso foi preciso neutralizar vários pesos-mortos.

Voltamos para Angola, e partimos para uma viagem pelo interior, apresentando o espetáculo. Numa dessas cidades, demos de cara com o pessoal do Nito Alves, que mais tarde tentou um golpe em Angola. Reinicia aqui a briga, que já se manifestara na campanha contra os alunos brancos. A juventude do MPLA resolve partir para o debate, e criticar aberta e diretamente a presença de brancos fazendo o papel de negros.

Aí parti para a gozação, pois não tinha mais saco para isso. Não consigo mais aceitar o problema da discriminação racial. Passei boa parte da minha vida, lutando no Brasil contra o preconceito, contra discriminação racial, não aceitando ser discriminado pelo branco. E, então, agora, vou para um país que está mudando todo um processo político-social, e tenho que participar de uma discriminação ao contrário, ou seja, do preto discriminando o branco. Ora, assim, eu estou usando a mesma arma que não aceitei que fosse usada contra mim no Brasil.

Um dos fatos mais importantes desse debate, foi quando se levantou um rapaz da juventude, e disse que eu teria que responder perante a história, pois o herói nacional da juventude angolana era preto, e eu tinha colocado um mulato para representá-lo.

Aí, eu disse que teria que responder duas coisas perante a história. Chamei a pessoa que havia feito o papel do herói. Veio uma mulatinha de um metro e meio de altura, bem feia, e disse para ele:

— Está aqui o rapaz que fez o papel de herói. Além de mulato é mulher. E o herói era preto e macho. Portanto, tenho duas coisas para responder perante a história.

Consegui encerrar o papo, dizendo da minha condição de estrangeira, mas que seguia a linha do MPLA de cabo a rabo. Agora, se a linha do partido está errada, o problema não é meu. É de vocês! Dirijam-se à direção do partido, e discutam isso, mas enquanto a Constituição deste país esti-

ver dizendo que todos os nascidos em território de Angola são angolanos, eu vou aceitar pessoas no teatro, independente da cor da pele.

Essa discussão fica em suspenso. De volta a Luanda, o presidente Agostinho Neto chamou o Antônio Jacinto para dizer que a reunião da OUA (Organização da Unidade Africana) seria em Angola, e que ele me tinha nomeado para responder pela parte cultural.

Versus: Este não era o período da tentativa de golpe de maio?

Tereza: Sim. Nos três meses seguintes, Angola sofrerá uma grande luta interna com conseqüências ainda imprevisíveis. Mas o processo de luta ainda não tinha colidido com o trabalho cultural. Não sei como as notícias chegaram aqui, mas o 27 de maio foi muito violento, com perdas de quadros maravilhosos.

Apesar das dificuldades, conseguimos apresentar um trabalho na reunião da OUA, e ainda montamos um espetáculo sobre o 26 de Julho, data da revolução cubana, e o 2 de Agosto, dia das forças armadas revolucionárias de Angola.

Um dos trabalhos de maior envergadura que criei foi o "comboio da cultura", utilizando vagões da estrada de ferro. Fizemos a linha que vai de Luanda até Malange, cidade onde houve o debate com a juventude do MPLA. O comboio era composto de dois vagões de passageiros, um de restaurante, e vagões de carga que foram preparados para os principais organismos do partido.

O trem sai de Luanda, vai parando em cinco estações, até chegar em Malange, e na volta vai parando nas demias cidades. O espetáculo era na própria estação, aberto a toda a população, que visitava e até participava. Foi magnífico!

Ao mesmo tempo, estávamos preparando na escola de teatro, os espetáculos para o Congresso do MPLA. Escrevi "África, Liberdade", e "Angola, Povo e Cultura". No primeiro, falamos das lutas de libertação. No segundo, falamos das danças, das lendas, enfim, da cultura popular.

Como estava muito ligada à cúpula do MPLA e do governo, não podia deixar de sofrer as pressões de uma sociedade em mudanças constantes. Eu passava por uma depressão muito forte, que acabou explodindo com a matança que ocorreu em frente ao prédio em que eu morava.

A Fapla (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola) abriu inscrição obrigatória para todas as pessoas maiores de 17 anos. Mas havia só dois postos de inscrição. Aquele que funcionava realmente ficava em frente a minha casa. Por outro lado, havia o recolher obrigatório entre meia-noite e cinco horas da manhã, o que obrigava as pessoas, a ficarem três ou quatro dias na fila para se inscrever. Logo criou-se uma alternativa a essa realidade, que foi colocar pedras, marcando os lugares nas filas. Quando chegava a hora de recolher, as pessoas abandonavam a fila, e entravam pelos corredores do prédio e da via, para se esconder da polícia

afro latino américa

ano internacional da criança



o cadafalso e suas cordas

PROCURA-SE

Assassino de alta periculosidade, responsável pela morte de 450 mil crianças antes que consigam completar um ano de vida. Porta armas como a fome, a miséria, a doença, a exorbitância e a frieza de seus crimes. Seu nome: Leviatã, nome descoberto pelo inglês Thomas Hobbes por volta do ano 1650.

Quem o encontrar que o denuncie aos concidadãos, sob a pena de se tornar cúmplice do astuto fratricida. Que se cumpra!

por Wanderlei José Maria



TENTANDO APANHAR A CORDA

Em 1979, nascerão 4,5 milhões de crianças, mas 450 mil estão condenados à morte antes de fazerem o primeiro aniversário. Ou seja, de cada mil brasileiros que nascem, cem morre antes de completar o primeiro ano de vida. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) morrem no Brasil uma criança por minuto com idade abaixo de um ano. Os índices oficiais e oficiais, embora conflituem em décimos percentuais, são os maiores e os mais exorbitantes do mundo. Segundo o professor João Yunes, do Centro de Estudos de Dinâmica Populacional da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, em 1970, estima-se que morreram 108,6 por mil nascimentos. Relativamente a países com o mesmo nível de desenvolvimento do Brasil, de acordo com o Anuário Estatístico das Organizações das Nações Unidas (ONU) morrem na Tailândia 21,8 crianças por mil nascimentos; Sri Lanka 45,1; Iraque 27,5; Grécia 24,1; Portugal 38,6; e Argentina 59 por mil. Numa pesquisa editada pela Organização Pan-Americana de Saúde, em que participaram os professores João Yunes, Eduardo Marques, Elza Berquó, e Rubens Murilo Marques da Universidade de Campinas, constatou-se neste trabalho, uma grande disparidade no índice nutricional entre uma família rica que gasta por média 111,7 por cento, equivalente ao salário mínimo "por pessoa", e uma família pobre que gasta 9,6% por pessoa. Teriam, segundo a pesquisa, as seguintes diferenças de peso e altura quando alcançam a idade de 12: a criança rica pesa 38,8 quilos e tem 1,44 m de altura; a criança pobre tem 31,4 quilos e mede 1,38 metro de altura. Comparativamente, portanto, somente na Bahia, que por estimativa possui 8 milhões de habitantes, morrem 114,7 crianças por mil nascidas; em Angola, com 6 milhões de habitantes morrem 24,1 por mil nascimentos. Porém, a Bahia não é o estado brasileiro que possui o maior índice de mortalidade infantil. Apesar dos dados estatísticos oficiais não constar pelo menos 10 capitais brasileiros, Natal possui 118,8 por mil nascimentos; João Pessoa e Belo Horizonte, 120; Fortaleza 123,5; Maceió 146,2 e Aracaju 149,7. Com o estado de Minas, estes estados juntos somam 51 por cento da população brasileira.

Oficialmente, a desnutrição é a "causa mortis" de 175 mil crianças. Quando estas crianças chegam a viver mais que 28 dias, enfrentam outros problemas, como as doenças infecciosas, como diarreia, tétano, difteria, sarampo, ou afecções respiratórias, como tuberculose. Estas doenças são responsáveis por 145,5 mil atestados de óbitos, antes de completarem um ano de vida.

A esquistossomose, por sua vez, se aproxima de 100 por cento das crianças do Nordeste. Em Sergipe, a taxa é de 75,8, record mundial. Outro mal da população brasileira, não só nordestina, como também do Sudeste e Centro-Oeste, é o "trypanosoma cruzi", agente da doença de Chagas. Existem, aproximadamente 10 milhões de brasileiros com este agente: 500 mil crianças são portadoras da doença de Chagas. O tracoma vitima 20 milhões de crianças na faixa etária de sete a 14 anos, ameaçados seriamente de cegueira. Segundo os dados da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM), o tracoma afeta os olhos de 700 mil crianças com idade inferior a 14 anos. Segundo o mesmo SUCAM, o tracoma está tendo uma desestimulante elevação nos seus índices no estado de São Paulo, onde pensava-se ter erradicado a doença. Aqui foram encontrados 37 casos, atingindo a percentagem de 2,3 por cento.

As condições antropométricas das crianças brasileiras são outro fator relevante, quando estas crianças (poucas) sobrevivem após completar um ano de idade. João Yunes e Eduardo Marques ao examinarem 2.647 crianças com três anos de idade e de diferentes classes sociais, constataram que as crianças da classe baixa possuíam um cérebro por volta de 45,95 centímetros, enquanto as crianças ricas contavam com 49,49 centímetros. O perímetro encefálico é importante, pois é ele, segundo os professores Yunes e Marques que "permite detectar precocemente patologias intracranianas. Há um relacionamento entre prejuízo nutricional, crescimento do cérebro e desenvolvimento mental. Por outro lado existem no Brasil seis milhões de crianças excepcionais cujo custo mínimo é de Cr\$ 3.400 a Cr\$ 8.500 por mês, o que é um absurdo para o nível de renda do brasileiro médio".

NA CORDA BAMBA

As crianças brasileiras defrontam-se ainda com uma luta maior, que depende somente de suas forças. Muitas vezes esta luta começa logo aos sete anos de vida, tendo que suportar todas as condições adversas para sobreviver.

Segundo a revista norte-americana Time, de 11 de setembro de 1978, existem no Brasil, 16 milhões de crianças abandonadas e carentes. Na matéria intitulada "Brazil's World Generation" (A geração perdida do Brasil), o Governo gasta Cr\$ 760 milhões com o "bem estar do menor", porém só 11,8 por cento das crianças brasileiras recebem alguma ajuda. No Nordeste brasileiro, estão 10 por cento dos estabelecimentos federais para amparo ao menor, devido ao alto índice de natalidade. Acrescenta ainda a "weekly magazine" que num orfanato em São Paulo, o QI (quociente de inteligência) oscila entre 50 a 70, o que seria diagnosticado nos Estados Unidos como "retardamento mental".

Mais ainda, segundo a "Time", existem para cada dez mil crianças um estabelecimento governamental, e que a verba destinada, por exemplo à Febem, de São Paulo, não ultrapassa Cr\$ 58 milhões, sabendo-se que o custo mensal de uma criança é de Cr\$ 2.800, e que são recolhidos por noite 25 menores. Apesar do mal estar dos órgãos responsáveis e a aplicação dos serviços de segurança para saber quem passou às informações à revista, Roberto Cavalcante, diretor da Funabem do Distrito Federal, diz que Time fora até Brasília, e ele fornecera os dados requeridos. Confirmando os dados do semanário, Cavalcante lembrou a Comissão Parlamentar de Inquérito do Menor de 1975, que registrava as infrações cometidas por menores: furto, 83 por cento; tetativas ou homicídios consumados, 29,02 por cento; delitos sexuais, 46,16 por cento, outros, 49,67 por cento.

No Senado Federal, o senador paranaense pelo MDB, Leite Chaves, faz constar dos Anais, a matéria da Time dizendo:

— «Nós sabemos que o objetivo do governo nesses anos não foi outro senão trazer privilégios para as grandes multinacionais, para os bancos, para os latifúndios.»

Numa entrevista ao jornal "O Globo", o Juiz de Menores, Alírio Cavalieri, afirmou que a delinquência juvenil entre 1970 e 1977 subiu 300 por cento, segundo o conhecimento policial, não levando em consideração a delinquência real, que não chega aos livros de ocorrências policiais.

Todos estes números confirmam uma única coisa: os menores brasileiros roubam e matam por uma única razão, muito bem sintetizada na CPI do Menor de 1975: "a pobreza é a causa preponderante da marginalização menor em 90,26 por cento dos municípios brasileiros".

Em agosto de 1978, a assistente social Maria Benedita Salgado Arcas, já denunciava: "O problema não é o menor abandonado, mas as famílias abandonadas. O verdadeiro problema é a carência das famílias". Funcionária lotada na Febem do Tatuapé, Maria Benedita tocara com profunda acuidade o cerne do problema, a má distribuição da renda regional e a péssima distribuição da renda individual.

O PIB (PRODUTO INTERNO BRUTO) brasileira é um dos maiores do mundo. Nos momentos do "milagre", chegou a ser 10 por cento ao ano. Contudo, a concentração de renda, por causa da política deliniana de "crescer o bolo para depois dividi-lo", fez a economia brasileira ser a mais concentrada do mundo. Alia-se a isto todo o processo de repressão social, sem que os trabalhadores pudessem ter canais para resistir à política tecnoburocrática federal.

Muitos juizes de menores, inclusive o ex-presidente da FEBEM, João Benedito de Azevedo Marques, acabaram afirmando então que era necessário uma "transformação da estrutura sócio-brasileira".

O que as secretarias de Bem Estar Social combatem são na verdade as consequências da política sócio-econômica dos governos militares, pois o menor infrator, como já é sabido, é apenas um menor preso em flagrante.

Depois, como disse um menor no Rio de Janeiro, depois de fugir de uma das unidades da Funabem, para onde ir? "Se for para a rua, disse ele, vou matar muito ou morrer rapidinho". Mas as unidades de amparo ao menor têm sido alvo das mais fantásticas fugas, tanto pela violência desencadeada, como pela audácia dos fugitivos e pela sua periodicidade. As fugas são resultado dos maus tratos físicos, das torturas, homossexualismo, e mau tratamento carcerário, como no Rio, onde havia uma solitária medindo aproximadamente 2,10 metros por 1,10 com um colchão no chão, e um vaso sanitário sem descarga.

Procurou-se uma solução (paliativo?) lançando-se uma campanha, para a adoção de crianças. Mas como 65 por cento das crianças são negras segundo dados fornecidos por Gilcélia Oliveira, ex-presidente da Associação Cultural do Negro, ninguém apresentava-se disposto a fazer alguma adoção. Foi quando Paulo Rui de Oliveira, vereador pelo MDB, dizendo-se representante da comunidade negra, veio apelar a esta que ajudasse "nossos irmãos da Febem". Isto acarretou uma discussão acalorada entre o vereador e os jornalistas Hamilton Bernardes Cardoso, editor de Versus, e Neusa Pereira, militante do Movimento Negro. Tudo isto tendo como veículo o Jornal da Tarde. Paulo Rui argumentava dizendo ser da responsabilidade da comunidade negra os "negrinhos" que estavam na Febem, e Hamilton Bernardes Cardoso e Neusa Pereira lembravam ao vereador a condição sócio-econômica do conjunto da comunidade negra. Enquanto isto, o Juiz Nilton Silveira negava que havia racismo na adoção das crianças, ao mesmo tempo que se contradizia, afirmando que já haviam 80 famílias negras esperando a adoção. Sem levar em conta a rigidez do protocolo para adoção, é bom lembrar as palavras do sociólogo Clóvis Moura: "Existem em São Paulo 150 famílias negras que podem ser consideradas (sic) de classe média" ... Estas 80 realmente são intrigantes.

NA EXTREMIDADE DA CORDA, A LIBERDADE

Mas ao colocar a questão racial na adoção das crianças, Paulo Rui deixou aberta a porta de um raciocínio mais abrangente. Voltemos a alguns dados acima. A população bahiana tem um índice de mortalidade que triplica o índice de Angola, mesmo considerando a sua densidade demográfica. Os maiores índices de mortalidade infantil ocorrem nos estados de maioria negra, ao contrário dos estados do Sul e Sudeste. Todos os números apresentados, de desnutrição, doenças, retardamento mental dizem respeito muito mais aos negros destes estados que ao número de brancos, em sua maioria situados abaixo do Trópico de Capricórnio. As unidades de "bem estar social" são guetos estruturalmente construídos com um capricho superior ao das prisões, mas não lhes fica devendo nada em relação ao tratamento dispensado.

Consciente ou inconscientemente, o que se conclui destes números não pode ser outra coisa do que o que Stockeley Carmichael e James Jones chamam de "racismo institucional", e que Abdias Nascimento soube compreender com a mais extrema clareza: o processo genocida por que passa o negro brasileiro. A institucionalização não precisa ser algo premeditado como apontam Carmichael e Jones. Apenas é necessário deixar as instituições funcionando "normalmente", desde que garantam o privilégio de um grupo étnico sobre outro.

No Brasil vê-se a questão do racismo individual, quando este é uma versão cuja consequência brutal é institucional, gerando o desemprego, a criminalidade e a morte de milhões de negros. O sonho de "embranquecimento" do Brasil, vai, enquanto isto, a todo vapor, pois aliado a imperiosidade de miscigenação, vai se diluindo a população negra no Brasil.

Ao incrementar uma política genocida, todos os governos brasileiros têm provado uma unidade jamais vista em outros pontos. Na verdade, os governos têm, simplesmente, representado politicamente as bases econômicas onde estão apoiados. Enquanto defenderem os interesses burgueses estes governos nada farão pelos trabalhadores. Somente no momento em que estes puderem socializar a produção e a distribuição dos bens produzidos, aí sim seus interesses estarão assegurados. Trabalhadores, negros e brancos ao fazê-lo, estarão superando a alienação econômica e humana que o capitalismo impôs a todos os trabalhadores. Isto significará o nó fatal no pescoço do sistema capitalista-monopolista e o prenúncio do fim da pré-história, para lembrar Karl Marx. Fiat!



DESCAMINHOS DE UMA REVOLUÇÃO

Tereza Santos conta ao nosso repórter Astrogildo Esteves os dois grandes e decisivos momentos da revolução angolana, a Revolta Ativa e o Golpe de 27 de Maio.

Versus — Quais são as origens do racha do MPLA e como você viu a Revolta Ativa?

Tereza — Depois de um certo tempo de luta na mata, nascem quadros dentro do MPLA, com excelente capacidade de direção, não só política, como a nível militar. Nesse processo, surge Nito Alves e vários quadros que se tornam comandantes. Paralelamente a isso, o problema racial dentro do Partido começa vir à tona. Lucio Lara, Secretário Geral do MPLA é um bom exemplo. Ele é o chamado *cabrito*, filho de mulato com branco. Aqui no Brasil, ele seria considerado branco e nos EUA seria negro por causa da sua ascendência, ou seja, a estratificação racial em Angola é muito maior que no Brasil. Lúcio Lara é casado com uma mulher branca, e decide proteger os quadros brancos e mulatos do MPLA.

Quem decide sobre as bolsas de estudos que o partido recebe dos países socialistas e organizações internacionais de ensino e pesquisa é o Secretário Geral. Então ele destinava uma média de 90 por cento dessas bolsas aos brancos e mulatos, e o restante para os negros, com a agravante de que as melhores bolsas foram dadas aos brancos e mulatos. Tudo isto explode na Revolta Ativa.

O que acontece é que este grupo negro formado principalmente por comandantes de guerrilha, começa a protestar contra a proteção racial. Agostinho Neto, presidente e líder respeitadíssimo em Angola, resolve tomar uma posição. Nomeia as direções do MPLA, não pelo seu nível político ou capacidade profissional, mas pela cor da pele. Chega um momento que a direção está toda na mão de negros — 90 por cento de negros e 10 por cento de mulatos.

As pessoas que assinaram a Revolta Ativa são pessoas que se formaram em países socialistas ou em Lisboa, e em sua maioria são mulatos, e não aceitam essa posição de Agostinho Neto de preencher os cargos por causa da cor da pele.

Versus — Na realidade Agostinho Neto tenta resolver o problema fazendo um racismo às avessas...

Tereza — Exato. Não resolve nada. Ao contrário, agudiza o problema. Além da questão racial, uma das outras reivindicações dos assinantes da Revolta foi a questão do centralismo democrático no partido, o que nunca existiu. A posição deles não foi aceita. Ela já havia sido proposta na reunião que deveria ser o 1.º Congresso, e esta posição foi derrotada neste "meio congresso". Bem daí houve o fracionamento do MPLA. Apesar do grupo de Agostinho Neto ter saído vencedor, isso enfraquece profundamente o partido.

Esse racha já havia se manifestado em ocasiões anteriores. Um pouco antes da independência, fora formado um governo de transição, com os três movimentos de libertação, e mais o governo português. Há uma tentativa de composição com o grupo que futuramente se tornará deflagrador do conflito com a direção do MPLA, mas o ponto fundamental não é superado, que é a exigência do centralismo democrático, reivindicação da Revolta Ativa.

Os elementos geradores da Revolta Ativa continuam existindo até hoje, apesar da maioria de seus membros estarem na prisão.

Quem é Nito Alves? Ele foi comandante no leste. Tinha enorme força, e era amigo pessoal de Agostinho Neto, que o admirava muito. Era considerado racista por seus adversários, por querer negros no poder. Foi ministro do Primeiro Governo, dirigiu o DOR (Departamento de Orientação Revolucionária do MPLA). Como ministro (tipo Ministro do Interior) controlava todos os bairros, através das comissões populares, todas as organizações do MPLA, a nível de Estados ou províncias. Antes de visitar a URSS, Nito Alves tinha uma posição maoísta. Ao regressar volta com uma posição soviética.

Nito Alves não era um racista lutando pelo poder, mas era o cabeça da revolta de 27 de Maio. Neste momento o pessoal da Revolta Ativa, que não teve qualquer participação nos acontecimentos, estava todo na prisão.

E num pronunciamento feito na Câmara, Nito Alves diz que o socialismo só chegará em Angola quando os brancos estiverem varrendo as ruas junto com os negros. Com o controle organizativo que ele dispunha, vai acumulando em torno de si pessoas com o objetivo de virar a mesa. Não era segredo em Angola os preparativos para o golpe. Só não sabiam dele meia dúzia de membros do Governo. O próprio Agostinho Neto estava informado, assim como o Antonio Jacinto, que ficou sabendo por meu intermédio. Todas as embaixadas sabiam, e inclusive o dia mais provável. Cabe ressaltar, que a embaixada da URSS participou ativamente desta tentativa de golpe de Estado. Tanto é verdade que o Agostinho Neto no dia 28 de Maio, quando fez o segundo pronunciamento na TV, já para prestar contas de ministros e demais membros do governo que haviam sido mortos, disse literalmente: "... países amigos envolvidos..."

Veja, Agostinho Neto não poderia denunciar a União Soviética em público, mas deixou claro isso, só não percebeu quem não quis.

Versus — Se a URSS tinha interesse, e preparou o golpe através de Nito Alves, visando golpear Agostinho Neto, esclareça qual a proposta política que Nito Alves trazia?

Tereza — O presidente da República Popular de Angola tinha tomado uma posição de independência em relação a todos os países, apesar da necessidade de ajuda que tinha da URSS, de Cuba e demais países socialistas. Ele não aceitava interferência na linha política de Angola, não aceitava ser teleguiado por ninguém. Por outro lado, a URSS não aceitava essa posição de total independência. Daí a aproximação do Nito Alves. O azar maior dos soviéticos foi que eles não esperavam, e tinham como certa, a não participação dos cubanos. Cuba tinha como política ajudar o MPLA frente ao inimigo externo, África do Sul, Zaire, Unita e FNLA. Os cubanos foram pegos de surpresa e levaram horas para se decidir de que lado ficariam.

Versus — Como foi a tentativa de golpe de 27 de Maio?

Tereza — A coisa começou de madrugada. No prédio em que estava tinha por volta de 80 por cento de cubanos e tudo estava normal. Nito Alves conseguiu mobilizar os musseques (favelas) em geral e, principalmente, o de Zambizanga. Via-se claramente o povo descendo em direção à cidade. A culpa da mobilização do Nito ter dado certo se deve a DISA,



Departamento de Informações Sociais de Angola. Esse organismo policial vivia invadindo os musseques e, a pretexto de procurar inimigos do regime, batiam, prendiam e saqueavam as casas. Levavam tudo, até comida, o que era considerado ouro em Angola. Essa repressão sistemática da DISA nos vários musseques levam a população a embarcar na primeira canoa. A população de Zambizanga desce para a cidade, assumindo a palavra de ordem: "Todos para a porta do Palácio". O objetivo dessa concentração era apoiar um discurso de Nito contra a direção do Partido, em resposta ao discurso feito pelo presidente aos militares do MPLA, exigindo a sua expulsão não só do Comitê Central, como também das fileiras do Partido. Os cubanos só tomaram uma posição a partir das 10 horas, quando o Nito controlava a Rádio há duas horas, e algumas posições estratégicas. Os cubanos acabam com a festa junto com as forças de Agostinho Neto, depois de ter recebido um telefonema direto de Fidel Castro ao membro do Comitê Central do Partido Comunista em Angola.

Versus — Quais as consequências do 27 de Maio no processo revolucionário em Angola?

Tereza — O 27 de Maio foi de uma selvageria extrema. Em Moshi, trabalhava um grupo de 20 pessoas, mulatas, nível acadêmico, que foram assassinadas pela vontade do governador, simplesmente. Há ainda as acusações de pessoas inocentes politicamente, que foram assassinadas por ter problemas pessoais com dirigentes golpistas. As consequências imediatas é que Agostinho Neto é uma figura decorativa, ele é considerado o culpado pelo rumo que tomaram as divergências entre o Nito e o MPLA. Além do mais, em fevereiro de 78 teve um ataque cardíaco, ficando um mês em convalescência e não voltou bem. O golpe foi demais para sua saúde. Mas as consequências não param aí. A nível do MPLA, a desconfiança é total, ninguém sabe quem é quem. O 27 de Maio envolveu muita gente, desde membros do Comitê Central, até o presidente do Sindicato dos trabalhadores, um dos fundadores do MPLA. Daí que hoje as pessoas estão se vigiando. As consequências do 27 de Maio vão durar um par de anos...

Versus — Existem presos políticos em consequência da tentativa de golpe?

Tereza — Existem mais ou menos 15 mil presos. Fora o pessoal da Revolta Ativa, que estão presos há muito tempo, e são pouco mais de 150 pessoas, que formam um grupo político, o restante da população carcerária não pode ser considerada presa política. Essas pessoas estavam exigindo algo melhor com a independência. Veja, passada a euforia, começam a exigir que as condições de vida melhorassem. Assim, quando surge alguém como o Nito, acenando com a bandeira de que não haverá mais saques, e que a população não vai mais levar porrada da polícia, esta população sai para as ruas, mas as prisões as esperam. Existem al-

gumas freiras que eu encontrei na prisão que choram e morrem pelo MPLA, e não tinham nada a ver com o Nito Alves. Estavam procurando comida e acabaram sendo presas.

Versus — E os dirigentes do 27 de Maio? Nito Alves está morto?

Tereza — A maioria dos dirigentes foram fuzilados. Por exemplo, o "Monstro Imortal" (uma figura muito temida), comandante do Estado Maior das Forças Armadas, e do grupo de Nito, era o responsável pela rendição de Agostinho Neto. Enquanto o circo pegava fogo, ele estava numa sala dentro do palácio dizendo que tudo aquilo era brincadeira, "...os meninos estão brincando de bang-bang..." Em princípio o grupo golpista respeitava o presidente e não pretendiam prendê-lo, e nem matá-lo, desde que ele passasse para o lado deles. Somente diante de uma negativa agiriam diferente. A situação cômoda que o "Monstro Imortal" desfrutava durante a tentativa de golpe foi possível porque na última reunião do Comitê Central, quando foi proposto a expulsão do Nito, o "Monstro Imortal" votou pela expulsão do Nito. Com isso teve livre o caminho para tramar calmamente o 27 de Maio. Ele foi um dos cabeças do golpe. Foi morto, e sua família só ficou sabendo três meses depois, quando seu nome deixou de fazer parte da lista dos prisioneiros.

Nito Alves, não está morto, embora muita gente pense isto. Na realidade, ele está vivo e preso. O governo angolano vai preparar o julgamento internacional dele, como fez com os mercenários. Angola precisa faturar politicamente em cima do Golpe de 27 de Maio.

UMA UTOPIA 'AS AVESSAS



NÃO DEIXE DE LER!

Cr\$ 85,00

Nas bancas e livrarias, ou pelo Reembolso Postal. Não precisa enviar dinheiro agora, basta escrever para:

EDITORIA CODECRI LTDA. — Serviço de Reembolso Postal
Rua Saint Roman, 142 — Copacabana
22071 — Rio de Janeiro — RJ

Cartel Lewis venha ajudar a **Ellis Gledson**

Lee **GATA FASHION**

a saldar suas dúvidas

Dauza **gata FASHION** **Gledson**

R. RUBINO DE OLIVEIRA, nº 259



GOD BLESS YOU, MR. KING!

(Alguém de vocês viu uma
sombra passar por aqui?)

Há 11 anos Martin Luther King foi assassinado. Sua morte deve ser lembrada pelos 270 milhões de negros espalhados pelo mundo como um marco de resistência e de força à dominação e exploração branca

por John Hope Franklin

1955. Uma costureira negra, dirigindo-se do trabalho para casa em Montgomery, Alabama, recebeu ordens de um motorista branco para que se transferisse para a parte de trás do ônibus. Rosa Parks estava sentada, em um dos bancos da frente, e simplesmente recusou-se a mudar de lugar. Foi presa por violação às leis de segregação do Alabama. A comunidade negra enfureceu-se. Os negros disseram que já vinham sendo insultados há demasiado tempo por motoristas de ônibus brancos, e declararam que não tomariam mais qualquer ônibus até que a segregação fosse eliminada e certo número de motoristas negros fosse admitido.

Liderados pelo jovem ministro batista Martin Luther King, os negros de Montgomery simplesmente boicotaram os ônibus até que a empresa, quase à bancarrota, submeteu-se às exigências. Em breve, os negros de muitas cidades do Sul recorreram à técnica do boicote para conseguir melhor tratamento nas lojas e outras casas comerciais, e para assegurar melhor emprego para sua gente. Se os autores do boicote usavam a não-violência, eram ao mesmo tempo militantes e obstinados. Certamente, tiveram importância na obtenção de certas mudanças que o Sul dos Estados Unidos, com sua veemente resistência a toda e qualquer transformação, consideraria revolucionária.

Quatro de Abril de 1968. O **clergymen** Luther King preparava uma marcha dos negros na cidade de Memphis, Tennessee, quando foi atingido por tiros. Martin Luther King, formado em Filosofia e Teologia em Boston, premiado com o Nobel da Paz em 1964, reconhecido por todos os negros, inclusive pelo líder dos **Black Muslim**, o inflexível Malcom X, estava morto. Ele que havia pregado e lutado pela Não-Violência, era uma de suas vítimas mais trágicas.

Desde a época em que chefiou o boicote dos ônibus em Montgomery, inúmeras foram as ameaças à sua vida. Foi publicamente denunciado e alvo de abjetos epítetos. O próprio clima tornou-se tão carregado que, considerando-se agora as coisas, percebe-se que um fim violento para o grande líder negro era inevitável. Todavia, a América branca não podia antecipar a reação da América negra ao assassinato a sangue frio de um de seus líderes mais poderosos. Vários dias de desordens, incêndios e pilhagens em muitas cidades foram a louca manifestação de um amargo desespero e frustração. Mesmo os que prantearam a morte de Martin Luther King sem qualquer mostra exterior de emoção revelaram-se tão sensíveis no apreço de seu significado quanto aqueles cuja reação foi violenta.

Descanse em paz, Dr. Martin Luther King!

Índice

1ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 30 a 33, Versus N.12, Julho-Agosto 1977.....	13
2ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 31 a 34, Versus N.13, Agosto-Setembro 1977.....	17
3ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 25 a 28, Versus N.14, Setembro 1977.....	21
4ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 34 e 35, Versus N.15, Outubro 1977.....	25
5ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 25, 38 a 41, Versus N.16, Novembro 1977.....	26
6ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 38 a 41, Versus N.17, Dezembro/1977 e Janeiro/1978.....	30
7ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 37 a 41, Versus N.18, Fevereiro 1978.....	34
8ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 39 a 42, Versus N.19, Março-Abril 1978.....	39
9ª. Seção Afro-Latino-América: pág.39 a 42, Versus N.20, Abril-Maio 1978.....	43
10ª. Seção Afro-Latino-América: pág.39 a 42, Versus N.21, Maio-Junho 1978.....	47
11ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 38 a 42, Versus N.22, Junho-Julho 1978.....	51
12ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 32 a 35, Versus N.23, Julho-Agosto 1978.....	56
13ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 38 a 42, Versus N.24, Setembro 1978.....	60
14ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 40 a 44, Versus N.25, Outubro 1978.....	65
15ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 39 a 43, Versus N.26, Novembro 1978.....	70
16ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 40 a 44, Versus N.27, Dezembro de 1978.....	75
17ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 42 a 48, Versus N.28, Janeiro 1979.....	80
18ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 38 a 43 Versus N.29, Fevereiro 1979.....	87
19ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 37 a 43, Versus N.30, Março 1979.....	93
20ª. Seção Afro-Latino-América: pág. 38 a 42, Versus N.31, Abril de 1979.....	99

A presente edição foi impressa em São Paulo pela ColorSide Soluções Gráficas,
em sistema offset, papel Pólen Bold 90g (miolo) e papel Couché 300g (capa),
em maio de 2015.

